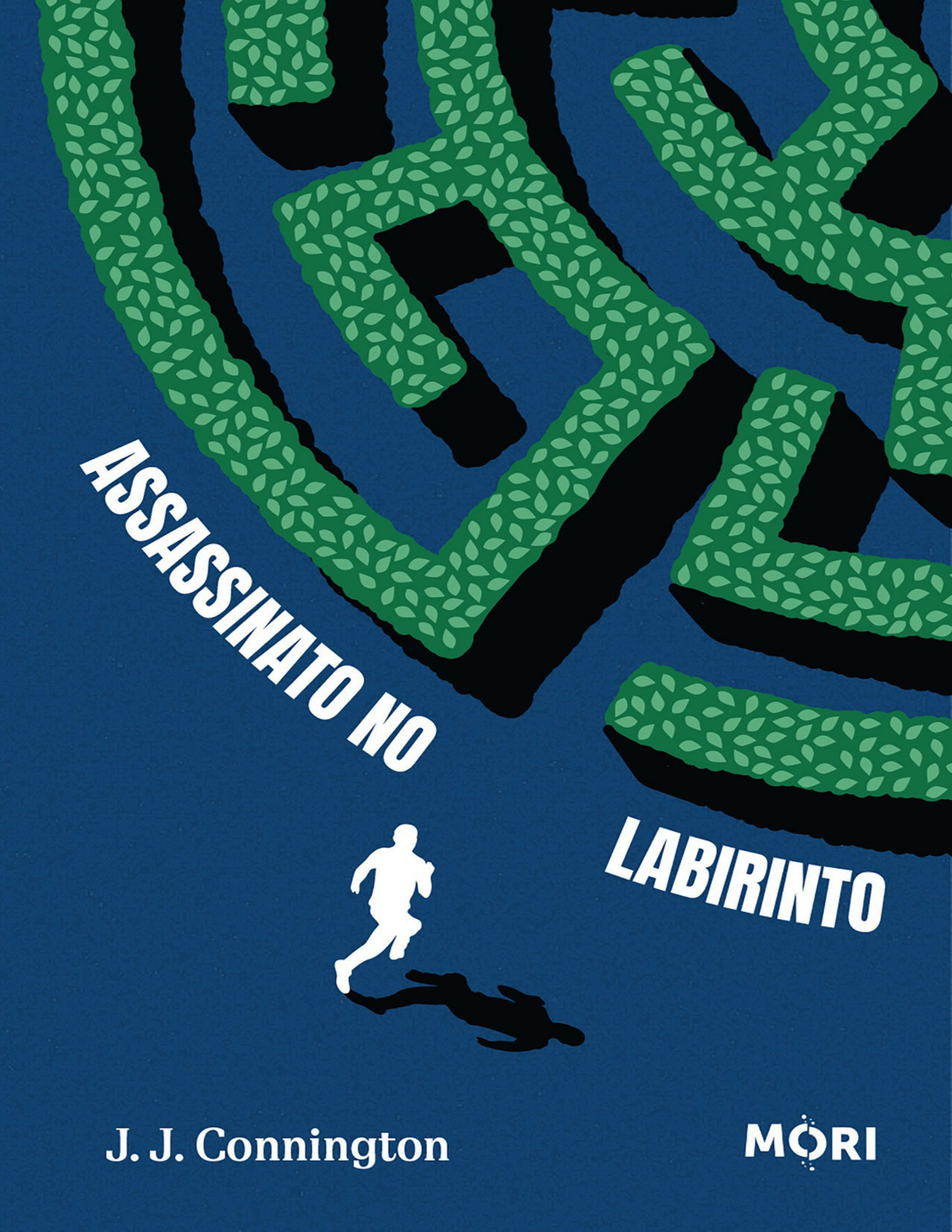




ASSASSINATO NO

LABIRINTO



J. J. Connington

MORI

J. J. Connington

ASSASSINATO NO LABIRINTO

Tradução
Carlos Guilherme Silveira e Silva

MORI

SUMÁRIO

[CAPÍTULO I – O caso Hackleton](#)

[CAPÍTULO II – A ocorrência no labirinto](#)

[CAPÍTULO III – Resultados imediatos](#)

[CAPÍTULO IV – O chefe de polícia](#)

[CAPÍTULO V – As provas do caso](#)

[CAPÍTULO VI – O toxicologista](#)

[CAPÍTULO VII – O frasco de curare](#)

[CAPÍTULO VIII – Ocasião, método e motivação](#)

[CAPÍTULO IX – Roubo em Whistlefield](#)

[CAPÍTULO X – O terceiro atentado no labirinto](#)

[CAPÍTULO XI – As teorias do Escudeiro](#)

[CAPÍTULO XII – O quarto ataque](#)

[CAPÍTULO XIII – O dardo](#)

[CAPÍTULO XIV – O cheque falsificado](#)

[CAPÍTULO XV – Os negócios do secretário](#)

[CAPÍTULO XVI – O derradeiro atentado no labirinto](#)

[CAPÍTULO XVII – O cerco ao labirinto](#)

[CAPÍTULO XVIII – A verdade dos fatos](#)

CAPÍTULO I

O caso Hackleton

Neville Shandon estava de pé diante da janela do gabinete de seu irmão, olhando satisfeito para fora, sobre os campos de Whistlefield. Era um bom lugar para recuperar as forças, pensou consigo, especialmente porque só conseguia reservar alguns dias longe da pressão esmagadora da prática da advocacia. Seu olhar percorreu vagaroso a paisagem verdejante que tinha diante de si, gramado após gramado, até vislumbrar um tênue brilho prateado, que marcava o local onde o rio atravessava a propriedade. Para além dele ficava a Campina Baixa, entrecortada aqui e acolá pelo esverdeado mais escuro da cerca-viva; em seguida, a longa curva da estrada principal; e por fim, bloqueando o horizonte, a suave elevação da Colina Longshoot, encimada pela torre da igreja. Uma abelha zunia preguiçosamente perto da janela aberta; até que, alarmada por algum movimento, saiu em disparada, com o som do bater de suas asas tornando-se mais e mais alto, e mais e mais fraco, até desaparecer em meio aos raios de sol. Ele se deixou distrair por alguns momentos pelas gralhas a voejar sem esforço em torno das copas das árvores que se distribuíam ao longo do rio; foi então que, deixando entrever algo mais que uma mera relutância, afastou os olhos da paisagem.

— Você fez bem em comprar Whistlefield, Roger — comentou, enquanto voltava ao cômodo. — É um dos lugares mais sossegados que conheço. Se eu não pudesse descer para cá vez ou outra, teria dificuldades em me manter em forma para o meu trabalho. Imagine estar nos tribunais num dia como este! Ademais, aquele caso Hackleton tem sido um tanto tenso; a coisa tomou proporções desmedidas.

Seu irmão gêmeo concordou com um aceno de cabeça, mas não respondeu nada. Entre os dois, havia algo mais do que a simples semelhança natural entre irmãos. Em altura e constituição física, eram muito parecidos; ambos tinham os cabelos grisalhos e a barba bem-feita;

e mesmo os sulcos proeminentes nos cantos da boca do advogado encontravam paralelo nas curvas bem-talhadas que conferiam um aspecto ligeiramente ameaçador ao rosto de Roger Shandon. Intencionalmente ou não, a semelhança física dos gêmeos se acentuava pelo fato de estarem vestidos de maneira similar.

— Temos o mesmo alfaiate — explicou Roger certa vez. — Sempre que vou nele, digo: “Costure-me um terno semelhante ao último que você costurou para o meu irmão”. Creio que Neville faça o mesmo. Como ele já tem nossas medidas, a coisa toda se torna simples. Quanto às cores, Neville e eu partilhamos dos mesmos gostos, de modo que tudo acaba se encaixando.

A semelhança entre os irmãos gêmeos ia além da superfície. O sucesso de ambos em suas vidas se devia a uma certa firmeza de caráter, combinada a uma energia abundante. Neville, na sala de audiências, forjara para si a reputação de um interrogador brutal e tirânico; e sua prática como advogado criminal pouco contribuíra para suavizar seu comportamento. A ascensão de Roger fora mais misteriosa. Era mais ou menos sabido que fizera fortuna na África do Sul e na América do Sul; mas ele nunca explicou em pormenores a maneira como tinha prosperado. Ele voltara para casa aos quarenta e cinco anos, enquanto seu irmão se tornava uma das figuras mais importantes do meio jurídico. Em seguida, comprou a pequena propriedade de Whistlefield, e Roger parecia satisfeito por ter se instalado no campo e rompido amigavelmente com os interesses do passado.

Do terceiro irmão, Ernest, dificilmente se diria que pertencia à mesma família dos gêmeos. Embora cinco anos mais novo, não compartilhava da vitalidade e da energia que eram tão evidentes nos seus irmãos mais velhos; e o contraste ainda era acentuado pela fragilidade de seu olhar, que fitava o mundo por trás das lentes côncavas de seus óculos com indiferença. Abandonado à própria sorte aos vinte anos de idade, com um rendimento de algumas centenas de libras por ano, ele simplesmente vegetara, sem sequer tentar ganhar a vida; e, quando seus irmãos fizeram fortuna, assumiu, sem pestanejar, o papel de parasita: mudou-se para Whistlefield e lá vivia desde então. Roger adquiriu o hábito de lhe pagar uma mesada variável, a qual ele tentava fazer render como podia, apostando pequenas quantias.

— E esse caso Hackleton de que você falava? Do que se trata? — perguntou, demonstrando um vago interesse.

Neville olhou para o irmão com uma expressão que misturava desprezo e ironia. Há dias o caso aparecia, em seus detalhes mais sórdidos, em inúmeros jornais, com seus pormenores ganhando vida

por meio dos relatos das dramáticas interações entre testemunhas e advogados. Neville Shandon brilhava, implacável, levando os acusados a fazerem confissão atrás de confissão.

— Por acaso, Ernest, você não lê os jornais? — inquiriu o advogado, um tanto incomodado pelo desconhecimento do irmão acerca de um dos mais importantes casos em que já havia atuado como protagonista. Os interesses de Ernest eram limitados, Neville bem o sabia; e era inútil esperar que ele saísse de sua zona de conforto, movido por preocupações de ordem familiar. Uma ampla curiosidade não era seu forte.

Ernest piscou, tirou os óculos e os limpou, recolocando-os no rosto cuidadosamente antes de replicar.

— Não. Pelo menos, não todos. (Que desgraça esses óculos, que não param no meu nariz. Já é a quinta vez que caem). Eu sempre dou uma olhada nos jornais, Neville. Repasso a página de esportes todos os dias, mas nunca leio as páginas policiais. Geralmente, não entendo o que se passa e, quando entendo, tudo me parece tão aborrecido. Pelo menos para mim é entediante; por isso que, em geral, não quero saber dessas coisas.

O advogado deu de ombros, discretamente. Ele se colocava acima dessas ninharias, de modo que a falta de interesse do irmão pelo seu trabalho não o incomodava.

— Então seria melhor que você esquecesse do caso Hackleton — disse. — É uma barafunda infernal. Custou-me meses de trabalho para me situar; e, se por acaso eu fracassar antes que ele chegue ao fim, duvido muito que um profissional menos experiente o possa levar adiante com êxito. Em todo caso, creio que nesta semana veremos seu desfecho.

Roger escutara o diálogo sem mover um só músculo. A indolência total de Ernest não o surpreendia; ele quase poderia tê-la antecipado. Seu irmão mais novo nunca nutrira interesse algum por nada que não lhe dissesse respeito. Para ele, o sucesso da família nada significava, a não ser quando, indiretamente, contribuía para o seu bem-estar.

O advogado tornou à janela e contemplou a paisagem. Uma nuvem de gralhas lhe chamou a atenção: moviam-se graciosamente em conjunto para, em seguida, dispersarem-se numa massa rotativa de indivíduos.

— Depois desse tipo de experiência, a mera lembrança da atmosfera do Tribunal basta para deixar um homem doente — disse, por fim.

— Hackleton comparecerá ao tribunal para o interrogatório depois de amanhã, certo? — perguntou Roger.

— Sim. Ele é muito esperto; consegue perceber uma intenção oculta tão bem quanto eu, e em geral consegue se esquivar, mais ou menos. Até agora, se safou; mas eu ainda vou pegá-lo. Se ele cometer um único desliz, estará em maus lençóis. Essa acusação de quebra de contrato será apenas a ponta do *iceberg*, se as coisas tomarem o rumo que espero. Uma única brecha no processo e o Ministério Público, sem demora, vai engrossar para cima dele. Há tantos elementos nos bastidores que não podemos revelar neste processo e que viriam à tona se conseguíssemos levar o caso para a justiça criminal... Aí sim chegaríamos ao âmago da questão.

— É o que concluí ao ler o caso. É notório que há coisas que você não pôde mencionar.

— Uma vez que vierem à luz, será o fim da linha para Hackleton. Cinco anos de pena é o mínimo que o aguarda. Perspectiva encantadora para quem vive de champanhe. Ele é um camarada fora de série: bebe como um gambá e, ainda assim, tem o cérebro tão afiado quanto o meu.

— E você acha que consegue pegá-lo? Ele está ciente disso?

— Espero que sim.

— Pelo que ouvi falar dele, ele não tem lá muitos escrúpulos. Começou a carreira no ramo de “navios-caixão”,^[1] não? Lembro-me de mais de uma ocasião em que houve algum problema com as seguradoras.

O advogado assentiu com a cabeça.

— Homicídio doloso, simplesmente. Mas, para Hackleton, isso não é nada. Ele faz qualquer coisa por dinheiro.

Roger pareceu ponderar por uns instantes antes de falar de novo.

— Sendo o caso assim tão difícil, se eu fosse você tiraria um tempo para refletir com calma, Neville. Ao que me parece, você é o elo fraco da corrente.

— Eu? Como você chegou a essa conclusão? Tenho a faca e o queijo na mão. Ninguém conhece esse caso de trás para frente como eu.

— É exatamente isso que quero dizer. E se ele enviar um bando de capangas atrás de você antes do interrogatório? Uma boa surra tiraria você do caso por certo tempo; eis aí o que ele precisa. Você mesmo diz que tem tudo sob controle, e não me parece que você colocaria todas as cartas na mesa para no fim beneficiar um subordinado. Não seria do seu feitio. Você sempre guardou cartas na manga.

— Isso é lá bem verdade — concordou Neville, esboçando um sorriso sinistro. — Ninguém seria capaz de lidar com Hackleton da

maneira como o farei nesta semana. Mas surras e coisas afins não me põem medo. Até onde vejo, ninguém poderia botar as mãos em mim; não dá para fazer essas coisas em plena luz do dia, nos prados de Whistlefield. E também não terão lá muitas oportunidades de me pegarem a caminho da cidade, ou mesmo em Londres. Entretanto, admito a possibilidade de algo assim acontecer quando se trata de Hackleton. Seria até de se esperar; e não é porque nunca aconteceu antes que não poderia vir a acontecer. Não estou nervoso, é claro; porém não pretendo correr riscos, andando por aí à noite antes de pôr um fim nesse caso.

A severidade do sorriso de seu irmão se refletia no rosto de Roger Shandon.

— Entendo como você se sente. Para falar a verdade, eu também estou nesse mesmo barco. Foi isso que me fez pensar nessa possibilidade, no seu caso.

O advogado o encarou profundamente.

— Mais alguma coisa do seu passado desonroso vindo à tona, é? Não gosto muito dos seus velhos conhecidos. Quem é este novo?

Roger sorriu desavergonhadamente. Seu irmão sabia algo a respeito do modo como ele fizera fortuna; por vezes, era conveniente para Roger se aconselhar juridicamente com ele, sem, assim, ter de dar conhecimento a um estranho sobre certas questões que beiravam a ilegalidade.

— Trata-se de outro cavalheiro ofendido, desta vez, da Cidade do Cabo — explicou. — Ele *alega* que atuou como meu agente financeiro em umas transações, quando eu vivia lá. Ele *alega* que eu lucrei à beça, de modo que poderia ter dividido tranquilamente os ganhos entre dois. Diz que eu, findo o negócio, o entreguei às autoridades; ele acabou passando por um período de convalescença, hospedando-se em Breakwater ou em algum outro sanatório. A cura levou anos, e ele odiou o tratamento. Demasiados exercícios ao ar livre e alimentação simples; e desgostava dos uniformes. Esta parte é bem verdade: ele acabou de sair da prisão. Quanto ao resto, é claro que sob juramento não lhe vou corroborar a versão.

— Chantagem, suponho? — perguntou o advogado, superficialmente. — Se você quiser, posso ter uma conversa com ele. Talvez o meu estilo persuasivo — as rugas profundas que lhe rodeavam a boca acentuaram-se — o ajude a ser mais honesto. Para mim não é incômodo algum.

Roger agradeceu com um aceno de cabeça.

— Se precisar, recorrerei a você; mas acho improvável. Ele me parece do tipo fanfarrão. Naquele estilo “ou o dinheiro ou sua vida”, sabe? Quando eu, naturalmente, me recusei, categórico, a lhe pagar

um tostão que fosse, espumou de raiva e se acabou em ameaças. “Tim Costock, o Vingador das Mãos Sujas de Sangue”, coisas desse tipo. Eu o deixei lá, espumando. Não me pareceu que iria além disso; ademais, ele não tem como provar nada.

— Imagino que não — concordou Neville, sabendo, de experiências passadas, que seu irmão deixava poucos rastros para seus inimigos. — Bom, quero revisar minhas anotações do caso Hackleton esta tarde. Onde posso fazê-lo sem ser interrompido? Com esses jovens em casa, é difícil ficar a sós, nem que seja por meia hora; e, mesmo que eu me tranque no quarto, é certo que vão começar a brigar pelo piano. E eu achava que tocar piano tinha saído de moda; mas ouvi tocarem todos os dias desde que vim para cá.

— É o Arthur — interpôs Roger Shandon, irritadiço. — Ninguém mais chega perto do maldito instrumento.

Ernest parecia meditar profundamente; agora, lançava um olhar vago para seu irmão mais velho.

— Experimente o labirinto — aconselhou.

— Como assim? — perguntou Neville. — “Experimente o labirinto”? Parece uma propaganda de chá, ou uma daquelas charadas: “Por que a galinha...?”.

Ernest explicou melhor o conselho.

— Refiro-me ao labirinto — explicou, penosamente. — Como aquele em Hampton Court, lá perto do rio, próximo de onde ficam os botes. Ninguém consegue achar o caminho que leva a nenhum dos dois centros; e lá, provavelmente, você não será incomodado por nenhum de nós. Não costumamos frequentar o local; eu, pelo menos, não vou lá.

O rosto de Neville iluminou-se quando ele ouviu a primeira frase.

— Ah, você se refere ao nosso labirinto? É que falávamos do piano quando você entrou subitamente, Ernest, e demorei para ligar uma coisa à outra. Não é uma má ideia. Como você disse, é muito improvável que alguém me atrapalhe se eu me instalar em qualquer um dos dois centros. Além do mais, agora preciso de todo ar fresco possível; lá fora, ao ar livre, estarei melhor do que dentro de casa. Certo. Irei ao caramanchão de Helena.

Caminhou em direção à porta enquanto falava; antes, porém, que a alcançasse, ouviu o som não muito distante do piano, e lhe chegaram ao ouvido os primeiros compassos de *Frühlingsrauschen*.^[2] Neville, com a mão na maçaneta da porta, virou-se para dentro.

— A propósito, Roger, e aquele nosso jovem sobrinho? Ele me pareceu em boas condições; um pouco temperamental, talvez, mas nada fora do comum. O que diz o médico?

O rosto de Roger se fechou.

— Arthur? É um pestinha. Mais ou menos três vezes por semana toma gosto pelo piano e fica o dia inteiro tocando aquela peça de novo e de novo, como uma máquina; exceto que comete erros. Odioso. Você não imagina o quanto odeio a *Canção da primavera* e aquela *Frühlingsrauschen*. Você deve tê-lo escutado hoje pela manhã; e agora está começando tudo de novo.

O advogado acenou com a cabeça, em concordância.

— Sim, mas e quanto ao seu estado de saúde geral? — perguntou.

— Ele se curou completamente daquela encefalite? O homem da Rua Harley diagnosticou algum problema incurável?

A expressão de Roger deixava entrever que ele não estava lá muito contente.

— Ah, o especialista parecia dominar o assunto da última vez que o examinou; mas a coisa ficou nisso. Parece que eles não sabem quase nada a respeito da doença do sono. Pelo que pude concluir de suas explicações, as células do cérebro de Arthur estão agitadas por causa da inflamação; e disso pode resultar qualquer coisa. Claro que Arthur teve sorte de escapar sem nenhum dano físico: tem a visão e a audição normais. Ao que parece, porém, ninguém sabe dizer se houve alguma alteração na estrutura do cérebro; são coisas que não se consegue saber. Pelo que se pode dizer, ele parece bem. Mas também pode se tornar um maníaco homicida a qualquer momento; nesse caso, não é de se descartar a hipótese de que ele venha a atacar o primeiro que vir pela frente. É uma ótima pessoa para se ter por perto.

O advogado, obviamente, achou a profecia exagerada.

— Ele me parece bem normal — disse.

— Ah, eu não me preocupo muito com ele — admitiu Roger. — É que ele me irrita tanto que mal consigo olhar para ele. Creio que terei que me livrar dele; enviá-lo para um cruzeiro, algo assim.

— Talvez você o irrite tanto quanto ele irrita a você — começou Ernest, com sua voz grave. — Geralmente é isso que acontece: um começa e o outro continua. Em geral, é assim que as coisas funcionam. Eu não me preocuparia... Oi, Sílvia! Eu não esperava que você já fosse chegar. Ainda não estou pronto.

Uma moça de vinte e poucos anos entrara no cômodo e agora encarava seu tio, fingindo estar indignada.

Sílvia Hawkhurst, irmã de Arthur, do piano, ficara órfã antes da maioridade; e, como seus tios eram seus tutores, ela e o irmão foram levados para Whistlefield por Roger Shandon. Ela gostava de “brincar de casinha”, como costumava dizer; e Roger logo percebeu que a sobrinha era capaz de administrar sua pequena propriedade

melhor do que qualquer governanta contratada. Desde que Sílvia assumira o comando, a vida doméstica funcionava tal qual um relógio; e ele logo percebeu que o segredo do seu sucesso na administração era que todos na casa a adoravam. Ela colocou uma única condição:

— Não quero empregados homens, por favor, meu tio; pelo menos, não dentro de casa. Não me importo com um motorista, é claro. Mas sei do que uma garota é capaz, e desejo me manter dentro de certos limites, se você concordar.

O tio deixou que ela desse a última palavra, e nunca teve motivo para reclamar dos resultados.

A governança da casa lhe ocupava, entretanto, pouco tempo. Ela caçava durante a temporada, dirigia o próprio carro, jogava tênis bem e golfe ainda melhor, e era considerada uma das melhores dançarinas da vizinhança. E o que mais lhe caracterizava: apesar de sua aparência, era tão popular entre as moças quanto entre os rapazes.

Quando ela adentrou o cômodo, Ernest levantou-se da poltrona com sua costumeira hesitação e começou, levemente constrangido, a pedir desculpas por ainda não estar pronto; mas ela o interrompeu, num tom de falsa irritação:

— Ele nem sequer calçou as botas! — reclamou. — Como é que eu consigo administrar toda esta casa com pontualidade, exceto você? Alguma vez *na vida* você foi pontual, tio Ernest?

— É que sempre tenho a impressão de que tenho tanto para fazer, Sílvia. Foi um dia muito corrido.

Os cantos da boca de Sílvia estremeceram um pouco, apesar de seu esforço para parecer indignada.

— Muito corrido! Lembro-me bem do que você esteve fazendo: jogando tênis por, precisamente, trinta e cinco minutos durante a manhã. Depois, organizou um grande torneio de tiro com armas de ar comprimido e matou todo mundo de tédio, exceto Arthur, que é imbatível. Em seguida, você veio para dentro, e suponho que tenha ficado lendo os jornais até a hora do almoço. E, desde então, ficou aí sentado, fumando. Deve estar morto de cansado, coitadinho. Você consegue achar as suas botas ou devo trazê-las numa bandeja de prata e ajudá-lo a calçá-las? Eu preferia não ter de fazê-lo; então, enquanto você resolve isso, vou buscar o carro. Tome o relógio e, a cada minuto, se dê um beliscão, para não pegar no sono. Anda, tio — ela concluiu, mais séria. — Quero sair o quanto antes.

— Aonde você vai levá-lo? — perguntou Roger.

— Primeiro vou ao vilarejo de Stanningleigh fazer umas compras. De lá, vou à casa dos Nayland convidá-los a jogar tênis. Quando o

tio Ernest ficou sabendo disso, implorou para que eu o levasse comigo e o deixasse no Portão Leste, para que pudesse caminhar pela estrada principal até a ponte e dar uma olhada no rio.

— Queria ver a condição do rio para pescaria — acrescentou Ernest, explicando-se. — Tenho pensado nisso já faz um ou dois dias, mas por algum motivo nunca encontro tempo. Geralmente, quando começo a cogitar fazê-lo, aparece alguma coisa no caminho. Então hoje, já que a Sílvia, de qualquer modo, iria de carro naquela direção, pensei que...

Ele parou de falar quando percebeu o olhar indignado de Sílvia fixo nele.

— Botas! — disse ela, de maneira incisiva, e segurou a porta aberta para que ele saísse.

— Fico pronto em um ou dois minutos — assegurou, apressado, enquanto deixava o cômodo.

— Os homens são incríveis, não? — confidenciou, enquanto a porta se fechava, a seus dois tios que permaneceram no gabinete. — Parece-me que está mais do que na hora do tio Ernest se casar. Ele simplesmente é incapaz de cuidar de si. Vocês dois pelo menos conseguem atravessar a rua sozinhos; mas o tio Ernest me preocupa bastante, mesmo. Encontrei outra ruga em meu rosto hoje pela manhã, enquanto penteava os cabelos.

— Eu me perguntava, durante o almoço, o que havia de diferente em você — admitiu Neville. — Agora que você mencionou, vejo a ruga no seu rosto. Dessa profundidade aqui — e tocou uma das profundas linhas de expressão que desciam pelo canto da própria boca.

Sílvia riu.

— Assim você me assusta, tio. Vou ter de dar uma olhada no espelho antes de sair. Até logo!

Ela deixou apressada o cômodo. Neville consultou o relógio.

— Tenho de ir — disse. — Acho que vou seguir o conselho de Ernest e tentar me isolar no labirinto. Dificilmente alguém se daria ao trabalho de ir até lá nesta tarde; e não aguento mais o Arthur tocando piano. Está cada vez mais irritante, como você disse. Vou indo agora. Mas, antes, vou buscar minhas anotações.

Um pensamento passou pela cabeça de Roger enquanto o advogado abria a porta.

— Acho que eu mesmo vou tentar o labirinto hoje. Estou um tanto sonolento; e lá é bem silencioso. Não vou incomodá-lo. Se você não se importar, eu ficarei no Caramanchão de Helena. Estou acostumado com uma cadeira lá, que me servirá bem. Você pode ficar com a Lagoa de Narciso. Não há por que disputar, já que os

dois locais ficam no labirinto.

— Muito bem — concordou o advogado. — Para mim tanto faz, desde que ninguém me interrompa.

Fez subitamente um aceno com a cabeça e deixou o cômodo.

Depois que o irmão saiu, Roger Shandon foi até sua escrivaninha e se ocupou com alguns papéis. O som distante do piano parecia se tornar ainda mais importuno agora que ficara só; repetia o *Frühlingsrauschen* como se martelasse o cérebro, e sempre com um acorde em particular fora de lugar. Roger franziu a testa, irritado, enquanto se ocupava com os documentos à sua frente, tomando notas aqui e ali num bloco de rascunho.

— Que moleque desgraçado! Vou ter de conversar com ele sobre isso. É impossível se concentrar quando metade da mente está ocupada em ver se ele vai cometer o mesmo deslize pela centésima primeira vez.

Continuou trabalhando por alguns minutos; então, se levantou e tocou o sino.

— Se puder encontrar o Senhor Stenness, diga-lhe para que venha até aqui — ordenou, quando a empregada apareceu.

Roger encontrou, em Ivor Stenness, o secretário particular ideal. Stenness tinha não apenas a eficiência de uma máquina, mas uma gama de qualidades não menos importantes. Nem a mais grosseira ordem de um patrão impaciente lograva perturbar o temperamento do secretário. Ele era capaz de medir com precisão a responsabilidade que lhe cabia numa emergência, sem jamais passar dos limites. E o que mais agradava a Roger era que ele não abria a boca. Nunca pedia explicações detalhadas; e quando, porventura, abria uma carta que continha ameaças, nunca demonstrava surpresa.

— Se algum dia eu tiver que confessar um assassinato por escrito — Roger costumava dizer —, Stenness anotarà de próprio punho, datilografará e pegará minha assinatura, sem pestanejar. Para ele, seria apenas uma carta.

Outras qualidades de Stenness eram mais apreciadas pelos demais membros da família. Ele tinha naturalmente boas maneiras; e se virava tão bem nos jogos que frequentemente era chamado para completar um quarteto de golfe ou uma mesa de *bridge*. Bastava dar uma olhada em sua figura para imaginar que ele dispunha de um criado particular de primeira linha; isso porque suas roupas sempre tinham aparência de novas, e ele dominava a arte de vesti-las com elegância.

Dadas todas essas características, era uma pessoa perfeitamente segura para se ter em uma casa com uma jovem. De certa forma, ele era eficiente demais, quase desumano, para ser considerado atraente

por garotas mais novas; e ele não demonstrava o menor interesse por essas coisas. Sílvia o tratava como um bom amigo, mas ela tinha dezenas de outros amigos a quem tratava exatamente da mesma maneira.

— Ah, Stenness! — Roger ergueu os olhos enquanto o secretário entrava no gabinete. — Eu estava revisando essas cartas e fiz alguns apontamentos. Você poderia enviá-las ainda hoje. Apenas uma delas carece de certa explicação. Aqui está...

O rosto sombrio de Neville Shandon surgiu na moldura da porta por alguns instantes. Ele trazia em suas mãos um maço de papéis. Ao perceber que o irmão conversava com o secretário, fez um aceno de cabeça sem nada dizer e fechou a porta atrás de si.

Roger continuou a explicar a questão, enquanto o secretário ia tomando uma ou outra nota. Quando as instruções terminaram, o ronco de um carro que partia da frente da casa chamou a atenção de Roger; ele atravessou o cômodo para olhar pela janela. Sílvia dirigia e, ao seu lado, estava Ernest Shandon. Eles olharam para cima ao passarem sob a janela do gabinete, e Sílvia acenou com a mão. Roger observou o carro sair bruscamente da avenida principal a caminho do Portão Leste, para logo desaparecer atrás de um canteiro de rododendros.

“Talvez eles tenham dado uma carona para Neville”, refletiu Roger enquanto voltava para o cômodo. “Eles vão passar pelo labirinto a caminho do Portão Leste”.

O som do piano se fez ouvir novamente depois do relativo silêncio que a passagem do carro deixara. Roger fez um gesto de impaciência.

— Por acaso não é meu sobrinho a tocar? — perguntou.

— Ele estava brincando de dardos no jardim até pouco tempo atrás — explicou Stenness —, mas acho que entrou há alguns minutos.

— Parece ser ele mesmo. Desde que ele teve aquele ataque da doença do sono, sempre se atrapalha com os acordes; parece que não consegue movimentar os dedos perfeitamente. E isso torna toda essa barulheira ainda mais insuportável.

Stenness não fez nenhum comentário. Roger, depois de uma pausa, continuou irritado.

— Onde estão as visitas, Stenness? Bem que elas poderiam levá-lo para fora de casa. Nalguns dias, ele está bem, e mal o vemos; noutros, ele senta-se ao piano e o martela até fazer nossas cabeças repicarem junto.

— Vi que a Senhorita Forrest e o Senhor Torrance se dirigiam para o roseiral uns minutinhos atrás.

Stenness limitava-se a responder diretamente às perguntas,

ignorando, serenamente, a exasperação de Roger. As brigas familiares não lhe diziam respeito.

— Bom, Stenness, por ora, era o que eu precisava de você. Quando você sair, diga a meu sobrinho que venha cá, por favor. Tenho de pôr um ponto final nessa chateação. Já passou dos limites.

O secretário assentiu com um gesto, juntou seus papéis e deixou o cômodo. Alguns segundos depois, o som do piano parou abruptamente bem no meio de um compasso, e Roger escutou o baque estridente da tampa do teclado sendo fechada com descuido. Após um instante, seu sobrinho entrou no gabinete.

Roger queria se acalmar, então não lhe falou imediatamente. Fez sinal para que o sobrinho se sentasse enquanto sacava um charuto da charuteira e se entretinha com os preparativos do fumo. Com o charuto convenientemente aceso, virou-se para o sobrinho.

— Por acaso você precisa martelar o piano horas a fio, Arthur? Odeio ter de estragar a sua singela diversão, claro; mas o barulho infernal que você faz já passou dos limites. Você executou *Frühlingsrauschen* pelo menos duas dúzias de vezes só hoje; ou seja, vinte e quatro vezes mais do que estou disposto a escutá-la. Pode excluí-la do programa. Aliás, deixe o piano de lado, de uma vez por todas. Não aguento mais ouvi-lo. Você está aborrecendo todos aqui, tumultuando todas as horas do dia. Encontre uma atividade mais sossegada, ou saia de casa.

Um pouco surpreso com a reclamação do tio, Arthur Hawkhurst levantou um tanto as sobrancelhas.

— Eu não tinha ideia de que o incomodava, tio.

— Bom, deixe para lá.

— Talvez eu tenha exagerado um pouco na *Frühlingsrauschen*. Eu não havia me dado conta. Por alguma razão, nunca consigo executá-la sem errar um ou dois acordes, e gostaria de, pelo menos uma vez, tocá-la com perfeição.

— Meus ouvidos são afiados. Não pense que eu não notei os erros. Eles deixam a coisa toda ainda mais irritante.

Arthur se apressou em admitir os erros.

— Certo, sem mais *Frühlingsrauschen*, então. Que tal *Barcarolle*? De Offenbach. Alguma objeção?

— Sim. Será que você consegue entender que não quero nunca mais ouvi-lo bater naquele piano?

— Ah, então você fala sério? Achei que era brincadeira, tio. Mas eu gosto do piano. Tenho certeza de que você vai deixar que eu o toque de vez em quando.

— Não. Estou farto disso.

— Mas...

A expressão de Roger ia ficando mais sombria.

— Basta! Tenho coisas mais importantes para conversar com você. Qual a sua idade? Vinte e dois ou vinte e três, não é? E você não chegou sequer a tentar trabalhar na vida até agora? Belo currículo o seu, hein?

Fez uma pausa, foi até a janela e voltou.

— Isso tem que acabar. Já tive de sustentar um preguiçoso: seu tio Ernest. Mas você se engana se pensa que eu tenho a tendência de colecionar preguiçosos. Terei de acolher seu tio sob minhas asas para sempre, ao que me parece; mas não pretendo aumentar o estoque de parasitas para beneficiar você, que terá de achar algo para fazer. Não vou permitir que fique vagando por Whistlefield para sempre.

Foi a vez do rosto de Arthur, em geral bem-disposto, ficar sombrio.

— Parece-me que você poderia aumentar o seu estoque de boa educação ao não se exceder. Não sou um vagabundo. Sou inválido.

Roger ignorou a súplica.

— Whistlefield não é um hospital.

— Ou um hospício; não foi isso que você quis dizer? É melhor você tomar cuidado, tio. Há coisas que, uma vez ditas, não são esquecidas.

Roger, que já não tem muita paciência, explodiu com a observação do sobrinho.

— Chega, Arthur. Darei mais três meses. Depois disso, você se vira. Você não passará fome, já tem dinheiro suficiente para se manter vivo, mesmo na pior das hipóteses. De qualquer modo, eu lavo minhas mãos.

O autocontrole de Arthur Hawkhurst não era lá muito melhor que o de seu tio, especialmente quando era cutucado.

— Que belo tio! Como aquele de *As crianças na floresta*,^[3] hein? Saia para o mundo e morra de fome, Arthur querido. Os passarinhos hão de cobrir o seu cadáver de folhas; *assim, poderei ficar com o dinheiro que sua mãe deixou para você!* É esse o plano, não? Pergunto-me como uma coisa igual a você tem o direito de viver.

O flagrante absurdo da acusação deteve Roger por alguns instantes. De fato, o garoto estava fora de si. Não deveria ser levado a sério.

— Você é um imbecil, Arthur! — foi tudo o que se dignou a responder.

Acontece que o cérebro transtornado de Arthur perdera o equilíbrio; e ele deu vazão à sua ira por meio de uma ameaça feroz, enquanto se atirava para fora do cômodo.

— Bem que eu poderia me antecipar e dar um jeito em você, antes que você possa me prejudicar ainda mais. Tome cuidado!

Enquanto Arthur batia a porta atrás de si, Roger recostava-se na cadeira. O surto do sobrinho o havia pegado desprevenido. Desde que a doença começara, parecia que tudo que o garoto precisava era de pulso firme. Ele vagueava pela casa quase como um deprimido; e, de início, foi preciso pressioná-lo para que demonstrasse algum interesse por coisas normais. Gradualmente foi melhorando, passando a um estado de alegre irresponsabilidade. E agora, justamente quando os médicos estavam otimistas quanto ao seu futuro, recaiu nessa quase loucura, sem aviso prévio.

“Vou ter de investigar isso”, refletiu Roger. “Pelo que se vê, ele não está na reta final da recuperação, como pensávamos”.

A ameaça de Arthur o deixara indiferente. Ele praticamente já havia esquecido quando se levantou novamente da cadeira. Em si mesma, lhe parecia irrelevante, apenas algumas palavras duras jogadas ao vento. Saiu de casa e tomou a estrada para o labirinto.

Stenness viu sua figura passar pelo cinturão de rododendros; tão logo o perdeu de vista, o secretário dirigiu-se ao gabinete de Roger. Um guia de horários estava posto sobre uma das prateleiras; e Stenness, tomando-o em mãos, passou a examinar os horários dos trens.

“Não posso sair depois deste”, disse, por fim, a si mesmo. “Se pego o seguinte, não estarei em Londres a tempo de embarcar no trem de conexão marítima”.

Seu olhar se voltou para a janela e percorreu o gramado.

“Bom, vai ser um baque partir daqui, aconteça o que acontecer. Quem dera pudesse ver para além desta noite e saber onde estarei”.

Passou a outra linha de pensamento.

“Na pior das hipóteses, se eu não for bem-sucedido, nada mudará”.

Recolocou o guia na prateleira e foi para o seu quarto. Depois de trancar a porta, começou a embalar suas lâminas de barbear e outros artigos de higiene numa pasta. Terminada a tarefa, deu uma olhada ao redor do quarto.

“Nada mais? Não, o resto das minhas coisas está me esperando em Londres”.

1. Maneira popular de chamar os navios que carregavam imigrantes irlandeses fugindo da Grande Fome da Irlanda — NT.
2. *Rumor de primavera*, composta por Christian Sinding (1856–1941) — NT.
3. Trata-se de um tradicional conto infantil inglês, *Babes in the Wood*. Nele, dois bebês são abandonados na floresta por um tio malvado. Eles morrem, e passarinhos lhes vêm cobrir os cadáveres de folhas — NT.

CAPÍTULO II

A ocorrência no labirinto

Howard Torrance, um tanto inquieto, virou-se para a garota ao seu lado.

— É desgastante ficar aqui sentado, sem fazer nada. Quer descer até as quadras de tênis e jogar uma partida?

Vera Forrest conhecia bem os sintomas. Muitos homens considerariam um privilégio poder monopolizar sua atenção, e não desejariam nada além de se sentarem à sombra, em sua companhia. Mas Howard tinha um excesso de energia que só conseguia gastar por meio de exercícios físicos contínuos. “O que vamos fazer agora?” era uma frase que repetia como um grito de guerra; e, ao que parecia, ele tinha alçado a preguiça ao topo da sua lista pessoal de pecados mortais. Ela lhe lançou um olhar travesso e decidiu que iria provocá-lo um pouco antes de fazer as coisas do jeito dele.

— Não, muito obrigada — disse, tranquilamente.

Howard já tinha em mente uma segunda sugestão de atividade.

— Quer ir jogar golfe, então?

— Não, obrigada.

— Que tal pegarmos o carro e irmos até Stanningleigh? Preciso comprar cigarros e queria lhe presentear com uma caixa de bombons.

— Não.

Howard a encarou, desconfiado.

— Isso é um jogo novo, por acaso? “Não, muito obrigada... Não, obrigada... Não”. Encurta-se cada vez mais a negativa? Bom, acho que agora você já queimou todos os cartuchos; é agora que o mestre diz: “*Ahá! Xequemate!*”. Quer dar uma passeada de barco? Tente negar o convite com menos de duas letras.

Em vez de responder com palavras, Vera balançou a cabeça, negativamente. Seu companheiro, com bom humor, admitiu a derrota.

— Eu não imaginava que você conseguiria se safar. Você venceu.

Vai querer como prêmio a caçarola ou o despertador barato? Todos os demais já foram entregues.

Então, como se deixasse as banalidades de lado, disse, em tom sério:

— O que há para fazer? Não podemos ficar aqui sentados o dia inteiro. O tempo voa, e tudo mais.

Vera olhava para as sombras projetadas sobre a grama.

— O tempo passa, certamente. Não dá tempo de fazer muita coisa antes do chá.

— Suponho que não se pode perder esse programa. Vai querer chá?

— Vou querer — admitiu Vera, grave.

Howard consultou o relógio.

— É uma pena termos perdido a melhor parte da tarde sentados aqui, sem fazer nada — comentou, desconsolado.

Permaneceu em silêncio por alguns instantes, sem dúvida repassando na cabeça vários projetos.

— Escuta — sugeriu, por fim. — Alguma vez você já esteve no antigo labirinto, lá perto dos barcos atracados? Não? Nem eu. E se déssemos uma passada lá para tentar a sorte? Separamo-nos na entrada e vence o jogo o primeiro a chegar ao centro. Dizem que é bem intrincado.

— Bom, se isso o fará feliz, por mim tudo bem. Mas espere aí: o labirinto não tem dois centros? Alguém me disse isso certa vez.

Howard ignorou a objeção.

— O primeiro a chegar a qualquer um dos centros é o vencedor. Se você chegar lá, sinalize. Tenho certeza de que a sua honestidade natural não vai deixar que você trapaceie.

Estava confortável sob as árvores, e Vera tentou adiar por alguns segundos o terrível momento da partida.

— Quantas entradas tem o labirinto?

— Ah, não sei ao certo. Acho que quatro ou cinco. Não importa. Pegaremos a primeira que encontrarmos, seja qual for. A partir daí, você segue pela direita, e eu, pela esquerda, ou vice-versa, se preferir; que vença o melhor. Aposto uma caixa de bombons ou uma lata de chocolate em pó, se você fizer questão. Venha, chega de mofar aqui; já vejo musgo crescendo sob os meus pés desde que nos sentamos aqui, e não é para menos.

Vera cedeu e se levantou, simulando relutância.

— Travada de ficar sentada por tanto tempo? — perguntou Howard, com simpatia. — Já, já isso passa.

Enquanto passeavam pelos extensos gramados que levavam ao labirinto, Vera ficou impressionada com a tranquilidade do local.

— Whistlefield é adorável, não é, Howard?

— Excelente — ele concordou, cordialmente. — Quadras de tênis de primeira linha; um bom campo de golfe a apenas quinze minutos de distância; um bom rio navegável; espaço de sobra em casa para dançar e, se não me engano, criam cães Otterhound em algum lugar da vizinhança.

— Eu não sabia que você era corretor de imóveis.

Howard percebeu a tirada, mas não se ofendeu.

— Parece um pouco com a conversa deles, né? “Água e gás encanados, luz elétrica. Telefone. Saneamento básico”. Mas não há nada do que se envergonhar, não é? Whistlefield é um bom lugar para morar.

— Sílvia tem sorte de estar aqui. Por falar nisso, você sabe onde ela foi hoje à tarde? Não a vejo desde o almoço.

— Saiu de carro para visitar algumas pessoas e programar a partida de tênis de amanhã. Temos de admitir que ela cuida bem de suas visitas; não para nunca.

— E quanto ao resto dos moradores?

— Um dos tios saiu com a Sílvia. Os outros dois eu vi pela última vez no gabinete. Stenness está pela área. E encontrei o jovem Arthur quando fui até a casa a seu pedido, um tempinho atrás. Ele saía da sala de armas com um olhar furioso e uma arma de ar comprimido nas mãos. Cumprimentei-o alegremente e recebi um grunhido em resposta. Parecia irritado com alguma coisa; bastante rabugento, mesmo. Desejei-lhe uma boa caçada e perguntei se ia ao bosque alvejar os coelhos. Ele apenas rosnou de volta dizendo que praticaria tiro ao alvo, já que não podia atirar noutra coisa. Parecia determinado a fazer uma carnificina para curar seu mau humor.

O rosto de Vera revelou certa compaixão.

— Pobre Arthur! Ele teve pouca sorte, Howard. Ele mudou muito desde que começou a manifestar aquela terrível enfermidade.

A expressão de Howard mostrava que ele compartilhava de seus sentimentos.

— Uma pena. Era um garoto inteligente. Ainda hoje o é, sim; mas de algum modo não é mais o mesmo. Por vezes, é temperamental; e falta-lhe motivação, fica à toa a maior parte do dia. Também tem um temperamento esquisito, alguns dias. Agora mesmo, quando eu o encontrei, por exemplo, parecia que ia me saltar à jugular. Não é lá muito sociável.

Vera mudou de assunto, com medo que lhes estragasse o dia. Eles gostavam de Arthur Hawkhurst, apesar das irrupções que, aqui e ali, o levavam a um comportamento anormal, o qual começou a se manifestar desde o primeiro ataque de encefalite letárgica.

— Você não está trapaceando, né, Arthur? Nunca esteve mesmo no labirinto?

— E você realmente acha que eu me daria ao trabalho de trapacear só para ganhar uma caixa de bombons? É impressionante como certas garotas têm expectativas tão baixas sobre a humanidade. Amarga desde o berço, hein? Desconfiada assim desde o nascimento, aposto. Deixe isso de lado, Vera, ou a coisa pode tomar proporções maiores. Vai acabar cavando trincheiras no jardim para se proteger de um ataque imaginário.

— Chega de me espezinhar! Conheço bem o seu lema: “É melhor suar que remediar”, algo assim, não? Só perguntei por curiosidade. Não quis colocar a sua honestidade em dúvida.

— Pedido de desculpas, solicitado na mesma data, devidamente recebido e processado. Pareço-me de novo com um corretor de imóveis, hein? Vamos lá: nestes últimos cem metros, apostemos corrida; eu deixo você largar um pouquinho na frente. Valendo meia caixa de bombons, já que você é tão mercenária.

Vera rejeitou a proposta; e eles atravessaram caminhando o último gramado, que terminava na entrada mais próxima do labirinto.

O labirinto de Whistlefield era uma relíquia do passado, quando construções desse tipo ainda estavam na moda; mas ele fora bem preservado, e os jardineiros que trabalhavam para Roger Shandon empregavam um bocado de tempo aparando as folhagens para lhes dar o formato de uma verdadeira muralha verde. De formato bastante irregular, ele cobria mais ou menos a quinta parte de um hectare; nesse espaço limitado, porém, desenhavam-se quase mil metros de corredores e, para alcançar qualquer um dos centros do labirinto, era preciso percorrer, no mínimo, duzentos e cinquenta metros. Mas só alguns especialistas eram capazes de chegar seja ao Caramanchão de Helena, seja à Lagoa de Narciso percorrendo apenas esses duzentos e cinquenta metros. O labirinto de Whistlefield muito excedia em complexidade o de Hatfield^[4] e o de Hampton,^[5] que lhe eram semelhantes. Suas cercas-vivas de quatro metros de altura eram de uma densidade impenetrável; seu desenho seguia de perto o de uma ilha, de modo que exploradores incautos ficavam horas a vagar por esse arquipélago de reduzidas dimensões sem fazer nenhum progresso ou mesmo sem perceber que estavam simplesmente dando voltas e voltas ao redor do contorno de alguma cerca-viva.

Tantos foram os que se perderam no labirinto e que, por estarem longe da casa, não puderam pedir socorro, nem mesmo aos gritos,

que foram tomadas certas precauções para evitar acidentes desse tipo no futuro.

Quando Vera e seu parceiro alcançaram o alto portão de ferro junto à cerca-viva externa, que marcava uma das entradas, se depararam com um pequeno quadro de avisos, do qual pendia uma velha corneta.

ACONSELHAMOS ÀQUELES QUE PRETENDEM VISITAR
O LABIRINTO QUE LEVEM CONSIGO ESTA CORNETA,
PARA QUE POSSAM PEDIR AJUDA, SE NECESSÁRIO.
AO SAÍREM DO LABIRINTO, PEDIMOS GENTILMENTE
QUE A RECOLOQUEM NO LUGAR.

Howard foi até o quadro e leu o aviso com um indisfarçável desprezo.

— Bando de incompetentes nesta vizinhança! — comentou em tom mordaz. — Será que também fornecem cadeira de rodas e um guia para nos empurrar até o centro? Como se uma pessoa de inteligência mediana fosse incapaz de encontrar o caminho num local que tem o tamanho de um campo de lavadeiras.

— Já esteve alguma vez em um labirinto? — Vera inquiriu.

— Não, não que eu me lembre.

— Ah bom, então faça a gentileza de desamarrar a corneta e me dá-la. Não sou orgulhosa.

Howard desatou a corneta e a estendeu a Vera.

— Qual o propósito da corneta, uma vez que não vamos andar juntos?

Vera o examinou friamente.

— Quando eu me perder, tocarei a corneta para que alguém venha me mostrar a saída. Quando você se perder, poderá praticar exercícios de respiração gritando por ajuda. Veja, a sua voz é muito mais potente e áspera que a minha. Tenho certeza de que não terá problemas. Se, porém, você concluir que não dispõe da potência pulmonar requerida, pode ir até a próxima entrada verificar se há outra corneta lá. Imagino que deve haver uma em cada entrada.

Howard via sua coragem posta à prova.

— Ah, não vou me perder. Não precisa se preocupar comigo. Agora, quem alcançará o centro?

— Então venha. Vou tomar o caminho da esquerda, por aqui, e você pode tomar o da direita. Quem chegar ao centro primeiro grita: “Venci!”, e então se dirige para a saída. Se empatarmos, então o

primeiro que conseguir sair será o vencedor. Seja honesto e não grite a menos que realmente tenha chegado ao centro. Acho que essas são todas as instruções necessárias. Vamos!

Vera percorreu apressada um corredor estreito, de uns vinte metros de comprimento, para então virar bruscamente à direita, seguindo a mudança de curso do caminho. Prosseguiu até que um promontório de cercas-vivas a obrigou a desviar, passando por lugares recônditos, até que tornou à trilha principal. Virou outra vez à direita e parecia ter chegado a um beco sem saída.

“Que balde de água fria me deparar, já de início, com um beco sem saída”, pensou consigo mesma. “Howard vai se deleitar com isso quando o descobrir”.

Entretanto, ao se deparar com a parede da cerca-viva que parecia bloquear seu caminho, descobriu um caminho escondido à direita.

“Mesmo depois de ter andado tanto, ainda estou no anel exterior do labirinto! Mas essa volta vai me levar na direção do centro”.

Até aquele ponto, o percurso tinha sido simples; mas, agora, abriam-se constantemente caminhos alternativos. As elevadas cercas-vivas bloqueavam toda a visão, exceto a do céu; e logo ela percebeu que havia perdido completamente a direção e andava sem rumo. Por algum tempo, apressou o passo, indo em frente e virando sempre para o lado que parecia levá-la para mais perto de onde supunha estar o centro; mas, por fim, as curvas contínuas a confundiram tanto que já não era capaz de saber em que direção deveria caminhar para alcançar o interior do labirinto. Longos corredores em ziguezague terminavam, de novo e de novo, em paredes intransponíveis; e, ao andar para lá e para cá, ela ficava cada vez mais confusa quanto à sua orientação. Quando pensou em tomar o sol como ponto de referência, já era demasiado tarde; àquela altura, já perdera toda e qualquer noção do próprio paradeiro.

“Tenho certeza de que já passei por aquele monte de folhas secas junto àquela cerca-viva mais de uma vez”, disse a si mesma, parando para examiná-lo com mais cuidado. “Sim, tenho certeza de que passei por aqui alguns minutos atrás. Devo estar constantemente passando pelos mesmos lugares e andando em círculos”.

Suprimido o ruído de seus passos, o silêncio do labirinto a impressionou; ela forçou a audição na tentativa de ouvir Howard se movimentando em algum lugar para além daquelas impenetráveis muralhas verdes.

“Se eu, de fato, acabar presa aqui”, refletiu, “tenho comigo a corneta para chamar alguém que me mostre a saída”.

Tentou novamente escutar algo, concentrando-se ainda mais; e então, subitamente, não era mais preciso aguçar os ouvidos.

Primeiro, veio um baque seco que ela, inconscientemente, reconheceu como familiar, ainda que no momento não o pudesse identificar. Em seguida, quase no mesmo instante, uma voz masculina emitiu um grito inarticulado, que parecia conter, a um só tempo, surpresa, dor e ira. Seguiu-se um momento de silêncio, para então lhe chegar aos ouvidos um peculiar som metálico e dissonante, seguido de um segundo baque e outro grito de dor. Repetiu-se o familiar ruído áspero e metálico, e ainda outra vez o som de uma pancada abafada; por fim, dessa vez mais débil, um último grito. Fez-se, então, silêncio novamente.

Vera ficou paralisada com o que ouvira. Num instante de iluminação, se deu conta de que, por trás daqueles eventos inexplicáveis, uma tragédia acontecia; algo terrível se passava bem perto dela, ainda que encoberto pelas altas paredes verdes que a rodeavam. Ela nunca ouvira aquele tom na voz de um homem antes. Completamente em choque por conta da inesperada irrupção de violência, deteve-se parada uns instantes, as pernas bambas, ao passo que a pulsação lhe passava com tanta força pela garganta que não podia emitir um som que fosse. Até que, finalmente, retomou a fala.

— Howard! É você? O que houve? Ah! O que houve?

— Estou aqui.

Ela não conseguiu discernir a direção de onde vinha o grito. As cercas-vivas, que eram demasiado altas, pareciam desviar o som, de modo que era impossível determinar, ainda que aproximadamente, a posição de quem falava.

— O que foram aqueles gritos, Howard? O que houve?

— Não sei — ele respondeu. — Alguém ferido. Mas não consigo chegar até o local. Fique onde você está, Vera. Verei se consigo ir até você.

No silêncio que se seguiu, ela tentou escutar com atenção. Ouvia passos no labirinto; evidentemente, Howard fazia de tudo para chegar até ela. Além desse, entretanto, não pôde detectar nenhum outro ruído, ainda que se concentrasse ao máximo. Tinha a esperança de ouvir os gemidos daquele homem ferido; nada, porém, quebrava a calma do lugar, até que Howard a chamou novamente. Sua voz pareceu mais longe do que antes.

— Dê um grito, por favor, Vera! Já não sei que rumo tomar.

Ela o chamou de novo e obteve resposta. Mas, enquanto se esforçava para escutar, lhe pareceu que o som dos passos dele diminuía em intensidade e morria na distância. Concluiu que Howard havia percebido que o caminho direto até ela estava bloqueado e tivera de recuar e tentar novamente.

Foi então que, surpresa com sua própria falta de memória,

lembrou-se da corneta que trazia em mãos. O instrumento certamente ajudaria. Deveria ter se lembrado antes; mas o choque a fez esquecer. Estava prestes a levá-la aos lábios quando, outra vez, teve uma crise de nervos ao escutar um grito que vinha do recôndito do labirinto.

— Assassinato!

Reconheceu a voz de Howard, tomada de horror. Foi mais uma exclamação do que um pedido de ajuda, concluiu, aliviada. Howard não havia caído numa armadilha. Porém, antes que pudesse se recompor, ele gritou novamente, desta vez a plenos pulmões:

— Assassinato! Cuide para que ninguém deixe o labirinto!

Vera estava quase superando o choque que a descoberta lhe causara. A imagem de um repentino e terrível ato de violência lhe passou pela cabeça. A coisa toda deve ter sido rápida, porque se lembrava de que, depois dos três gritos, não ouvira mais som algum. A menos de vinte metros de onde estava, talvez um ser humano tivesse sido espancado até a morte; e, não fosse pelos gritos, não viria a saber de nada.

Levantou a voz novamente.

— Howard! Estou com medo. O que houve?

— Um dos Shandon foi morto. Enquanto eu tentava alcançar você, por acaso cheguei ao centro do labirinto. Há sangue no casaco dele.

Ele parou por um momento, recuperando o fôlego, para em seguida gritar, ainda outra vez:

— Assassinato! Socorro! Aqui no labirinto! Assassinato!

Vera prendeu a respiração, esforçando-se avidamente para ouvir se o mundo exterior, que agora lhe parecia tão tranquilo e inalcançável, lhe dava uma resposta. Foi então que, em meio ao silêncio, percebeu os passos de um homem que corria pelos becos do labirinto.

— É você, Howard? — chamou. — Ouço alguém correndo aqui perto de onde estou.

Mal terminara de dizer essas palavras, o ruído de passos apressados cessou abruptamente.

— É você, Howard? — repetiu, nervosa.

Então, produziu-se um farfalhar e um ruído como se algo estivesse sendo rasgado, e a voz de Howard ressoou pelo labirinto.

— Estou aqui, tentando chegar até você. Tentei escalar a cerca-viva, mas não consegui. O que você disse? Não ouvi.

— Há alguém andando pelo labirinto, Howard. Ouvi passos.

Howard Torrance respondeu, e sua voz tinha aquela mesma indeterminação espacial que o labirinto parecia infundir no som.

— Consegue me ouvir, Vera?

— Sim.

— Bom, não fale mais nada. Não toque a corneta. Fique absolutamente quieta e tente sair do labirinto. Se você se deparar com alguém ao virar uma esquina, grite a plenos pulmões; caso contrário, não encontrando nada de anormal pelo caminho, continue em silêncio e ande a passos leves. Há alguém no labirinto, e não quero que descubra onde você está.

Vera escorou-se por uns minutinhos numa cerca-viva, tentando superar o pânico que as últimas palavras de Howard lhe causaram. Ele fora cuidadoso em não lhe dizer a verdade nua e crua; mas ela percebeu o que estava por trás das orientações que lhe dera. O assassino ainda estava no labirinto e, ao se dirigir à saída, poderia vir a encontrá-la. Nesse caso, teria de matá-la, porque seria arriscado deixar viva uma testemunha tão importante. Ela não podia contar com a clemência do assassino. E que esperança de escapar lhe restaria? Ali, presa entre as altas cercas-vivas, longe de qualquer socorro pelo intrincado do labirinto, seria fácil silenciá-la de uma vez.

Aguçou os ouvidos uma vez mais; mas nada escutou. Ao que parecia, o assassino estava, agora, num canto mais remoto do labirinto. De repente, um estrondo aos seus pés a fez estremecer, aterrorizada. Era a corneta que deixara cair, no esforço de se concentrar nos sons do ambiente à sua volta. Inclinou-se para apanhá-la; mas, em seguida, concluindo que o objeto apenas a atrapalharia, deixou-o onde havia caído.

De súbito, deu-se conta de que o som produzido pela queda da corneta poderia lhe ter denunciado a localização, estivesse o assassino por perto, à espreita. Tentou escutar alguma coisa novamente; mas seu coração batia tão forte que a pulsação que sentia nas orelhas se sobrepunha a todo e qualquer som externo. Um nó parecia se formar em sua garganta, e sentiu como se estivesse sufocando. Num grande esforço físico, lutava contra suas próprias dificuldades.

“Histeria!”, disse para si mesma. “Se eu deixá-la me dominar, estarei me colocando direto nas mãos do monstro”.

Finalmente o rumor em seus ouvidos atenuou-se, e ela conseguiu ouvir novamente. Por alguns minutos, nada escutou. Então, bem próximo, um graveto seco se quebrou, como se alguém tivesse pisado nele. O assassino ainda não havia saído do labirinto.

Sentiu-se quase completamente paralisada; por fim, fez força para se pôr em movimento. Qualquer coisa era melhor do que ficar no local em que deixara cair a corneta, talvez denunciando sua

localização ao assassino. Silenciosamente, começou a andar pelo corredor. Assim que se moveu, seu impulso foi sair correndo; mas esforçou-se para contê-lo.

“Se eu disparar a correr, ficarei em apuros”, pensou. “Continuarei correndo e não serei capaz de parar antes de uma esquina; e é precisamente nas esquinas que devo ter o máximo de cuidado, para não dar de cara com ele”.

Foi então que sua mente, contra sua vontade, conjurou vívidas imagens desse hipotético encontro. Podia vislumbrar um vulto se erguendo para lhe bloquear a passagem. Quase fisicamente se encolhendo, imaginou o bandido segurando uma faca, a lâmina a pingar o sangue da vítima. Pensou como era segura e pacífica a vida lá fora; e agora, em busca de um fútil divertimento, ela tinha ido parar num abatedouro. O Minotauro estava à solta no labirinto.

Ao fim do beco, forçou-se a parar e espreitou, cautelosa, a esquina. Como não viu ninguém, aventurou-se por um novo caminho até chegar a uma bifurcação, quando tomou a passagem que oferecia a vista mais desimpedida à frente. Em seguida, outra esquina, e mais cuidados.

Ela agora andava aleatoriamente, porque toda sua concentração estava em evitar o assassino invisível. A certa altura, ouviu passos; alguém caminhava no lado oposto da cerca-viva na qual ela se aninhava. Prendeu a respiração, imaginando a terrível figura que ela própria havia conjurado. Ambos caminhavam cuidadosamente; temeu que lhe escutasse as batidas do coração, tão perto estavam. Então, quando pensou que já não aguentaria mais, os passos desapareceram suavemente na distância.

“Se isso voltar a acontecer, vou berrar”, disse para si mesma. “Eu não vou aguentar passar por isso de novo”.

Venceu mais duas esquinas em segurança; em seguida, num beco, viu um objeto metálico reluzindo ao pé de uma cerca-viva. Reconheceu, com um aperto no coração, a corneta que havia deixado cair.

“Voltei ao mesmo lugar! Nunca vou conseguir sair dessa armadilha!”.

Tornou a andar, pisando o mais suave que podia; mas, para seus ouvidos aguçados, o som de seus passos parecia ecoar incessantemente ao longo dos corredores de cercas-vivas.

“Como sou tola! Já deveria ter tirado os sapatos há muito tempo. Assim posso andar rápido tão quanto queira, sem fazer barulho”.

Descalçou os sapatos, retomando, em parte, a confiança ao se dar conta de que podia se mover em silêncio.

“Agora preciso esfriar a cabeça e não tomar o caminho que segui

da última vez”.

Ao se deparar com uma das esquinas de que se lembrava, seguiu por outro caminho, cheia de cuidados. Novamente ouviu passos; mas, agora, eles estavam bem mais ao longe. Depois de parar por alguns segundos, sentiu-se confiante para prosseguir.

“Se eu não conseguir sair logo, vou desmaiar”.

Mas ela se recusava a desistir. O mero pensamento de ficar a sós, desamparada, num daqueles corredores vazios, à mercê do assassino oculto, bastava para fazê-la continuar.

“Ele pensaria que me faço de desentendida, e não vai querer deixar uma ponta solta”.

Imaginar tal destino foi suficiente para encorajar uma tentativa desesperada de escapar do labirinto; mas, então, ela perdeu todo o autocontrole. Apressou o passo pelos longos e intermináveis corredores, e dentro em pouco já estava correndo. Logo já passava voando pelos becos, derrapando ao virar as esquinas a toda velocidade, chocando-se às cegas com as cercas-vivas que lhe bloqueavam o caminho em becos sem saída; ela se preocupava apenas em deixar para trás o assassino fantasmagórico que sentia estar em seu encalço. Enquanto corria em disparada, deixou de lado as precauções e a preocupação com a direção que seguia ao longo daqueles caminhos tortuosos.

Quando sentiu que já não podia continuar, vislumbrou, numa das paredes verdejantes, uma brecha maior que o normal; e ali se atirou, na esperança de que pudesse ser uma das saídas. Mas, em vez de se deparar com os amplos gramados de Whistlefield, encontrou diante de si um pequeno jardim, cercado pela vegetação por todos os lados.

Havia algumas cadeiras de jardim espalhadas aqui e ali, sob a sombra das cercas-vivas. Uma delas havia sido derrubada, e a seu lado jazia, de barriga para cima, o corpo de um homem vestido com roupas de flanela cinza. Vera nunca vira um cadáver antes; mas percebeu, de imediato, que topara com a vítima da tragédia.

“É Roger Shandon!”.

Ela notou, quase inconscientemente, que o cadáver não apresentava sinais visíveis de violência. Roger parecia ter desmaiado ao se levantar da cadeira. Não viu nenhuma poça de sangue que indicasse a causa da morte.

Vera estava à beira de um colapso nervoso. A visão do cadáver acabou sendo a gota d’água. Num quase completo desinteresse, notou que o céu azul escurecia e adquiria um tom violeta, e logo tudo ficou escuro. Afastou-se alguns passos e desmaiou.

Voltou a si quando uma voz lhe chamou pelo nome; mas, olhando em volta, não notou a presença de ninguém.

— Vera! Você está aí? Por que não responde?

Aos poucos, recobrou a consciência, percebendo que era Howard Torrance que lhe chamava continuamente.

— Vera! Se puder, responda! Por que você soltou aquele grito?

Ela deve ter gritado involuntariamente antes de desmaiar. Repassou mentalmente os fatos, de forma mecânica, ainda sem saber onde estava. Foi aí que tudo lhe voltou à mente de uma só vez e ela se pôs de joelhos. O corpo de Roger Shandon estava perto dela, de modo que teve de virar a cabeça para o outro lado para não encarar o cadáver.

— Vera!

Ela se recompôs e respondeu com a voz fraca.

— Graças a Deus você está bem — respondeu Howard. — Onde você está?

— Estou no centro, junto do cadáver. Oh, Howard, o que eu faço?

— O assassino foi embora, creio — ele respondeu. — Você consegue caminhar? Saia imediatamente daí. Não me admira que você tenha gritado quando se deparou com essa situação. Fique falando sem parar, assim acho que consigo me orientar para chegar até você.

Não sem esforço, Vera pôs-se novamente de pé. Seu vigor parecia ter se exaurido quase completamente; com pura força de vontade, conseguiu sair do apertado recinto e voltar para o corredor verde. Faria qualquer coisa para tirar o cadáver de vista! Aquele era um lembrete macabro dos perigos do labirinto.

Por algum tempo, se recostou na parede de fora da cerca-viva que circundava o centro, tentando reunir forças para se lançar outra vez no labirinto. Agora, entretanto, havia um horror a menos. Howard disse que o assassino escapara do labirinto; ela já não precisava ter medo de encontrar aquele demônio em suas andanças. Parecia que haviam se passado horas desde que ela e Howard tinham se dirigido despreocupadamente àquele emaranhado labiríntico. Ela não tinha ideia de quanto tempo ficara inconsciente; e, ao se recordar dos eventos, lhe pareceu que permanecera uma eternidade nos becos do labirinto antes de chegar, por acaso, ao centro.

Finalmente, Vera se recompôs e chamou Howard outra vez.

— Howard! Vou tentar achar a saída agora.

— Certo! Vá me chamando de vez em quando, para que eu saiba que está tudo bem. Aliás, por que você não toca a corneta?

— Eu a perdi. Deixei-a cair quando pensei que o assassino estava no meu encalço.

— Estranhei o fato de você não a ter usado depois que eu disse

que ele havia deixado o labirinto. Não vale a pena ficar gritando. Estou me esgoelando há muito tempo, mas não há ninguém por perto para responder, aparentemente.

Vera se pôs a andar novamente. O descanso lhe fizera bem; agora que não havia mais o terror imediato do assassino, sentia-se outra pessoa. O horror pelo qual tinha passado, de algum modo, começava a parecer irreal. Ela de fato tinha visto o cadáver de Roger Shandon estirado na grama ou fora mera alucinação que lhe acometeu quando estava prestes a desmaiar? Ela tinha a impressão de que tudo aquilo tinha sido um pesadelo que chegara ao fim.

E agora, por um curioso acaso que às vezes acontece em labirintos, acertou de pegar a rota mais curta para a saída. Quando menos esperava, uma virada súbita do corredor revelou um dos portões de ferro nas cercas-vivas mais externa.

— Howard! Cheguei ao portão. Que alívio!

— Espere um pouco — a voz de Howard lhe chegava da parte intermediária do labirinto. — Escute. Assim que chegar do lado de fora, corra para a casa. Se você encontrar alguém pelo caminho, mande-o para cá para me ajudar a sair dessa enrascada; estou com azar. Quando chegar à casa, procure o Stenness ou um dos outros homens. Mande todos eles, se estiverem lá. Conte-lhes do assassinato e peça que chamem a polícia imediatamente. E beba um pouco de conhaque ou algo do tipo. Vai lhe fazer bem, pobrezinha!

Vera memorizou cuidadosamente as instruções.

— Vou me encarregar disso. Vou indo, Howard. Adeus.

Correu portão afora e viu, com imenso alívio, a ampla paisagem dos gramados que se abriam diante de si. Finalmente estava livre! Então, partiu a toda velocidade em direção à casa.

4. Refere-se ao labirinto de Hatfield House, um labirinto histórico de sebes de teixo da era vitoriana, situado no East Garden da propriedade de Hatfield House, em Hertfordshire, Inglaterra. Conhecido por seu desenho intrincado e pelo cenário formal, apareceu em diversas produções de cinema e televisão — NE.

5. Refere-se ao labirinto de Hampton Court, situado no Palácio de Hampton Court, na Inglaterra, considerado o labirinto de sebes mais antigo ainda existente na Grã-Bretanha. Encomendado por Guilherme III e plantado entre 1689 e 1695, foi projetado por George London e Henry Wise; mais tarde, também se tornou uma referência cultural e literária — NE.

CAPÍTULO III

Resultados imediatos

Enquanto cortava caminho pelos gramados, Vera mantinha-se atenta ao redor, mas não havia ninguém por perto. Ela já esperava por isso; se alguém estivesse nas redondezas do labirinto, certamente teria ouvido os gritos de socorro de Howard. Ela não perdeu tempo procurando ajuda no jardim e se apressou em chegar logo à casa, onde ao menos conseguiria contatar a polícia pelo telefone.

Quando, esbaforida devido ao derradeiro esforço que fizera, finalmente adentrou o *hall*, o encontrou vazio. A residência inteira parecia estar deserta e silenciosa. Por um breve instante, pensou em procurar de quarto em quarto, mas desistiu quase imediatamente.

“Não posso perder a cabeça”, disse a si mesma. “Não estou familiarizada com a ala dos criados e perderia muito tempo se comesse a procurar por lá. Aquela última corrida acabou comigo; não consigo mais correr de um lado para o outro. Outra pessoa terá de o fazer”.

Entrou no cômodo mais próximo e tocou a campainha, pressionando continuamente o botão com o dedo.

“Assim, eles vêm mais rápido”.

Dentro em pouco ouviu passos, e uma das criadas apareceu. A expressão de espanto desta trouxe à mente de Vera o estado em que se encontrava: desgrenhada, ofegante, os pés descalços.

“Há algum homem na casa, Shelton? Vamos, não me faça perder tempo!”.

A criada olhou fixamente para aquela garota com ar descomposto como se, naquela estranha figura, mal pudesse reconhecer a calma e graciosa Senhorita Forrest.

— O que aconteceu, senhorita? — perguntou, sem respondê-la.

— O Senhor Shandon foi assassinado. Por acaso o Senhor Stenness está aqui, ou o Senhor Hawkhurst? Ou qualquer outro? Encontre-os imediatamente, se estiverem por perto.

Em seguida, como a garota parecesse paralisada pela notícia:

— Vá! Rápido! Não há tempo a perder!

Veio-lhe à mente a imagem do assassino retornando para o labirinto e atacando Howard, completamente indefeso. Isso era improvável, claro; mas depois de tudo que ocorrera naquela tarde, ela pensaria duas vezes antes de declarar algo improvável. A lentidão da criada irritou ainda mais seus nervos, já agitados.

— Você *vai* ou não?

Mas, a essa altura, a ideia de um assassinato já havia penetrado na mente bronca de Shelton e produzido uma reação que Vera não previra.

— O Senhor Shandon assassinado, e o assassino rondando por aqui! Não me atrevo a sair deste cômodo, senhorita. Pode ser que ele esteja agora mesmo no corredor, esperando por mim. Oh! Oh! — levantou a voz, histérica.

Vera lhe lançou um olhar cansado.

— Quer gritar, Shelton? Talvez seja o melhor a fazer. Eu mesma o teria feito se me restasse algum fôlego. Venha comigo.

Conduzindo a histérica criada até a porta da frente, disse:

— Aí, grite com toda a força.

Shelton nem esperou pela ordem: já estava a gritar a plenos pulmões.

“Alguém que esteja na casa ou nos arredores vai acabar escutando”, Vera disse a si mesma, satisfeita, enquanto Shelton continuava a berrar.

— Está bem, basta. Fique quieta. Vejamos se alguém escutou.

Provou-se mais difícil parar o berreiro do que iniciá-lo. Dos gritos, a criada passou a um ataque histérico. Mas o objetivo foi alcançado: dos fundos da casa, apareceram duas criadas em pânico, ao passo que, quase ao mesmo tempo, Stenness, o secretário, descia apressado a escada principal.

— Graças a Deus, finalmente um homem! — disse Vera, aliviada.

Entregando a histérica Shelton aos cuidados das outras criadas, ela conduziu Stenness ao cômodo mais próximo e, em poucas palavras, lhe deixou a par das circunstâncias. Ele a ouviu com atenção, sem interrompê-la com nenhuma pergunta. Pelo seu semblante impassível, poder-se-ia dizer que lidava diariamente com assassinatos. Sua calma teve o efeito de tranquilizar os nervos de Vera, que haviam se agitado novamente por causa do surto da criada. Quando ela terminou de narrar os fatos, ele assentiu com um aceno de cabeça e deixou o cômodo por alguns instantes. Quando retornou, trazia um copo em suas mãos.

— Beba, Senhorita Forrest. Vai ajudá-la a se recompor. Enviei uma das criadas para tocar o alarme do pátio do estábulo. Isso vai atrair logo a atenção dos jardineiros, que pensarão se tratar de um incêndio.

Ele a convenceu a sentar-se, então tocou a campainha. Demorou um pouco até que obtivesse alguma resposta; e finalmente Shelton e outra criada apareceram juntas, evidentemente agarradas uma à outra por

segurança.

— Subam e tragam meias limpas e calçados para a Senhorita Forrest. Não veem que ela está precisando?

Quando as duas moças saíram, virou-se para Vera.

— O melhor a fazer é lhes dar tarefas; caso contrário, teríamos todas elas com crise nervosa.

Ele consultou o relógio de pulso e pareceu fazer mentalmente uma série de cálculos que, aparentemente, o deixaram insatisfeito.

— Você estará segura aqui, senhorita. Tenho de ligar para a polícia e os alertar. Depois, vou descer para resgatar o Senhor Howard do labirinto. Você precisa de mais alguma coisa?

Vera fez que não com um gesto, e ele se precipitou para fora do cômodo. Ocupou-se do telefonema apenas por uns poucos instantes; passados alguns minutos, Vera viu, pela janela, que Stenness partia em direção ao labirinto, acompanhado de um dos jardineiros. Ambos, ela notou, carregavam espingardas. Não pôde deixar de admirar a eficiência do secretário. Até então, pensava que sua vida se resumia à rotina; e foi uma agradável surpresa constatar a competência com que havia lidado com a emergência. Ele não perdeu tempo nem se demorou em falas inúteis; fizera tudo o que era essencial sem hesitação. Ele chegara mesmo a lhe reparar os pés descalços, mandando que lhe trouxessem meias e sapatos.

Quando as criadas lhe trouxeram os acessórios, aproveitou para inquire-las.

— O Senhor Stenness era o único homem que estava em casa quando eu cheguei?

— Sim, senhorita. A Senhorita Sílvia saiu de carro com seu tio, quer dizer, o Senhor Ernest. E o Senhor Neville saiu de casa antes do pobre Senhor Shandon. Quanto ao Senhor Hawkhurst, ele deixou a casa bem mais cedo. Eu mesma o vi passar pela janela carregando consigo sua espingarda de ar comprimido.

Vera já não escutava. A expressão “espingarda de ar comprimido” lhe trouxera à memória os baques que ouvira no labirinto. Era este o som que ouvira: o baque surdo do disparo de uma espingarda de ar comprimido! E o ruído metálico era o ranger da mola, enquanto o assassino recarregava a arma. Essa constatação a deixou ainda mais perplexa.

“Claro, é possível matar um coelho com uma espingarda de ar comprimido; mas não dá para matar um homem assim, nem mesmo à queima-roupa. E, contudo, estou certa de que ouvi o som de uma arma de ar comprimido. Eu teria o reconhecido de imediato se não estivesse tão abalada com o ocorrido”.

Ela refletiu sobre a questão por certo tempo, sem chegar a nenhuma

conclusão; por fim, acabou se esquecendo do assunto, e começou a tomar providências que julgou necessárias para quando os homens retornassem.

Nesse ínterim, Stenness, acompanhado do jardineiro, seguia para o labirinto. Quando o avistaram, viram Howard Torrance sair de uma das entradas e olhar na direção deles. Reconhecendo o secretário, ele foi rapidamente encontrá-los.

— Você viu a Senhorita Forrest, Stenness? — perguntou, tão logo estava próximo o bastante para ser ouvido. — Ela está bem?

— Ela veio até nós — explicou Stenness. — Está completamente esgotada, claro. É natural. Mas acho que ficará bem. Destaquei duas criadas para lhe fazer companhia, só por precaução; se bem que as criadas estavam mais assustadas do que ela.

Howard assentiu com a cabeça, mas nada respondeu, e Stenness prosseguiu:

— É melhor nos dirigirmos para o labirinto agora e montarmos guarda ao lado do corpo até que a polícia chegue. Estarão aqui em pouco tempo.

Howard hesitou por um instante.

— Você tem certeza de que consegue se virar no labirinto, Stenness? Não vai se perder? Eu mesmo já me perdi uma vez. Não pretendo repetir a dose, sabe?

— Não há perigo. Tanto eu quanto Skene conhecemos cada centímetro do labirinto. É ele quem poda as cercas-vivas.

A resposta acalmou Howard, que partiu à frente do grupo em direção à entrada. Ao chegarem lá, porém, Stenness lhe tomou o lugar.

— Acho que assumo a liderança a partir daqui. Conheço o caminho. Além do mais, nunca se sabe; é possível que alguém ainda esteja lá.

Deu uma leve batida na espingarda, como que a completar a explicação, e Howard concordou.

— Certo. Avante!

Adentraram o labirinto: Stenness à frente, com a arma em punho, Howard e o jardineiro armado na retaguarda. Por um ou dois minutos, caminharam em silêncio ao longo dos intrincados corredores. Stenness virava à esquerda e à direita sem a menor hesitação.

“Queria ter o caminho memorizado como ele parece o ter”, refletiu Howard, reparando na facilidade com que o secretário percorria o labirinto. “As coisas teriam sido diferentes”.

Subitamente, Stenness parou e fez um gesto para que seus companheiros tomassem cuidado. Sua audição afiada tinha percebido algo que eles deixaram passar.

— Há alguém no próximo corredor — sussurrou. — Esperem aqui, vou dar um jeito nele.

Com a arma em punho, deu um salto pela esquina do beco e, imediatamente, ouviram:

— Mãos ao alto!

Quando dobraram a esquina, se depararam com um sujeito estranho, de aparência desagradável, rendido pelo secretário e sua espingarda. O cabelo avermelhado, a boca repulsiva, encimada por um bigode desgrenhado, uma peculiar expressão raposina e as roupas vistosas, tudo isto combinado causou, já à primeira vista, uma má impressão. De pé, com as mãos para o alto, na mira da arma de Stenness, seus olhos vagueavam de um rosto para outro, tal qual um animal encurralado.

— Reviste esse camarada, Torrance — disse o secretário. — Pode ser que esteja armado.

Howard revistou o homem metodicamente e extraiu, de um dos bolsos, uma pesada pistola automática. Não encontrou mais nenhuma arma.

— Veja se foi feito algum disparo — sugeriu Stenness.

— Totalmente carregada, não foi disparada — relatou Howard.

— Ótimo! Agora, meu camarada, responda: como você veio parar aqui?

— Eu estava remando pelo rio, nas imediações, quando ouvi alguém gritar desesperadamente por socorro; por isso vim até aqui. O que você teria feito no meu lugar, hein? Mantido distância? Então, acabei entrando neste emaranhado para ajudar. E estou preso aqui desde então. Essa explicação o satisfaz?

— Eu não tenho nada a ver com isso. A polícia chegará em breve; você poderá, então, lhes dar todas as explicações. Enquanto isso, você nos acompanhará. Skene, se encarregue desse camarada. Se ele tentar fugir, descarregue a arma nas pernas dele. Agora vamos.

Tomando novamente a dianteira, Stenness seguiu caminhando e, em pouco tempo, os levou a um dos centros do labirinto.

Howard Torrance o seguiu para dentro do apertado recinto; à primeira vista, entretanto, protestou.

— Não foi aqui que encontrei o cadáver. Deve estar no outro centro.

Os ombros de Stenness lhe bloqueavam a visão, mas este subitamente deu um passo para o lado.

— Seja como for, há de fato um cadáver aqui — disse, avançando enquanto falava. — É Roger Shandon.

— Roger! — exclamou Howard, espantado. — O corpo que encontrei era de Neville Shandon.

— Então ambos foram assassinados — observou friamente Stenness. — Isso é óbvio.

— O que ouvi, porém, parecia um único ataque — protestou

Howard.

Stenness deu de ombros.

— Isso caberá à polícia esclarecer — disse. — Deixemos que se ocupem disso.

Ele avançou e cobriu o rosto do cadáver com um lenço.

— É Roger, sem dúvida; está mesmo morto. Não há nada mais a fazer aqui. Vamos ao outro centro. Skene, você não precisa vir junto. Fique de olho neste camarada até voltarmos.

Conduziu outra vez Howard pelos becos e, novamente em pouco tempo, alcançaram o segundo centro do labirinto.

— É verdade, trata-se de Neville Shandon — relatou o secretário. Demorou um pouco mais para identificá-lo, uma vez que o corpo estava de bruços. — Não vamos mexer em nada, Torrance. Facilita o trabalho da polícia.

Levantou-se e, mecanicamente, tirou o pó das calças enquanto falava. Howard estava espantado com a objetividade com que Stenness tinha conduzido a coisa toda. Era de se esperar algum sinal de emoção, ou pelo menos surpresa; mas Stenness lidou com a questão sem demonstrar a menor perturbação. Porém, à medida que refletia sobre o caso, Howard viu-se obrigado a admitir que, no fim das contas, aquela conduta era esperada. Stenness, recordou, sempre fora cauteloso em demonstrar emoções. Provavelmente, sua atitude agora era apenas o seu normal levado ao extremo, tornando-se, assim, mais digno de nota. Sem dúvida, Stenness se orgulhava dessa sua máscara de indiferença.

O secretário se deteve por alguns instantes junto ao corpo de Neville Shandon e lhe examinou a mão esquerda, que jazia cerrada sobre a grama.

“Há um pedaço de papel aqui. Parece que lhe foi arrancado da mão, sobrando apenas um fragmento. Vamos ver o que dá para concluir sem tocá-lo”.

Ajoelhou-se e examinou minuciosamente, não sem esforço, o pedaço de papel.

— Talvez sejam alguns apontamentos acerca do caso Hackleton. Consigo claramente ler “Hackl...” nele.

Howard não se deu o trabalho de examinar o papel de perto.

— O que você conclui? — perguntou, enquanto o secretário se levantava novamente.

— Eu? Não muito. Talvez alguém tentando tirar Neville Shandon do caso Hackleton. É possível que isso explique a tentativa de lhe arrancar o documento das mãos. Ou pode ser alguém que nutria rancor contra Roger. Ele tinha alguns inimigos. Outro dia mesmo recebeu uma ameaça por correio.

Howard digeriu essas informações por alguns instantes sem nada

dizer; então, apresentou uma objeção.

— Mas você acha provável que dois assassinos tenham escolhido atacar no mesmo horário? Dois crimes simultâneos é uma proeza e tanto, ao que me parece.

— Você acha? — respondeu o secretário, despreocupadamente. — Apesar de tudo, aconteceu desta vez.

Howard teve de admitir que era verdade.

Stenness consultou o relógio de pulso.

— É hora de deixar o labirinto. A polícia deve chegar logo, e eles precisarão de um guia. Eu levo você de volta a Skene, se assim o desejar.

Howard assentiu com a cabeça, e outra vez mais Stenness foi à frente, percorrendo aquele emaranhado de becos.

— Aqui é o Caramanchão de Helena — ele disse, apontando para a entrada com a cabeça. — Você pode ficar sentado aí até eu trazer a polícia.

Howard observou sua figura desaparecer ao dobrar uma esquina e, então, se dirigiu à entrada do pequeno recinto onde jazia o corpo de Roger Shandon. Ao adentrá-lo, surpreendeu-se ao ver Skene de joelhos aos pés da cerca-viva, recolhendo do chão alguns pequenos objetos.

— O que está procurando, Skene? — perguntou. — Você não deveria estar de guarda?

Skene levantou-se meio mal-humorado por ter sido repreendido.

— Ele não escapou ainda. Estou entre ele e a porta.

Howard admitiu a veracidade das duas afirmações.

— O que você procurava escavando a cerca-viva desse jeito? — continuou, depois de se desculpar.

Skene lhe estendeu a mão suja de terra, na qual segurava alguns pequenos objetos.

— É a tampa de uma lata de estanho, uma dessas redondas. E isso aqui são alguns dardos que o Senhor Hawkhurst usa na arma de ar comprimido quando atira ao alvo. Vamos ver... Um... Dois... Três...

Não sem dificuldade, contou sete objetos e estendeu a mão, como se quisesse prová-lo.

— Coloque-os na tampa, Skene, e deixe-os em algum lugar seguro. Você os encontrou naquele local onde eu vi que você procurava?

— Ali mesmo, entre as raízes da cerca-viva. É bem provável que a outra parte da lata esteja do lado de fora, no beco. Vou dar uma olhada.

— Não precisa, Skene. É melhor não alterar a cena do crime até a polícia chegar, sabe? Se houver outras provas, eles hão de preferir buscá-las por conta própria. Apenas lembre-se de que você encontrou esses sete objetos junto à cerca-viva. Seria bom até deixar indicado com um graveto, ou algo semelhante, para que você possa apontar de novo o

local exato.

A visão dos dardos o deixou pensativo. Foi até o corpo de Roger Shandon e o examinou com cuidado. Mas, até onde podia deduzir do que estava exposto, não achou nenhum vestígio do que procurava; e não quis assumir a responsabilidade de alterar a posição do cadáver.

Quando se levantava mais uma vez, ouviu, ao longe, o som de uma buzina.

— Espero que seja a polícia — disse para Skene. — Chegarão aqui em poucos minutos. O Senhor Stenness foi buscá-los para conduzi-los pelo labirinto.

CAPÍTULO IV

O chefe de polícia

Enquanto Stenness abria caminho pelos confusos corredores do labirinto, via-se em seu rosto que ele tentava resolver mentalmente algum mistério.

“As coisas não ocorreram exatamente como planejado”, disse a si mesmo, enquanto caminhava. “Já perdi o trem; e bem que eu poderia resolver o assunto agora mesmo. Se eu tivesse decidido pegar o trem anterior, talvez tivesse sido bem-sucedido”.

De súbito, sua expressão de contrariedade desapareceu quando uma nova ideia lhe surgiu na mente.

“Talvez tenha sido melhor assim, afinal. Eu não tinha encarado as coisas por esse ângulo. Ninguém poderá alegar no tribunal: e fico numa posição confortável, mais a salvo do que nunca”.

Seu rosto se iluminou completamente ao considerar a nova situação que se apresentara.

“Vale muito mais a pena pensar assim. Tudo o que tenho de fazer agora é me manter impassível”.

O secretário logo alcançou os arredores do labirinto. Então, escolhendo um ponto que dava para a estrada que leva ao Portão Leste, sentou-se na grama e esperou a chegada da polícia.

Em pouco tempo, ouviu o som de uma buzina e levantou-se quando um carro comprido surgiu, rasgando a estreita estrada particular. Nos bancos da frente iam dois civis, ao passo que o de trás levava três policiais uniformizados. Muito antes que o veículo o alcançasse, Stenness reconheceu o motorista que conduzia o veículo: era o dono de uma propriedade rural da vizinhança.

“É Wendover, da Granja Talgarth. Pergunto-me o que veio fazer aqui”.

Deslocando-se até a rodovia, o secretário fez sinal para que parassem, e o veículo parou ao seu lado. Wendover pulou do banco do motorista e se aproximou enquanto os demais saíam do carro.

— Que tristeza, Stenness! Coisa terrível! O pobre Shandon morreu mesmo? Como pode? Eu o vi ainda ontem, pobre camarada!

Stenness observava o restante do grupo e percebeu que havia um cachorro dentro do carro. O animal agora fazia festa para o outro civil, evidentemente muito satisfeito por sair do lugar apertado que ocupava no automóvel. Stenness voltou-se ao seu interlocutor.

— É mais grave do que pensava quando telefonei. Dois dos Shandon foram assassinados aqui no labirinto.

Apontou com a cabeça em direção às altas e verdejantes cercas-vivas.

Wendover foi pego totalmente desprevenido.

— Dois! Meu Deus! Aqui, Clinton! — disse, chamando o outro civil.

— Que coisa terrível! Houve um segundo assassinato.

Então, enquanto o homem com o cachorro se aproximava deles, Wendover voltou-se para o secretário.

— Este é o chefe de polícia, Sir Clinton Driffield. Clinton, este é o Senhor Stenness, secretário de Roger Shandon.

Stenness examinou o chefe de polícia com algo mais que mera curiosidade. Sir Clinton era um homem franzino que aparentava uns trinta e cinco anos de idade. O rosto bronzeado, a boca firme sob o bigode bem aparado, os dentes e as mãos perfeitamente cuidados, tudo isso talvez o destacasse em meio à multidão; por outro lado, contudo, havia algo de deliberadamente comum em sua aparência. Um desconhecido que o encontrasse casualmente na rua e depois tivesse de o descrever teria alguma dificuldade, porque Sir Clinton propositalmente evitava vestir algo que o distinguisse. Sua aparência era convencional, exceto pelos olhos; e mesmo estes ele buscou disciplinar tanto quanto podia. Via de regra, traziam uma expressão entediada; por vezes, porém, a máscara caía, revelando a atividade do cérebro por trás deles. Quando se fixavam em alguém, davam uma impressão curiosa, como se enxergassem não a parte exterior, física, do sujeito, mas a verdadeira personalidade escondida por trás dos traços faciais.

— Uma segunda ocorrência? Hum! Você está atuando no atacado aqui em Whistlefield, Senhor Stenness.

Stenness não pareceu impressionado com o tom brincalhão. Sentiu que aquele par de olhos penetrantes lhe percorriam o corpo; e, embora o chefe de polícia não o tenha encarado, teve a sensação de estar sendo examinado e catalogado para futura referência. Também não gostou do tom do chefe de polícia; intencionalmente ou não, parecia beirar o macabro.

— Vamos começar? — sugeriu Wendover. — É bom seguir a pista enquanto ainda está fresca, não é, Clinton? Cada minuto conta.

Sir Clinton assentiu com um movimento de cabeça e chamou seu cachorro com um estalo de dedos.

— Poderia nos levar até os corpos, Senhor Stenness?

Sem responder, Stenness foi à frente mostrando o caminho, seguido

de perto pelo grupo todo. O chefe de polícia esquadrihava os corredores à medida que caminhava, mas não fez nenhum comentário. Wendover, por sua vez, sentiu que precisava justificar sua presença; enquanto atravessavam os becos, ele alcançou o secretário.

— Curiosa coincidência, Stenness. Sir Clinton é meu amigo e calhou de estar passando uns dias em minha casa. Que sorte! Quando você ligou para a delegacia de polícia, eles transferiram de imediato para a granja. Já fui preparando o carro; e, a caminho, pegamos os policiais na delegacia. Se tivéssemos planejado, não nos sairíamos tão bem, não é?

Em seguida, tomando outra linha de raciocínio, acresceu:

— Coisa terrível para a família! É uma tragédia! Será um choque para a Senhorita Hawkhurst, não?

Antes que Stenness pudesse responder, chegaram à entrada de um dos centros do labirinto. O secretário dirigiu-se ao chefe de polícia.

— Este lugar é chamado “Lagoa de Narciso”, Sir Clinton. Encontramos o corpo de Neville Shandon aqui. O corpo de Roger Shandon está no outro centro do labirinto.

Sir Clinton assentiu com a cabeça, sem responder; tirou o chapéu e entrou no recinto. O corpo estava na mesma posição em que Stenness o havia deixado desde a última vez que o vira; e o chefe de polícia nem tentou tocá-lo, ainda que o tenha examinado minuciosamente.

— Esqueci de lhe dizer — sussurrou Wendover —, chamamos um médico para examinar o corpo. Ele chegará em breve.

O chefe de polícia levantou-se lentamente.

— Dois ou três pequenos ferimentos, aparentemente; mas não houve muita perda de sangue. Depois que o médico o inspecionar, poderemos examiná-lo completamente. Enquanto isso, é bom que não se mexa em nada. Pode nos levar até o outro corpo, Senhor Stenness?

Deixando um dos policiais de guarda junto do cadáver, o grupo seguiu, sob a liderança de Stenness, até o segundo centro do labirinto. No percurso, Wendover deu algumas outras informações a Stenness.

— Que sorte que Driffield estava por perto, hein? Sem demora chegará à verdade, pode confiar nele quanto a isso. Ele vivia na África do Sul; ocupava um posto importante na polícia de lá. Depois, voltou para casa por questões familiares e acabou assumindo o cargo de chefe de polícia. Homem perfeito para atuar aqui. A região lhe dá bastante trabalho, e isso o mantém ocupado. A propósito, ele está a par das andanças de Roger Shandon na Cidade do Cabo.

— Creio que Shandon fez parte de sua fortuna lá — confirmou Stenness.

Ao entrarem no Caramanchão de Helena, Stenness observou o erguer das sobrancelhas do Senhor Clinton quando ele se deparou com o estranho que haviam encontrado no labirinto.

— Ah! Senhor Timothy Costock?

O prisioneiro demonstrou ainda mais surpresa.

— Ora, ora, é o Driffield! Que sorte! Parece que não dá para fugir de você. Mas, desta vez, você está seguindo a pista errada. Não encostei um dedo neste camarada — falou, apontando para Roger Shandon.

— Ninguém o acusou de encostar os dedos nele, nem atribuiu a você nenhum crime, *ainda* — disse Sir Clinton, secamente. — Ouvirei a sua versão mais tarde. Não perca tempo confabulando; contar a verdade nua e crua é o melhor a fazer. O caso aqui é mais sério do que contrabando de diamantes.

Fez uma pausa e, então, prosseguiu:

— Agora estou me recordando... Quando pus a mão em você naquela ocasião em Kimberley, você não passava de um capanga de Shandon.

Quando Costock abriu a boca para protestar, Sir Clinton o cortou abruptamente:

— Se eu fosse você, ficaria de bico calado. Ninguém está pedindo que você se incrimine.

A sugestão foi suficiente para o ex-agente financeiro; o protesto morreu em seus lábios. Sir Clinton não perdeu mais tempo com ele, pondo-se a examinar cuidadosamente o corpo de Roger Shandon. Enquanto se levantava, Stenness se adiantou.

— Sir Clinton, este é o Senhor Howard Torrance, um hóspede da casa. Ele estava no labirinto no momento do assassinato. Torrance, este é o chefe de polícia.

Em seguida, virou-se para o jardineiro.

— E este é Skene, um dos jardineiros da propriedade. Acompanhou-me até aqui tão logo ficamos sabendo do ocorrido.

Sir Clinton agradeceu as explicações de Stenness com um aceno de cabeça. O secretário, em poucas palavras, fornecera todas as informações necessárias.

Tendo sido apresentado, Howard Torrance aproveitou a oportunidade.

— Aqui estão alguns dardos. Skene os encontrou aos pés da cerca-viva. Ao lado deles, havia esta tampa.

Sir Clinton tomou em mãos a tampa e inspecionou os pequenos projéteis que foram recolhidos.

— Dardos de espingarda de ar comprimido, sem dúvida — observou.

Como era de seu feitio, ele não mencionou outro fato igualmente óbvio: aqueles não eram dardos comuns. O penacho de lã, geralmente de cores berrantes, fora tingido de marrom; e havia, agarrado às fibras, um pó ferruginoso. Uma pequena porção do mesmo pigmento podia ser vista nos invólucros de metal dos dardos, perto das pontas. Com

cuidado, Sir Clinton colocou a coleção de volta no lugar.

— Bem, Skene — disse, virando-se para o jardineiro —, belo trabalho. Você pode me mostrar o local exato onde encontrou esses objetos?

Visivelmente satisfeito com o elogio do chefe de polícia, Skene estava ansioso para indicar o local preciso onde encontrara os dardos e a tampa da latinha.

— Você recolheu tudo, não? Pelo menos tudo o que você podia ver daqui, certo?

Howard Torrance, que observava o chefe de polícia, ficou surpreso ao notar que seus olhos, em vez de esquadriharem o chão, pareciam percorrer a superfície da cerca-viva; e quando Skene respondeu à sua pergunta, Sir Clinton parecia estar com a cabeça em outro lugar. Ele se dirigiu a Stenness.

— Você consegue nos levar até o outro lado desta cerca-viva, naquela altura ali?

Mais uma vez, Stenness abriu caminho pelo labirinto; e Sir Clinton percebeu que era preciso percorrer uma distância considerável até o ponto em que desejava chegar.

— É aqui? — perguntou, quando Stenness parou de andar. — Agora está bem claro — acrescentou, enquanto parava para recolher algo na beira do caminho. Assim que ele estendeu o objeto, reconheceram que se tratava do fundo da lata cuja tampa havia sido encontrada antes. Sir Clinton dirigiu-se aos policiais.

— Vasculhem a área e vejam se conseguem encontrar mais desses dardos. Não deixem nenhum para trás, não se esqueçam. E tomem cuidado ao manejá-los. São, evidentemente, mortíferos.

Como Stenness e Howard Torrance deram sinais de que pretendiam ajudar nas buscas, o chefe de polícia os deteve com um gesto.

— Vamos deixar esse trabalho para os policiais — disse, com firmeza.

Novamente, ele parecia mais interessado na própria cerca-viva do que no entorno de suas raízes, onde outros dardos talvez estivessem ainda ocultos; passados alguns instantes, avançou e parecia espreitar para dentro da vegetação, num ponto específico dela. Quando deu um passo atrás, Howard avançou, curioso; e Sir Clinton lhe abriu caminho. Ao olhar pelo mesmo ponto que Sir Clinton havia olhado, conforme observara, notou uma abertura oculta. Os galhos haviam sido podados de modo a formar um túnel, cujas extremidades foram recobertas com uma fina camada de folhagem; e uma olhadela pela abertura mostrou que ela dava diretamente para a cadeira em que Roger Shandon estava sentado quando foi assassinado.

Mas Sir Clinton parecia já ter perdido o interesse na questão. Ele

assobiou; e o cachorro, que havia sido deixado para trás, no Caramanchão de Helena, foi até ele correndo.

— Dê uma farejada — disse ao animal, enquanto lhe estendia parte da caixinha que ainda tinha em mãos. — Veja o que descobre!

Dirigiu-se a seus companheiros.

— As chances são pequenas; não o culpem caso ele não encontre nada.

Parte da personalidade de Sir Clinton foi revelada nesse peculiar pedido de desculpas. Ele sempre fora conhecido pela sua lealdade para com os subordinados e pela prontidão em reconhecer que certas tarefas eram impossíveis. Essa característica lhe atenuava a severidade quando tinha que lidar com a ineficiência.

— Isso mesmo! Bom garoto! Está farejando algo! — anunciou Wendover, desnecessariamente.

O animal, ao que parece, tinha farejado alguma coisa, porque disparou com pressa pelos becos, seguido por Sir Clinton e os outros três homens. Os policiais continuavam fazendo buscas entre as raízes das cercas-vivas.

A rota pela qual o cachorro os conduziu não era nem um pouco simples; parecia que iam e vinham para frente e para trás, quase aleatoriamente.

— Ninguém que conhecesse o labirinto tentaria sair dele por esse caminho — comentou Stenness, por fim.

Seu comentário era quase desnecessário, pois o cachorro já havia parado mais de uma vez no meio do caminho para corrigir seu trajeto, sem motivo aparente. Foi Howard Terrance o primeiro do grupo a perceber o significado daquele traçado confuso.

— Claro! — explicou. — O assassino não saiu de imediato do labirinto. Provavelmente, deparou-se com a Senhorita Forrest e comigo, ambos bloqueando sua rota de fuga repetidamente enquanto perambulávamos pelo labirinto. Ele precisava evitar ser visto por nós. É por isso teve que dar voltas assim.

Finalmente, o cachorro os conduziu à entrada do labirinto, passou pelo portão de ferro e cruzou avidamente o gramado. A pista os havia levado até o rio que margeava o labirinto, onde havia sido plantado um pequeno arvoredor; e ali o cachorro mergulhou. Alguns passos adiante, parou subitamente ao pé de uma árvore.

— Talvez ele a tenha escalado — sugeriu Wendover, aproximando-se para examinar o tronco. — Vejam! Há uma leve marca aqui no tronco, mais ou menos na altura que um homem alcançaria com seus pés.

Sir Clinton examinou a marca, que era de fato muito discreta. Então, olhou para o cachorro, que seguia em uma nova direção.

— Nesse caso, suponho que ele se cansou da vista e resolveu descer.

E o que costuma acontecer; raramente alguém sobe além do topo.

Ele partiu atrás do cachorro, que agora dirigia-se correndo para a estrada que ladeava o labirinto. Parecia desorientado. Farejava com afinco, procurando cada vez mais longe, na tentativa de recapturar o rastro; logo ficou claro que o havia perdido. Sir Clinton o levou de volta à árvore para que recomeçasse do zero. Desta vez, ele acompanhou de perto o trajeto; seus companheiros notaram que ele sacou um papel do bolso e ia espalhando pedacinhos de papel picado pela grama, de modo a marcar a rota que o animal fazia. Mas essa tentativa também fracassou. Para além da estrada, parecia que o rasto desaparecia.

— Talvez devamos desistir — admitiu Sir Clinton. — Não dá para esperar que um animal irracional seja infalível.

Enquanto chamava o cachorro de volta, uma buzina soou, e o grupo viu que um carro se aproximava, vindo da direção da casa.

— É o nosso médico, espero — deduziu Sir Clinton; e Stenness confirmou o palpite.

Em poucos minutos, sob a orientação de Stenness, todos chegaram ao Caramanchão de Helena. Lá, o médico propôs começar a examinar os corpos; o chefe de polícia, entretanto, interveio.

— Um minuto, doutor. Antes que você mude algo de lugar, quero tirar umas fotografias. Nada melhor do que montar uma ficha para consultas futuras.

Ele pegou a mala que um dos policiais trazia consigo e dela tirou uma enorme máquina fotográfica. Em seguida, guiando-se pelas pegadas deixadas na grama, recolocou a cadeira que havia sido derrubada em seu devido lugar; por fim, marcou a posição exata da abertura na cerca-viva com um pedaço de papel.

— Preciso de algo que sirva de escala — explicou, por último. — O senhor se importaria de se sentar na cadeira, Senhor Stenness? E talvez o senhor pudesse ficar ali, ao lado da abertura, Senhor Torrance?

Ele olhou ao redor do recinto por um instante.

— E aqui, Costock, você pode se dirigir àquele canto. Isso dará uma noção de distância.

Quando todos se posicionaram, ele tirou uma série de fotografias, de diferentes ângulos.

— Agora, doutor, você está livre para trabalhar.

O médico, porém, examinou o corpo superficialmente.

— Acho que seria melhor levar o corpo até a casa. O sol já está se pondo, e a luz não está muito boa aqui. Além disso, aqui não dá para fazer alguns procedimentos.

— Há um segundo corpo esperando por você — explicou Sir Clinton. — Ainda teremos que repetir tudo.

O médico, um homem taciturno, deu de ombros, sem fazer nenhum

comentário; e o grupo seguiu, guiado por Stenness, à Lagoa de Narciso. Sir Clinton deu orientações aos seus homens e enviou o jardineiro à casa para trazer algo para transportar os corpos. Só então repetiu-se o procedimento fotográfico; e, por fim, o médico examinou o cadáver de Neville Shandon.

— Deve haver uma abertura nesta cerca-viva aqui também — meditou o chefe de polícia em voz alta —, mas não vale a pena procurá-la agora. Ela não vai fugir.

Os policiais relataram que encontraram inúmeros outros dardos, tanto dentro da própria cerca-viva quanto do lado de fora; Skene, ao que parecia, havia recolhido todos os que estavam na parte interna. Sir Clinton contou os pequenos projéteis cuidadosamente, depositou-os na latinha de estanho e guardou-a no bolso.

— Ao todo são onze. Voltem e façam uma nova busca. Preciso de todos esses dardos, ainda que vocês tenham de procurar à luz de um lampião. Certifiquem-se de que nada, absolutamente nada, foi deixado para trás.

Skene chegou logo depois, acompanhado de dois outros jardineiros carregando tapumes; os dois corpos foram levados até os carros e transportados para a casa. A dois outros policiais que chegaram, foi dada a instrução de fazer uma busca, sob a orientação de Skene, em todo o labirinto, para ver se encontravam algo suspeito.

Quando os corpos se encontravam num dos quartos, Sir Clinton e o médico procederam a uma inspeção detalhada. Cada uma das vítimas foi atingida por três dardos. No caso de Neville Shandon, os ferimentos levavam a crer que os projéteis foram disparados pela frente, com leve inclinação lateral. O corpo de Roger, por outro lado, trazia um dardo cravado na nuca e dois outros na região superior das costas, entre a coluna e o ombro esquerdo. Além dos pequenos orifícios abertos pelos dardos, nenhuma das vítimas apresentava traços de luta corporal nem outros tipos de ferimentos.

— Veneno, obviamente — concluiu Sir Clinton.

O médico concordou e ratificou a conclusão do chefe de polícia:

— Nenhum desses dardos atingiu pontos vitais. Sozinhos, jamais bastariam para matar um homem.

— Algum palpite quanto ao veneno usado?

O médico balançou a cabeça negativamente.

— Não é minha especialidade. Talvez um desses venenos para flecha usados por povos indígenas. Ardsley poderá lhe dizer algo sobre eles, provavelmente.

— Quem é Ardsley? Quero falar com ele, sem demora.

— Ele vive aqui perto, a menos de um quilômetro. É médico, mas não exerce a profissão. Coincidentemente, sua linha de trabalho envolve

mais ou menos a toxicologia. E também fisiologista. Sei que ele tem licença para fazer vivissecção. Seria bom falar com ele, pode ser que lhe dê alguma pista.

Sir Clinton pareceu pensativo por um instante.

— O que me intriga é que um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Eu mesmo vou tomar conta desse caso; há trabalho suficiente para ocupar dois homens pela próxima hora. No momento, o tempo joga contra mim.

O médico, refletindo sobre os conflitos da prática médica rural, inclinava-se a concluir que Sir Clinton parecia fazer tempestade em copo d'água.

CAPÍTULO V

As provas do caso

Quando o médico concluiu seu trabalho e deixou o cômodo, Sir Clinton sacou do bolso a latinha de estanho que continha os dardos e foi até a janela para melhor examiná-los. A lata em si não oferecia nenhuma pista; era bastante comum. Voltou-se, então, para os próprios dardos.

“Essa substância marrom no penacho é, evidentemente, o veneno, qualquer que seja”, refletiu. “Não parece em quantidade suficiente para matar um homem, sobretudo considerando que tiveram uma morte rápida. Nem sequer veneno de cobra comum faria efeito tão rápido. E, no entanto, me parece que esses camaradas não se mexeram muito depois de terem sido atingidos, a julgar pelas condições em que os encontramos caídos no chão”.

Sacou do bolso uma lupa Coddington e examinou um dos dardos cuidadosamente; em seguida, munido de um alfinete, inspecionou uma mancha escura próxima à ponta do projétil.

“É isso! Ele fez um buraco no metal e o preencheu com veneno. Isso significa que uma boa quantidade dele lhes penetrou a pele; e o sangue, rapidamente, tirou a substância da cavidade, uma vez que ambos os lados foram abertos. O diabo é esperto mesmo!”.

Prudentemente, recolocou o dardo na lata; mas, antes de metê-la de volta no bolso, contou cuidadosamente os projéteis.

“Há onze deles aqui; e mais seis nos dois cadáveres”.

Olhou novamente para a lata, que estava aberta, tentando estimar quantos dardos ela poderia conter.

“Acho que isso é tudo”.

O médico extraía dos corpos os seis dardos fatais, depositando-os num pedaço de pano sobre o toucador. Sir Clinton os enrolou nele com cautela; tirou do bolso sua cigarreira, esvaziou-a e depositou nela os dardos.

“Assim, é improvável que eu me espete neles sem querer, a não ser que esbarrem em mim”.

Depois de colocar a cigarreira contendo os dardos dentro da lata de estanho e guardá-la no bolso, saiu do cômodo e desceu as escadas. As janelas da casa haviam sido fechadas; mas Sir Clinton conseguiu chegar, mesmo na penumbra, ao gabinete de Roger Shandon, onde se deparou com Wendover, os dois convidados e o secretário. Costock ficara no corredor, sob a vigilância de um policial.

— Agora — disse Sir Clinton enquanto se sentava —, temo que terei de importuná-los com algumas perguntas. O que quero, acima de tudo, são os fatos; nada mais. Quanto às hipóteses, estas ficarão para outro momento. Qual de vocês foi o último a ver os Shandon vivos?

— Acho que fui eu — voluntariou-se o secretário. — Por volta das três e dez da tarde, Roger Shandon mandou uma de suas criadas me chamar; dirigi-me de imediato a este gabinete. Ele me deu algumas instruções a respeito de suas correspondências. Enquanto o fazia, Neville Shandon deu uma espiadela para dentro do cômodo; trazia em suas mãos alguns papéis. Vendo que estávamos ocupados, foi embora. Isso se deu por volta de três e vinte e cinco. Quase imediatamente depois, Roger Shandon me dispensou; e vi pela janela que se dirigia ao labirinto. Essa foi a última vez que vi ambos, até encontrar seus corpos no labirinto.

Sir Clinton foi até a escrivaninha e tomou uma nota.

— Você viu Neville Shandon pela última vez lá pelas três e vinte e cinco da tarde e Roger, digamos, por volta das três e meia?

— Até onde consigo me lembrar, sim — confirmou Stenness.

Sir Clinton refletiu por alguns instantes.

— Calculo que uma pessoa, partindo desta casa e caminhando num ritmo normal, levaria no mínimo dez minutos, ou talvez onze ou doze, para alcançar o labirinto. Isso significa que Neville Shandon talvez tenha chegado ao labirinto às três e trinta e sete; e, Roger, às três e quarenta e dois. Talvez um pouco depois disso; é possível, também, que tenham chegado lá em ordem diferente, uma vez que ninguém de fato os viu adentrar o labirinto, até onde se sabe.

O secretário assentiu com um gesto de cabeça. Sir Clinton dirigiu-se então para Torrance.

— Suponho que você nos possa dar mais informações.

Howard Torrance relatou sua versão dos eventos até o momento em que encontrou o corpo de Neville Shandon no recinto da Lagoa de Narciso.

— Queremos horários exatos — lembrou-lhe Sir Clinton, assim que ele concluiu a narrativa.

— Só me lembro de dois. Calhou de eu consultar o relógio quando eu e a Senhorita Forrest estávamos conversando à sombra

das árvores. Passava das três horas da tarde; acho que eram três e vinte, mas não posso garantir. Novamente vi as horas quando encontrei o corpo de Neville Shandon: eram três e cinquenta e dois. Desta eu tenho certeza, porque lhe prestei especialmente atenção, pensando que poderia vir a ser útil.

Sir Clinton tomou nota das informações.

— Agora, Senhorita Forrest, sei que passou por maus bocados. Não quero afligi-la sem necessidade, mas é essencial que conte o que testemunhou no labirinto. Pode ir com calma; não há motivos para nervosismo, já que agora está em segurança.

Vera relatou sua versão dos fatos, a qual ele ouviu, sem lhe fazer nenhuma pergunta, até que ela terminasse.

— Muito obrigado, Senhorita Forrest. Só uma coisa. A senhorita ouviu passos no labirinto várias vezes, de um homem que numa hora corria e noutra caminhava na ponta dos pés. Tem certeza disso?

— Absoluta. Não me vou esquecer disso tão cedo.

— Entendo perfeitamente — disse Sir Clinton suavemente, visto que a garota ficara visivelmente abalada pela mera recordação dos fatos. — Pergunto essas coisas apenas para ter certeza. Por acaso a senhorita não confundiu os passos do Senhor Torrance com os do assassino?

Ao ouvir essa pergunta, refulgiu no rosto do secretário um lampejo de compreensão, como se tivesse se dado conta de algo que anteriormente havia passado despercebido. Ele olhou para Howard Torrance por um instante, como se tentasse decifrar sua expressão; depois, voltou a olhar para a garota.

— Eu não tinha pensado nisso — admitiu Vera, com franqueza. — Mas acho que não confundi.

— Você ouvia a voz do Senhor Torrance de tempos em tempos — continuou Sir Clinton. — Talvez ele lhe tenha chamado ao longe, ao mesmo tempo que você ouvia passos por perto. Veja, é essencial para o caso, se possível, descobrir exatamente quando o assassino deixou o labirinto; e só poderemos fazê-lo verificando seus movimentos dentro do labirinto.

Vera refletiu por um instante antes de responder.

— Não saberia dizê-lo. Sabe, Sir Clinton, eu estava em pânico, quase perdendo a cabeça. Não prestei atenção em nada. Não consegui. E há ainda outra coisa: eu percebi que não era possível identificar de onde partiam os sons que chegavam até mim. Era como se o labirinto, de alguma maneira, embaralhasse todos os ruídos. Eu realmente não estava ciente da posição do Senhor Torrance em nenhum momento em que ele gritava.

Sir Clinton assentiu com a cabeça.

— Prefiro que você diga isso do que force a memória para tentar montar uma narrativa coerente. Agora, só para deixar claro: você realmente ouviu uma vez, bem perto da senhorita, os passos do assassino, ou, pelo menos, de alguém, do outro lado da cerca-viva? E isso antes de encontrar o corpo de Roger Shandon?

Vera confirmou com a cabeça. Para seu alívio, Sir Clinton voltou-se para Stenness.

— Você prestou atenção ao horário em que a Senhorita Forrest voltou para casa?

— Consultei o relógio enquanto ela me contava o ocorrido. Eram quatro e quarenta e dois. Cheguei ao labirinto às cinco e dezesseis.

— Você estava no seu quarto, no andar de cima, quando a Senhorita Forrest chegou?

— Sim. Meu quarto fica na parte de trás, de modo que eu não poderia ter visto sua chegada, mesmo que estivesse olhando pela janela. Dei-me conta do que ocorria quando ouvi a criada aos berros.

Sir Clinton acrescentou um apontamento às suas anotações. Em seguida, voltou-se para todos num tom um pouco mais relaxado.

— Estes são os fatos, então, que vocês atestariam sob juramento no banco de testemunhas. Presumo que me contaram tudo que é relevante; mas, para falar a verdade, esses fatos não ajudam muito. A polícia não pretende conhecer os detalhes das vidas privadas de cada um; mas, quando um caso como este acontece, temos que meter o bedelho, quer queiramos, quer não. Até aqui, nos ativemos aos fatos; agora, porém, eu gostaria, se possível, de conhecer a opinião pessoal de vocês quanto ao significado deles. Vocês provavelmente sabem mais o que acontece intimamente em Whistlefield do que eu. Isso sugere alguma coisa a vocês em relação a esse caso?

Ele olhou para os rostos de cada um, sem formular uma pergunta direta a nenhum dos seus ouvintes. Vera Forrest foi a primeira a falar.

— Sei tão pouco quanto o senhor, Sir Clinton. Claro, sou amiga de Sílvia; mas sei dos negócios de seus tios tanto quanto um visitante ocasional poderia saber em alguns dias de estadia na casa. Tudo isso, para mim, é um absoluto mistério.

Howard Torrance alinhava-se a Vera.

— Estou na mesma situação que a Senhorita Forrest. Conheci Neville Shandon há poucos dias. Roger era apenas um conhecido; e nunca me senti inclinado a forçar intimidade. A rigor, sou um convidado da Senhorita Hawkhurst, assim como a Senhorita Forrest.

Sir Clinton se virou para o secretário.

— O senhor talvez tenha tido melhores oportunidades, Senhor Stenness?

O secretário admitiu com um aceno de cabeça.

— Fui secretário do Senhor Roger Shandon nos últimos dois anos, quase três. Você quer que eu fale de sua vida particular?

— Sim, tudo o que lhe parecer útil. Já não pode prejudicá-lo.

— Bem, então posso dizer que, de tempos em tempos, ele recebia cartas que continham ameaças. A última delas chegou há apenas alguns dias. Foi escrita por aquele homem, Costock, que está ali fora, no corredor. Posso mostrá-la, se necessário.

Sir Clinton contentou-se em dizer:

— Sei um pouco da carreira de Costock.

Ele olhava para Stenness como se esperasse mais informações, mas o secretário parecia não ter nada a acrescentar.

— Talvez o senhor possa nos contar sobre as relações entre os vários membros da família. Isso não lhe deve ter escapado à atenção — sugeriu Sir Clinton.

Stenness refletiu por alguns instantes, como se estivesse colocando os pensamentos em ordem.

— Os três irmãos pareciam se dar bem. Nunca notei nenhuma animosidade entre eles. Neville era um pouco valentão; o seu jeito, quero dizer. Ele sempre tratava os outros como se fossem testemunhas hostis; mas talvez fosse só sua maneira de ser. Roger tinha, por vezes, o pavio curto. Ele não se dava bem com o sobrinho, por algum motivo. Mas até onde sei, o sentimento não era recíproco. O jovem Hawkhurst parece um menino inofensivo. Meio temperamental desde que sofreu o ataque da doença do sono.

Sir Clinton pareceu ter ficado com a pulga atrás da orelha.

— Ele foi acometido pela doença do sono? Ficou com alguma sequela?

— Nada digno de nota, exceto essa instabilidade, melancolia, como queira. Muito alegre num dia e muito deprimido logo depois, percebi às vezes.

Sir Clinton não insistiu no assunto.

— O senhor ficou sabendo de alguma desavença entre as pessoas do local? — perguntou. — Quero dizer, atrito com as criadas, os jardineiros ou os vizinhos?

Stenness forçou a memória por alguns instantes.

— Não, nada que eu me lembre. Houve, não faz muito tempo, um pequeno desentendimento com o Doutor Ardsley a respeito dos direitos de pesca; e algumas cartas exaltadas foram trocadas entre ele e Roger Shandon. Mas não foi nada importante; foi mais uma discussão, nada que causasse ressentimentos em nenhum dos dois.

— Sabe de alguma questão que envolva dinheiro? Ambos viviam confortavelmente?

— Dizia-se que Neville recebia enormes somas de dinheiro com alguns casos. Roger, isso eu sei, tinha muito dinheiro. Ele frequentemente me enviava ao banco para descontar cheques ao portador em sua conta; alguns deles com cifras que chegavam aos milhares.

— E ele os trocava por dinheiro em espécie? Isso é bem incomum.

— Tenho a impressão de que ele jogava bastante; roleta e coisas do tipo. Apostas de alto risco. Frequentemente me encarregava de pagar, em seu nome, grandes quantias em dinheiro vivo.

Sir Clinton pareceu anotar mentalmente a informação.

— E quanto ao terceiro irmão? Creio que se chama Ernest, certo?

Uma ligeira expressão de desprezo perpassou o rosto de Stenness ao ouvir o nome de Ernest.

— Ele não é como os outros dois.

Então, o eficiente homem deixou transparecer todo o seu desdém por alguém incapaz.

— Até onde sei, ele nunca fez nada na vida. Os irmãos o sustentavam. Ele passa os dias à toa: pescando, atirando, ou simplesmente dando voltas por aí. Foi seu hábito de pescar, aliás, que causou o atrito com o Doutor Ardsley.

Sir Clinton inclinou-se na cadeira e fitou o secretário.

— Tudo isso é muito interessante, Senhor Stenness; mas tenho a impressão de que o senhor sabe de algo que ainda não nos contou. O que é?

O secretário o encarou longamente antes de replicar.

— Não acho que esse caso seja uma questão local. As provas indicam algo completamente diferente.

— Ah! Isso que eu queria, Senhor Stenness.

Sentindo-se encorajado, Stenness não perdeu tempo.

— Quando Neville Shandon deu uma espiada para dentro do cômodo antes de se dirigir ao labirinto, trazia consigo um maço de papéis nas mãos. Quando eu examinei seu corpo, notei um pedaço de papel rasgado. Consegui ler “Hackl...”, escrito com a letra de Neville, bem como algumas outras palavras.

— Correto — interrompeu Sir Clinton —, o tenho aqui em meu bolso. E disso você deduz...?

— Deduzo que esse pedaço é tudo o que restou de suas anotações para o interrogatório de Hackleton, que aconteceria nesta semana.

— Ou seja, o senhor pensa que alguém, a mando de Hackleton, é o assassino; e o motivo seria tirar Neville do caso de uma vez por todas?

— O senhor que está dizendo isso, não eu — comentou Stenness, adotando, de repente, uma atitude mais cautelosa. — Mas isso já

aconteceu antes.

Sir Clinton assentiu com a cabeça.

— O senhor se refere à tentativa de assassinato de Labori no caso Dreyfus, ^[6] suponho.

— Esse caso se assemelha ao que o senhor esboçou.

— E os apontamentos seriam úteis para a defesa de Hackleton, que conheceria a linha de inquirição com antecedência?

Stenness manteve-se cauteloso.

— Essa hipótese é sua, não minha.

— Mas, supondo isso — perguntou Sir Clinton —, por que matar Roger Shandon? Ele nada tinha a ver com o caso.

Stenness trazia a resposta na ponta da língua.

— É preciso ter em mente que os irmãos, por serem gêmeos, eram bastante parecidos; além disso, vestiam-se de maneira parecida. Por acaso uma pessoa estranha não poderia tê-los confundido, matando um deles? Obviamente que sim. É então, se encontrou o outro irmão, pode ter concluído que se enganara: e se o segundo irmão fosse o alvo original? Por acaso ele não terminaria o serviço?

— É uma teoria engenhosa, Senhor Stenness — observou Sir Clinton; mas não fez mais nenhum comentário.

Howard Torrance ouvira atentamente a conversa.

— Acho que dificilmente as coisas se encaixam. Neville já estava morto quando o encontrei; e eu tinha acabado de ouvir Roger gritando... ou pelo menos... — ele hesitou por alguns instantes, para então se retratar. — Não, talvez você tenha razão. Eu confundi a ordem em que os corpos foram encontrados com a dos assassinatos.

— Não há indícios que apontem para a ordem dos assassinatos — observou Stenness. — Ambos estavam mortos quando foram encontrados, e isso é tudo o que sabemos.

Neste momento, ouviram-se passos do lado de fora; a porta se abriu ruidosamente, e Sir Clinton viu um estranho adentrar o cômodo. Ao ver que o recém-chegado trazia nas mãos uma arma de ar comprimido, Vera Forrest deixou escapar uma leve exclamação.

— Este é Sir Clinton Driffield, Senhor Hawkhurst — Stenness apressou-se em explicar. — O chefe de polícia.

Arthur Hawkhurst apoiou sua arma de ar comprimido contra a parede e se aproximou.

— O senhor costuma andar sempre escoltado? — perguntou, com um sorriso pueril. — Notei a presença de um policial e de um homem à paisana lá fora, no corredor.

Em seguida, virando-se para Stenness, prosseguiu:

— O tio Roger está por aqui? Devo-lhe um pedido de desculpas.

Ele está irritado comigo por causa do piano, sabe? Tenho que acalmá-lo. Tentar fazer as pazes, essas coisas.

Stenness lançou um olhar interrogativo para Sir Clinton. Obtendo a resposta que esperava, deu a má notícia a Arthur.

— Como? Ambos foram mortos? É um absurdo!

Foi só então que a visão do chefe de polícia e a lembrança do homem uniformizado do lado de fora pareceram convencê-lo.

— Mas é claro! Isso explica a presença da polícia. E ambos se foram? Pobrezinhos! Pobrezinhos!

Aquilo não era exatamente o que se poderia esperar de um *réquiem* para os mortos; mas seu tom parecia sincero, bem como suas palavras. Ele acrescentou, pensativo:

— E agora nunca vou me livrar desse pedido de desculpas, depois de remoê-lo a tarde toda. Eu lhe devia isso.

Sir Clinton atravessou o cômodo e apanhou a arma de ar comprimido.

— Parece bem robusta. É possível matar algo com ela?

O pesar de Arthur pareceu se desvanecer com a introdução desse novo tópico.

— Estive no bosque hoje à tarde caçando coelhos, levei-a comigo. Faz menos barulho que essas espingardas de pequeno calibre, assim os coelhinhos se assustam menos quando é disparada. De qualquer modo, durante toda a tarde, só consegui abater uns poucos.

Sir Clinton não respondeu. Testou a mola da arma de pressão; certificou-se de que a arma estava descarregada e puxou o gatilho. Para uma arma daquele tamanho, o disparo não produzia um estampido muito forte. Ele estava prestes a repetir o procedimento quando ouviu o som de passos trêmulos no corredor. De novo a porta do cômodo se abriu, e Sir Clinton rapidamente apoiou a arma contra a parede.

Ernest Shandon entrou arrastando os pés e contemplou, piscando repetidamente os olhos e embotado de surpresa, o grupo ali reunido.

— Passei por maus bocados — disse, com rabugice. — Tive que caminhar por quilômetros com um prego enfiado na minha bota.

Stenness aproveitou-se mais uma vez do silêncio e explicou o que se passava. De início, Ernest pareceu verdadeiramente incrédulo.

— Você só pode estar de brincadeira, Stenness. Quer dizer, isso é impossível. Ninguém mata pessoas da nossa estirpe, não é? É o tipo de coisa que só vemos nas classes mais baixas.

Olhou com atenção de rosto em rosto, como se esperasse ver alguém sorrir; mas a seriedade do grupo pareceu, finalmente, fazê-lo aceitar a verdade.

— Então é sério?

Afundou-se numa poltrona e olhou mais uma vez para o grupo à sua volta, como se estivesse zozado pela tomada de consciência da tragédia.

— Ambos? Mas não faz nem três horas que conversei com eles. Falávamos sobre aquele caso Shackleton, ou Hackleton? Lembro-me de que Neville me perguntou se eu lia os jornais, e Roger... O que foi mesmo que Roger disse?... Ah sim, me lembrei. Roger o alertava para o fato de que Hackleton poderia resolver tirá-lo da jogada, ou algo assim. Não me lembro por quê; mas Roger foi muito enfático, disso me recordo bem. Em seguida saí, e os deixei a sós. E agora você me diz que ambos estão mortos! Não dá para acreditar, Stenness. Como? Eu estava falando com eles não faz nem três horas, neste mesmo cômodo.

— Infelizmente é verdade, Senhor Shandon — assegurou-lhe Howard Torrance. — Eu mesmo encontrei o corpo de Neville Shandon.

Ernest não lhe deu atenção. Parecia completamente chocado, agora que a notícia tinha entrado em sua cabeça. Por fim, recobrou ânimo suficiente para pedir detalhes do caso, aos quais ouviu com profundo interesse.

— Então foram mortos por dardos envenenados? E eu com esse prego cravado na bota. Se eu não tomar cuidado, pode infeccionar. Não tinha me dado conta disso.

Sir Clinton havia esperado um bom tempo antes de intervir na conversa; então, consultou o relógio e perguntou:

— Senhor Shandon, poderia nos dizer quando o senhor viu seus irmãos com vida pela última vez?

Ernest refletiu por alguns momentos, tentando se recordar. Então, balançou a cabeça, pesarosamente:

— Eu combinei de pegar uma carona com a Sílvia, minha sobrinha, mas ela disse que eu estava atrasado e me apressou para que me aprontasse. Eu fiquei um tanto atabalhado. Sílvia, porém, saberia dizê-lo, com toda a certeza. Ela é sempre pontual e se lembraria da hora exata em que saímos.

— Eu ouvi o carro partindo logo antes de o Senhor Neville Shandon olhar por aquela porta, Senhor Shandon — voluntariou-se Stenness. — Deve ter sido por volta das três e dez.

Ernest consentiu com um vago aceno de cabeça.

— Recordo-me que ela me mandou calçar as botas. Aliás, falando nisso, meu pé está bem dolorido. Espero que não tenha infeccionado.

Ignorando o grupo, começou a desamarrar o cadarço da bota e notou um pequeno rasgo na meia. Ocupou-se de tatear a parte de dentro da bota à procura do prego antes de se manifestar novamente.

— Pisei no prego assim que desci do carro de Sílvia. Continuei caminhando um pouco, mas começou a doer. Vocês têm ideia de como isso dói? Sentei-me por algum tempo na beira da estrada; por sorte, o carteiro passava por ali em sua carroça e me deu uma carona, caso contrário, eu não saberia o que fazer. É que eu não tinha nada para martelá-lo e dobrá-lo.

Tornou a examinar o pé.

Sir Clinton consultou o relógio, e mesmo seu rosto impassível deu sinais de impaciência.

— Lamento, Senhor Shandon, mas tenho que elucidar alguns fatos antes de ir embora. Isso é essencial; se não o fosse, não estaria aqui o importunando.

Ernest ergueu os olhos com ar de resignação.

— Ah, pode perguntar o que quiser. Ficarei contente de poder ajudar, muito contente. É uma situação muito triste para mim, para todos nós. Farei tudo o que estiver ao meu alcance, obviamente. A propósito, você se importa se eu pedir chá? Não como nada desde o almoço e estou um pouco cansado. Preciso do meu chá. Acho que me vai animar.

Alheio ao assombro do grupo, ele tocou a sineta e pediu seu chá.

— Agora, Senhor Shandon, peço por favor sua atenção. Estou ciente de que a sua família era composta por você, seus dois irmãos e a Senhora Hawkhurst, sua falecida irmã. Estou certo ou você tem outros parentes, além de seus sobrinhos?

Ernest piscou algumas vezes, como se estivesse refletindo.

— O parente mais próximo é uma prima de segundo grau. Acho que é assim que se diz, não? Ela é filha de uma prima de segundo grau. Acho que ela mora em Bath.

— Outra coisa — continuou Sir Clinton. — Você saberia dizer se alguém conseguiria, em segredo, aprender a se orientar no labirinto? Os jardineiros conhecem os caminhos, claro; mas o senhor consegue pensar em mais alguém?

Ernest piscou repetidamente enquanto pensava na questão.

— Ardsley, certa época, mostrou-se interessado no labirinto, antes de fazer aquele escândalo por causa da pescaria. Não voltou aqui desde então. Não que eu guarde rancor, sabe? Longe disso. Sempre penso que podemos discordar uns dos outros sem deixar os maus sentimentos tomarem conta, não acha?

Sir Clinton recusou-se a segui-lo nessa tangente.

— Mais ninguém?

— Não, não me recordo de mais ninguém que tenha demonstrado o mínimo interesse nisso. Não é o tipo de coisa que atrai o interesse das pessoas. Quero dizer, não é lá uma coisa muito útil, concorda?

Sir Clinton deixou de lado, por um instante, sua habitual reticência.

— É estranho que o assassino não tenha deixado nenhum rastro. Eu esperava que ele tivesse usado um fio que o guiasse para fora do labirinto, como Teseu.

Fez uma pausa, e então acrescentou:

— Mas talvez ele o tenha enrolado enquanto saía, para não deixar nenhuma pista.

Levantou-se enquanto ainda falava e fez suas últimas perguntas:

— O senhor suspeita de alguém, Senhor Shandon? Há alguém que poderia estar envolvido e que ainda não foi mencionado? Uma mulher, por exemplo?

Ernest Shandon, com seu jeitão devagar, pareceu refletir sobre essas questões.

— Não — respondeu, finalmente —, me parece que não. Pelo menos, não que eu saiba. É claro que meus irmãos tinham seus assuntos privados; mas isso é algo comum numa família, certo? Quer dizer, eles não me contavam tudo, é claro. Porém, à parte esse caso Shackleton, não me ocorre nada que poderia ser relevante para o caso. Não, não me recordo de ter ouvido nada do tipo.

O chefe de polícia não perdeu mais seu tempo.

— Terei que retornar, Senhor Shandon. Por favor, pense um pouco no assunto e, se lhe ocorrer algo que possa ser útil à investigação, não se esqueça de anotar. E o mesmo vale para vocês também — acrescentou, voltando-se para o restante do grupo.

Enquanto a porta se fechava atrás dele e de Wendover, ouviu Ernest dizer, num tom desconsolado:

— Isso vai ser um incômodo infernal!

No corredor, encontraram Costock sob a custódia de um policial, aparentemente resignado com sua detenção. Quando interrogado, pouco acrescentou à história que havia contado mais cedo a Stenness.

— Afinal, o que trouxe você a essa região? — perguntou Sir Clinton. — Não espera que acreditemos que veio parar aqui por acaso, não é?

— Não — admitiu Costock. — Se eu estivesse de treta com a polícia, ou com alguém, eu responderia que sim; e eu não arredaria pé da minha versão. Mas você me conhece bem, Driffield; isso não colaria com você. Então, vou dizer logo a verdade; vou mesmo.

Sir Clinton sorriu, e se mostrou incrédulo.

— Conte tudo o que sabe, já que está nisso — aconselhou —, e comece explicando como veio parar aqui justo agora.

— Veja bem, esse tal de Shandon, o Roger, me devia algo, sim.

Ele não jogou limpo comigo lá em Kimberley.

— Então você voltou para cá, assim que foi libertado, com o intuito de chantageá-lo? Isso me parece óbvio. Não havia necessidade de se justificar, Costock. Isso não tem relevância alguma, porque estou bem convencido de que vocês ainda não haviam atingido o estágio de negociação, de modo que não houve prejuízo. Você se hospedou no vilarejo, esperando a oportunidade de surpreendê-lo sozinho, suponho?

Costock confirmou com um aceno de cabeça.

— E agora explique, por favor, como você foi parar na cena do crime.

— Foi assim. Eu andava pelo vilarejo quando encontrei um barqueiro. Fazia calor, então pensei em ir até o rio dar uma volta de barco.

— E talvez aproveitar para inspecionar o entorno, ver se o terreno era fácil de ser acessado das margens do rio?

— Bem, não digo que sim nem que não. Poderia mesmo ser útil.

— E você carregava uma pistola consigo durante o passeio?

Costock tinha a resposta na ponta da língua.

— Pensei que talvez encontrasse Shandon e pudéssemos começar a conversar. Ele é um porco violento, ou pelo menos era; então, me pareceu melhor levar comigo um sossega-leão no bolso, pois eu não teria nenhuma chance contra ele no mano a mano. Ele teria me dado uma coça com uma mão só.

— Quando você saiu da casa de barcos do vilarejo?

— Lá pelas três horas, pelo que me lembro. O barqueiro poderá lhe dizer. Ele consultou o relógio antes de alugar o barco.

— Você subiu o rio bem devagar, então; e o que aconteceu depois disso?

— Enquanto eu avançava, me deparei com uma pequena casa de barcos e um cais. Sabia que o lugar pertencia a Shandon, pois eu já havia perguntado ao barqueiro sobre ele. Bem no momento que eu me aproximava, ouvi alguns gritos; então, parei de remar e deixei o barco deslizar. Depois, ouvi alguém berrar “assassinato!” a plenos pulmões atrás de umas cercas-vivas, perto da água. Então, atraquei, atrelei o barco e corri pela abertura mais próxima na cerca-viva. Foi assim que me enrosquei naquele emaranhado que eles têm lá, que chamam de “labirinto”.

— Por acaso você não viu, antes de entrar, se alguém saía dele?

— Não.

— Você percorreu o labirinto caminhando ou correndo?

Costock refletiu por um momento.

— Caminhando. Uma vez que estava lá dentro, me perdi, como

disse; e eu não quis sair correndo e dar de cara com um assassino numa esquina.

— E depois?

— Ah, depois disso, ouvi muitos gritos, e uma garota aos berros, coisas assim. Mas eu estava tão perdido que não conseguia chegar a lugar nenhum. Fiquei bem desorientado naquele maldito labirinto.

Sir Clinton virou-se para Wendover.

— Esse camarada foi revistado, não foi?

— Sim. Não carregava nada, a não ser a pistola, que já está conosco.

Sir Clinton voltou-se novamente para Costock.

— Você está liberado; mas terá de permanecer no vilarejo por um ou dois dias. Você ainda será intimado. Devo dizer, também, que você ficará sob vigilância, de modo que é inútil tentar fugir.

Ele dispensou o ex-agente financeiro com pouca cerimônia; entregou seu cachorro aos cuidados do policial, instruindo-o a levá-lo à granja; depois disso, desceu a escadaria em direção ao carro de Wendover.

⁶. Refere-se ao atentado sofrido por Fernand Labori durante o julgamento de Alfred Dreyfus, em 1899. Advogado de defesa de Dreyfus, Labori foi baleado e permaneceu afastado do tribunal por cerca de uma semana; o autor do ataque jamais foi identificado

— NE.

CAPÍTULO VI

O toxicologista

— Próxima parada, Escudeiro: a casa do Doutor Ardsley — informou Sir Clinton ao seu companheiro, enquanto se acomodavam no carro. — E pode dar uma acelerada, se possível.

A aparência de Wendover lhe rendera o carinhoso apelido empregado pelo chefe de polícia. Ele era um daqueles cavalheiros do interior, cordial e de rosto corado, que, à primeira vista, causavam uma impressão completamente equivocada. Num encontro fortuito, poder-se-ia muito bem concluir que se tratava de um sujeito um pouco extravagante, de inteligência limitada e de interesses ainda mais restritos; mas, por trás dessa fachada, havia um cérebro bastante afiado, que se deleitava, zombeteiro, ao exagerar seus trejeitos enganosos. Wendover estava longe de ser um tolo, embora gostasse de fazer esse papel.

— Certo — disse, enquanto acelerava o carro. — Não demorará para chegarmos lá. Mas o que você sabe a respeito de Ardsley? Eu nunca falei dele para você, que eu me lembre.

— Então não deixe para depois. Fale-me dele agora mesmo — sugeriu Sir Clinton. — Tudo o que sei é que ele é especialista em venenos, algo assim.

Wendover ficou alerta.

— Você disse “venenos”? Você não acha que...

Mas Sir Clinton não se deixou levar assim tão facilmente.

— Você tem toda a razão, Escudeiro. Não acho. Não sei por que, mas nunca levei jeito para essas coisas. Apenas me conte tudo o que sabe a respeito de Ardsley, por favor, e de maneira resumida, porque não temos muito tempo.

— Ardsley? — ruminou Wendover. — Ardsley é um desses malditos vivisseccionistas. E ele nem precisaria trabalhar com isso para se sustentar; ele retalha cães e gatos por puro prazer. É o que me parece, uma vez que ele dispõe de outra fonte de renda. É uma dessas pessoas de sangue frio, totalmente racional e nada sentimental. Gosta de escalar montanhas, e dizem que é bastante competente nessa arte. Faz parte do

Clube Alpino, se não me engano. É também um pescador de mão cheia; tem olhos de águia e parece ter feito um pacto com o demônio, tamanha é sua sorte quando pesca nos córregos da região. Lembro-me de que ele teve um desentendimento com Roger Shandon por causa disso.

Ele ponderou por alguns instantes:

— Acho que é isso.

Um novo assunto lhe ocorreu.

— Você não vai prender ninguém ainda, Clinton? É esquisito que tenha havido dois assassinatos e nenhuma detenção. Não tem medo de que o sujeito lhe escape por entre os dedos?

— Não muito — tranquilizou-o o chefe de polícia. — Estou na cola de Costock; orientei o policial a respeito disso. O resto do pessoal de Whistlefield também não vai a lugar nenhum, porque todos serão chamados a depor na investigação.

— Mas o camarada pode fugir nesse meio-tempo.

— Sim, se partirmos do pressuposto de que ele faz parte do círculo de pessoas ligadas à casa. Mas, se for o caso, ele terá de ser muito esperto; fotografei todos os que estavam no labirinto, usando como desculpa a necessidade de dar uma noção de escala. Uma fotografia vale mais que a descrição de alguém, não é?

Wendover ficou em silêncio por alguns segundos.

— Suponho que você vá consultar Ardsley a respeito dos dardos envenenados.

— Em parte, sim. Mas também para coletar impressões.

— Ah sim, ele certamente vai poder ajudar. Dizem que escreveu um livro de venenologia, é assim que se chama?

— Acho que você quis dizer “toxicologia”.

— Bom, toxicologia, que seja. Isso me lembra algo: por acaso você acha...

— Nunca. Isso vai totalmente contra os meus princípios mais estritos. Amanhã vou comprar o jornal local e ler o que o especialista em matérias policiais tem a dizer. Assim desvendo a coisa toda e poupo o aborrecimento de ter que pensar.

Wendover pensou ter desvendado o assunto sobre o qual ponderava o chefe de polícia. Apesar dos sinais que recebera, resolveu prosseguir sondando.

— Então você acha que talvez Ardsley seja...

— Existe uma lei contra a difamação, Escudeiro; mais um pouco e você pode ser enquadrado. Digo a você, com toda a franqueza, que, por ora, não tenho ideia nenhuma; e já adianto que você não vai conseguir tirar nada de mim me espremendo desse jeito. Se eu algum dia chegar à verdade nesse caso, prometo que vou espalhar aos quatro ventos todas as informações pertinentes. Até lá, essa chateação não trará nenhum

resultado.

Wendover aceitou placidamente a reprimenda. Sir Clinton ficou agradecido, e deixou transparecer isso em suas próximas palavras.

— O fato é, Escudeiro, que tento manter em aberto todas as possibilidades, e não quero ser parcial. Está claro como o dia que você não gosta desse homem, o tal Ardsley. Portanto, não adianta ouvir você falar dele, desacreditando-o, ainda que de modo inconsciente, de antemão. Tenho uma ideia. Podemos discutir o caso hoje à noite, quando alguns pontos ficarem esclarecidos na minha mente; aí o senhor estará autorizado a dizer o que bem entender. Mas não prometo lhe dar muitas informações, lembre-se disso. Sou pago para ficar de boca calada enquanto for necessário; e eu preciso do meu salário, entende?

A expressão de Wendover se desanuviou ao ouvir tal explicação.

— Mais justo impossível, Clinton — admitiu. — Eu não tinha examinado por esse ângulo.

Não disse mais nada, e logo o carro alcançou a entrada da propriedade do toxicologista. Informados de que o Doutor Ardsley estava em casa, foram conduzidos até um cômodo para aguardá-lo. E ele não os deixou esperando por muito tempo.

Enquanto ele se aproximava para recebê-los, Sir Clinton notou que se tratava de um homem de cerca de cinquenta anos. Seus cabelos eram grisalhos, e o rosto apresentava rugas profundas; seus passos, no entanto, eram leves, e encontrava-se, visivelmente, em plena forma. Por baixo das sobranceiras grossas, os olhos acinzentados pareciam examinar o mundo friamente; e seus lábios deixavam transparecer a rigidez de sua personalidade, que os havia moldado.

Sir Clinton, sem demora, lhe explicou o motivo da visita; e, sacando a latinha com os dardos, entregou um deles ao toxicologista.

— Não sou ingênuo a ponto de esperar que o senhor, de imediato, me diga do que se trata; mas estou contando que possa dar um palpite. Só isso já seria de grande ajuda para nós.

Ardsley pegou o dardo em mãos e o examinou por alguns instantes. Em seguida, fez perguntas a respeito das condições dos cadáveres e do horário dos acontecimentos, às quais Sir Clinton respondeu.

— Hum! — disse, por fim. — Penso, pelo que você me relatou, que posso dar um palpite. É, obviamente, um desses venenos usados em flechas, ou algo do tipo; talvez um derivado de estrofanto, ou, quiçá, do gênero *Strychnos*.

— O senhor poderia ser mais preciso? — perguntou Sir Clinton, um tanto ansioso. — Estou correndo contra o tempo. Sei que essa coisa de plantas é complicada; mas é, para falar a verdade, uma questão de vida ou morte, e, se possível, gostaria de uma resposta certa.

Ardsley franziu a testa enquanto examinava o dardo.

— Posso ficar com este? E que preciso examiná-lo quimicamente, e de outras maneiras. Não posso prometer que o devolverei intacto, pode ser?

— Me dê informações, é tudo o que peço.

— Muito bem.

Ele fez uma pausa.

— Suponho que você não queira perder isso de vista. É melhor vir ao meu laboratório. Por sorte, tenho comigo um porquinho-da-índia.

Ele lançou um olhar por baixo das sobrancelhas para Wendover.

— Penso que é melhor você ficar por aqui, Wendover. Você não gosta de vivissecção. Se bem que eu vou apenas dar uma agulhada no monstrinho, é totalmente indolor; mas não há necessidade de você vir e ferir seus sentimentos.

A sugestão foi formulada de modo bem-educado, mas ficou evidente, pelo jeito como foi dita, que Ardsley não queria Wendover em seu laboratório. Deixando o Escudeiro para trás, o toxicologista conduziu Sir Clinton pela casa até alcançarem seu gabinete de estudos.

— Em primeiro lugar, temos que conhecer bem os efeitos que o veneno desencadeia. Vou buscar o porquinho-da-índia.

Ele lavou parte do veneno que estava no dardo com um líquido, introduzindo a solução numa seringa hipodérmica, com a qual injetou uma minúscula quantidade do fluido sob a pele do porquinho-da-índia.

— Já morreu? — perguntou Sir Clinton, espantado. — É como um relâmpago.

Ardsley fazia testes com o animal e acompanhava de perto os resultados. Sua expressão denunciava que ele havia chegado a uma conclusão.

— Acho que posso dar um palpite — disse. — Calha de ser uma substância com a qual tenho grande familiaridade. Vamos confirmar.

Extraiu outra quantidade do veneno e a colocou num tubo de ensaio. Adicionou a este algumas gotas de uma solução tirada de uma garrafa que apanhara de uma das estantes.

— Ácido sulfovanádico — explicou. — Observe.

Ao adicionar o reagente, o líquido do tubo de ensaios ficou preto.

— Há de ficar azul-escuro e, passado certo tempo, vermelho.

— E o que se conclui disso? — perguntou Sir Clinton.

— Curare. Tenho certeza. Já trabalhei muito com esse veneno, e afirmo com segurança. Claro, se você quiser que eu o diga sob juramento, aí é outra história. Fiz um teste precário. Eu teria de examinar com muito mais cuidado antes de ir ao tribunal afirmar qualquer coisa.

Sir Clinton assentiu com a cabeça.

— Claro, conheço esse veneno de nome — disse. — É usado em

flechas na América do Sul, não é? Você saberia dizer algo mais a esse respeito?

Ardley estava focado em tomar algumas notas. Por um instante, levantou os olhos, como quem pede desculpas.

— Anoto os detalhes de cada novo experimento que executo, como vê, Sir Clinton, mesmo que se trate apenas de picar um animalzinho com uma agulha. Se não se importar, vou terminar de escrever. Gosto de ter as coisas sempre alinhadas, e mais ainda quando tenho a polícia em minhas instalações.

Abriu um sorriso, não exatamente agradável, enquanto voltava a escrever. Concluída a tarefa, sugeriu que se juntassem a Wendover.

— Não vou lhe dar uma palestra sobre o curare — disse, quando retornaram ao outro cômodo —, mas uma ou duas observações podem ser úteis. Trata-se de um veneno usado em flechas e encontrado na América do Sul, como você mesmo disse. Ele tem como efeito fisiológico a paralisia severa das terminações nervosas motoras que abastecem os músculos estriados, mas não age na incitabilidade do músculo. O senhor viu os efeitos do experimento.

— Concluí algo nessa mesma linha pela condição dos dois cadáveres — explicou Sir Clinton. — Estava claro que nenhum dos dois se debateu antes de morrer. Atribuo isso ao efeito veloz do veneno; mas, pelo que você explicou, eles devem ter ficado paralisados quando a substância entrou na corrente sanguínea.

Ardley não comentou, mas prosseguiu com a explicação.

— Não seria necessária uma dose grande para matar um homem. Curare contém vários alcaloides. Paracurarina e protocurarina estão entre eles. Um quarto de grama de protocurarina mataria facilmente um homem de forte constituição. O dardo carregava muito mais do que uma dose letal.

— Você saberia nos dizer se é possível comprar essa substância no mercado? — inquiriu Sir Clinton.

— Pode-se escolher entre três tipos — explicou o toxicologista. — O curare pode ser comprado em tubos de bambu; a cabaceira de curare é vendida em cuias; e o que se chama de frasco é vendido em frascos de cerâmica. Trata-se de um produto bruto, como você deve ter percebido. As espécies diferem entre si em algum grau, embora não materialmente na maior parte de suas aplicações.

— Por acaso você teria algum em estoque para os seus experimentos?

Ardley sorriu de forma sombria.

— Ninguém é obrigado a se incriminar, não é? Mas não me importo de admitir que tenho guardado um pouco da substância. Você mesmo poderia tê-lo descoberto se tivesse examinado as declarações exigidas

por lei, então não me prejudica ao falar com franqueza.

Sir Clinton, não querendo de modo algum se comprometer, encolheu levemente os ombros, a concordar com o significado implícito nas palavras de Ardsley.

— Lá no laboratório, você praticamente me disse que o tinha — ele lembrou ao toxicologista. — O que mais importa, agora, é saber se mais alguém teve acesso a isso.

Ardsley refletiu por um instante antes de falar novamente.

— Há outro fornecedor próximo — disse, como se acabasse de se lembrar desse fato. — Roger Shandon tinha uma espécie de museu lá em Whistlefield, com coisas que coletava durante suas viagens. Entulhos, em sua maioria. Mas me lembro que lá no meio havia um frasco de curare.

— Ah! Era isso que eu queria saber — interrompeu Sir Clinton. — Você tem certeza?

— Absoluta. À época, a coisa não me marcou; mas tenho certeza absoluta. E é o mesmo veneno, coisa verdadeira, sem dúvida. Certa feita, quando meu estoque de curare acabou, me lembrei disso e recorri a Roger, tomando-lhe emprestado a amostra. Devolvi-a imediatamente, claro; só precisava de um tantinho. Mas certamente trata-se de curare, sem dúvida alguma.

— E será que o frasco ainda está em Whistlefield? Talvez trancado em algum armário?

— Não — explicou Ardsley. — Está à mostra, num desses mostruários de museu. Qualquer um poderia pegá-la.

Sir Clinton ficou perplexo.

— Estamos correndo contra o tempo — repetiu; ele parecia fazer, mentalmente, algum cálculo insatisfatório. — Queria ter estado a par desse fato uma hora atrás.

Voltou-se para Wendover.

— Olhe, quero lhe pedir um favor. Tenho outras coisas a resolver de imediato. Você poderia levar o Doutor Ardsley em seu carro até Whistlefield? Ele conseguirá identificar o frasco de curare; você não saberia fazê-lo. Quero que você se encarregue do veneno. Se alguém fizer alguma objeção, pode dizer que são ordens minhas. E tome nota de quem se opuser, se alguém o fizer. Agora é uma questão de urgência, e mais urgência. Você tem de pôr as mãos nesse frasco sem demora, Wendover.

O toxicologista não perdeu tempo.

— Vou pegar meu casaco — disse, dirigindo-se à porta.

— Precisamos impedir, para ontem, que sejam extraídas mais porções do veneno — disse Sir Clinton, quando o anfitrião deixou o cômodo.

Wendover estava visivelmente atônito.

— Você acha que poderá haver outro crime? Dois não bastam?

— Nunca se sabe — afirmou Sir Clinton, com um tom de preocupação em sua voz. — Eu jamais me perdoaria se desconsiderasse essa possibilidade, mesmo que seja bastante remota. Arrependimento não traz ninguém de volta à vida, não é mesmo?

A cabeça de Ardsley surgiu na moldura da porta.

— Estou pronto.

— Então vamos — disse Sir Clinton. — Deixe-me no vilarejo, Wendover, tenho algumas coisas para resolver lá. Encontrarei vocês em Whistlefield o mais rápido que puder. Esperem por mim lá. Agora, pé na tábua.

Quando se aproximaram do vilarejo, Sir Clinton suspirou aliviado.

— Vejo que o comércio ainda está aberto. Que bom!

Ele desceu do carro.

— Já podem partir, não percam tempo!

Enquanto o carro partia, o chefe de polícia deu uma olhada na rua e então, todo comedido, caminhou lentamente em direção à porta da loja de ferragens. Toda a sua pressa havia desaparecido; ele agia como se fosse um cliente qualquer.

— Boa tarde — disse, simpático, dirigindo-se ao homem atrás do balcão. — O senhor parece ter uma bela variedade de mercadorias por aqui, a julgar pela vitrine. Preciso de uma broca pequenina. Teria alguma para eu dar uma olhada?

O ferrageiro, aparentemente, tinha mais de uma no estoque. Sir Clinton as examinou.

— Acho que é isso que procuro — disse, por fim. — O senhor teria uma furadeira para encaixá-la?

Encaixou a broca na furadeira, sacou uma moedinha do bolso e tentou perfurá-la. Tendo procedido até a metade, pareceu ter perdido o interesse na tarefa.

— Por acaso o senhor não teria cartuchos para espingardas de ar comprimido, teria?

— Na verdade, tenho sim, senhor. O Senhor Hawkhurst, de Whistlefield, usa muitos deles, e me convenceu a manter um estoque. Ninguém mais precisa deles; mas ele compra vários, de tempos em tempos.

— Talvez o senhor tenha dardos também?

— Sim, tenho alguns em estoque.

Sir Clinton refletiu por um momento.

— Vamos ver. Vou levar cem cartuchos e duas dúzias de dardos. O senhor pode colocar todos os itens num único embrulho; também vou levar a broca e a furadeira.

Enquanto o homem empacotava os artigos, Sir Clinton perguntou onde ficava a farmácia; e, ao sair da loja de ferragens, dirigiu-se até lá.

— Vejamos — pensou em voz alta, após ter trocado meia dúzia de palavras com o farmacêutico a respeito das fofocas locais. — Vou querer um tantinho de permanganato de potássio. É um bom antisséptico, não é? E também outro tanto de alguma solução de ácido carbólico. Por acaso o senhor teria tornassol, daquele sólido?

Calhou de o farmacêutico ter em estoque todos aqueles produtos.

— Mais alguma coisa, senhor? — perguntou, enquanto Sir Clinton pegava os pacotes e pagava pelas compras.

— Por hoje é só — respondeu o chefe de polícia, distraidamente. Desejou boa noite e deixou o estabelecimento.

Dirigiu-se à delegacia de polícia, onde o sargento responsável, reconhecendo-o, se aproximou de imediato.

— O senhor teria uma sala que eu possa usar por uns dez minutos, sargento?

— Sim, Sir Clinton. Por aqui.

— Aqui está ótimo — disse o chefe de polícia, depois de dar uma olhada no local. — A propósito, sargento, mande imediatamente um policial comprar, na loja de ferragens, um torno de mesa pequeno, desses portáteis, sabe? Vi um na vitrine quando passei por lá. É só mais uma coisa: você por acaso fuma tabaco de enrolar? Ótimo. Então me traga também algumas latinhas.

Visivelmente perplexo, o sargento executou as ordens; e, quando os artigos lhe foram trazidos, Sir Clinton fechou a porta atrás de si e se pôs a trabalhar. A coisa toda levou mais tempo do que ele imaginava; mas, pelo menos, foi levada a cabo de modo satisfatório. Chamou novamente seu subordinado.

— Um copo d'água, sargento, por favor.

Uma vez que o trouxeram, fechou novamente a porta. Passados alguns minutos, saiu e chamou o sargento.

— Aqui está o seu fumo, sargento. Lamento não poder lhe dar as latinhas.

O sargento, totalmente confuso com aqueles procedimentos, o agradeceu de maneira atabalhoada e começou a juntar o tabaco da mesa e transferi-lo para sua algibeira.

— A que distância fica Whistlefield? — inquiriu Sir Clinton.

Uma vez informado, pegou uma bicicleta emprestada de um dos policiais.

— Pode buscá-la em Whistlefield amanhã, ou em uma hora, se preferir. Deixo avisado que você irá até lá.

Com isso, o chefe de polícia montou na bicicleta e partiu. O sargento o acompanhou com os olhos até o perder de vista, e então retornou à

delegacia. Entrou na sala que Sir Clinton havia usado e contemplou os restos daquele experimento desconhecido.

— Suponho que ele tenha usado o torno de mesa para prender alguma coisa. E ali há uma furadeira; de onde será que ele a tirou? E ele misturou alguma substância rosada naquele copo com água; levou consigo as latinhas e me deixou o tabaco. Eis um chefe de polícia esquisito, sem dúvida. O que ele pretende com isso?

CAPÍTULO VII

O frasco de curare

Depois de ter deixado o chefe de polícia no vilarejo, Wendover pegou a estrada que leva a Whistlefield. A evidente ansiedade que Sir Clinton demonstrara o havia impressionado; dirigia em alta velocidade. Não estava lá muito feliz de ter a companhia de Ardsley, já que detestava o toxicologista. Sempre que via o rosto sombrio e bem-barbeado de Ardsley, lhe vinha à mente a imagem de animais torturados, e não podia conter sua repugnância. Seu conhecimento acerca da Lei da Vivisseção era praticamente nulo, e sua imaginação criava imagens de animais indefesos amarrados a mesas, contorcendo-se sob o bisturi do vivisseccionista. Por educação, obrigou-se a puxar conversa.

— Espero que possamos cumprir sem dificuldade a missão que nos foi confiada por Driffield — comentou. — Parece-me que ele teme deixar a substância à solta. Você conseguirá encontrá-la, certo?

— Sei onde estava armazenada — assegurou Ardsley friamente, ignorando a parte especulativa da fala de Wendover.

Ele parecia não desejar continuar a conversa; Wendover sentiu-se desprezado.

“Que sujeito ríspido!”, pensou consigo mesmo. “Ele não se esforça nem para ser educado”.

Entretanto, não teve tempo de remoer o assunto, pois logo chegaram a Whistlefield.

— É melhor você falar — aconselhou Ardsley enquanto desciam do carro e se aproximavam da porta da casa. Wendover concordou com um aceno de cabeça e tocou a campainha. Quando a criada apareceu, ele perguntou se Ernest Shandon estava disponível. A criada pareceu hesitar.

— Ele está no gabinete, senhor, e pediu para não ser incomodado.

Wendover pensou em perguntar pelo secretário; mas lhe ocorreu que, como tinham a missão de confiscar a droga, seria mais adequado falar com alguém da família. Afinal de contas, tratava-se de propriedade particular, ainda que oferecesse riscos.

— E o Senhor Hawkhurst, está em casa?

A criada conduziu-os até um cômodo e pediu-lhes que esperassem ali enquanto o procurava.

— Se ele não estiver, então peça por favor à Senhorita Hawkhurst que nos dê um minutinho de sua atenção, se possível — orientou Wendover.

Em instantes, Arthur Hawkhurst adentrou o cômodo, parecendo surpreso ao ver quem eram os visitantes.

— Passeando por aí para conhecer a zona rural, Wendover? Curiosidade mórbida, me parece, ficar rondando a cena do crime dessa maneira.

Fez um aceno de cabeça a Ardsley. Evidentemente, o duplo homicídio não o afetara de maneira alguma. Wendover não ficou muito surpreso. O garoto nunca fora o favorito de nenhum de seus dois tios; e, embora parecesse demonstrar pouco respeito pelas vítimas, Wendover atribuiu isso à mente um tanto desequilibrada de Arthur.

“Eu esperava um pouco menos de alegria, devo admitir”, pensou consigo mesmo. “Mas suponho que, no caso dele, seria mera hipocrisia; e é preciso levar em conta que seu cérebro está um tanto afetado”.

Ele foi direto ao ponto.

— Fomos enviados por Sir Clinton Driffield para buscar um artigo no museu de seus tios. Ele quer saber se por acaso o objeto ainda está lá ou foi removido.

— Que diabos ele sabe do museu? — perguntou Arthur. — Ele nem chegou a vê-lo quando estive aqui, à tarde! Em todo o caso, o que ele quer com isso? É o que é que ele quer? Será que ele pensa que um dos caras lá de cima ofendeu um dos ídolos maias e conseguiu aplacá-lo com um acerto de contas?

— Não — apressou-se em dizer Wendover. — Nada a ver com isso.

— Então, do que se trata? Eu o apanho.

— Não se incomode, por favor. O Doutor Ardsley conhece o objeto e seria mais fácil que nós mesmos fôssemos até lá e o procurássemos.

— Ah, sim! — Arthur tornava-se nitidamente mais hostil. — Seria muito conveniente! Por que vocês não esperam um convite antes de sair por aí, perambulando pela casa alheia?

Wendover sentiu que a situação estava ficando complicada. O garoto parecia dominado por uma dessas tempestades de emoções às quais estava sujeito desde a sua doença. Então, outro pensamento lhe veio à mente, embora tentasse o repelir. Por que Arthur se afligia tanto na tentativa de impedi-los de entrar no museu? Eles nem haviam mencionado o curare. Certamente, o jovem Hawkhurst sequer suspeitava o que eles queriam; e, ainda assim, parecia determinado a criar dificuldades. Foi com grande alívio que viram Sílvia adentrar o cômodo. Depois de cumprimentá-la, virou as costas para Arthur e

explicou a situação diretamente à garota.

— Claro. Sigam-me imediatamente — convidou-os Sílvia, ignorando a expressão de desgosto de Arthur. — Faremos o possível para esclarecer esse caso lamentável.

Ela os conduziu pela casa até o museu. Como Ardsley havia dito, ele estava repleto de bugigangas que talvez evocassem ao dono certas recordações, mas de muito pouco interesse para um visitante casual. Era mais uma coleção de suvenires do que propriamente um museu; e os itens pareciam dispostos nas estantes sem nenhum critério.

Ardsley, como era de se esperar, sabia exatamente onde procurar. Deixando os demais, cruzou o cômodo até um dos armários junto à parede, abriu-o e apanhou, de uma pequena prateleira, um frasco de argila crua.

Arthur o seguira, desconfiado.

— O que você está fazendo? — perguntou, abruptamente.

— O chefe de polícia me pediu para apanhar esse — respondeu Ardsley, examinando o conteúdo do pote enquanto falava.

— Você não pretende levá-lo, pretende?

A pergunta do jovem Hawkhurst transparecia uma óbvia desconfiança. Tinha os olhos fixos nas mãos do toxicologista, como se temesse que Ardsley pudesse extrair parte da substância bem debaixo de seus olhos.

— Não — retrucou Ardsley, com aspereza. — Isso já não me diz respeito.

Enquanto falava, depositou o frasco nas mãos de Wendover; parecia querer se desvincular de qualquer conexão com o caso. Os olhos de Arthur agora estavam fixos no recipiente. Imóvel, parecia perturbado com o rumo que as coisas tomavam.

— Oponho-me a esse modo de proceder — reclamou. — Vocês aparecem aqui sem estarem respaldados, até onde se sabe, por nenhuma autoridade. Apanham esse objeto e ainda, ao que me consta, querem apreendê-lo. Eu sei do que se trata. É curare, veneno de flecha usado pelos indígenas. E com toda a tranquilidade do mundo vocês pretendem levá-lo embora! Não podemos aceitar esse tipo de conduta. É uma substância que oferece riscos. Vocês não têm o direito de se apropriarem dele: eu protesto.

Wendover tentou pôr panos quentes.

— Não vamos apreendê-lo — explicou, virando-se para Sílvia. — Sir Clinton apenas pediu que o separássemos, nada além disso. Ele chegará logo e poderá explicar melhor do que se trata. Em todo o caso, me parece que o veneno deve ficar acondicionado num local mais seguro do que este. Como você mesmo disse — virou-se novamente para Arthur —, “é coisa perigosa”.

Sílvia concordou imediatamente.

— Se é mesmo venenoso, foi um descuido deixá-lo assim exposto — disse ela.

Nesse ínterim, Wendover refletia. Ele havia percebido, em favor de Sir Clinton, que Arthur, evidentemente, conhecia a natureza da substância, ainda que o recipiente não estivesse rotulado. Se Arthur a conhecia, então não era de se descartar que outras pessoas também estivessem cientes da existência da substância. Deu uma olhada no conteúdo do frasco que tinha em mãos, pensando que pudesse verificar se parte da substância havia sido removida. Parecia, de fato, pelas marcas deixadas na superfície, que alguém a havia manipulado. Lembrou-se então que Ardsley havia explicado que ficara sem curare e apanhara um tanto da amostra de Roger. Isso poderia explicar as marcas deixadas. Ocorreu-lhe em seguida outra ideia, e pediu permissão para inspecionar o museu.

— Você permite que eu dê uma olhada nas prateleiras? — perguntou a Sílvia. — Nunca estive aqui antes. Pelo que vejo, o seu tio coletou um monte de artigos.

Sílvia o acompanhou durante a inspeção; mas ela pouco sabia sobre os vários objetos.

— Quase nada foi catalogado, como você pode ver — observou. — Em uma ou duas ocasiões eu me ofereci para catalogar todos os itens para o tio Roger; parece absurdo colecionar tantas coisas sem nenhuma explicação, não é?

Eles caminharam por todo o cômodo, esquadrinhando as prateleiras. Ardsley permaneceu junto à porta, taciturnamente afastado do resto do grupo. Arthur rondava vagamente pelo cômodo, os olhos sempre nos visitantes, perturbado pela suspeita que nutria acerca de suas motivações.

— Terrível esse episódio dos meus tios — disse Sílvia em voz baixa, quando ela e Wendover se afastaram dos demais. — Fiquei extremamente abalada quando voltei para cá e soube o que tinha acontecido. Não vou fingir que eu tinha muita simpatia por eles; é que sempre tive a impressão de que eram, de alguma maneira, diferentes do resto de nós. Mas, de certa maneira, eu gostava deles; e foi horrível retornar e descobrir que, enquanto eu aproveitava a tarde, eles foram... — ela hesitara, evidentemente, detestando a palavra — “assassinados”.

Wendover, compreensivo, assentiu com a cabeça. Ele entendia seus sentimentos. Nenhum dos dois homens, agora mortos, era do tipo que atraía a admiração ou mesmo o respeito de uma garota como Sílvia. A morte deles não deixaria nenhuma lacuna no mundo dela. Mas, afinal de contas, eram parentes, e a incursão repentina da violência e da morte no seio familiar haveria de deixar suas marcas.

— Você não está assustada, está? — ele perguntou.

— Não, claro que não. Mas não deixa de ser um acontecimento medonho, não é? De algum modo, nos deixa aturdidos, como num pesadelo. Com a diferença de que é impossível acordar dele. É como se todos nós estivéssemos vivendo tentando nos convencer que o mundo continua o mesmo de sempre; mas, de algum modo, eu não consigo fazê-lo. É terrível demais.

Wendover fez o que pôde para confortá-la. Por trás da máscara de indiferença, ele podia ver que Sílvia estava profundamente abalada. Era óbvio que ela tentava atenuar os próprios sentimentos para não deixá-lo desconfortável. Eles prosseguiram o circuito pelo museu, e ela se esforçava para explicar a ele os vários objetos ali presentes.

Quando terminaram de inspecionar o local, Wendover reprimiu um suspiro de alívio.

“Bem”, disse para si mesmo, “pelo menos não há flechas envenenadas por aqui. Esse frasco com veneno parece ser o único objeto que oferece risco no museu todo”.

Ele se empenhou em infundir ao menos uma aparência de harmonia no grupo, mas não foi muito bem-sucedido. Sílvia o apoiou como pôde; mas Arthur ainda estava desconfiado, e Ardsley parecia não pretender abandonar seu antipático estado de neutralidade. Sentiram-se todos aliviados quando a porta do museu se abriu e Ernest Shandon anunciou o chefe de polícia. Stenness os seguia de perto.

— Este é Sir Clinton Driffield, Senhorita Hawkhurst — apressou-se Wendover em dizê-lo, ao se lembrar de que os dois não tinham se conhecido naquela tarde. Sir Clinton curvou-se para a garota e em seguida, com um pedido de desculpas, voltou-se para Wendover.

— Obteve o que pedi? — perguntou; e sua expressão se desanuviou quando Wendover lhe mostrou o pequenino frasco de cerâmica. Bastou um olhar para Ardsley para confirmar que se tratava do objeto certo; daí em diante, Sir Clinton pareceu deixar, por ora, essa questão de lado.

— Receio ter perturbado o seu tio, Senhorita Hawkhurst. Ele estava ocupado no gabinete, e relutei em interrompê-lo; mas ele, muito gentilmente, me recebeu.

Ernest, ao fundo, atrapalhou-se com seus óculos por um instante.

— Eu estava bem ocupado — admitiu. — Mas, claro, não tão ocupado assim que não pudesse interromper o que estava fazendo. A rigor, estávamos, eu e Stenness, vasculhando os papéis e verificando o cofre. Nada muito urgente, ou pelo menos, não tão urgente que não pudesse ser deixada de lado por um tempo, e Sir Clinton mencionou que não demoraria mais do que alguns minutos. Então, deixei a tarefa de lado, é claro. Eu procurava o testamento de Roger. Calhamos de encontrá-lo no topo de uma pilha de objetos, dentro do cofre. Para falar

a verdade, não o compreendi bem. Esses advogados adoram palavras complicadas, como “doravante”, “hereditário”, “móvel” e “acréscimo”, e assim por diante. E falava de “sobrevivente ou sobreviventes” e “beneficiários”, e mais um monte de outras coisas complicadas. Se não fosse por Stenness, eu não teria compreendido nada.

Piscou, desamparado, para o grupo, e prosseguiu, desta vez com um matiz de orgulho em sua voz.

— Roger me fez um de seus curadores. Neville era o outro. Há ainda um terceiro, o chefe de seu escritório de advocacia, creio; de qualquer maneira, trata-se de um advogado.

Então, com uma voz um tanto desanimada, disse:

— Acho que vai ser um aborrecimento danado, assinar papéis e tudo mais.

Sir Clinton esperou pacientemente o desfecho do discurso de Ernest; uma vez encerrado, foi direto ao ponto.

— Se o senhor é o executor testamentário, isso facilita as coisas, Senhor Shandon. Tenho de apreender este objeto aqui — indicou o frasco que Wendover segurava — apenas por um ou dois dias, provavelmente. O senhor o terá de volta em breve. É só um empréstimo, tenho certeza de que você entenderá.

Ernest, evidentemente, percebeu a dignidade de sua nova posição. Estendeu a mão, como a pedir o frasco, e examinou-o cuidadosamente através de seus óculos, para então entregá-lo a Sir Clinton, embora com uma certa relutância.

— Tenho a prerrogativa de me desfazer disso, Stenness? O que o testamento diz?

— Não há razão para não o fazer, Senhor Shandon — tranquilizou-o o secretário. — Além do mais, se o chefe de polícia entende que o objeto guarda relação com os acontecimentos desta tarde — ele lançou um olhar interrogativo na direção de Sir Clinton —, é claro que, caso necessário, ele conseguiria autorização legal para apreendê-lo, mesmo contra a sua vontade.

Ernest sentia que se movia em um campo minado.

— Bem, se Stenness o afirma, então por mim está tudo bem. Ele compreendeu os termos do testamento e deve saber o que diz. Explicou-me minuciosamente uns minutos atrás, de modo que sabe do que se trata. Eu o entendi perfeitamente. Por que os advogados não usam uma linguagem mais simples, como a de Stenness, em vez de ficar envolvendo tudo em “doravante” e “supracitados”? É um jeito estúpido de escrever. Não entendo por que o fazem.

Para a surpresa de Wendover, Sir Clinton não estava ansioso para ir embora. Sacou do bolso a latinha de estanho encontrada no labirinto e,

lentamente, removeu a tampa.

— Senhor Hawkhurst, se não estou enganado, o senhor é especialista em armas de ar comprimido, não é? — perguntou ele de maneira agradável, como se apelasse a uma autoridade. — O senhor poderia examinar esses objetos e dizer o que acha deles? Só não encoste nas pontas — acrescentou, apressado —, são muito perigosas.

Arthur Hawkhurst vinha escutando, com desdém, as negociações de Sir Clinton a respeito do frasco de curare; pareceu, todavia, lisonjeado pelo apelo direto do chefe de polícia. Aproximou-se, tomou a lata em mãos e examinou seu conteúdo minuciosamente.

— Posso tirar um para examinar?

— Claro, mas tome cuidado — consentiu Sir Clinton.

Arthur retirou um dos dardos e o inspecionou.

— Parecem-me dardos comuns de pistola de ar comprimido. Servem em qualquer uma das armas que temos aqui. Mas, ao que parece, alguém fez macaquices neles, perfurando-os e enchendo-os com alguma porcaria. A plumagem também está toda suja.

Terminado o exame, devolveu a lata para Sir Clinton.

— Mais alguém se considera especialista? — perguntou o chefe de polícia.

Sílvia estremeceu ao encarar os pequeninos projéteis.

— A mim, me parecem dardos comuns — comentou. — E foram essas coisinhas que mataram meus tios? Parecem tão inofensivos. Eu mesma já pratiquei tiro ao alvo com eles em diversas ocasiões. Nunca imaginaria que pudessem ser letais.

Sir Clinton fechou a lata e a largou sobre a lareira atrás dele. De repente, pareceu ter tido uma nova ideia.

— O senhor disse “qualquer uma das armas que temos aqui”, Senhor Hawkhurst. Gostaria de saber quantas espingardas de ar comprimido há na propriedade.

Arthur olhou para ele desconfiado.

— Não posso lhe dizer de pronto — admitiu, de má vontade. — Temos meia dúzia à mão, e outro tanto guardado por aí, em lugares inesperados. Os jardineiros às vezes as usam para caçar ratos, por diversão, e assim por diante. Nunca se sabe onde estão, é preciso perguntar.

Sir Clinton foi pego de surpresa.

— Ao que parece, vocês têm aí um verdadeiro arsenal — disse.

— Gosto muito de espingardas de ar comprimido — explicou Arthur. — Você não pretende apreendê-las, pretende?

Sir Clinton descartou a hipótese de pronto.

— Claro que não. Perguntei só por curiosidade. Eu sabia que o senhor se interessa por elas.

Arthur pareceu aliviado.

— Ah, sim! — disse, num tom bem mais cordial. — Desde que você me deixe pelo menos uma, para mim estará de bom tamanho.

— Agora, Doutor Ardsley, você pode me mostrar o local em que este frasco ficava guardado? Depois podemos partir — disse Sir Clinton, mudando de assunto e deixando de lado a questão das armas de ar comprimido.

Neste momento, Ernest interveio.

— Acho que sei onde estava — voluntariou-se. — Lembro-me de quando Roger o trouxe lá da África do Sul. Ele o guardava numa prateleira no gabinete da última casa em que morou, se bem me recordo; era a terceira prateleira de cima para baixo, à direita da porta. Depois, quando se mudou para cá, tinha acumulado tantas coisas que decidi montar um museu; então, juntou tudo neste cômodo. Eu mesmo contribuí com a tarefa; ajudei-o a pôr a coisa em ordem, recordo-me. Mas tudo me parecia tão aborrecido. Nada de interessante. Bom, se desejar, posso mostrar a você e explicar tudo. Talvez você se interesse, embora eu ache tudo muito entediante. As pessoas diferem tanto nas suas preferências. Nunca se sabe, não é?

Ardsley não prestara atenção à enxurrada de informações de Ernest. Deslocara-se até a prateleira correta e agora indicava com o dedo, para Sir Clinton, o local em que o frasco estivera guardado. O chefe de polícia examinou o local cuidadosamente, sem nada dizer.

Finalmente, foi até as janelas do cômodo e inspecionou as travas.

— Qualquer um consegue entrar aqui sem nenhuma dificuldade — comentou. — O senhor não me parece ter muito medo de ladrões, Senhor Shandon.

— Não — admitiu Ernest, ajeitando cuidadosamente os óculos e olhando com um ar sensato para as trancas das janelas. — Veja, nunca tivemos nenhum furto aqui. Pode parecer estranho, afinal Whistlefield é um local um tanto isolado, o que talvez pudesse atrair a atenção dos ladrões. Eu mesmo não sou ladrão, não é? Então não entendo muito dessas coisas. Temos aqui muita prataria, é claro — acrescentou. — Pensando melhor, talvez seja de fato estranho que nunca tenhamos tido um episódio de furto. Agora me dou conta de que se trata de uma casa de fácil acesso. Seria prudente instalar alarmes. As coisas são realmente complicadas. Você saberia me recomendar um alarme antifurto, Sir Clinton?

O chefe de polícia declinou da incumbência com um sorriso.

— Para falar a verdade, Senhor Shandon, não sou conhecedor dessas coisas. Recomendo que o senhor teste alguns e escolha o que lhe parecer mais satisfatório.

A expressão de Ernest revelava claramente seus pensamentos: “Mais

problemas!”.

— Não sei, Sir Clinton; talvez seja prudente arranjar um alarme. Por outro lado, como eu disse — acrescentou, um tanto aliviado —, nunca tivemos um episódio de furto por aqui. Talvez não valha a pena instalar um alarme. É tão chato procurar essas coisas, e depois ainda contratar um instalador, revirar a casa toda, e tudo mais, e ainda por cima é preciso se lembrar de ligar o alarme antes de dormir. O senhor não acha que vale a pena, acha? — concluiu, esperançoso.

Sir Clinton balançou a cabeça.

— O senhor está no comando agora, Senhor Shandon. Cabe ao senhor decidir o que é melhor.

Ele se voltou para Ardsley e Wendover:

— Temos de pegar a estrada novamente.

Despediram-se e entraram no carro de Wendover.

— Vamos deixá-lo em casa — disse Sir Clinton ao toxicologista. — Foi muita gentileza de sua parte se dar todo esse trabalho só para nos ajudar. Sinto-me mais tranquilo agora que tenho isto em mãos — e deu um tapinha no frasco de curare que trazia consigo.

CAPÍTULO VIII

Ocasão, método e motivação

Wendover pegou a garrafa e serviu um copo de uísque para o seu hóspede.

— Eu não o importunei com perguntas, Clinton, mas acho que você poderia me dizer algo sobre essa questão do labirinto. Pelo que vejo, você já chegou a certas conclusões, e eu gostaria de saber quais são.

Ele olhou para o copo enquanto falava; em seguida, acrescentou:

— *In vino veritas*, hein?

Sir Clinton levantou os olhos como uma expressão intrigada:

— A verdade está no fundo da garrafa, é? — inquiriu. — Bom, se este é o seu método, vou querer apenas dois dedos de uísque e o resto de soda. A verdade, às vezes, é perigosa quando não está diluída. E, lembre-se, eu avisei, com toda a franqueza, que talvez não fosse conveniente, por ora, lhe revelar muita coisa. O acordo era: você daria os seus palpites e, eu, minha opinião a respeito deles.

Wendover admitiu a justeza da fala de Clinton.

— Ao menos me oriente, nem que seja quanto aos princípios gerais, que não são secretos.

Sir Clinton aproximou-se, levantou o copo e tornou a sentar-se antes de responder.

— Isso é lá bem verdade — admitiu. — Não creio, porém, que o mero conhecimento de princípios gerais vá ser de grande valia para você nesse caso. Posso apresentá-los sem entregar muita coisa.

Wendover serviu-se de uísque e refrigerante e voltou a se sentar.

— Vamos — disse. — Dê uma aula a respeito. A noite é uma criança.

— Estou inclinado a aceitar, mas fique desde já avisado que, se a coisa soar aborrecida, a culpa recairá sobre você. Para começo de conversa, há três pontos básicos que o promotor tem que demonstrar ao juiz, ou aos jurados, se for um caso com júri. São eles: a ocasião, o método e a motivação. Não é absolutamente necessário provar a

motivação; faz-se, porém, o possível para estabelecê-la. Por vezes, os jurados podem hesitar em condenar alguém, a menos que algo da motivação lhes pareça claro.

— Desenvolva — sugeriu Wendover. — Por enquanto, são só três palavras.

— Vamos a elas, uma a uma — prosseguiu Sir Clinton. — Primeiro de tudo, a ocasião. O acusado deve ser alguém que teve a possibilidade fática de cometer o crime, isto é, deve ser alguém que não esteja impossibilitado fisicamente de fazê-lo. Se, neste exato momento, alguém fosse degolado aqui mesmo, não adiantaria nada acusar o imperador do Japão ou o presidente dos Estados Unidos. Sabemos que, agora, eles estão a milhares de quilômetros de distância. Seria fisicamente impossível para eles terem cometido o crime.

— Isso é evidente — disse Wendover. — O assassino precisa ter estado no local do crime quando cometeu o assassinato.

— Não necessariamente — contradisse, de pronto, Sir Clinton. — Um envenenador não precisa estar próximo da vítima quando ela morre. Ele poderia ter enviado, pelo correio, uma caixa de bombons envenenados, ou algo do gênero. No entanto, ele deve ter tido a ocasião de cometer o crime, estando presente no local ou não. Não se poderia acusar Robinson Crusoe nesse caso do assassinato por chocolates envenenados; ele estava fora do alcance do serviço postal.

Wendover concordou com um aceno de cabeça.

— Mas neste caso específico do labirinto — comentou —, está óbvio que o assassino esteve no local. Quem matou os Shandon estava dentro do labirinto ou perto dele, entre três e quatro horas da tarde.

Sir Clinton passou ao segundo ponto.

— Método. É um axioma que, quanto mais comum for o método de assassinato, mais difícil será descobrir o assassino. Vamos supor que encontramos, numa viela, o corpo de um homem que foi esfaqueado até a morte. O que se tem para trabalhar? Não muito. Mas se você encontra alguém envenenado com um alcaloide bastante raro, aí você limita consideravelmente o número de suspeitos. Você se recorda do caso de Crippen? [\[Z\]](#) Divergir do ordinário é o calcanhar de Aquiles de um assassino.

— Bem, então você deve estar contente com esse caso, já que o método empregado pelo assassino foi bastante incomum.

— Sim — admitiu Sir Clinton. — Mas o que se ganha, por um lado, por vezes se perde por outro, não é? Nesse caso, o método pode ter sido empregado tanto por um homem quanto por uma

mulher. Mesmo uma criança é capaz de puxar o gatilho. Isso aumenta um tanto o leque de suspeitos.

— Mas uma criança precisaria ter tido a oportunidade de apanhar o frasco de curare.

— E o curare esteve exposto a todos durante o último ano, ou dois. Não se esqueça disso.

— Então você crê que o veneno empregado foi o desse frasco?

— Não estou pensando nisso no momento. Eu só queria cortar essa possível fonte de abastecimento.

— Então você espera ainda outros assassinatos?

Sir Clinton pareceu não ter ouvido a pergunta.

— Vamos agora às motivações. Salvo casos bem excepcionais, há apenas cinco motivos pelos quais vale a pena cometer um assassinato: mulheres, dinheiro, vingança, medo e mania homicida. E eu penso que, na maior parte dos casos, no fundo, as motivações se reduzem a duas: mulheres e dinheiro.

Wendover refletiu por alguns instantes, evidentemente calculando as possibilidades.

— Nesse caso, não me parece que a motivação tenha sido uma mulher, pelo menos até agora — sugeriu, enfim.

Sir Clinton se recusou a se deixar levar.

— Devo confessar — disse —, que nutro uma admiração secreta pelo assassino dos Shandon; ao menos no que diz respeito à sua inteligência. Dá para imaginar lugar mais propício para um assassinato do que um labirinto? Privacidade absoluta, garantida pela natureza do lugar. É impossível enxergar através daquelas cercas-vivas. O assassino pode aproximar-se sorrateiramente até a distância ideal para matar, ficar praticamente cara a cara com a vítima e, ainda assim, permanecer absolutamente invisível. E, feito o serviço, escapa sorrateiramente e em perfeita segurança. Ninguém pode jurar tê-lo visto. No caso de ser encontrado no labirinto, poderia alegar que ouviu um grito de socorro e correu para ajudar. É um sujeito muito inteligente o que escolheu aquele lugar para praticar seu crime.

Wendover pensou que o havia atingido no ponto fraco.

— Mas isso certamente limita o número de suspeitos ainda mais. Teria de ser alguém intimamente familiarizado com o labirinto, de outro modo, ficaria preso nele.

Sir Clinton sorriu, ligeiramente irônico.

— Você não me ouviu perguntar isso lá em Whistlefield? O labirinto fica aberto dia e noite. Qualquer um poderia se familiarizar em segredo com ele, e ninguém perceberia, uma vez que fica num local mais afastado da propriedade. Alguém poderia subir o rio de

barco, descer nas imediações e deixar uma série de marcações nas cercas-vivas para que o guiassem até o centro, dobrando galhos, ou coisas assim, de modo a não dar na vista. Seria ainda possível marcar o caminho percorrido com um fio para facilitar a saída. Não, não se pode contar com essa hipótese, Escudeiro.

— Mas então, quem o fez? — perguntou Wendover, exasperado ao ver sua ideia descartada.

Sir Clinton ergueu os olhos; havia algo de sombrio em sua expressão.

— Pode ter sido qualquer pessoa — disse, oracular. — Mas não me parece que tenha sido alguém, se é que você me entende.

Wendover não se mostrou contrariado com a derrota.

— Não dá para arrancar muita coisa de você, isso é fato — respondeu, pesarosamente.

Sir Clinton sentiu que podia dizer algo mais, sem, com isso, ir além dos limites que ele mesmo se impôs.

— O problema com a sua análise, Escudeiro, é que você quer tratar um crime real como se fosse tirado de um romance policial. Neles, os fatos são escolhidos a dedo. O autor relata apenas aquelas coisas que são relevantes para a trama. Se ele não selecionasse o material, o livro seria muito extenso e ninguém teria a paciência de o ler. O resultado é que as pistas importantes são apresentadas como se estivessem sob os holofotes para o leitor que tenha alguma inteligência.

Fez uma pausa para acender um cigarro antes de prosseguir.

— Na vida real — continuou —, não há tais simplificações, mas uma enormidade de fatos que se empilham no meio do caminho; e, no fim das contas, nove de cada dez acabam se mostrando irrelevantes. É preciso saber separar o joio do trigo sozinho, sem nenhum autor fazer o trabalho duro por você. Você se lembra do Jogo do Mapa?

Wendover balançou a cabeça negativamente.

— Pelo nome, não me recordo.

— Você deve tê-lo jogado alguma vez quando criança — prosseguiu Sir Clinton. — Um dos jogadores escolhe um nome que conste no mapa; o outro jogador tem que descobrir qual o nome escolhido. Ele pode fazer qualquer pergunta que desejar, desde que o primeiro jogador possa respondê-las com “sim” ou “não”. Esse jogo é algo parecido com o trabalho do investigador, embora o problema seja bem mais fácil de resolver. Curiosamente, o jogador que é de fato experiente não escolhe um nome escrito em letras pequenas; só o iniciante faz isso. O jogador experiente escolhe um nome como “França”, “Alemanha” ou “República Tcheca”, um nome que ocupe

metade do mapa. Aí, o adversário pergunta: “Por acaso está nesta metade do mapa?”, ao que o jogador experiente responde: “Não”, falando a verdade; o iniciante, por sua vez, imediatamente pensa que deve estar na outra metade do mapa, esquecendo-se de que pode estar simultaneamente nas duas metades. Esse é o tipo de coisa que pode acontecer na caça a um criminoso. O camarada que você quer pegar pode estar, e, com efeito, geralmente está, desempenhando dois papéis simultaneamente. Ele não é apenas o criminoso; é também um membro normal da sociedade, pelo menos nos casos de assassinato. Ele se espraia pelas duas metades do mapa, entende? E se você insistir em olhar apenas para uma das metades, nunca irá encontrá-lo.

— Eis aí um longo discurso que você tinha na manga — comentou Wendover. — Parece que você tem muitas informações quanto a alguns pontos.

Sir Clinton riu, admitindo a provocação.

— Você queria uma aula, e agora que a teve parece perder o interesse. Agora é a sua vez. Vamos ouvir as suas conclusões a respeito do caso. Não tenho medo de preconceitos.

Wendover olhou um tanto desconfiado para o amigo; mas, dado tudo que havia visto, parecia seguro de si. Sir Clinton parecia ansioso para ouvir suas ideias.

— Se você não estiver me enganando, não me importo — disse. — Assimilei boa parte do que você me explicou, e o leque de possibilidades ficou bem mais restrito. Vou examiná-las uma a uma. O problema é que é difícil encontrar uma só pessoa que se enquadre nas três categorias, ou seja, alguém que teve a ocasião, o método e a motivação forte o suficiente.

Sir Clinton bateu as cinzas do cigarro.

— Prossiga — disse. — Vamos ver como você se sai. Eu farei o papel de um júri de inteligência mediana, isto é, se eu conseguir me rebaixar a esse ponto.

— Em primeiro lugar — começou Wendover —, é preciso considerar esse caso Hackleton a pairar no pano de fundo. Agora que Neville está morto, Hackleton tem a possibilidade de sair vitorioso. Tratava-se de uma disputa entre os dois. Pelo que entendi, Shandon dependia mais de seu cérebro do que das testemunhas; e agora que ele está fora do caso, Hackleton vai se safar. Aí está toda a motivação.

Sir Clinton assentiu com a cabeça, e Wendover prosseguiu um pouco mais confiante.

— O método empregado foi, obviamente, muito eficaz, independentemente do local em que o crime foi cometido. Uma arma

de ar comprimido é bastante silenciosa; e o curare, evidentemente, mata rapidamente. Não é o tipo de ideia que um bandido comum teria. E, mesmo se a tivesse, não teria acesso ao veneno. Hackleton, porém, tem dinheiro o suficiente para contratar algum sujeito inescrupuloso, mas inteligente, capaz de elaborar o plano. Ou talvez o próprio Hackleton o tenha concebido e instruído o executor.

— Sim, e o que mais?

— O fato de o assassinato ter acontecido no labirinto pode ter sido meramente accidental. Talvez eles estivessem dispostos a pegar Neville Shandon onde pudessem; e apenas aconteceu de ele ir ao labirinto, dando-lhes a melhor oportunidade.

— Você está partindo do pressuposto de que eles estudaram a topografia da propriedade, incluído aí o labirinto?

— Era o que eu mesmo teria feito se fosse contratado para o serviço; então, suponho que eles tiveram o bom senso de fazê-lo.

— Mas então por que foi um duplo assassinato? — perguntou Sir Clinton. — Como sobrou para o Roger?

Wendover ponderou por um instante; até que parecia ter achado a resposta.

— Talvez fossem dois os assassinos contratados, e cada imaginou ter se deparado com a vítima certa. Os dois Shandon eram muito parecidos, sabe?

Sir Clinton fez um aceno de cabeça, sem, no entanto, se comprometer.

— Vamos ao próximo número! Qual é o próximo animal em exibição no seu zoológico?

— Tenho dúvidas quanto ao jovem Hawkhurst, para ser sincero. Não gosto sequer de cogitar que ele tenha assassinado o tio; todavia, depois daquele ataque de doença do sono, seu temperamento certamente se tornou mais errático. Você teria presenciado um belo acesso de raiva se estivesse conosco quando fomos apanhar o curare. E há o fato incontornável de que ele e Roger não se davam muito bem. Dados, portanto, uma mente desequilibrada e essa situação, deve-se admitir que disso pode resultar um desfecho imprevisto.

— E quanto ao fator oportunidade do caso?

— Temos apenas a palavra dele, de que estava no bosque caçando coelhos. Não podemos descartar a hipótese de que ele possa ter estado no labirinto. Ele o conhece de trás para frente. A rigor, todos da família o conhecem.

Refletiu em silêncio por alguns instantes, para então acrescentar:

— E há, claro, o fato de que ele é fissurado por armas de ar comprimido, e sabia onde estava guardado o frasco de curare.

— Você sacou bons argumentos para ter tanto Hackleton quanto

o jovem Hawkhurst como suspeitos, Escudeiro; mas não há aí a mínima prova que um júri consideraria.

— Sim, entendo perfeitamente — admitiu Wendover. — Mas o que se tem contra os demais é ainda mais minguido. Ardsley é um possível suspeito. Ele tem acesso ao curare; conhece o labirinto como a palma de sua mão...

— E teve um desentendimento com Roger Shandon acerca de uns direitos de pescaria. Temo que nem mesmo Izaak Walton^[8] consideraria que essa disputa justificaria um assassinato, Escudeiro.

Wendover não soube o que responder no calor do momento e, para não dar o braço a torcer, se apressou em listar outros suspeitos.

— Agora vamos às pessoas que estiveram de fato no labirinto no momento do assassinato, ou que sabemos que lá estiveram imediatamente após; Torrance, a Senhorita Forrest e o tal Costock, o seu amigo intermediário financeiro. Não vejo como a Senhorita Forrest possa ter algo a ver com a questão. Quanto a Costock, você está mais bem-informado do que eu.

— Sim — disse Sir Clinton —, sei tudo a respeito dele.

Mas não deu mais nenhuma informação, e esperou que Wendover prosseguisse.

— Resta, então, Torrance. É claro como o dia que Torrance pode ser o assassino. Ele estava no labirinto na hora do crime. Ele combinou com a garota de se separar na entrada do labirinto. Ele teve bastante tempo para se familiarizar com o labirinto desde que chegou a Whistlefield. É bem possível que tenham sido os passos dele que Vera Forrest ouviu pelo labirinto logo depois do assassinato.

— Ele não levava consigo uma arma de ar comprimido — objetou Sir Clinton.

Desta vez, Wendover tinha a resposta na ponta da língua.

— De fato, mas ele pode tê-la escondido lá de antemão.

— Mas nenhuma arma de ar comprimido foi encontrada no labirinto.

— Ele pode tê-la colocado no topo de uma das cercas-vivas. Os seus policiais precisariam de uma escada para encontrá-la.

— Isso é bem verdade — disse Sir Clinton. — E então?

Wendover pareceu ter um lampejo de inspiração; seu rosto se iluminou.

— Agora entendi a sua analogia com o mapa! Claro, o problema está em que, aparentemente, Torrance não teria motivos. Mas e se estivesse trabalhando para Hackleton, e tivesse sido pago para fazer o serviço? Aí tudo se encaixaria. Mas vai dar um trabalho danado provar isso, caso seja verdade.

Percebeu, no rosto do amigo, uma expressão um tanto peculiar, mas passageira; logo em seguida, Sir Clinton voltou imediatamente à sua aparência de costume.

— Prossiga — disse novamente.

Wendover teve de admitir que chegara ao fim de sua lista.

— Não há, a meu ver, mais nenhum suspeito. Sílvia Hawkhurst estava visitando uns amigos e só voltou para a casa quando tudo já havia acabado. No momento em que seus irmãos foram assassinados, Ernest Shandon também estava fora da propriedade, talvez sentado à beira da estrada, indignado com o prego em sua bota. E então há Stenness. Ele estava em casa quando o crime aconteceu. Foi lá que a Senhorita Forrest o encontrou quando foi dar o alarme.

— Stenness — disse Sir Clinton, pensativo. — Stenness é um camarada muito eficiente.

Wendover pensou ter percebido algo por trás do comentário.

— O que você acha? — perguntou.

Sir Clinton o olhou com suavidade.

— Acho que é hora de nos deitarmos, Escudeiro. Teremos que acordar cedo amanhã. Pelo menos, eu terei.

7. Hawley Harvey Crippen, conhecido como Doutor Crippen, foi condenado pelo assassinato da esposa, Cora Turner, a quem teria envenenado antes de ocultar o corpo no porão da casa. Após dar versões contraditórias sobre o desaparecimento dela, viu os restos mortais serem encontrados pela polícia, o que o levou a fugir para os Estados Unidos com a amante, Ethel Le Neve. Capturado no navio Montrose, foi levado de volta a Londres, julgado pelo crime e enforcado em 23 de novembro de 1910 — NE.

8. Izaak Walton (1593–1683) foi um escritor inglês, célebre sobretudo por *The Compleat Angler* (1653), obra clássica sobre a pesca, escrita em prosa serena, elegante e contemplativa, mesclada a reflexões morais e passagens de tom pastoral; também publicou breves biografias literárias reunidas em *Walton's Lives* — NE.

CAPÍTULO IX

Roubo em Whistlefield

Quando Sir Clinton desceu para tomar café na manhã seguinte, Wendover achou que ele parecia cansado e preocupado, embora se esforçasse para mostrar sua aparência habitual.

— Parece que você ficou acordado a noite inteira, Clinton; e, no entanto, você me despachou para a cama bem cedo.

O chefe de polícia sorriu a contragosto, mas era evidente que algo o preocupava.

— Não a noite *toda* — disse ele, limitando a observação de Wendover ao enfatizar levemente a palavra “toda”. — Mas certamente perdi umas boas horas de sono por conta desse caso de Whistlefield.

— Não vejo por que está preocupado por ora — replicou o anfitrião. — Até que se obtenham mais provas do que as que temos até agora, não há nada a ser feito, até onde posso ver. Você mesmo praticamente o admitiu ontem à noite.

— Ontem à noite e esta manhã são duas coisas distintas — observou Sir Clinton, um tanto sombrio. — Muitas coisas podem acontecer em seis horas.

— Bem, o que aconteceu, aconteceu; e você não poderia tê-lo impedido.

— Isso me soa como uma verdade óbvia — observou o chefe de polícia —, e eu queria que realmente o fosse. Mas não é.

Parecia, finalmente, prestes a fazer confidências; mas, para a decepção de Wendover, contentou-se em acrescentar:

— Apostei alto nesse caso, Escudeiro; e, se a coisa desandar, nunca vou me perdoar. É coisa séria a esse ponto.

Pelo seu tom, era evidente que ele estava profundamente perturbado; Wendover não encontrou nada de útil a dizer.

Dali a pouco, Sir Clinton quebrou o silêncio:

— Eles têm telefone lá em Whistlefield, não?

— Sim. Você está esperando algum recado?

— Nunca se sabe — foi tudo o que Sir Clinton se dignou a dizer. — Daqui se ouve a campainha do telefone?

— Sim, o aparelho fica logo ali.

Sir Clinton seguiu tomando seu café da manhã; mas Wendover percebeu que ele esperava o telefone tocar. Logo que terminaram, a campainha do aparelho tocou com alarde.

— Eu atendo — disse Sir Clinton. — Tenho quase certeza de que é uma ligação de Whistlefield.

Enquanto se levantava da mesa, Wendover pôde perceber, em seu rosto, uma expressão de extrema ansiedade. Ele deixara a porta aberta ao sair, de modo que se podia escutar sua voz.

— Driffield falando... Você disse “ladrão” ou “ladrões”?... Certo, não precisa me dizer mais nada agora. Estou indo aí imediatamente. Até mais.

Sir Clinton voltou-se para Wendover. A ansiedade em seu rosto estava tão evidente quanto antes; mas a perspectiva da ação pareceu animá-lo um tanto.

— Vamos, Wendover. Tire o carro da garagem, por favor. Houve um roubo em Whistlefield na noite passada. Tenho de ir lá averiguar.

Quando chegaram a Whistlefield, foram conduzidos ao gabinete, onde Ernest Shandon e Stenness o aguardavam.

— Agora, por favor, conte-me tudo o que se passou, Senhor Shandon — pediu Sir Clinton, tão logo acabara de cumprimentá-los. — Não há tempo a perder num caso como esse; queremos pegar esses camaradas o mais rápido possível.

Ernest sacou sua cigarreira. Parecia estar bastante nervoso.

— Importa-se se eu fumar? — perguntou, negligentemente. — Sempre me acalma; facilita ver as coisas com clareza e não se confundir com os fatos.

Ele observou por alguns instantes a cigarreira antes de decidir qual cigarro pegar; finalmente escolheu um deles e o acendeu. Wendover impacientou-se um pouco, mas Sir Clinton sabia que era inútil apressar Ernest.

— Houve um roubo aqui na noite passada — comunicou, finalmente. — Ou melhor, quando digo “na noite passada”, quero com efeito dizer “nesta manhã”, porque a coisa se deu bem depois da meia-noite.

— Você saberia dizer a hora exata? — perguntou Sir Clinton.

Ernest olhou para ele pensativo; refletiu por alguns instantes e então meneou a cabeça, com ar preocupado.

— Não, creio que não. Não consultei as horas, sabe? Só me recordo de que passava da meia-noite.

— Comece do começo, Senhor Shandon, e nos dê todos os detalhes possíveis. Qualquer informação pode acabar sendo útil.

— Eu costumo me deitar bem cedo — começou Ernest —, mas na

noite passada, depois que vocês foram embora, decidi continuar examinando os documentos de Roger. Lembrem-se de que vocês me interromperam — disse ele, como se explicasse sua atividade. — Alguns deles me chamaram muito a atenção. Roger tinha tantos projetos em andamento. Até agora, eu não havia me dado conta da enorme quantidade de energia que ele tinha. Você não tem ideia da quantidade de coisas em que ele metia o nariz.

— Ah, é? — disse Sir Clinton, tentando apressar uma narrativa que se arrastava.

— Eram tantas coisas — prosseguiu Ernest. — Levei um tempão para me situar entre os documentos. Devo ter passado horas e horas revirando-os e lendo um pedacinho aqui, outro ali; arquivos de correspondências e coisas do tipo. Há também os talões de cheque, que estavam lá e eu os examinei. Eu não tinha ideia de quanto dinheiro passava pelas suas mãos. Aliás, notei algo engraçado em seu último talão; mas falarei disso em outra ocasião. Era tudo esquisito; é melhor eu prosseguir com a narrativa dos fatos.

Sir Clinton fez um aceno de cabeça, pacientemente esperando por mais informações.

— Bem quando eu estava olhando os talões de cheques, ouvi um barulho — continuou Ernest. — Claro, numa casa antiga como esta, é comum ouvir ruídos à noite: é um móvel que estala, portas que rangem, coisas assim; então, não dei lá muita bola. Foi só depois de um tempinho que me dei conta do que ouvi; e talvez isso não tenha nada a ver com o roubo. Vou mencionar, entretanto, porque você pediu todos os detalhes.

— Que tipo de ruído você escutou? — perguntou Sir Clinton.

Ernest parecia desorientado.

— Que tipo de ruído? — repetiu. — Ah, um som, sabe. “A... A...” — parecia que a língua inglesa era insuficiente para ele. — Foi um som, entende?

— Uma voz? — sugeriu Sir Clinton.

— Não, não uma voz. Era como um leve ruído, uma pancada seca e breve, algo assim, entende o que estou tentando dizer?

— E depois?

— Ah, não dei atenção. Numa casa como esta, não é incomum ouvir ruídos à noite. De fato, a coisa não me chamou a atenção. Eu estava compenetrado na questão dos talões de cheque. Não dei bola para o ruído.

Wendover surpreendeu-se com a paciência que Sir Clinton demonstrava, pois não havia qualquer expressão de tédio em seu rosto. Na verdade, ele parecia bastante interessado.

— Depois disso — continuou Ernest —, lembro-me de me sentir

sonolento. Deixei os documentos de lado, trancando-os de volta no cofre. Aí pensei em ir me deitar. Tenho o costume de tomar um ar fresco antes de me recolher ao meu quarto à noite, se não estiver chovendo; então fui até a janela e observei o tempo lá fora. Estava bem seco; decidi, assim, ir dar uma volta, como de costume. Não vou muito longe, sabe? Fico apenas no entorno da casa. Tenho a impressão de que um pouco de ar fresco limpa os pulmões e ajuda na qualidade do sono. Sou um grande defensor do ar fresco. Odeio ficar sentado num quarto abafado; deixo as janelas sempre abertas.

— Então você foi dar uma volta?

— Sim. Vesti um sobretudo leve e um boné e abri a porta da frente. Estava trancada; suponho que essa informação seja importante.

Sir Clinton nada comentou.

— Saí para o jardim e dei uma volta no entorno da casa. O trajeto me levou até a janela do quarto em que meu irmão Neville dormia durante sua estadia aqui. E, acreditam? Me deparei com uma escada próxima à parede, apoiada no parapeito da janela do quarto de Neville. E, quando olhei para cima, vi a janela aberta!

Sir Clinton o interrompeu.

— A luz estava acesa?

Ernest, desorientado, piscou repetidas vezes.

— Se a luz estava acesa? Talvez. Eu mencionei algo a esse respeito, Stenness, quando eu o acordei? Não? Bem, então não acho que estivesse acesa. Talvez estivesse, mas pensando melhor, não me lembro de tê-la visto acesa. Não, posso afirmar quase com certeza de que a luz do quarto estava apagada. Caso contrário, eu teria notado. Não, não estava acesa.

Wendover interveio com uma sugestão.

— Talvez os ladrões a tenham apagado quando perceberam que você se aproximava.

Sir Clinton, era evidente, já tinha coletado todas as informações de que precisava acerca da questão da luz.

— E o que aconteceu em seguida, Senhor Shandon?

— Quando me aproximei da escada, disse a mim mesmo: “Ladrões”. Lembra-se que você mencionou, naquela mesma noite, quando conversávamos no museu, como seria fácil alguém de fora entrar aqui em Whistlefield? Foi então que me ocorreu uma ideia. Levei embora a escada, o mais silenciosamente que pude. Assim, não poderiam fugir pela janela. Em seguida, voltei para a porta da frente, entrei e acordei Stenness e o jovem Torrance. Eu estava bem nervoso, entendem? Depois de um susto desses, quem não estaria?

Apanhou outro cigarro, acendendo-o cuidadosamente. Quando estava prestes a continuar a narrativa, Sir Clinton o interrompeu e

voltou-se para Stenness.

— Talvez o senhor possa nos contar a sua versão, Senhor Stenness.

— Deitei-me à hora de costume e logo adormeci. Fui acordado com batidas na porta; levantei-me e vi que era o Senhor Shandon. Ele me disse que ladrões entraram no cômodo em que estava o corpo do Senhor Neville Shandon. O Senhor Shandon usava um sobretudo leve e um boné. Logo depois, ele foi acordar o Senhor Torrance. Consultei as horas; eram duas e vinte e cinco da madrugada. Apanhei o atizador da lareira e saí do quarto. A essa altura, o Senhor Torrance também já estava acordado. Sugeri-lhe que também pegasse um atizador, ou que descesse à sala das armas para apanhar algo mais eficaz. Ele acabou apanhando um atizador. Então, nós três fomos até o quarto de Neville Shandon. A porta estava trancada; mas conseguimos arrombá-la sem fazer muito barulho. É uma porta velha, e a fechadura estava com defeito. Quando entramos no quarto, as luzes estavam apagadas.

— Tenho quase certeza, repassando agora os fatos, que não havia luzes na janela — Ernest recomeçou. — Eu teria percebido, não? Sim, porque todo o resto da casa estava às escuras, então se a janela também estivesse, não teria me chamado a atenção, nem me recordaria. Se, porém, estivesse iluminada, eu teria percebido de imediato.

Stenness ignorou a interrupção.

— Sem dúvida, alguém estivera no quarto. Tudo fora revirado. As gavetas foram abertas e seus conteúdos espalhados. A pasta de documentos de Neville Shandon tivera o mesmo destino. O cômodo por inteiro estava bagunçado.

— Vocês descobriram o que os ladrões buscavam?

— Bom, o estojo de escrita dele foi aberto e a maior parte do conteúdo estava espalhado pelo chão. Eles tinham muita pressa em terminar o serviço. E a carteira dele fora arremessada num canto do quarto, como se alguém tivesse examinado o conteúdo para em seguida jogar fora.

— E quanto ao dinheiro? A carteira dele estava sobre o toucador. Eu mesmo a coloquei lá quando revistei o corpo ontem.

— Algumas notas estavam no chão, junto dos demais objetos. Não cheguei a contá-las. A rigor, não toquei em nada. Pensei que seria mais prudente deixar para você examinar o local tal como o encontramos.

— A janela ainda está aberta?

— Sim.

— Parece então que o ladrão (ou os ladrões) já havia saído quando o Senhor Shandon avistou a escada. Eles saíram e deixaram a escada no lugar. E quanto à chave da porta?

— Ainda não apareceu.

— E o que sucedeu depois disso? Por que não chamaram a polícia

imediatamente?

Stenness se viu notadamente em apuros para reprimir um sorriso sarcástico que lhe escapava.

— O Senhor Shandon ficou encarregado dessa tarefa. Quanto a mim, voltei ao meu quarto, me vesti e fiquei acordado, lendo, até o dia clarear. Não havíamos acordado as outras pessoas que estavam na casa.

Sir Clinton voltou-se para Ernest.

— O senhor não conseguiu contatar a delegacia de polícia, Senhor Shandon? Vou verificar isso, já que se trata de uma negligência grave de meus subordinados.

Ernest pareceu surpreso pela perspectiva adotada por ele.

— Bem, Sir Clinton, acho que eu deveria ter ligado para a polícia; mas era bem tarde, sabe? Eu estava caindo de sono; e voltei para o meu quarto. Aquela sequência de eventos havia me abalado. Nunca havia acontecido algo assim. De algum modo, eu devo ter me despido sem pensar; sabe, como às vezes a gente faz as coisas inconscientemente...

Em seguida, com uma franqueza desconcertante, admitiu a verdade:

— Deitei-me. Passados um ou dois minutos, me ocorreu que eu deveria ter ligado para a polícia. Mas aí eu teria que me levantar, me vestir e descer até o telefone. Seria muito incômodo. E não me pareceu que fosse assim tão importante. Enquanto eu decidia, acabei pegando no sono. Mas eu liguei para você assim que acordei hoje de manhã.

Sir Clinton não fez nenhum comentário acerca dos métodos de Ernest. Ao que parecia, já havia colhido todas as informações de que precisava, pois voltou-se para Stenness e sugeriu que fossem ao andar de cima olhar a cena do roubo.

O quarto de Neville Shandon corroborava a descrição que Stenness fizera. Estava todo revirado, uma verdadeira barafunda. Pelo chão se espalhava uma confusa massa de roupas, papéis, conteúdo de gavetas e outros objetos. Era como se alguém, à procura de um item, o houvesse revirado de cima abaixo; mas, se a pessoa que o procurava teve sucesso ou não, aparentemente era impossível dizer.

Sir Clinton foi até a janela aberta e examinou o parapeito.

— A marca que a extremidade da escada deixou pode ser observada facilmente aqui — indicou a Wendover —, e lá embaixo está a própria escada.

Fez um gesto para que Stenness se aproximasse.

— Por acaso é uma de suas escadas?

Stenness a examinou.

— Sim, por acaso a reconheço. Os jardineiros costumam usá-la, e fica guardada em algum canto da propriedade.

— Há um pouco de terra no parapeito da janela — observou Sir Clinton. — Devem tê-la trazido nas botas quando pisaram no canteiro

de flores, onde apoiaram a escada.

— Há um pouco aqui no chão também — indicou Stenness.

— Sim — concordou Sir Clinton —, mas nesse caso pode ter caído dos calçados do Senhor Shandon quando vocês dois estiveram aqui. Não devemos dar muita importância a esse fato.

Ele não disse mais nada, contentando-se em examinar minuciosamente o cômodo.

— Creio que já inspecionei tudo o que desejava — disse, por fim. — A propósito, por acaso você não teria a chave do labirinto? Notei que os portões de ferro de cada uma das entradas têm fechaduras. Gostaria de ir até lá e dar uma olhada.

— Acho que posso lhe arranjar uma chave — disse Stenness, hesitante —, mas o lugar está sempre aberto. Até onde sei, nunca foi trancado.

— Ah, então está bem — respondeu Sir Clinton apressadamente. — Agora, Wendover, acho que é hora de partirmos.

Uma ideia pareceu lhe ocorrer de última hora.

— Se o senhor teme ser importunado por outros ladrões, Senhor Shandon, posso destacar um par de policiais para vigiar Whistlefield, embora eu não creia que vocês venham a sofrer nova tentativa de invasão. Parecem já ter feito o serviço completo, a julgar pelo estado em que deixaram o lugar.

Ernest pareceu acanhado com a proposta do chefe de polícia. Ele obviamente tinha consciência de que não havia se destacado como o herói da noite.

— Não — respondeu —, não acho que precisamos de vigias, Sir Clinton. Penso que podemos nos virar sem eles, com certeza. Claro, a gente se sente um pouco nervoso. Acho que é compreensível, dados os últimos eventos. Mas ainda assim, não acho que precisaremos de guardas. Se você entende que é bastante improvável que torne a acontecer, asseguro-lhe de que confio no seu prognóstico. Como você mesmo disse, não há nenhuma razão para que voltem. Não, é bem pouco provável que voltem. Devem ter conseguido o que queriam. Com certeza o conseguiram, creio. Não, dificilmente eles voltarão.

Enquanto desciam as escadas, depararam-se com Sílvia Hawkhurst.

— Estive à sua procura, Sir Clinton. Adivinhe o que você deixou para trás na noite passada?

Sir Clinton balançou a cabeça, em dúvida.

— Não sou bom nesses jogos de adivinhação, Senhorita Hawkhurst. O que foi?

— A latinha de dardos! Você a tinha colocado sobre a lareira, lá no museu; e eu me deparei com ela nesta manhã, quando fui até lá.

Sir Clinton não conseguiu disfarçar o desgosto com o erro que

cometera. A coisa era tão óbvia que ninguém comentou o ocorrido.

— Já a apanho para você — disse Sílvia, saindo apressada.

Stenness olhou para o chefe de polícia como se o reavaliasse. Wendover foi completamente pego de surpresa com a reviravolta.

— Aqui está — disse Sílvia, quando voltou. — Estava exatamente onde você a deixou. É bom contar os dardos para se certificar de que eu não perdi nenhum, ainda que eu nem tenha aberto a lata. Eles me assustam demais.

Sir Clinton obedeceu e viu que não faltava nenhum. Fechou a lata e cuidadosamente a acondicionou em um de seus bolsos.

— Obrigado, Senhorita Hawkhurst. Fui muito descuidado. Mas não houve prejuízo, graças a você.

Depois de trocar algumas palavras a respeito dos acontecimentos da noite passada, despediu-se.

— Pegue a estrada para o Portão Leste, Escudeiro — pediu, enquanto Wendover metia o pé na tábua.

— Você é um investigador brilhante — retrucou seu amigo, com desdém. — Andando para lá e para cá para tentar cortar uma possível fonte de curare e esquecendo, no meio disso tudo, uma lata cheia de dardos letais prontos para serem usados por João, José ou Pedro. É fantástico!

— Fui muito descuidado — admitiu Sir Clinton, mordendo os lábios.

— Descuidado! — repetiu Wendover, desdenhoso. — Não sei como você conseguiu, meu Deus! Esquecer um objeto daqueles sobre a lareira!

Sir Clinton enrubesceu.

— Olhe aqui, Escudeiro, já basta eu me acusar do erro; dispense a sua contribuição. Você deve imaginar como estou me sentindo. Não precisa esfregar na minha cara, meu bom homem.

Wendover nunca vira o amigo assim, tão perturbado. Parou de criticá-lo imediatamente. Em poucos minutos, chegaram ao labirinto, e ambos desceram do carro. Sir Clinton foi à frente, em direção à entrada que haviam tomado na tarde do dia anterior.

— É melhor que eu vá na frente — disse Wendover. — Conheço o labirinto e você não. Siga-me.

Sir Clinton não prestou atenção e seguiu liderando. Para a surpresa de Wendover, ele percorria sem hesitar os corredores do labirinto. Quando chegaram ao centro, virou-se para seu companheiro.

— Fiz isso apenas para mostrar como qualquer um pode decorar o caminho se mantiver a calma. Eu mesmo o memorizei enquanto Stenness nos guiava ontem; primeira à direita, terceira à esquerda e assim por diante. Veja então que o assassino também poderia tê-lo feito, se alguém o tivesse ensinado.

Olhou para o centro e, então, contornou a abertura da cerca-viva

externa. Ao fazer isso, soltou uma exclamação e levou a mão ao rosto.

— *Ugh!* Comi teia de aranha! Há muitas por aqui. Essas cercas-vivas devem estar cheias de aranhas. Criaturinhas nojentas!

Examinou com cuidado a abertura, como se quisesse descobrir a extensão de seu campo de visão. Depois disso, repetiu o procedimento na abertura do segundo centro do labirinto, inspecionando-a com igual interesse.

— Agora, vamos lá fora reexaminar o rastro que meu cachorro farejou — anunciou, secamente.

Wendover o seguiu mais uma vez, e eles saíram pela entrada próxima ao rio. Sir Clinton foi até a árvore à qual o cachorro os havia conduzido; e então, valendo-se dos pedaços de papel espalhados no dia anterior como guia, atravessou o gramado. Uma vez na estrada, deteve-se, virando-se para Wendover. Parecia ainda estar ressentido pelo equívoco que cometera com os dardos.

— Esta é a rota de fuga do assassino, percebe? Obviamente, ele conseguiu sair do labirinto. Depois, subiu naquela árvore, como você sugeriu. Sem dúvida, aqui já estava fora de perigo. Ninguém se lembraria de procurá-lo lá em cima, entre as folhas. A seguir, veio para cá, embarcou no seu avião privado e levantou voo, uma vez que o rastro acaba bem aqui.

Olhou a estrada de cima abaixo.

— Há só um local pelo qual ele poderia ter se safado, percebe? Esse trecho da estrada não se pode enxergar de praticamente nenhum ângulo, porque está bloqueado por esses canteiros de rododendros.

Wendover não percebeu a ironia da coisa. Ele se solidarizava com os sentimentos de Sir Clinton; não era preciso muito esforço para imaginar como alguém como ele se sentiria depois de cometer um erro como aquele. Eles caminharam de volta ao carro e seguiram a estrada em direção ao Portão Leste.

Enquanto dirigia, Wendover começou a juntar as novas peças do quebra-cabeças do caso Whistlefield. Quanto mais se recordava do estado do quarto de Neville Shandon, mais óbvio lhe parecia que o ladrão procurava algum tipo de documento. Na sua mente, isso se conectava ao pedaço de papel rasgado contendo as anotações de Neville, encontrado em sua mão após sua morte. Além disso, o quarto de Roger não havia sido assaltado.

— Parece obra de Hackleton — proferiu, semiconsciente.

Ao ouvi-lo, Sir Clinton foi arrancado do estado de profundo devaneio em que estava.

— Hackleton? Ah, você se refere ao roubo? Tudo se encaixa perfeitamente, não?

Em seguida, em um tom mais amigável, que não mostrava desde o

incidente com os dardos:

— Desculpe-me se fui cruel com você, Escudeiro. Mas você sabe como odeio fazer papel de bobo; e é precisamente assim que me sinto no momento.

Wendover aceitou as desculpas de bom grado. Não queria irritar o amigo; afinal de contas, todos cometem erros, mais cedo ou mais tarde. Porém, enquanto voltavam a conversar, uma nova ideia lhe ocorreu; mas, desta vez, não a anunciou em voz alta.

“Clinton me apressou para ir para a cama cedo ontem à noite. Hoje pela manhã, estava com uma aparência abatida. Ele comentou que havia tomado uma atitude arriscada. E se ele próprio for o ladrão?”.

Mas, embora desconcertado com essa nova perspectiva, ela foi de pouca ajuda. Por fim, guardou-a na memória, para futura referência, se necessário.

Sir Clinton ainda lhe guardava mais uma surpresa quando chegaram à granja:

— Você se importaria de me arranjar um copo de água fervente, um pouco de vinagre e uma porção de carbonato de sódio? Pode enviá-los para o meu quarto o mais rápido possível? Preciso deles agora.

CAPÍTULO X

O terceiro atentado no labirinto

Quando Sir Clinton desceu do quarto, Wendover percebeu que ele havia superado a vergonha. Durante o almoço, ambos, num acordo tácito, evitaram falar do caso Whistlefield; e o Escudeiro sentia-se aliviado ao ver que o rosto do amigo demonstrava, agora, menos ansiedade do que à mesa do café da manhã. Sir Clinton geralmente tinha controle total de suas feições, nunca mostrando mais do que desejava que os outros vissem; e Wendover supôs que, por trás da máscara, o chefe de polícia ainda estava sensível demais para falar do caso Whistlefield.

Terminado o almoço, Sir Clinton dedicou uns minutinhos a fumar seu cigarro, em silêncio. Em seguida, virou-se para o seu anfitrião:

— Bem que você podia, Escudeiro, me emprestar o seu carro. Tenho de ir à delegacia de polícia nesta tarde e apanhar uns relatórios do encarregado. Não vale a pena você me acompanhar. Trata-se de coisa rotineira, acredito; e, se houver algo relevante, eu lhe conto quando voltar.

Wendover consentiu. Ele teve a sensibilidade de perceber que Sir Clinton preferia trabalhar sozinho até que passasse o auge de sua irritação.

Quando, porém, o chefe de polícia voltou, não tinha muitas novidades.

— Até agora, nem sinal dos ladrões — admitiu. — Telefonei para a polícia de Whistlefield pela manhã para deixá-los informados; mas eles não encontraram nenhuma pista. Não é de surpreender; graças aos hábitos letárgicos do nosso amigo Ernest, é provável que o ladrão já estivesse bem longe quando meus homens foram informados do caso.

— E fizeram tudo que estava ao alcance deles?

— Para uma polícia local lidando com algo desse tipo, eles se saíram muito bem. Fizeram buscas em todas as estações de trem da vizinhança, mas voltaram de mãos vazias. Não identificaram

nenhum suspeito. Fizeram também o melhor que podiam abordando os motoristas; mas isso, claro, estava fadado ao fracasso. Seria inviável abordar todos os carros que passassem pela estrada. Além disso, examinaram os jardins de Whistlefield para tentar reconstituir o roubo. Novamente, tudo inútil.

— Pegadas no canteiro de flores? — inquiriu Wendover.

— Uma ou duas marcas perfeitamente retangulares, e nada mais. O camarada, evidentemente, prendeu pedaços de papelão à sola dos sapatos. Não se pode sequer imaginar o tamanho dos seus pés. E, claro, o nosso amigo Ernest pisoteou tudo enquanto tentava remover a escada com o mínimo de esforço possível. Ele não exagerou quando disse que estava nervoso; ao que parece, ele apenas deu um empurrão para derrubá-la e, ao vir abaixo, a escada caiu sobre as flores, esmagando-as. Se os ladrões ainda estavam na parte de cima da casa, o barulho os alertou imediatamente.

— Você acha que eles podem ter escapado para dentro da casa e se escondido enquanto Stenness e companhia arrombavam o quarto?

— Bom, é possível trancar a porta de ambos os lados, não?

Wendover refletiu por alguns instantes.

— Pena que Stenness não pensou em vasculhar a casa quando se depararam com o quarto vazio.

— Mesmo assim já seria tarde demais. Nenhum ladrão ficaria no local um segundo a mais que o necessário. A essa altura, ele já estaria no andar de baixo, saindo pelas janelas do térreo, do lado oposto da casa.

— Mas nesse caso ele teria deixado para trás uma janela aberta.

— Mas é possível que o tenha feito. Ninguém pode garantir que todas as janelas estivessem trancadas ontem à noite. O pessoal de Whistlefield é bem descuidado.

Wendover se apegou ao que lhe parecia mais importante.

— Afinal, o que o ladrão queria? Estava atrás do que, Clinton?

Era impossível extrair, da expressão de Sir Clinton, alguma informação, ainda que Wendover tenha detectado certa ironia em sua resposta.

— Qual era a canção que cantavam as sereias? Qual o pseudônimo que Aquiles usou enquanto se ocultava entre as mulheres? Embora sejam questões intrigantes, não estão além do conjecturável — citou. — Sir Thomas Browne sabia do que estava falando. O que o ladrão procurava, embora seja intrigante, não está para além da esfera das conjecturas, Escudeiro. Temos aí um campo em aberto, se você quiser se arriscar.

Wendover entendeu a ironia como prova de que Sir Clinton havia

superado completamente sua irritação.

— Nesse caso, conjecturo que o ladrão estava a serviço de Hackleton, como também estava o assassino, e que ele procurava mais anotações de Neville referentes ao caso. É só ver como foi tudo revirado; atente-se para o fato de que não levaram dinheiro. Não é o que se esperaria de um ladrão comum.

— Não, de fato — concordou Sir Clinton. — Mas não vou me deixar levar. Prossiga com as suas conjecturas, Escudeiro; e, se não chegar a lugar algum, pode tentar adivinhar, para variar. Pensar faz bem para o cérebro, de modo que você não sairia perdendo.

— Às vezes você é tão irritante, Clinton — afirmou Wendover, sem qualquer traço de irritação.

— Se este é o primeiro resultado do ato de pensar, não creio que eu o adotaria como passatempo — respondeu Sir Clinton, animado.

— Pode provocar mau humor entre os vizinhos.

Foi até a janela, possivelmente para disfarçar sua expressão, antes de comunicar a informação seguinte.

— Também tive tempo de passar no seu amigo Ardsley, a caminho de casa.

Wendover mordeu a isca de pronto.

— Ah, sim! Aposto que ele lhe mostrou seus melhores espécimes; uma rã descerebrada, talvez? Ou quem sabe um cão mutilado? Não adianta levantar as sobranceiras, Clinton. Eu definitivamente não gosto desse cara.

— Sêrio? Nem dá para percebê-lo, da maneira como você se refere a ele. Mas nunca se esqueça, Escudeiro, que mesmo as piores criaturas de Deus podem ter lá sua utilidade. Ardsley é útil para mim — acrescentou, displicente —, então não o destrata caso você se deparar com ele por aí.

Wendover mal conseguiu disfarçar um grunhido.

— O convívio com a polícia nos permite conhecer cada tipo esquisito — reclamou, meio na brincadeira, meio a sério.

Antes que Sir Clinton pudesse responder, o telefone tocou.

— Aposto que é de Whistlefield — arriscou o chefe de polícia. — Deixe que eu mesmo atendo.

Saiu da sala e deixou Wendover esperando, impacientemente, pelo desfecho da conversa, o que levou um ou dois minutos; ele sabia, porém, que deveria ser algo relacionado a Whistlefield, uma vez que Sir Clinton não tinha amigos na vizinhança. Quando o chefe de polícia retornou, Wendover ergueu os olhos com um mau pressentimento. As notícias de Whistlefield, ultimamente, não vinham sendo muito animadoras; ele temia que algo de novo tivesse acontecido.

— Anotou a aposta? — perguntou Sir Clinton. — Se sim, você me deve um troco. Era uma ligação de Whistlefield, como eu esperava. Se as coisas continuarem nessa toada, será melhor que a central de polícia seja transferida para cá, evitando, assim, mais aborrecimentos.

— O que houve desta vez? — perguntou Wendover, ansioso.

— Desta vez foi uma tentativa de assassinato. O seu amigo Ernest ligou para relatar o ocorrido. Sofreu um atentado, mas conseguiu escapar, como um cordeiro do abatedouro. Mas está num estado deplorável — disse Sir Clinton, num tom desdenhoso. — Pareceu-me bastante abalado. Quase chorou ao telefone, e pude ouvi-lo ofegante do outro lado da linha. A coisa lhe abalou os nervos. Teremos de visitá-lo. Vamos.

— Você não parece lá muito preocupado com ele — comentou Wendover.

— Não tenho paciência para um covarde. Você deveria tê-lo ouvido ao telefone, Wendover. Parecia saído do Grand Guignol.^[9]

— Mesmo as piores criaturas de Deus podem ter lá sua utilidade — Wendover citou-o, sarcasticamente.

A alegria momentânea de Sir Clinton parecia ter se desvanecido.

— Trata-se de uma verdade dita em tom de piada, sem dúvida. Talvez você esteja certo. Talvez até mesmo Ernest nos possa ser útil. Mas, à primeira vista, não parece lá muito provável, não?

Quando chegaram a Whistlefield, foram imediatamente conduzidos ao gabinete, onde encontraram Ernest num estado de colapso nervoso. Tinha uma garrafa na bandeja junto de seu cotovelo; e, a julgar pelo movimento do uísque dentro da garrafa, ele acabara de se servir. Enquanto entravam, Ernest derramou ainda mais bebida em seu copo vazio.

— Melhor parar por aí — sugeriu Sir Clinton, calmamente. — Não queremos que a sua memória fique comprometida.

Ernest tirou a mão do copo, obedientemente. Wendover notou que ele tremia, parecendo estar num estado de quase pânico.

— Bem, vamos à história; e seja breve, por gentileza — pediu Sir Clinton.

Ernest, desamparado, olhou ao redor do cômodo por uns instantes.

— Mal posso acreditar que estou a salvo — explicou. — Passei por maus bocados. Foi terrível!

— Imagino. Conte-nos como foi.

— Depois do almoço, pensei em descer até o labirinto para dar uma olhada — prosseguiu Ernest. — Eu não havia estado lá desde

todo o acontecimento, e pensei: “Por que não ir até lá dar uma conferida?”. Quisera eu que essa ideia não tivesse me ocorrido. Passei por momentos difíceis.

Os óculos lhe deslizaram pelo nariz e ele os ajeitou, não sem dificuldade, antes de continuar.

— Que desgraça! Preciso de um par de óculos novo. Estão sempre caindo.

— E então? — disse Sir Clinton, pacientemente. Wendover notou que ele deixava de lado, agora que a coisa ia ficar séria, toda frivolidade.

— Depois do almoço, decidi ir ao labirinto; no entanto, a coisa toda me pareceu um grande incômodo, ter de percorrer toda aquela distância; quase cheguei a abandonar a ideia. Deveria tê-lo feito. Foi aí que me lembrei da bicicleta que tenho guardada na garagem. Seria mais fácil ir até lá pedalando, pensei. Então tirei-a da garagem e fui pela estrada que conduz ao Portão Leste.

Tateava à procura do copo, mas recolheu o braço quando percebeu Sir Clinton franzir a testa. Parecia um bebê gigantesco pego em flagrante.

— E então? — repetiu Sir Clinton.

— Fui até o labirinto sem jamais imaginar o que poderia suceder, sabe? Nem sequer sonhei que algo poderia me acontecer. Percorri seus caminhos até chegar ao Caramanchão de Helena, o local em que o meu irmão Roger fora assassinado, lembra? Lá chegando, sentei-me; é que eu tinha caminhado bastante, e senti a necessidade de me sentar.

— Você avistou alguém no labirinto, ou nas suas proximidades, até esse momento? — perguntou Sir Clinton.

Ernest parou por um momento para ponderar. Seus tremores, em vez de o animarem, pareciam deixá-lo mais apático do que nunca.

— Não — finalmente disse, hesitante —, creio que não. Não me recordo de ter visto alguém.

— E depois?

— Onde eu estava? Ah, sim. Sentei-me. Estava bem quente; senti vontade de me sentar. Quer dizer, sentar-me para fumar um charuto antes de dar uma olhada no resto do labirinto. Fiquei ali sentado por um tempo, não me recordo exatamente quanto. Gastei ali um tempinho. Foi aí que talvez eu tenha cochilado. Estava bem quente ao sol, ainda que eu estivesse à sombra de uma cerca-viva, entende? O calor nos deixa sonolentos. Acho que cochilei. Talvez tenha dormido por bastante tempo.

— Você não conseguiria ser mais exato quanto a isso, Senhor Shandon?

— Creio que não. Foi por bastante tempo, disso tenho quase certeza.

Já se preparava para pegar o copo novamente.

— Vou me sentir melhor tomando outro drinque, sério.

Sir Clinton o encarou, visivelmente contrariado. Em seguida, ele mesmo pegou o copo.

— Só dois dedos.

Foi até a janela e jogou fora o excesso da generosa dose que Ernest tinha servido.

— Agora vamos, Senhor Shandon. O quanto antes você nos contar o que se passou, mais tempo hábil terei para trabalhar. Aprume-se.

Ernest Shandon bebeu seu uísque e respirou aliviado.

— Sinto-me melhor agora. Passei de fato por maus bocados! Onde eu estava? Ah, sim, acordei.

— Emocionante — exclamou Sir Clinton, brutalmente. — E o que houve depois?

Wendover não pôde deixar de notar que a paciência de Sir Clinton se esvaía ao ter que ouvir aquela enxurrada desconexa de palavras. E o pior era que desta vez não havia Stenness para completar a narrativa. Estavam inteiramente dependentes daquela criatura em estado de pânico que tinham diante de si.

— Acordei — repetiu Ernest, encarando-os com os olhos arregalados, como se estivesse a descrever um evento de proporções cataclísmicas. — E, logo depois, ouvi passos perto de onde estava. Eu não estava totalmente acordado, sabe? Permaneci sentado um tempinho, escutando; talvez tenha sido um pouco mais que um tempinho — acrescentou, evidentemente se esforçando para ser exato. — Pensei comigo mesmo: “Talvez seja o jovem Torrance, ou mesmo Stenness”. As garotas não poderiam ser, entende? Porque haviam saído de carro para fazer compras em Ambledown. Sei disso porque elas me disseram aonde iam, e fiquei me perguntando o porquê de não irem a Stanningleigh, que é mais perto. Creio que desejavam visitar uma loja específica em Ambledown. Lá é melhor para fazer compras...

Deu uma rápida olhada para o rosto de Sir Clinton e voltou a ser objetivo.

— Foi aí que gritei: “Quem está aí?”, assim mesmo. Mas ninguém respondeu. Eu estava cogitando quem poderia ser; e estava pronto a perguntar novamente quando, subitamente, ouvi o ruído de um disparo de uma arma de ar comprimido; e algo passou zunindo, bem próximo de mim!

Indicou a trajetória do projétil, que quase lhe atingiu de raspão a

bochecha.

— Dei um salto. Não esperei mais nem um segundo. Eu consigo tomar decisões rápidas, como qualquer pessoa; isso posso lhe assegurar, Sir Clinton. Corri o mais que pude em direção à entrada e, então, ouvi o sujeito recarregando a arma. Foi terrível! O sangue não chegou a congelar nas veias, nem nada do tipo, mas fiquei agoniado, muito agoniado!

— E com razão — disse Sir Clinton, suavemente. — Você estava em maus lençóis. Sim, claro. Entendemos perfeitamente. Situação alarmante. E o que se passou depois?

— Saí correndo pelo labirinto. Por sorte, localizei o camarada. Ele estava junto daquela mesma lacuna da cerca-viva que usou para atirar em Roger. Oh, mas eu estava alerta; dada a situação, eu estava até bem calmo.

— E então?

— Então saí correndo pelo labirinto a toda velocidade. Imagine só, o sujeito atrás de mim com aqueles dardos!

— Então ele o seguiu?

— Seria de se esperar, não?

— Ou seja, você não o escutou mais?

— Não, de fato, não o escutei mais. Não fiquei parado para ver se escutava algo. Estava muito concentrado em sair do labirinto. Claro, eu conheço bem o caminho, mas é difícil manter a calma nessas horas, muito difícil. Mas consegui — concluiu, orgulhoso. — Escapei do camarada sem nunca tê-lo visto.

Ajustou sofregamente os óculos, que haviam caído novamente no calor da narrativa.

— Esses óculos são um incômodo — queixou-se. — Acho que estão caindo porque meu nariz está suado, de tanta correria. Fazia anos que eu não corria.

— Então você conseguiu sair do labirinto são e salvo. E depois?

— Subi na bicicleta e pedalei para longe o mais rápido que pude. Que bênção tê-la trazido, hein? Caso contrário, ele poderia ter me alcançado com facilidade. Eu já estava sem fôlego.

— Então?

— Então telefonei para a granja. Imaginei que o senhor estivesse lá. Se não o encontrasse, eu teria ligado para a delegacia de polícia.

— Muito bem, Senhor Shandon. Agora, há um ou dois pontos que eu gostaria de esclarecer. Primeiro, pelo seu relato, o senhor não encontrou ninguém nem na ida nem na volta do labirinto. Por acaso o senhor gritou por ajuda enquanto voltava para casa?

— Nem que eu quisesse — admitiu Ernest, com simplicidade. — Eu já não tinha mais fôlego. O senhor não faz ideia!

— Não havia ninguém nas proximidades?

— Não — Ernest respondeu, depois de uma pausa. — Arthur tinha saído. Ele costuma passear sozinho; não raro, fica desaparecido por horas. Não sei onde ele estava. Torrance também havia saído. Também não sei dizer aonde fora. Talvez tenha ido até Stanningleigh a pé. Ou a algum outro lugar. Não o vejo desde a hora do almoço.

— E o Senhor Stenness?

Para a surpresa de Wendover, pareceu-lhe que a menção a Stenness mexera com os nervos de Ernest. Era como se ele tivesse ficado ainda mais aterrorizado, logo agora que parecia se acalmar.

— Stenness! — repetiu. — Ah, Stenness...

Interrompeu a sentença subitamente, como se estivesse com medo de ser ouvido.

— Um momento — murmurou. Levantou-se.

Wendover notou que os joelhos de Ernest tremiam. Ele atravessou o cômodo em direção à porta, abriu-a gentilmente e deu uma olhadela para o lado de fora com tanta cautela que beirava o caricato.

— Ninguém por perto — explicou, enquanto voltava. — Nunca se sabe.

— O que está havendo, Senhor Shandon? — demandou Sir Clinton, impacientemente. — Se sabe de algo, é seu dever me informar. Você tem algo a dizer a respeito do Senhor Stenness?

Ernest gesticulou, suplicante, para que Sir Clinton baixasse o tom de voz.

— Como você deve se lembrar — continuou, quase num sussurro —, uma noite dessas, mais precisamente a noite passada, a do roubo, eu fui ao gabinete para examinar os documentos de Roger. Se bem me lembro, eu informei ao senhor que o faria, não é? E encontrei, entre seus papéis, um talão de cheques, com seus canhotos. Examinei-os só para ver com o que ele vinha gastando seu dinheiro; as empresas com que tinha negócios, coisas assim, entende? E, acidentalmente, percebi algo curioso: o canhoto de um dos cheques havia sido arrancado do talão. Eu nunca teria notado se não estivesse olhando a série de números. Foi cortado muito cuidadosamente, de fato, com muito capricho. Havia o comprovante do cheque número 60072, algo assim, e pulava direto para o de número 60074. Ou seja, havia um número faltante na série de cheques. Outra coisa estranha: me deparei com uma pilha de cheques devolvidos, os mais recentes; estavam na gaveta de Roger. Por alguma razão, ele decidiu não os jogar fora. Eu mesmo não saberia dizer o porquê. E um número da série também estava faltando.

— Não há aí nenhum mistério — objetou Wendover. — Talvez se

tratasse de um cheque emitido para o exterior, que ainda não houvesse retornado ao banco. O seu irmão tinha negócios ultramarinos.

O olhar sem brilho de Ernest reluziu triunfante.

— Aí é que você se engana, Wendover. É um erro. Achei a coisa toda muito estranha e curiosa. Por isso, decidi examinar o recibo do cheque faltante no talão de Roger; tratava-se de um cheque de algumas centenas de libras, nominal a seus corretores na Bolsa. A coisa fica ainda mais esquisita, não? Um cheque assim voltaria ao banco imediatamente, tenho certeza. Não é? Claro, não há dúvida, entendem?

Sir Clinton prestava atenção com grande interesse.

— E o que isso tem a ver com o Senhor Stenness? — perguntou. Ernest olhou ao redor do cômodo novamente, como se temesse que Stenness estivesse escondido em algum canto.

— Bem — ele disse, relutante —, Stenness tinha acesso aos documentos de Roger. Ele facilmente teria acesso a esses cheques, disso tenho certeza. Roger era por vezes descuidado. Eu já vi seu talão de cheques sobre a mesa várias vezes. Acho que o vi na última terça-feira. Ou teria sido quarta-feira? Sei que foi pela manhã.

Sir Clinton demonstrou interesse incomum naquilo.

— E você acha que... — tentou induzi-lo a uma conclusão.

Ernest derramou outra dose generosa de uísque, e dessa vez ninguém o impediu de fazê-lo.

— Creio que não cheguei a conclusão alguma, na verdade. Eu não gostaria de ir assim tão longe, sabe? Não quero dar um passo maior do que as pernas. Soltei para você algumas informações esquisitas que descobri na noite passada. Melhor dizendo, informei-o hoje pela manhã de fatos que descobri na noite passada. Ou melhor...

— Entendo — disse Sir Clinton, resgatando-o da própria confusão. — E...?

— E Stenness estava presente quando mencionei isso. Ele sabia que eu descobrira alguma falcaturia.

Sir Clinton recostou-se na cadeira e ficou pensativo por alguns instantes.

— Entendo o que o senhor quer dizer, Senhor Shandon — disse, finalmente. — Para falar com clareza, desde que você era a única pessoa que sabia desse caso, talvez represente uma ameaça para o sujeito responsável pelo que você classificou de falcaturia. Talvez seja útil para ele tirá-lo do caminho, silenciá-lo, não é? Para abafar o caso.

Os olhos arregalados de Ernest mostravam que ele não se sentia confortável com toda aquela franqueza.

— Para isso — continuou Sir Clinton —, o remédio é simples. Basta o senhor dizer ao camarada, não precisamos dar nome aos bois, certo?, que o senhor mencionou o fato para mim. Aí já não seria útil para ele importuná-lo, entende? Você estará são e salvo. Duplamente salvo, para falar a verdade, pois um novo atentado contra você daria muito na vista. É o melhor a fazer.

— Eu não havia pensado nisso — disse Ernest, com gratidão. — Isso me tirou um peso das costas. Que alívio! E assim o senhor acha que não há chance de haver outro atentado contra mim?

— Aposto qualquer coisa que não haverá — o tranquilizou Sir Clinton.

— Bem, de qualquer maneira não vou sair de casa por uma ou duas semanas — decidiu Ernest, o receio lhe retornando repentinamente. — Estarei assim bem seguro.

Inclinava-se novamente para a garrafa.

Sir Clinton tinha uma última pergunta a fazer.

— Onde estava Stenness enquanto você estava no labirinto?

Ernest deteve-se, o copo no meio do caminho entre a bandeja e a boca, ponderando sobre a questão.

— Não faço ideia — admitiu, finalmente. — De fato não saberia dizê-lo. Quando saí, ele estava bem aqui, trabalhando na papelada de Roger; foi quando o informei que iria ao Caramanchão de Helena. Quando voltei, entretanto, já não estava aqui. Ele havia guardado os papéis e saído para algum lugar que eu não saberia dizer.

— Ah, é? — disse Sir Clinton, pensativo. — Mas não fez mais nenhum comentário.

² *Théâtre du Grand-Guignol* (1897–1962), localizado em Paris, ficou famoso por seus espetáculos naturalistas de horror gráfico, sangue e violência extrema, que chocavam o público — NE.

CAPÍTULO XI

As teorias do Escudeiro

— Vamos dar mais uma olhada no labirinto, Escudeiro, se você não se importar de fazer uma parada lá.

Wendover assentiu com um aceno de cabeça. Ele já esperava por isso.

— Você não me pareceu lá muito simpático para com Shandon — observou.

— Nosso amigo Ernest não me desce pela garganta — admitiu Sir Clinton, francamente. — Já viu alguém naquele estado? Eu jamais haveria de tolerar uma coisa dessas.

Logo em seguida, como se sentisse que havia sido duro demais com Ernest, acrescentou, superficialmente:

— Claro, ele passou por maus bocados.

— Admiro a maneira contida com que você se expressa — disse Wendover, sorrindo. — Mas creio, Sir Clinton, que você é um tanto duro com o sujeito. O que ele poderia fazer senão correr? É o que eu mesmo teria feito, e o digo sem rodeios.

— Ah, eu também — concedeu Sir Clinton, sem muito interesse. — Não foi o fato de ele ter fugido que me exasperou.

— Você quer dizer que há maneiras e *maneiras* de correr, por assim dizer?

— Exatamente. Basta ver o caso da garota que estava no labirinto na ocasião dos assassinatos, a Senhorita Forrest. Ela teve tantos motivos quanto Ernest para ficar histérica. Não diria que ela estava lá muito calma quando a encontramos; nem seria razoável esperar que estivesse. Mas ela conseguiu se manter calma, quer dizer, não chegou em casa depois do ocorrido em pânico, choramingando.

— Não, é verdade — concordou Wendover. — Aquela garota vale uma dúzia de Ernests Shandons em caso de emergência. Manteve a cabeça no lugar e fez exatamente o que era necessário.

— Exatamente. Ela não se preocupou o tempo todo em salvar a própria pele, como nosso amigo Ernest.

— E quanto a Stenness? — perguntou Wendover. — Aquilo foi só

um disparate que Ernest soltou levado pelo pânico ou há algo aí?

— Chegamos ao labirinto — interrompeu Sir Clinton. — Que tal se adiarmos a conversa para depois do jantar desta noite, Escudeiro? Não quero me distrair pelos próximos minutos, se você não se importar.

Entraram no labirinto e foram até o Caramanchão de Helena. Junto ao portão que dava para ele, Wendover se deteve subitamente e apontou para o chão.

— Ei! Veja, Clinton! Há um pedaço de cordão preto no chão.

Eles pararam para examiná-lo.

— Trata-se, obviamente, de linha de costura — foi tudo o que Sir Clinton se dignou a dizer.

Pareceu a Wendover que ele sabia mais do que queria dizer.

— Você não percebe o que é, Clinton? O fio de Ariadne! É a linha que o assassino deve estar usando para conseguir sair do labirinto numa emergência.

— Eu já demonstrei a você que o labirinto se torna fácil de percorrer uma vez que se chega ao centro.

Wendover tinha a resposta na ponta da língua.

— Sim. Mas imagine que você é o assassino. Você teria pressa de sair, não? E numa situação assim é fácil perder a cabeça e ficar todo confuso. Por isso ele tomou a precaução de marcar o caminho de volta com o fio; assim, bastava apenas o enrolar de volta à medida que prosseguia. Dessa vez, porém, um pedaço do fio se prendeu em algo; observe que uma ponta está enrolada naquela cerca-viva, rompendo-se; motivo pelo qual ele teve que deixá-lo para trás. Na ocasião do assassinato dos Shandon, provavelmente ele conseguiu enrolar de volta todo o fio, sem deixar nenhuma pista.

— É plausível — observou Sir Clinton, concisamente. — Seria útil coletá-lo como prova, embora não haja, nele, nada de característico. É um pedaço de fio como qualquer outro.

— Sherlock Holmes talvez tivesse deduzido algo mais do que isso — disse Wendover, um pouco contrariado pelo modo como sua descoberta fora tratada.

— Sem dúvida. Mas como ele não está por aqui, o que nos resta fazer? Simplesmente nos virar, da melhor maneira que pudermos. É o que estou fazendo, Escudeiro.

Entraram finalmente no recinto do Caramanchão de Helena, e um objeto brilhante sobre a grama, próximo às cadeiras, atraiu imediatamente a atenção de Wendover. Ele atravessou o local e recolheu do chão uma charuteira de prata. Sir Clinton estendeu a mão para recebê-la e examinou seu exterior.

— Há um monograma, “E. S.”, gravado nela — disse. — Obviamente pertence ao nosso amigo Ernest. Ele mencionou algo a respeito de vir

aqui para fumar um charuto. E possível que ele a tivesse apoiada nos joelhos e a deixado cair sem perceber quando começou a correr a maratona para fugir do agressor.

Segurando o objeto nas mãos, parecia examiná-lo cuidadosamente em determinado ponto. Finalmente, decidindo-se, falou a Wendover:

— Melhor não mencionarmos esse fato pelos próximos dias, Escudeiro. Talvez eu tenha que enviá-la a Londres para ser periciada. Ainda não sei o que vou fazer. Nesse ínterim, não vamos mencionar que a encontramos. Enquanto isso, nosso amigo Ernest poderá se servir de charutos direto da caixa. Isso não será para ele grande incômodo.

— Você acha que o assassino pode tê-la pegado e deixado nela suas impressões digitais? Tem a superfície lisa e delicada.

Sir Clinton levantou os olhos, que estavam fixos na charuteira, com uma expressão divertida.

— Você é o encarregado do Departamento de Especulações, Suposições e Conjecturas desta firma, Escudeiro. Eu sou apenas um humilde funcionário da Seção Boca Calada. Endereço telegráfico: “O gato comeu minha língua”.

Wendover aceitou a reprimenda sem protestar.

— Ah, faça como bem entender — disse —, me esqueci de que não consigo tirar nada de você.

Sir Clinton valeu-se de um lenço que trazia consigo para embrulhar cuidadosamente a charuteira, metendo-a no bolso antes de prosseguir.

— Melhor examinarmos novamente a abertura na cerca-viva — sugeriu. — Embora eu duvide que tenha sido alterada desde a última vez que a examinamos. Pressinto que talvez Sherlock teria encontrado alguma pista ali, ou talvez você mesmo consiga encontrar, ainda que eu não o consiga. A coisa mais difícil dessa profissão de investigador é que ela exige a capacidade de notar os mínimos detalhes, coisa que nunca tive.

Com um ar solene, foi à frente, em direção ao lado exterior da cerca-viva; quando se aproximou, gastou uns minutinhos observando novamente a abertura.

— Não — admitiu finalmente, com um ar abatido —, está exatamente como a encontramos da última vez.

Meteu a mão pela abertura.

— Nem sequer um ninho de passarinho — anunciou, desconsolado. — Ah, como Sherlock faz falta! Falta mesmo! Certamente ele teria encontrado cinzas de cigarro, ou outra pista semelhante. Dê uma olhada, Escudeiro.

Um pouco irritado com o gracejo, Wendover inclinou-se para olhar através do buraco. Teve de admitir, entretanto, que não havia ali nada de extraordinário.

— Por acaso o assassino, ao apoiar a arma de ar comprimido na cerca-viva, não deixou nenhum galho quebrado? — perguntou Sir Clinton. — Examine com cuidado; o preço é o mesmo para uma ou duas pessoas. Descontos especiais diariamente, se você... *Ugh!* Aranhas! Que desgraça! Há teias por todos os lados, que coisa imunda! Imunda!

Sir Clinton esfregou as mãos na cerca-viva enquanto Wendover sorria, ironicamente, do seu incômodo.

— Bem feito, Clinton! Assim você para de gozação.

Sir Clinton parecia absorto, ocupado em limpar as mãos dos últimos fios de teia que ainda restavam.

— Uma pena Sherlock não estar aqui — observou, pesaroso. — Ele se dedicou à entomologia depois de se aposentar. Talvez ele pudesse nos dizer qual é, afinal de contas, a utilidade das aranhas.

— Elas caçam as moscas — disse Wendover, professoral.

— Sim. Sacada brilhante! Quisera eu ter pensado isso. Caçam moscas!

— Seria bom se você parasse de gracinhas e começasse a trabalhar, Clinton. Em tese, você deveria estar prendendo assassinos, não dando palestras de entomologia.

Na mesma hora, Sir Clinton abandonou seu tom zombeteiro.

— De fato. É hora de ir à delegacia de polícia.

— Você não tem mais nada para inspecionar aqui?

— Não.

— Que tal trazer seu cachorro para ver se ele descobre algo?

— Não seria nada útil nesse caso — disse Sir Clinton, de modo definitivo. — Seria mera perda de tempo.

— Bem, ao que parece você não vai mudar de ideia — disse Wendover, um pouco espantado. — Você quem sabe. Mas acho que valeria a tentativa.

Sir Clinton não respondeu, e tomou a iniciativa de mostrar o caminho até o carro.

— Vamos passar na delegacia de polícia no caminho de volta, Escudeiro, se você não se importar de nos levar até lá. Quero conferir os novos relatórios e enviar alguns homens para cá, para que vejam se algo ficou para trás; não que isso realmente importe. A propósito — acrescentou, casualmente —, imagino que, a essa altura, você já saiba quem é o assassino, não?

Wendover ficou perplexo com a pergunta.

— Bem, você tem a faca e o queijo na mão — foi tudo o que Sir Clinton disse.

— Se você sabe quem é, por que não o prende de imediato? — perguntou Wendover.

— Há uma grande diferença entre saber uma coisa e conseguir

prová-la — disse Sir Clinton, cauteloso.

Quando chegaram à delegacia, o chefe de polícia desceu do carro e entrou no prédio para falar com seus subordinados. Voltou em um ou dois minutinhos, alguns papéis nas mãos; dirigiram até a granja.

— Preciso telefonar para Ardsley antes de subir — ele disse quando chegaram; e foi até o cômodo em que ficava o telefone. Wendover notou que, desta vez, Sir Clinton fechou a porta atrás de si em vez de deixá-la entreaberta, como costumava fazer; de modo que nenhum som escapava de lá.

“O que será que ele quer com aquele maldito Jack, o Estripador?”, especulou Wendover, inquieto, enquanto subia para se trocar. “Bem, talvez ele me diga depois do jantar”.

Quando, porém, acomodaram-se em suas poltronas depois do jantar, Wendover percebeu que Sir Clinton pretendia reverter os papéis.

— Escudeiro, você não tem a obrigação profissional de guardar segredo. O que pensa do caso até agora?

— Entendi. Eu farei o papel de Watson, só para você provar como sou burro. Não estou lá muito inclinado a fazê-lo.

Sir Clinton se apressou em tranquilizá-lo.

— Não vou fazer troça de você apenas para deixá-lo desconfortável, Escudeiro. Seria para mim muito útil ver a coisa de outro ponto de vista. Não sou infalível; e você pode muito bem descobrir algo que eu não tenha percebido, e isso talvez me impeça de cometer um erro crasso.

A sinceridade daquela fala bastou para acalmar Wendover. Ele, de fato, vinha refletindo bastante sobre o caso Whistlefield, e imaginava que, ainda que não pudesse dar uma solução definitiva para o mistério, ao menos poderia apresentar uma análise crítica razoável das evidências disponíveis.

— O que temos até agora — iniciou — é o seguinte: primeiro, o assassinato dos dois Shandon; segundo, o roubo; terceiro, a agressão a Ernest Shandon; e quarto, a tal falcatrua com o cheque.

— Correto — concordou Sir Clinton. — Mas vamos deixar de lado, por ora, o caso do cheque. Ainda não sabemos nada de concreto a esse respeito.

A sugestão desagradou Wendover.

— A mim me parece parte essencial do caso. Deixe-me expor a situação como a vejo. Creio que Hackleton está por trás de tudo; ele, porém, não atua diretamente, mas por meio de um capanga, o qual não apenas segue suas instruções como ainda age, em parte, por conta própria. Acho que isso explica tudo.

Sir Clinton pareceu inclinado a contestar essa conclusão, mas se conteve e apenas acenou com a cabeça, como a dizer que Wendover

prosseguisse.

— Creio que sei qual a sua objeção — prosseguiu o Escudeiro. — Você diria: “Por que foram *ambos* os Shandon assassinados quando apenas Neville era peça-chave no caso Hackleton?”. Há, contudo, uma explicação bastante plausível para isso: não se pode enforcar um homem duas vezes. Quer dizer, se alguém decide cometer um assassinato, não teria prejuízo nenhum ao cometer dois. A punição é exatamente a mesma. E se ele puder cometer os dois sem ser pego, como no caso do labirinto, talvez lhe tenha ocorrido que, nessas circunstâncias, dois assassinatos constituíssem um problema de mais difícil resolução do que apenas um. Por acaso não é o duplo homicídio que deixa tudo mais difícil? Claro que sim. Se apenas um dos Shandon tivesse sido assassinado, saberíamos imediatamente a linha de investigação a seguir. Entretanto, no momento não sabemos. Não vejo por que o assassino não pudesse ter feito esse cálculo.

Sir Clinton balançou a cabeça.

— Raciocínio engenhoso, Escudeiro. E não estou sendo irônico.

— Seria essa, e não as demais, a minha hipótese de trabalho. Uma vez rejeitada, é preciso partir do pressuposto que dois assassinos independentes, ambos empregando o mesmo método insólito, decidiram agir em uníssono. A probabilidade disso ter acontecido é bastante reduzida. De outro modo, seria preciso pressupor a atuação de dois assassinos mancomunados, e que ambos pensaram ter diante de si a vítima certa. Não engulo a ideia de que se trata de um caso de cooperação. A terceira hipótese: o assassino se confundiu, matando primeiro Roger e depois se vendo obrigado a matar Neville para se garantir. Talvez tenham lhe dado apenas uma descrição genérica de Neville Shandon, o que o levou a cometer um erro.

— Duvido que Hackleton tenha deixado pontas soltas assim — interrompeu-o Sir Clinton. — Não seria difícil dar ao assassino um retrato de Neville. Por enquanto, todavia, não vale a pena discutirmos esse ponto em particular. O assassino conhecia muito bem os dois Shandon de vista. Disso tenho certeza.

— Então o assassino é das redondezas? — perguntou Wendover. — Como você chegou a essa conclusão?

— No momento, não posso dizê-lo, Escudeiro. Desculpe ter de bancar o misterioso, mas é necessário.

Wendover não estava convencido.

— Se *trata-se* de uma questão local, para que o novelo de fio preto? Faz poucas horas que o encontramos no labirinto.

Sir Clinton fechou os olhos, meditando profundamente.

— De fato — disse, de modo oracular —, afinal, o que significa esse fio?

Aprumou-se subitamente, inclinando-se na direção de Wendover.

— Digo que é uma pista.

— Mas você está de brincadeira! — exclamou o Escudeiro. — Não pretendo prosseguir se você transformar nossa conversa numa palhaçada.

Sir Clinton pediu desculpas.

— Perdão. Você interpretou mal o que eu quis dizer. Mas não vamos perder tempo com isso. Por favor, prossiga, Escudeiro.

Parcialmente apaziguado, Wendover prosseguiu com sua análise.

— O próximo ponto é o roubo. Obviamente, buscavam algum documento de Neville Shandon. Lembra-se do pedaço de papel com anotações do interrogatório, que foi descoberto na mão do cadáver? Embora tenham lhe arrancado parte delas, está claro que suspeitaram que havia outras. Por isso invadiram seu quarto, para ver se encontravam mais alguma coisa.

Desta vez, Clinton não estava inclinado a discordar.

— Certo! À primeira vista, tanto o roubo quanto o assassinato de Neville parecem estar ligados. O problema é que o roubo mostra que estavam atrás de Neville, fazendo, portanto, do assassinato de Roger um mistério insolúvel. Não é minha intenção criticar, apenas destacar essa dificuldade.

Wendover ponderou por um tempo, em silêncio. Então, respondeu:

— Os dois assassinatos compõem um só plano, como eu havia proposto. Mas, depois, o assassino percebeu que não tinha consigo a documentação completa. E tinha de consegui-la. Então, teve de se arriscar com a invasão e o roubo.

Sir Clinton admitiu a hipótese.

— E quanto à agressão a Ernest Shandon? Como ela se encaixa aí?

— O que é um assassinato a mais ou a menos para alguém que já carrega dois? O ataque a Ernest pode ter sido simplesmente apenas para despistar, como o de Roger Shandon. Vamos supor que eles tivessem conseguido matar Ernest hoje à tarde; a coisa não se teria se complicado formidavelmente?

— É possível, claro. E, para falar a verdade, dificilmente alguém sentiria falta de nosso amigo Ernest. Mais alguma coisa?

Wendover hesitava em responder.

— E se foi apenas uma pegadinha? Alguém com um senso de humor descompensado e que guardasse rancor do homenzinho. Sabendo que é um covarde, pode ter decidido lhe pregar uma peça, sem a intenção de feri-lo de verdade, usando, para isso, dardos normais de arma de ar comprimido.

Lançou um olhar desconfiado para Sir Clinton.

— Você mesmo não está lá muito preocupado com ele. Pareceu-me,

na hora, que você, de algum modo, tratava a coisa como se fosse uma brincadeira.

— Uma brincadeira de mau gosto — disse Sir Clinton, num tom de voz completamente inexpressivo.

— Vamos agora à identidade do capanga de Hackleton — retomou Wendover. — Você disse que é alguém que conhecia os Shandon de vista. Então, deve ser alguém que transitava livremente por Whistlefield, ou que tenha chegado ao labirinto pela margem do rio. Isso limita bastante as nossas possibilidades. Roger Shandon não gostava de estranhos perambulando pela sua propriedade. Os jardineiros eram instruídos a expulsar quem quer que seja que se aventurasse em Whistlefield, a não ser que tivessem algum negócio a tratar na casa. Nem estranhos nem vizinhos, salvo Costock, estavam pelas redondezas, até onde sei. Um dos jardineiros me disse.

Sir Clinton confirmou de pronto a informação.

— Isso se alinha com tudo o que meus homens puderam apurar.

— Nesse caso — prosseguiu Wendover —, os suspeitos se restringem ao pessoal da casa, aos empregados e a Costock.

— Prossiga — encorajou-o Sir Clinton.

Wendover sacou do bolso uma caderneta e consultou os apontamentos que havia feito na ocasião em que fora informado das evidências.

— Se examinarmos os fatos tal como os conhecemos — continuou —, está claro que Neville Shandon não poderia ter chegado ao labirinto antes das três e trinta e sete; e o segundo assassinato terminou antes das quatro e cinco. Na verdade, o espaço de tempo é ainda menor, porque o corpo de Neville foi encontrado às três e cinquenta e dois, e ambos provavelmente já estavam mortos a essa altura.

— Acho que isso é facilmente demonstrável com o testemunho de Torrance — admitiu Sir Clinton.

— Isso significa que o assassino deixou o labirinto não muito antes das quatro horas, uma vez que a Senhorita Forrest ouviu passos no labirinto depois que o corpo de Neville foi encontrado por Torrance, às três e cinquenta e dois.

— À primeira vista, é o mais provável.

— Assim, se alguém provar que não estava no labirinto às quatro, essa pessoa está inocentada.

— Verdade.

Wendover tirou do armário um mapa do distrito.

— Vamos examinar todos, um de cada vez, para ver se conseguimos determinar o local em que estavam naquela tarde.

— Posso ajudar — voluntariou-se Sir Clinton. — Tenho a maior parte das informações necessárias nos relatórios policiais. Eles

trabalharam bastante nisso.

Wendover fez um aceno com a cabeça e começou, sem mais delongas.

— Sílvia Hawkhurst. Ela estava fora, visitando alguém, certo?

— Sim — explicou Sir Clinton. — Ela e Ernest deixaram a casa de carro por volta das três e dezoito. Às três e quarenta e cinco, mais ou menos no horário em que os assassinatos ocorreram, ela estava fazendo compras. Com isso, pode-se descartar a hipótese de ela ter usado o carro para voltar ao labirinto na hora crítica. Depois disso, ela visitou alguns amigos e ficou com eles até retornar, depois das seis horas.

— E quanto a Ernest Shandon?

Sir Clinton sorriu.

— A Senhorita Hawkhurst o deixou no Portão Leste, que dista mais ou menos quatro quilômetros, e ela disse que dirigia a cerca de trinta quilômetros por hora; trata-se de uma estrada bem estreita. Isso significa que ela o deixou no Portão Leste por volta das três e trinta. Até o labirinto são mais de três quilômetros. Nosso amigo Ernest dificilmente poderia ter percorrido essa distância a pé em menos de quinze minutos, poderia? E ele não me parece do tipo que gosta de correr, a julgar pela condição em que o encontramos esta manhã. A rigor, a versão dele é totalmente confirmada por outras pessoas. Meus homens entrevistaram o condutor da carroça do serviço postal. Às quatro e vinte, ele encontrou Ernest acorado à beira da estrada, a cerca de um quilômetro e meio da estrada que leva ao Portão Leste. É um lugar de fácil identificação, onde há um pequeno bosque. Nosso amigo Ernest estava lá, sentado, a bota descalçada, amaldiçoando o prego que havia ferido seu pé.

Wendover examinou o mapa.

— Isso o isenta de qualquer participação. Dá para ver o bosque; é o único contíguo à estrada naquela região. E quanto a Arthur?

— Só temos o testemunho dele próprio quanto ao seu paradeiro. Ele certamente se dirigiu ao bosquezinho; mais, não sabemos.

Wendover prescrutou o mapa novamente.

— O bosquezinho dista apenas um quilômetro e meio do labirinto, em linha reta. É possível que ele tenha tomado um atalho e partido; e ninguém perceberia. Ele teve a tarde toda.

Sua expressão se fechou.

— Sinto que ele, de algum modo, é inocente, Clinton.

Sir Clinton não lhe respondeu diretamente.

— De qualquer maneira, dificilmente estaria trabalhando para Hackleton — observou.

— Bom, vamos prosseguir. E quanto aos jardineiros?

— Dois deles trabalhavam ao longo de toda a tarde, num campo que

dista mais ou menos um quilômetro e meio do labirinto. O testemunho de um, cotejado com o do outro, os inocenta.

— E o terceiro jardineiro que estava no local naquele dia? Aquele homem, o Skene?

— Ele alega que estava trabalhando na horta, que fica próxima da casa. Não há indícios em contrário.

— As criadas? O motorista?

— Todos têm seus álibis. Nada tiveram a ver com o caso.

— E Stenness?

Wendover olhou atentamente para Sir Clinton ao mesmo tempo que mencionou o secretário; mas o chefe de polícia não demonstrou nenhum sinal de particular interesse.

— Stenness? — repetiu. — Stenness encontrava-se, sem dúvida, na casa por volta das vinte para as cinco, por aí, porque a Senhorita Forrest o viu quando retornou.

— Então ele teve tempo de sobra para ir até o labirinto no momento crítico e voltar para casa enquanto Torrance e a Senhorita Forrest vagavam pelo labirinto?

— Sim — concordou Sir Clinton, grave.

— Ele poderia ser o capanga ideal de Hackleton — prosseguiu Wendover. — E se Ernest não estiver se assustando sem motivo, o que não é impossível, claro, seria bom ficar de olho em Stenness.

— Ele está sendo vigiado — assegurou-lhe Sir Clinton, parecendo, em seguida, se arrepender da confidência.

Wendover aproveitou-se imediatamente da oportunidade.

— Ah! Então, depois de toda a crítica, parece que você acredita na minha teoria original!

— A essa altura, já nem lembro da sua teoria — admitiu Sir Clinton. — Qual era, mesmo?

— Você a tinha desprezado. Ei-la: vamos supor que Hackleton tenha contratado alguém para tirar Neville Shandon do caminho. Você disse que se trata de alguém da região, de acordo com as provas que você reuniu, mas que não me mostrou. Muito bem. Se foi um local, é razoável pensar que ele poderia ter tido acesso aos documentos particulares de Shandon, seus talões de cheques e assim por diante. É possível que, contratado para dar um fim em Neville Shandon, ele tenha decidido fazer um servicinho “por fora”, encobrindo a coisa com o segundo assassinato. Quem mata um, mata dois, quando se trata de fazer dinheiro; e, com efeito, o assassinato de Roger complicou consideravelmente as investigações. Basta identificar o homem que seja capaz de, a um só tempo, pôr tudo isso em prática e, no entanto, não atrair muita atenção.

Sir Clinton ouvia com atenção as teorias de Wendover.

— E uma teoria bem concatenada, de fato — teve de concordar. — Seria válida, no entanto, apenas se correspondesse a todos os fatos que chegaram até nós, Escudeiro; infelizmente, você desconsiderou, na sua narrativa, o fato mais interessante de todos.

— Qual seria? — perguntou Wendover, áspero; o fato de ter deixado passar algo o irritara.

— É o fato mais interessante de todos — repetiu Sir Clinton, suavemente. E então, mudando de tom: — E isso é tudo o que eu posso dizer por ora, Escudeiro. O seu raciocínio está bem concatenado; tudo se encaixa lindamente. Mas a mente humana, às vezes, tende a presumir conexões que não existem na natureza. Instintivamente, fazemos associações entre fenômenos; e assim, por vezes, acabamos nos iludindo, pensando haver alguma conexão causal quando, na verdade, trata-se apenas de simultaneidade.

— Por acaso você andou lendo esses livrecos — perguntou Wendover, desconfiado —, do tipo *Como se tornar filósofo em dez minutos*? Toda essa conversa fiada sobre simultaneidade, fenômenos e associações só pode vir dali. Você não vai me enrolar com esse verniz de erudição.

— Bem, não mais pretendo impressioná-lo com meus discursos. Vamos ao que interessa. Prossiga com a sua lista.

— O jovem Torrance — continuou Wendover. — É um possível capanga. Nada sei de sua situação financeira; não se pode descartar que seja um duro, coisa que o tornaria presa fácil da oferta de dinheiro de Hackleton. Foi o jovem Torrance que propôs à Senhorita Forrest a competição no labirinto. Isso lhe daria a desculpa perfeita para estar no labirinto naquele momento específico; ademais, estaria sozinho na hora H. Dá para imaginar uma desculpa melhor do que essa?

— Não — admitiu Sir Clinton, com franqueza. — Dificilmente.

— Outra coisa — prosseguiu Wendover com sua linha de raciocínio, cada vez mais empolgado. — Que prova temos de que, de fato, havia um terceiro indivíduo no labirinto? Apenas o depoimento de Torrance; se, porém, ele próprio é o assassino, claro que ele insistiria na ideia de que havia uma terceira pessoa presente. O depoimento da Senhorita Forrest sobre alguém correndo pelo labirinto: e se fosse o próprio Torrance? Lembre-se de que ela não soube determinar a direção de onde vinha o som.

— Eis aí uma teoria curiosa, Escudeiro, mas que carece de esclarecimento quanto a um ponto. O que teria Torrance feito com sua arma depois de terminado o serviço? Nenhuma espingarda de ar comprimido foi encontrada no labirinto depois do ocorrido. O assassino teria de se livrar dela, de um modo ou outro.

— Não vejo nisso nenhuma dificuldade — observou Wendover

imediatamente. — Basta ver quanto tempo a Senhorita Forrest gastou perambulando pelo labirinto, incapaz de achar a saída. Se Torrance conhecia bem o labirinto, pode facilmente ter saído dele, dirigido-se às margens do rio, jogado fora a arma e corrido de volta para o labirinto antes que ela pudesse notar sua ausência.

Ele refletiu um pouco antes de acrescentar:

— Com efeito, não vejo como ele não poderia ter se desfeito da arma no intervalo entre o último assassinato e o momento em que deu o alarme, ou seja, o momento em que gritou dizendo ter encontrado o corpo.

Fez nova pausa. Então, lançou um novo lampejo de luz sobre o caso.

— Aliás, isso explicaria o homem correndo: saiu do labirinto em direção ao rio e voltou a ele o mais rápido possível, pois naquele momento o essencial era se livrar da arma antes que se deparasse com alguém no labirinto.

Sir Clinton abandonou todo o ar de superioridade.

— Impressionante, Escudeiro. Provavelmente você está na pista certa, pelo menos quanto a um ou outro ponto.

Curiosamente, o comentário do chefe de polícia provocou uma mudança completa nos sentimentos de Wendover. Ele havia se dedicado ao caso Whistlefield com aquele entusiasmo de um amador, que não precisa prestar contas a ninguém. Estava fascinado com todo o mistério, e lançara-se na busca por resolvê-lo com uma dedicação que ele próprio mal percebera. Era, para ele, como se estivesse seguindo pistas numa história de detetive. Desconsiderava até mesmo os elementos emocionais dos personagens que tomavam parte na trama. Nunca fora íntimo dos Shandon; e sequer conhecia boa parte do grupo antes da tragédia. Por conseguinte, embora empregasse os nomes reais das várias pessoas envolvidas no caso, para ele nada significavam; era como se dissesse: “Senhor x”, ou: “Senhor y”. Ele pensava no caso mais como um jogo de xadrez do que como um acontecimento da vida real.

Agora, com a mudança de atitude de Sir Clinton, ele teve um vislumbre do outro lado da moeda. Parecia que a linha de raciocínio que seguira era definitiva. Já não se tratava de especular, ociosamente, acerca da culpa do Senhor x ou do Senhor y. Não, a coisa estava decidida: restava saber se aquele jovem bastante decente, o Senhor Torrance, acabaria, numa manhã qualquer, com o pescoço na forca ou não. Pensava que suas especulações poderiam ser o ponto de partida de novas descobertas. Ocorreu-lhe, não sem um certo sentimento de opressão, que, em sua posição em relação a Sir Clinton, sua contribuição teria repercussões práticas. Considerando sua situação, não era uma posição de tão pouca responsabilidade como pensara.

Neste ponto, porém, de sua linha de raciocínio, nova ideia lhe

ocorreu.

“Clinton disse saber quem é o assassino. Ou seja, toda a minha especulação não tem lá muita importância. Mas poderia ter sido antiético se eu tivesse levantado suspeitas sobre o jovem Torrance. Talvez ele ficasse em maus lençóis até provar sua inocência, caso Clinton tivesse prosseguido nessa linha de investigação”.

Sir Clinton quebrou o silêncio:

— Espero que você não suspeite da Senhorita Forrest!

— Não.

O jogo, para ele, perdera todo o divertimento; mas Sir Clinton não parecia suspeitar disso, de modo que prosseguiu com a listagem.

— Sobrou, então, Costock — indicou.

— Não acho que ele seja culpado — afirmou Wendover. Sentia-se inclinado a mudar de lado. — O que você tem contra Costock? Por acaso você tem alguma prova de que ele teve acesso ao curare? Ou à arma de ar comprimido? Ou mesmo que ele esteve no labirinto no momento dos assassinatos?

— Se é essa a linha que pretende seguir — disse Sir Clinton, sem se comprometer —, deixemos de lado. Vou investigar Costock. Há ainda um nome que não examinamos: Ardsley. É melhor que eu cuide dele, Escudeiro. Você se irrita demais com esse assunto. Não é capaz de produzir uma opinião imparcial sobre ele, nem se tentasse.

— Você tem informações sobre as andanças dele naquela tarde? — perguntou Wendover, negligentemente.

Sir Clinton parecia ter se cansado daquele jogo.

— Quando tudo ficar esclarecido, creio que você verá o nome de Ardsley bastante presente no caso Whistlefield. Não estou, porém, pronto para dizer exatamente qual o papel dele nessa história.

Wendover ficou satisfeito em deixar o assunto nesse ponto. Especular irresponsavelmente é uma coisa; especulação que pode levar à pena de morte é outra completamente diferente. E se todo aquele engenhoso raciocínio, ele admitia que pelo menos em parte o era, levasse à condenação de um inocente? Ele não tinha visto a coisa por esse ângulo antes. Era parte do trabalho de Clinton especular; ele tinha como função encontrar o criminoso e o incriminar. Mas Wendover começou a sentir que aquele negócio não era tarefa para amadores. Afinal, ele já havia levianamente levantado suspeitas contra várias pessoas; e, obviamente, parte daquelas suposições era infundada. Decidiu que, no futuro, não mais se envolveria.

Havia, entretanto, um ponto específico no caso Whistlefield que era para ele motivo de perplexidade. Não se tratava de acusar ninguém; estava decidido a, se possível, esclarecê-lo.

— Há uma coisa em que tenho pensado — começou ele. — Por que

você fingiu esquecer os dardos no museu, quando você os pôs lá deliberadamente? Você representou bem, Clinton. Caí direitinho de início. Realmente pensei que você estava constrangido por ter cometido um erro. Quando, porém, parei para pensar na coisa, percebi claramente que você agiu de caso pensado. Não é do seu feitio cometer erros bobos como aquele.

Sir Clinton, em geral reservado, fez uma concessão.

— O que eu vou falar agora não é para ser levado na brincadeira, Escudeiro — disse, com gravidade. — A coisa é absolutamente séria. Arrisquei tudo ali. No momento, não posso dizer por que nem para quê. Mas peço que você não mencione a ninguém, em hipótese alguma, esse fato, *independentemente do que venha a acontecer*.

Wendover pôde, naquele momento, vislumbrar uma faceta de Sir Clinton que ele raramente deixava transparecer. Ficou convencido: já não precisava de mais explicações.

— Muito bem. De minha parte, nada obterão.

— Talvez seja difícil conter a língua, Escudeiro; mas eu confio em você. Dentro em breve, talvez você seja fortemente tentado. Tenho esperança de que tudo vai se resolver da melhor forma; mas fique desde já avisado que o caso Whistlefield ainda vai mostrar um lado bem sujo. O que se passou com Ernest Shandon foi engraçado; mas a coisa pode desandar daqui para a frente. Pode escrever o que digo: uma tragédia se avizinha. Então, aconteça o que acontecer, fique de boca fechada. Você é o único que pôde perceber que eu estava fingindo. Ninguém em Whistlefield sabe nada sobre mim: eles me tomaram por um idiota trapalhão. E era precisamente isso que eu queria.

CAPÍTULO XII

O quarto ataque

— Vi que o júri de instrução chegou ao veredito de homicídio doloso contra uma ou mais pessoas desconhecidas — comentou Wendover. — Parece-me que seja o único veredito que se aplica ao caso. Eles o consideram negligente por já não ter tudo resolvido, Clinton. Obviamente, queriam a cabeça do bandido numa bandeja, e ficaram decepcionados quando você não a serviu.

— Creio que ficaram decepcionados porque não fornecemos mais provas — sugeriu Sir Clinton, com uma certa indiferença. — É como se quisessem se divertir com a coisa toda; metade ali desejava fazer as vezes de Sherlock Holmes. Por mim, que façam como bem entenderem. Não sou eu quem vai impedi-los. Contudo, não faz parte do meu trabalho ajudá-los, embora pensem que sim. Eu só queria cumprir com as formalidades, sem muita conversa fiada. E o juiz de instrução, homem decente, se encarregou disso por mim.

— E quanto às suas idas e vindas, antes de você começar a ironizar esses pobres matutos? Não me parece, afinal de contas, que você tenha ido muito mais longe do que eles. E aí, Clinton?

Sir Clinton riu-se.

— O caso Hackleton ainda se arrasta — disse, sem disfarçar que queria mudar de assunto. — O subordinado de Shandon não está conseguindo fazer muito, ao que me consta. O velho Hackleton tem todos os motivos para celebrar a remoção de Neville Shandon. Tudo agora, no caso, o favorece; ele é esperto demais para o pobre advogado. Ele vai sair ileso, ou estou muito enganado.

Wendover não se deixou levar.

— Sério — disse —, parece que você não está fazendo muito progresso no caso Whistlefield. Você só ficou à toa nesses últimos dias.

Sir Clinton não se defendeu. De fato, ele vinha se esforçando para dar razão a Wendover.

— E hoje à noite vou arrastá-lo para jogar *bridge* em Whistlefield,

não é? Para falar a verdade, a ideia não foi minha; o convite partiu da Senhorita Hawkhurst. Admito que o consegui de forma inescrupulosa; dei a entender que passar o tempo todo em companhia de um velho solteirão estava me irritando, que eu apreciaria um pouco de uma companhia feminina e alegre, e que o convívio com ela e com a Senhorita Forrest me daria o contentamento de que eu precisava.

— Ela deve ter se sentido lisonjeada! — comentou Wendover, ironicamente.

— Ah, sim, falei da maneira mais delicada possível.

Então, Sir Clinton ficou sério.

— Não estou lá muito satisfeito com o andar da carruagem, Escudeiro; e desejo ser bem acolhido naquela casa, à parte as visitas de cunho puramente profissional. Daí a isca. De outro modo, seria de mau gosto, admito.

Wendover ficou alerta.

— E você espera mais problemas agora? Não aconteceu nada...

— “... Desde a última vez”? Não, aí está algo curioso, que você já deve ter notado, Escudeiro. Nada de fato acontece entre a última e a próxima vez. Eu diria que se trata de uma regra praticamente infalível.

— Você perdeu a oportunidade de obter um excelente emprego quando as sibilas^[10] se aposentaram — disse Wendover, decepcionado. — Você poderia ter escrito esses livros no melhor dos estilos. Você é um mestre na arte de fingir que está dizendo algo importante e, a rigor, não dizer absolutamente nada.

— Geralmente me é útil — disse Sir Clinton. — Mas para que dizer alguma coisa? Já é hora de partirmos para Whistlefield. Não vamos perder essa oportunidade.

Ele se recusou a discutir o caso Whistlefield durante o trajeto, ou mesmo a dar nem a mínima indicação do porquê queria se integrar na casa. O Escudeiro não estava lá muito satisfeito; para ele, parecia um abuso da hospitalidade ir até lá com segundas intenções. Também não gostava da ideia de Sir Clinton introduzir-se, incorporando seu *alter ego*, o chefe de polícia, numa casa da vizinhança, de modo tão oblíquo.

Ao chegarem, havia apenas quatro membros do grupo de Whistlefield esperando por eles. Arthur Hawkhurst ocupava-se do som, com isso emitindo estranhos ruídos oscilantes enquanto tentava sintonizar alguma estação. Ernest Shandon estava sentado preguiçosamente num canto da sala; Wendover notou, desgostoso, que ele tinha uma garrafa na mesa ao seu lado. Quando o chefe de

polícia e Wendover foram anunciados, Sílvia foi até eles.

— Que bom que você veio, Sir Clinton. Estamos na expectativa de boas partidas de *bridge*...

Um ruído esquisito saído da caixa de som abafou suas últimas palavras. Ernest levantou-se com esforço da cadeira e foi até eles.

— Você joga *bridge*? — perguntou, apático. — Nunca fui muito entusiasta do jogo. É muita complicação. Disputar as declarações, tudo isso. Os apaixonados pelo jogo acabam investindo muito tempo nele; e acho que o tempo poderia ser melhor empregado, concorda? Talvez você goste. Há quem goste, afinal de contas.

— O tio nunca se deu bem com o jogo — explicou Sílvia, ensaiando um sorriso. — Por isso, é natural que ele não goste. O mesmo se aplica ao homem que não dança porque não sabe dançar.

— Agora, Stenness é um bom jogador — prosseguiu Ernest. — Não consigo entender por que ele acha isso muito divertido. Ele registra mentalmente todas as cartas jogadas, como num arquivo. Aí a coisa já fica parecendo trabalho; transformar a diversão em trabalho, como dizem. Nesta noite, porém, ele não vai jogar. Está ocupado no gabinete, examinando alguns documentos a meu pedido. Torrance está praticando bilhar na sala de jogos, portanto também não vai se juntar a vocês. Você vai jogar?

Arthur lançou um olhar zangado de onde estava.

— Não — exclamou. — Não dá pra ver que estou tentando ajeitar o som?

Outro ruído enfatizou seu argumento.

Sílvia tapou o ouvido com as mãos.

— Falta muito, Arthur? — perguntou. — Essa barulhada é infernal.

— Não vê que eu estou tentando? — replicou seu irmão, de mau humor. — Nada é mais exasperante que alguém do seu lado perguntando a todo momento: “Quando vai ficar pronto?”, ou: “Sabe qual o defeito?”. Estou fazendo o que posso.

Sílvia, como se via, estava acostumada com os surtos do irmão. Com um gesto discreto, o tranquilizou, como a dizer que ele não mais seria perturbado; e se pôs a preparar a mesa de *bridge*. Ela e Wendover enfrentariam Sir Clinton e Vera Forrest.

— Esta sala não me agrada a essa hora da noite — disse ela, ao pegar as cartas da caixa. — As janelas estão quase no nível do chão e aquele grupo de rododendros está próximo demais, bloqueando a maior parte da vista.

— A essa hora da noite não sobra muita coisa para se ver, Senhorita Hawkhurst — disse Wendover, olhando para fora. — A escuridão é tanta que não se enxerga nada.

Ernest, que vinha perambulando pela sala sem rumo há alguns instantes, subitamente fez uma reclamação.

— Está muito abafado aqui. Não acha, Sir Clinton? E você, Senhorita Forrest? É uma noite quente. Preciso de ar fresco. Eles, às vezes, fazem pouco de mim por gostar de ar fresco, sabe? Mas uma lufada de ar fresco sempre me faz bem. Alguém se opõe a abrirmos um pouco a janela? Para circular um ar fresco.

Sílvia levantou os olhos, que estavam fixos no jogo.

— Estamos bem na frente da janela, tio. Talvez alguém se oponha por causa da corrente de ar.

Ernest, porém, não permitiu que suas vontades fossem assim descartadas.

— Você se importa, Senhorita Forrest? Não? E vocês, também não? Viu, Sílvia, ninguém se opõe. Vou abrir só um pouquinho.

Foi até lá e a abriu completamente.

— Agora sim! Muito melhor! — proferiu, enquanto voltava para o seu canto na sala. — Vai refrescar. Muito melhor. Nunca suportei lugares abafados. Lembro-me de que...

Qualquer que fosse a recordação, ela foi abafada pelos ruídos da caixa de som. Arthur finalmente havia concluído os reparos, e o *jazz* agora preenchia todo o cômodo.

— Aí está! Funcionando direitinho agora — anunciou o técnico aos berros, tentando se fazer ouvido. — Vou deixar ligado, se vocês não se importam. Quero me certificar de que realmente está funcionando.

Deixou o cômodo sem ser notado pelos jogadores de *bridge*, concentrados que estavam no jogo. Ernest lançou um olhar amargurado para a caixa de som; depois de suportá-la por alguns minutos, obviamente desgostoso com a situação, também se levantou.

— Vou para o jardim de inverno — explicou, à medida que passava pela mesa de *bridge*. — Não suporto a algazarra que essas máquinas fazem. Me dão dor de cabeça; doem-me os ouvidos, como em pontadas, se estou perto delas. Vou descansar sossegado no jardim de inverno e voltar quando Arthur tiver terminado os reparos.

Inclinou-se sobre os ombros de Sir Clinton e acrescentou, em voz baixa:

— Tenho me cuidado ultimamente. Segui o seu conselho e me mantive dentro de casa tanto quanto possível, para não correr riscos desnecessários, sabe?

Ele fez um aceno de cabeça, como quem tivesse tomado a mais importante das decisões, e saiu pesadamente do cômodo, deixando Sir Clinton atrás de si, a fitá-lo.

“Meu conselho!”, refletiu o chefe de polícia, entretido. “Bem, admiro o atrevimento de me atribuir essa decisão!”. Agradava a Wendover que o jogo de *bridge* acabasse por impedir muita falação. Ele considerava que Sir Clinton o havia arrastado a uma situação de falsidade naquela noite; tinha de se conter para não dar na vista. Uma vez que se sentaram, entretanto, a jogatina correu bem; não lhe sobrava muita energia mental além daquela aplicada no jogo, o que tendia a deixá-lo mais conformado. Ambas as garotas jogavam melhor do que a média; e, à medida que o tempo passava, ele ia esquecendo as contrariedades.

— É a partida decisiva — disse por fim Sir Clinton, enquanto levantava os olhos que tinha no marcador a seu lado.

Sílvia consultou o relógio de pulso.

— Jogamos mais uma? — perguntou. — Temos muito tempo, a não ser que vocês desejem sair cedo.

Enquanto falava, estendeu os braços para alcançar o marcador; porém, no meio do gesto, ela soltou um grito agudo e saltou da cadeira. Em seguida, como se mecanicamente levasse a mão de volta à mesa, Wendover viu um filete de sangue a brotar do pulso da garota, e, no local do ferimento, a pluma marrom de um dos dardos envenenados cravada na pele branca.

Por um instante, o grupo que estava em volta da mesa de *bridge* ficou imóvel, enquanto o sangue que saía do pulso de Sílvia manchava as cartas sobre as quais sua mão pendia. Aquela súbita incursão de uma tragédia na cena os havia pegado desprevenidos. Instantes antes, estavam a salvo, preocupados com o jogo. Então, do nada, aquele pequenino míssil atingira o alvo; e a morte surgia entre eles. Não se ouvira sequer o estampido da arma, que deve ter sido abafado pelo ruído da caixa de som, que seguia derramando uma confusão de ruídos em forma de música para dançar.

Wendover paralisado em sua cadeira, participava da cena quase sem saber o que se passava; a expressão dolorida de Sílvia, o horror no olhar de Vera, o filete de sangue a cair sobre as cartas desarranjadas, a expressão tranquila de Sir Clinton enquanto se inclinava sobre a mesa, na direção da garota ferida. Então, a expressão de Sílvia se transformou: vendo o dardo envenenado que tinha no pulso, finalmente entendeu o que se passava. Abriu a boca, como se dissesse algo, mas seu rosto empalideceu subitamente e ela caiu de volta na cadeira.

Sir Clinton se levantou prontamente e levou a garota inconsciente até um dos sofás. Wendover pôde notar que, mesmo naquela emergência, Sir Clinton lembrou-se de usar o próprio corpo como escudo, colocando-se entre Sílvia e a janela até chegarem a um local

fora do alcance do assassino.

— Vá atrás do animal, Wendover! — ordenou Sir Clinton, levantando a voz na tentativa de se sobrepor ao clamor produzido pela caixa de som. — Talvez você consiga vê-lo antes que fuja. E feche a janela atrás de você.

Impelido à ação pela rispidez daquelas instruções, Wendover subitamente deixou de ser mero espectador. Sem dizer uma só palavra, meteu-se janela afora, na escuridão. Em algum lugar daquelas trevas, o assassino devia estar à espreita, talvez aguardando uma oportunidade para se certificar de que atingiria seu objetivo com um segundo disparo. Wendover estava tomado de uma raiva completamente estranha ao seu temperamento usual; espreitava a escuridão que tinha em volta de si na esperança de captar um vulto que se movesse.

O assassinato dos dois Shandon e o ataque a Ernest não haviam mexido com ele. Os irmãos Shandon eram, até onde sabia, homens duros; e o destino que os havia alcançado não parecia incompatível com pessoas daquele tipo. A tentativa de assassinato de Ernest fora frustrada, e também não deixara Wendover impressionado. Agora, porém, a coisa era outra. Ainda assim, ele mal podia acreditar que tentaram, de fato, ferir Sílvia. Sílvia! Mal podia acreditar que alguém tentasse matar uma garota daquela maneira. Um atentado contra um homem era, de algum modo, diferente; mas lhe causara revolta a ideia de abreviar uma existência como a de Sílvia. O absurdo da coisa lhe era chocante; e sua ira ferveu contra o assassino oculto.

Avançou na direção de onde supunha ter vindo o disparo; em poucos passos, porém, se deparou com o canteiro de rododendros que se estendia paralelo à casa. Enquanto se movia, a caixa de som foi subitamente desligada, e Wendover se deteve para escutar os sons ao redor. Nada parecia se mover. Circulou os rododendros, mas não encontrou ninguém.

Ele retornou em direção à janela pelo mesmo caminho. Um único fecho de luz iluminava, no lado oposto, o jardim de inverno; todo o restante da parte frontal da casa estava às escuras. Cada detalhe da mesa de *bridge*, do outro lado da janela, era bem visível sob a iluminação do cômodo; um alvo perfeito para alguém que se escondesse na escuridão.

De repente, a vista de Wendover foi ofuscada por uma luz brilhante: todas as lâmpadas do jardim de inverno foram acesas de uma só vez.

— Ora — perguntou uma voz, cheia de cautela —, o que é isso? O que está acontecendo, afinal? Quem é você aí fora?

Os olhos de Wendover demoraram a se acostumar com a

luminosidade. Olhando na direção de quem falava, Wendover identificou a silhueta de Ernest Shandon na porta mais próxima do jardim de inverno. Ernest, evidentemente, não queria correr nenhum risco; ele se protegia atrás da porta, que estava quase fechada, enquanto pedia explicações. Wendover deixou escapar uma expressão de desprezo quando notou com quem falava.

— Sou eu, Wendover — anunciou-se.

Ernest abriu a porta mais um pouco, embora obviamente relutante.

— O que há? — reiterou, com uma ansiedade quase patética. — Há algum perigo? Por que você está correndo para lá e para cá? Onde está Driffield? O que houve? Responda, homem!

Wendover ficou ainda mais enojado com a covardia do homem que, em tese, era seu anfitrião.

— A Senhorita Hawkhurst foi atingida por um dardo envenenado. Vamos ver se há algo que possamos fazer.

A notícia, obviamente, prostrou Ernest. Não tinha mais cabeça nem sequer para esconder sua covardia.

— Para quê? Para ser eu a vítima? Não!

— Bem, então fique aí! — rosnou Wendover, seguindo de volta para a janela pelo mesmo caminho por onde saíra.

— Vou dizer o que farei — disse Ernest. — Vou acessar a casa pela outra porta do jardim de inverno e chegar até onde você está. Assim, fico oculto por todo o trajeto.

Enquanto Wendover pulava a janela para dentro da sala, trancando-a atrás de si, ouviu a porta do jardim de inverno ser fechada e trancada à chave.

Sílvia ainda estava deitada no sofá, inconsciente. Sir Clinton estava do lado dela e, para a surpresa de Wendover, havia compressas e bandagens em cima da mesa de *bridge*, que fora arrastada para o outro lado da sala.

— Senhorita Forrest — disse o chefe de polícia, secamente —, você poderia me trazer água quente? Pegue você mesma. Essas criadas são inúteis numa emergência. E diga-lhes que preparem o quarto da Senhorita Hawkhurst imediatamente. Água quente o mais rápido possível, e um pouco de conhaque.

Vera partiu tão rápido que teve que se deter na porta a fim de ouvir as últimas instruções.

— E você, Wendover — prosseguiu Sir Clinton —, ligue imediatamente para Ardsley. Diga-lhe que preciso dele aqui em Whistlefield.

Wendover hesitou por um instante.

— Não seria bom informá-lo do motivo? Assim, pode trazer

consigo o que for preciso.

— Já está tudo combinado. Corra, homem!

Wendover, estimulado pelo tom veemente da fala, saiu apressado, sem dizer uma palavra. Quando retornou, Vera havia executado suas instruções e voltado para ver se algo mais havia a ser feito. Ernest também havia conseguido chegar à sala e ficou lá parado, olhando inexpressivamente para a figura de sua sobrinha, jazendo inerte no sofá. Ia abrir a boca para falar quando Sir Clinton ergueu os olhos.

— Está tudo bem? Obrigado, Senhorita Forrest. Você contatou Ardsley, Wendover? Então, por ora, tudo está nos conformes.

Enquanto falava, ocupava-se em lavar o ferimento com água quente.

— Talvez possamos fazer algo — explicou, enquanto prosseguia com sua tarefa. — Por sorte, o dardo atingiu a pulseira do relógio. Penetrou por entre os elos e acabou, de qualquer modo, abrindo um ferimento bem feio. Mas não penetrou completamente a carne. Então, é possível que a dose de veneno injetada não seja fatal. Não saberia dizê-lo. Ardsley saberá melhor quando chegar.

Lavou o ferimento mais uma vez e, então, virou-se para Wendover.

— Você conseguiu ver alguém?

Wendover balançou a cabeça negativamente.

— A noite está escura como breu. Não consegui ver nada.

Sir Clinton refletia.

— No bolso do meu sobretudo, há uma lanterna. Use-a para esquadrihar o canteiro dos rododendros em busca de uma arma de ar comprimido, Wendover. Pode ser que, desta vez, o animal a tenha deixado cair, na correria. Não precisa se preocupar em manter a cena intacta; a arma é mais importante do que possíveis pegadas.

Enquanto Wendover se dirigia à porta, Ernest pareceu voltar à vida.

— Penso que deveria ajudá-lo — disse —, mas me parece desnecessário e arriscado mandar alguém lá fora nessa escuridão toda. Pelo que me consta, é possível que o sujeito ainda esteja lá fora, armado. Penso que ninguém deveria sair. Eu, quanto a mim, não saio — concluiu com simplicidade.

Sir Clinton ergueu os olhos e esquadrihou Ernest, sem se esforçar em ocultar o desprezo que sentia.

— Eu não pedi para que você se voluntariasse. Pode ir, Wendover. Tão logo Ardsley chegue, me juntarei a você.

Quando Wendover se preparava para deixar o cômodo, Stenness apareceu à porta. Era claro que a atenção do secretário fora despertada por conta da movimentação pela casa; ele saíra para ver o

que acontecia. Aparentemente, porém, ele não tinha ideia do que se passava. Wendover o viu encarar todos que estavam no cômodo, um de cada vez, até se dar conta de que Sílvia jazia espichada no sofá. Só então sua expressão revelou uma emoção intensa; Wendover, entretanto, não conseguiu decifrá-la. Guardou a cena na memória para futuras referências, e deixou a sala.

— Agora — disse Sir Clinton —, acho melhor levarmos a Senhorita Hawkhurst para seu quarto. Creio que conseguiremos fazê-lo. Ademais, é melhor que ela esteja lá, e não aqui, quando recobrar os sentidos.

Sob sua supervisão, a tarefa foi levada a cabo. Ao chegar ao quarto de Sílvia, Sir Clinton olhou em volta e, dirigindo-se à janela, esquadrinhou as redondezas; mas estava muito escuro para enxergar o que quer que fosse.

— Mudaremos a cama de lugar — sugeriu, quando retornou. — Vamos trazê-la para este canto; nesse ângulo, nenhum projétil que entre pela janela poderá alcançá-la. Cautela nunca é demais...

Ele fez uma pausa.

— Agora, apenas a Senhorita Forrest e eu aguardaremos aqui até a Senhorita Hawkhurst recobrar os sentidos; ou, pelo menos, até o Doutor Ardsley aparecer. Não é prudente nos apinharmos no quarto neste momento.

O quarto esvaziou-se mais pela força da atitude dele do que pelo seu discurso; ele e Vera Forrest ficaram a sós. Depois de tomar o pulso de Sílvia, Sir Clinton conseguiu dar a ela algumas gotas de conhaque, o que a agitou levemente. Sir Clinton deixou o leito e retornou à janela. Lá embaixo, a uma curta distância, pôde ver Wendover ocupado com a lanterna. Era óbvio que ainda não havia encontrado nada.

Enquanto ele se afastava da janela de volta para o quarto, Vera Forrest dirigiu-se a ele.

— Qual a sua opinião, Sir Clinton? Há chances de ela escapar ilesa?

A expressão de Sir Clinton mostrou a ansiedade que o consumia.

— Eu não saberia dizê-lo, Senhorita Forrest. O ferimento não foi tão profundo quanto nos outros casos; isso é algo a se considerar. Ademais, ela não desmaiou de imediato, ao contrário do que aconteceu com seus tios. Já é algo. Mas teremos que esperar pela avaliação do Doutor Ardsley; e, mesmo assim, não acho que ele poderá esclarecer muita coisa. Ao menos, ele poderá lhe administrar o tratamento adequado. Vamos torcer para que tudo dê certo.

Ficara evidente, pelo seu tom de voz, que o caso era sério. Mal acabara de falar quando ouviram o som de alguém que subia as

escadas. A porta se abriu bruscamente; Sir Clinton mal teve tempo de se interpor quando Arthur entrou no quarto. O garoto, como se via, estava muito agitado. Havia sido informado do ocorrido lá embaixo, e subira às pressas, no calor do momento.

— *Shh!* — fez Sir Clinton, enraivecido. — Não quero ninguém entrando desembestado aqui, dessa maneira!

Conduziu gentilmente o garoto para fora do quarto, até o corredor.

— Sua irmã foi atingida por um disparo de arma de ar comprimido, assim como aconteceu com os seus tios — explicou. — Até agora, o ferimento não foi fatal; mas é melhor não criar falsas esperanças. Chamei o Doutor Ardsley; ele conhece o veneno, talvez possa ajudar. Arthur parecia incapaz de se conter.

— Mas quem faria uma coisa dessas? — perguntou.

— Calma — ordenou Sir Clinton, secamente. — Não podemos ficar aqui fazendo reuniões. Haverá bastante tempo para discutir isso mais tarde. Ela está, aos poucos, recobrando os sentidos; pelo menos é o que me parece. Foi, sem dúvida, o choque de perceber o que a atingira que a fez desmaiar. Não há nada a fazer até o Doutor Ardsley chegar... Ah, aí vem ele. Agora, Hawkhurst, vamos deixar o especialista trabalhar.

Ardsley subia as escadas, trazendo consigo uma mala. Do topo da escada, cumprimentou os dois com um aceno de cabeça, e fez outro aceno interrogativo, como se perguntasse em qual cômodo deveria entrar; e então desapareceu no quarto, fechando a porta atrás de si. Arthur ficou impressionado com o fato de que Sir Clinton nada dissera ao doutor.

— Você não vai lhe contar o que houve? — perguntou, ansioso.

— Ele já sabe — assegurou-lhe Sir Clinton, sem explicar em detalhes. — Um momentinho.

Levou uns dois minutos até a porta do quarto de Sílvia se abrir novamente e Ardsley aparecer. Sua expressão, normalmente impassível, trazia uma expressão de preocupação incomum; e, em resposta à pergunta de Sir Clinton, balançou a cabeça, cético.

— Não dá para saber — foi tudo o que disse. — Chamem as enfermeiras, imediatamente.

Dito isso, deu meia-volta e entrou novamente no quarto.

Sir Clinton meteu as mãos no bolso e ficou paralisado por alguns instantes, a refletir. Até que, repentinamente voltando a si, foi ao telefone, conseguindo se livrar de Arthur com a desculpa de ter que fazer uma ligação urgente.

Terminada a chamada, o chefe de polícia retornou à sala onde o atentado havia ocorrido. Aparentemente, Wendover ainda estava

ocupado esquadrinhando o canteiro dos rododendros; Vera Forrest acompanhava Sílvia; porém, o restante do grupo de Whistlefield estava lá, esperando para saber notícias da vítima.

Ernest Shandon, como era de esperar, ficara nervoso com o ocorrido. Estava sentado no seu lugar de sempre, no fundo da sala, a cabeça baixa e os olhos fitando, apáticos, o tapete à sua frente; na mão, segurava um copo de uísque que havia acabado de servir da garrafa ao lado. Sir Clinton notou que as cortinas da janela pela qual havia ocorrido o ataque haviam sido fechadas; e não se surpreenderia se a medida tivesse sido tomada por Ernest. Com efeito, foi a primeira coisa que ele providenciara.

Howard Torrance e Stenness estavam de pé, junto à lareira. Howard, manifestadamente, ainda ignorava certos detalhes da tragédia; e ele se esforçava para extraí-los de Stenness por meio de uma série de perguntas ansiosas. O secretário, porém, pela primeira vez parecia haver perdido sua eficiência. Era visível que o respondia vagamente, de maneira quase aleatória; ele dava a impressão de alguém que estava sendo importunado por ninharias enquanto tinha outras preocupações, mais importantes. Tinha a aparência de um homem que havia sido atingido por uma súbita e intolerável calamidade. Os olhos de Sir Clinton se estreitaram ao percorrerem o rosto do secretário.

“Ele parece o mais ansioso do grupo”, pensou consigo mesmo.

Arthur Hawkhurst estivera de pé à janela, de costas para a sala; quando, porém, Sir Clinton entrou, virou-se. Tinha o rosto desfigurado por um turbilhão de emoções: viam-se nele, claramente, raiva, desconfiança e ansiedade.

— E então — perguntou, bruscamente —, pode nos dar mais alguma informação?

— Você mesmo ouviu o que Ardsley disse — observou Sir Clinton. — Não estive com ele desde então.

Arthur o encarou com fúria incontida.

— Dá para ver que não é a sua irmã que está ali deitada, à beira da morte! Você não estaria tão tranquilo assim.

Voltou-se novamente para a janela, fixando o olhar na noite lá fora.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Howard Torrance. — Você é o único aqui que testemunhou tudo, Sir Clinton.

— Alguém se aproveitou da música alta da caixa de som para se aproximar daquela janela ali, que o Senhor Shandon insistiu em deixar aberta, e disparar um dardo de arma de ar comprimido para dentro da sala, atingindo a Senhorita Hawkhurst. Por sorte, atingiu seu pulso bem no ponto em que havia alguma proteção: a pulseira do

relógio de pulso. Isso impediu que penetrasse profundamente. Entretanto, se alguma dose de veneno conseguiu penetrar no ferimento, isso já é motivo de preocupação; é coisa séria. Isso é tudo o que sei. Convoquei o Doutor Ardsley imediatamente. No momento, ele está cuidando dela.

— Há esperança de que não seja um ferimento fatal desta vez? — perguntou Howard Torrance, ansioso.

Sir Clinton balançou a cabeça.

— Sei tão pouco quanto você. Consegui extrair o dardo quase imediatamente, então, talvez não tenha dado tempo de o veneno penetrar. Isso nos dá alguma esperança. Temos, todavia, de esperar pelo parecer do especialista. Eu, de fato, nada sei.

— E não me parece que você esteja se empenhando — rosnou Arthur, da janela.

Antes que Sir Clinton pudesse responder, a porta do cômodo se abriu e Wendover precipitou-se para dentro dele. Estava, devido às suas buscas, todo desalinhado; a gravata frouxa e as roupas manchadas, aqui e ali, de verde e marrom. Mas trazia, nas mãos, o objeto que Sir Clinton queria: a arma de ar comprimido.

— Bom homem! — comentou o chefe de polícia, com os olhos fixos na arma.

Tendo ouvido a exclamação, Arthur voltou ao centro do cômodo. Sua expressão mudou ao perceber o que Wendover trazia consigo.

— Onde você pegou? É a minha melhor espingarda de ar comprimido!

— É a arma que poderia ter matado a sua irmã — disse Wendover, olhando, desconfiado, para o rosto perturbado de Arthur. — Encontrei-a naquele canteiro de rododendros lá fora. Estava enfiada bem entre os arbustos; por isso demorei tanto para encontrá-la.

Ele olhou Arthur de cima a baixo por um instante; então, ignorando o dono do objeto, que estendia a mão como que a reclamá-la, entregou a espingarda de ar comprimido para Sir Clinton, que a recebeu sem dizer uma só palavra. Arthur avançou, furioso, na intenção de reaver sua propriedade; nesse instante, houve nova interrupção. A porta abriu-se uma vez mais e revelou a figura sombria de Ardsley. Ele aguardou um momento até se certificar de que tinha a atenção geral; então, dirigiu-se a Sir Clinton e deu seu veredito.

— A coisa é séria! Claro, ela ainda está viva; e há chance de que sobreviva. É uma pena que vocês não tenham se lembrado de fazer um torniquete logo em seguida para impedir que o veneno se espalhasse, visto que se trata de um membro isolado. Mas não

adianta lamentar agora. Vamos esperar e ver se ela consegue se safar. É uma situação terrível!

Sir Clinton assentiu, com um aceno de cabeça.

— Tem tudo o que precisa? As enfermeiras chegarão a qualquer momento.

— A Senhorita Forrest poderá me ajudar enquanto isso. Uma coisa: é preciso absoluto silêncio na casa. Não posso permitir que a minha paciente seja perturbada de modo algum. Ele ainda está inconsciente, mas quero desde já evitar o risco de que seja perturbada mais tarde. Silêncio total, ou não me responsabilizo por nada.

Virou-se e deixou a sala, sem esperar nenhuma réplica. A gravidade de sua expressão bastara para mostrar a todos ali que não havia muita esperança para Sílvia.

[10.](#) Os “livros das sibilas” referem-se geralmente aos *Oráculos sibilinos* (*Sibylline Oracles*), coleções de profecias em versos gregos. Compilados entre os séculos II a.C. e VI d.C., esses textos incluem visões apocalípticas e escatológicas — NE.

CAPÍTULO XIII

O dardo

O período que se seguiu imediatamente ao atentado contra Sílvia foi de grande inquietude para Wendover. Até ali, ele pensava que ficaria provado que os eventos de Whistlefield estariam ligados ao caso Hackleton. A conexão entre alguns dos incidentes — o ataque contra Ernest Shandon, por exemplo — certamente era obscura; mas Wendover nutria a crença irracional de que, ao final, todas as pistas levariam de volta a Hackleton, e que todo o mistério seria desvendado com uma explicação simples, que fizesse dele um crime cometido à força de motivações corriqueiras, com uma sequência de eventos racional.

A mais recente tragédia, contudo, não podia ser enquadrada em nenhuma de suas ideias preconcebidas. Que relação poderia existir entre Hackleton e Sílvia que exigisse a morte dela? Dificilmente ela ou Ernest haviam sido os guardiões dos segredos de Neville Shandon.

Se, porém, Hackleton fosse posto de lado, parecia que o caso perdia qualquer traço de lógica, tornando-se um mero massacre perpetrado por algum maluco, incitado por motivos que extrapolavam os limites da razão. Em vez de um criminoso frio e calculista, Wendover parecia se confrontar com uma criatura desumana, uma coisa que matava, aleatoriamente, movida pelo puro prazer de fazê-lo. Seu espírito se revoltava contra essa hipótese; e ele se esforçou arduamente para reconstituir as provas de modo a eliminar essa figura grotesca, colocando, em seu lugar, um criminoso cuja conduta pudesse ser apreendida por pessoas racionais.

Tão logo ficou a sós com Sir Clinton depois da tragédia em Whistlefield, fez o seu melhor para dele extrair informações; mas fracassou completamente. Todas suas tentativas de perguntas foram recebidas por negações lacônicas de qualquer conhecimento oculto, embora fosse manifesto que Sir Clinton tivesse todo o seu espírito concentrado nos últimos acontecimentos do caso Whistlefield. Apesar, porém, das negativas, o Escudeiro tinha a impressão de que a ansiedade do chefe de polícia tinha Sílvia como causa central, e não o caso

Whistlefield como um todo. A partir de uma palavra descuidada, ele pôde inferir que Sir Clinton, de uma maneira ou de outra, havia se arriscado; e que os resultados tinham sido bem diferentes do que ele esperava. Algo havia atravessado os planos de Sir Clinton, abalando sua confiança.

Nem quando deixou de lado suas infrutíferas especulações e se deitou, Wendover conseguiu se desligar da mais recente tragédia. Sua mente insistia em evocar imagens: algumas delas memórias, outras, cenas imaginárias, nas quais o assassino desconhecido atuava. Visualizava a mesa de *bridge*, as cartas da última rodada ainda espalhadas, Sir Clinton pondo o marcador de lado, um cigarro se consumindo no cinzeiro, Vera Forrest embaralhando as cartas para a próxima rodada. Nada mais pacífico. Então, subitamente, tudo se transformava. Reviveu aquele momento terrível, o dardo letal projetado da escuridão exterior para dentro da sala, transformando a idílica tranquilidade numa cena de horror e perigo. Disso, sua imaginação passou ao monstro que se espreitava na penumbra além da janela: uma figura vaga e sem feições, agachando-se entre os rododendros, engatilhando a espingarda de ar comprimido em busca da vítima escolhida. Em meio a visões inquietantes como essas, sua noite se arrastou lentamente.

A manhã não trouxe alívio para a sua ansiedade. Antes de descer, Sir Clinton já se ocupara, fazendo ligações; e sua expressão bastava para deduzir que as notícias eram ruins. Wendover não ousara perguntar o que havia; as feições de seu hóspede revelavam algo pior do que ele esperava.

— Ardsley telefonou — explicou Sir Clinton, sucintamente. — Ela piorou bastante. Colapsou gravemente no início da manhã, e só agora conseguiram reanimá-la. Por sorte, as enfermeiras estavam por perto, de modo que fizeram tudo o que podia ser feito. Mas Ardsley não está lá muito esperançoso. Ele acha que a dose do veneno pode ter sido maior do que supúnhamos.

Mordeu os lábios, e parecia prestes a dizer algo mais, mas acabou mudando de ideia e escolhendo outras palavras:

— Temos que ir até lá depois do café da manhã, Escudeiro; tenho que conversar com Ardsley. Você nem imagina o quanto esse caso tem me preocupado.

— Acho que posso imaginá-lo — respondeu Wendover. — Eu mesmo tive uma noite terrível. É uma desgraça.

Sir Clinton fez um aceno de cabeça, distraidamente. Estava, evidentemente, mergulhado em seus pensamentos. Pela sua expressão, Wendover podia deduzir que não eram nada agradáveis.

Embora mal admitisse para si mesmo, o comportamento de Sir

Clinton era outro fator que havia contribuído para a sensação de irrerealidade que dominava Wendover. Até então, o chefe de polícia parecia tão seguro do caso que o conduzia de maneira quase leviana; agora, porém, era evidente que algo havia dado errado. As coisas não saíram como planejado. A tragédia que ele previra aconteceu; agora, porém, que ela era fato consumado, ele não conseguia desempenhar o papel de *deus ex machina* que parecia ter pretendido. Essa mudança repentina perturbou profundamente Wendover. O homem em que ele vinha depositando toda a esperança de solução do mistério parecia perplexo e ansioso, em vez de tranquilo e resoluto.

Quando chegaram a Whistlefield, Ernest Shandon foi o primeiro a recebê-los.

— Coisa terrível! — lamentou-se, ao adentrar o gabinete em que estavam. — Caso medonho! Ardsley está bem abatido, muito abatido. Ele não serviria para praticar a medicina; é pouco compreensivo. A maioria dos médicos são mais cuidadosos: não dizem as coisas assim, na cara, como o faz Ardsley. Ele não se importa com os sentimentos dos outros, nem um pouco. A gente espera um pouco de delicadeza de um médico; não, porém, no caso dele. Perguntei-lhe esta manhã a respeito de Sílvia, se ela havia passado bem a noite. Ele apenas me encarou e soltou um rosnado, dizendo que ela tem sorte de ainda estar viva; e o disse como se ela fosse um dos cães que ele gosta de mutilar. É assim que se dá más notícias a um parente? Eu diria que ele é cruel. Ele nunca se põe em nosso lugar. Para ele, é só mais um caso, eu acho. Mas veja só como tudo isso nos afeta. Sílvia administra a casa tão bem. Não sei o que faríamos sem ela.

Sir Clinton o deixou falar à vontade; mas era óbvio que não pretendia perder muito tempo ouvindo as lamentações de Ernest.

— A Senhorita Forrest está descansando?

— Sim — confirmou Ernest —, ela esteve acordada ajudando Ardsley até a chegada das enfermeiras; depois disso, não conseguia dormir, então ficou sentada por um tempinho. Ardsley desceu e se deparou com ela cedo pela manhã; mandou que ela fosse descansar. Foi o que ele me disse. Eu mesmo havia me deitado um pouco antes.

Sir Clinton nada disse, e Ernest prosseguiu com suas queixas.

— Tenho a impressão de que a polícia não faz nada. Por que você não prendeu ninguém ainda? Meus nervos estão à flor da pele. Temos um assassino à solta na vizinhança. Matou meus irmãos; atacou-me; colocou a minha sobrinha à beira da morte; e todo esse tempo a polícia ficou parada, as mãos nos bolsos. Para que são pagos, afinal? Isso que eu gostaria de saber. Por que não capturam logo o sujeito? Veja como está a minha vida! Toda vez que saio de casa tenho a sensação de que um malandro está me espreitando do arbusto mais próximo,

preparando sua arma. Veja que situação. E vocês não movem um dedo para ajudar!

— Eu ofereci a você um destacamento de policiais para Whistlefield não faz muito tempo, Senhor Shandon. O senhor recusou. Lamento que não estejam mais disponíveis agora. Meus homens têm outras tarefas a cumprir.

Ernest ficou desconcertado com a lembrança.

— De fato, você ofereceu, mesmo. Eu havia me esquecido.

Sir Clinton pareceu interpretar a fala como um pedido de desculpas.

— Eu gostaria de conversar em particular com o Senhor Stenness, se não se importar, Senhor Shandon. Poderia lhe dizer que estou à sua espera?

Ernest sentiu que havia deixado a língua solta demais. Talvez tenha se dado conta de que mostrou ser um covarde. Em todo caso, apressou-se em atender ao pedido de Sir Clinton.

— Vou procurá-lo e dizer que vá ao seu encontro — anunciou, com surpreendente concisão; e deixou o cômodo, sem mais nada dizer.

Enquanto esperavam por Stenness, a porta se abriu e Arthur Hawkhurst entrou. Para a surpresa de Wendover, não havia nele nenhum sinal da má vontade de que havia dado mostras tão contundentes na noite anterior. Ao contrário, tinha a aparência um pouco acanhada. E começou sua fala de maneira inesperada.

— Comportei-me como um simplório na noite passada, Sir Clinton — admitiu com franqueza. — Atrevo-me a dizer que falei coisas que não deveria. Mas você sabe muito bem — deixou os dentes à mostra ao abrir um sorriso cativante — que eu estava bastante chateado. Quem não estaria? Pobrezinha da Sílvia! Tenho imenso apreço por ela. É praticamente a única pessoa no mundo que é assim importante para mim. De modo que, naturalmente, eu não estava com a cabeça no lugar; e acabei dizendo coisas que não deveria ter dito.

— Tudo bem — assegurou-lhe Sir Clinton. — Entendo perfeitamente como se sente. Não se preocupe. Você já tem problemas demais para se preocupar com essas trivialidades.

Arthur concordou com um aceno de cabeça.

— Você tem alguma ideia da motivação?

Sir Clinton tomou cuidado para não dar uma resposta direta.

— Estamos fazendo tudo que podemos.

Os olhos de Arthur brilharam.

— Eu gostaria de participar. Talvez eu possa ajudar.

— Temo que, no momento, não.

Arthur não recebeu bem a rejeição.

— Então, nada me impede de trabalhar por conta própria, não é? Você não pode me impedir. E se eu pegar o brutamontes, você não tem

o direito de se intrometer. Eu mesmo vou lidar com ele. A força é suave demais para ele.

— Concordo com você — disse Sir Clinton, baixando a guarda. E acrescentou, com um discreto sorriso:

— Toda essa conversa é extraoficial, claro.

Arthur parecia desconfiado.

— Não sei se entendi o que você quis dizer. O que eu quero dizer é bastante simples. Se eu puser as mãos no sujeito que tentou matar Sílvia, ele vai preferir ser enforcado do que ficar em meu poder. Eu vou...

— Basta, Senhor Hawkhurst — interrompeu Sir Clinton, severamente. — Não queremos saber de nada disso.

Arthur explodiu. Wendover, observando-lhe o rosto, viu sua expressão se contorcer de fúria. Não sem esforço, o garoto lutou para se dominar antes de voltar a falar.

— Se algo acontecer a Sílvia, eu pego o animal; e então ele vai desejar nunca ter nascido. É isso!

Girou nos calcanhares e deixou o cômodo.

Sir Clinton soltou um leve suspiro quando a porta se fechou.

— Oh, Senhor! — exclamou suavemente, como se falasse consigo mesmo. — Eu não contava com isso. A coisa toda está ficando complicada pra danar!

Wendover ficou alerta.

— Qual é o problema agora?

Sir Clinton deu-se conta de que havia pensado em voz alta.

— Trata-se de outro fator com o qual eu não contava — admitiu. Mas recusou-se a se estender na questão; Wendover teve de se contentar com aquela observação misteriosa.

Stenness não os fez esperar por muito tempo. Quando chegou ao gabinete, Wendover se surpreendeu com a mudança que aquela noite havia causado na aparência do secretário. Tinha os olhos pesados; sua fisionomia indicava esgotamento, como se ele tivesse feito um grande esforço.

“Creio que todos nós estamos um pouco assim, depois dos acontecimentos recentes”, comentou Wendover consigo mesmo. “Clinton está muito ansioso; o jovem Hawkhurst está bem descompensado; e provavelmente eu mesmo devo estar com má aparência. É normal”.

Sir Clinton não perdeu tempo e foi direto ao ponto.

— O Senhor Shandon nos informou que você está ciente do conteúdo do testamento de Roger Shandon. Você poderia nos dar uma ideia geral dele? Já não é mais um documento confidencial, obviamente.

— Há uma cópia dele aqui no cofre — Stenness explicou. — Você

pode dar uma olhada, se assim desejar.

— Obrigado. Mas se você puder me informar os pontos principais, me pouparia tempo.

Stenness sacou uma chave do bolso e cruzou o gabinete até onde estava o cofre, que era embutido na parede.

— O testamento é bem simples. Todas as propriedades devem ser divididas igualmente entre Neville Shandon, Ernest Shandon, Senhorita Hawkhurst e Arthur Hawkhurst. É o dispositivo padrão sobre herdeiros e sobreviventes desse grupo.

— O que importa saber é se há algum legatário com direito a um quinhão residual, alguém que herdasse o restante dos bens depois de ter sido distribuído o principal.

— Não me lembro de nenhum dispositivo assim — admitiu Stenness, vasculhando o cofre. — Aqui está uma cópia do testamento, se desejar dar uma olhada.

Entregou-a a Sir Clinton, que a desdobrou e começou a ler.

— Ele não deixou nada para você, não é? — perguntou casualmente o chefe de polícia, enquanto prosseguia o exame da documentação.

Stenness ficou claramente surpreso com a pergunta.

— Não. Por que o faria? Trabalho com ele há apenas um ou dois anos. Não sou um velho empregado da família, que já tem aposentadoria garantida. Para falar a verdade, não há legado algum nesse sentido.

— Entendo — concordou Sir Clinton, quando terminou a leitura do documento. — É um testamento bastante breve, sem todos aqueles dispositivos complicados que em geral inserem em documentos assim.

Ele pareceu ponderar sobre a questão.

— Eu esperava encontrar um legatário em algum lugar do documento; mas você está certíssimo, não há nada nesse sentido. Você sabe algo a respeito do testamento de Neville Shandon? Acho que está fora da sua alçada.

Stenness balançou a cabeça negativamente.

— Nunca o li. Mas o testemunhei, por acaso. E a impressão que tive ao dar uma olhada na última página foi que se trata de um testamento parecido com o de Roger. O senhor poderia facilmente conseguir uma cópia, se assim desejar.

Sir Clinton devolveu o testamento e se levantou enquanto o secretário recolocava o documento no cofre.

— Vejo que você tem a chave do cofre.

Stenness o trancou e meteu a chave de volta no bolso.

— Sim, o Senhor Shandon me disse para ficar com uma. Venho cuidando da papelada para ele, e ter a chave facilita o trabalho. Assim ele não tem que me emprestá-la toda vez que eu precisar abrir o cofre.

— Você tinha a chave na época de Roger Shandon?

— Não. Roger era diferente.

— A propósito, Senhor Stenness, você vai permanecer aqui como secretário de Ernest Shandon?

Stenness foi pego de surpresa pela pergunta.

— Não há nada acertado ainda. Vou ficar aqui até as coisas da propriedade se ajeitarem; depois disso, creio que não devo permanecer. Posso arranjar coisa melhor.

— Creio que sim — concordou Sir Clinton, indiferente.

Ele consultou o relógio de pulso.

— Preciso ver o Doutor Ardsley agora. Estou com um pouco de pressa, mas ainda há uma ou duas perguntas que eu gostaria de lhe fazer, Senhor Stenness. Você está livre hoje à noite? Ótimo. Eu venho até aqui. Agora, pode fazer a gentileza de informar ao Doutor Ardsley que o aguardo?

Stenness devia ser de fato muito eficiente, porque Ardsley apareceu quase imediatamente. Wendover lhe esquadrinhou o rosto quando entrou no cômodo; ali estava a pessoa que poderia tranquilizá-los. Mas a expressão de Ardsley não era de se animar; não transmitia nada senão ansiedade e tristeza.

— Ela está bem pior. Eu esperava que se recuperasse depois do ataque, mas ainda nada.

— Diga-nos claramente o que pensa a respeito do caso — solicitou Sir Clinton. — Não precisa nos esconder nada.

Ardsley pareceu ficar ainda mais grave.

— Não tenho muita esperança. Francamente, acho que em breve tudo se acaba, talvez hoje à noite.

Ninguém parecia disposto a conversar. Wendover se esforçava para encarar o que agora parecia inevitável. A morte frequentemente vem depressa; mas as circunstâncias da tragédia de Sílvia lhe conferiam uma qualidade que as mortes comuns não possuem. Parecia-lhe que tudo aquilo era um pesadelo. Havia naquilo algo de absurdo, o assassinato de uma garota que não fizera mal a ninguém. A arbitrariedade desumana que ceifara a vida de Sílvia na flor da idade lhe parecia mais terrível do que qualquer crime premeditado; pois um crime calculado implicaria uma motivação, ao passo que a atual circunstância parecia produto do mero caos; algo fora da esfera da normalidade.

Sir Clinton deu um passo em direção à porta e, subitamente, pareceu ter mudado de ideia.

— Você me arranjará um pouco de vinagre e carbonato de sódio? — perguntou, dirigindo-se a Ardsley. — Preciso me certificar de algo; e seria bom que um especialista me acompanhasse.

Ardsley não teve dificuldade em arranjar os itens pedidos. Como

médico encarregado de Sílvia, bastava pedir. Dois copos e uma garrafa d'água também foram providenciados, a pedido de Sir Clinton.

— Agora, pode trancar a porta, Escudeiro. Não queremos nenhum visitante.

De uma pequenina garrafa de vidro que sacou do bolso, o chefe de polícia extraíu um daqueles dardos agourentos.

— Este é o que feriu a Senhorita Hawkhurst — explicou, enquanto o depositava num copo com água. — Agora, temos que esperar.

Ocasionalmente, agitava a água; aos poucos, a água foi tingida de um tom azul pálido. Ardsley escrutinava o copo com muito interesse, mas era difícil dizer o que pensava.

— Agora, Escudeiro, adicionamos uma gota de vinagre — disse Sir Clinton, colocando em prática o que falava.

À medida que o vinagre se misturava à solução, Wendover notou uma alteração na cor: o azul deu lugar a um vermelho pálido.

— Agora, um pouco de carbonato de sódio, para variar — disse Sir Clinton, acrescentando à mistura um cristal e criando um turbilhão no copo. Ao fazê-lo, o tom azulado retornou à solução.

Ardsley fez um aceno com a cabeça, em aprovação.

— Tornassol, óbvio. Isso encerra a discussão. Você deve ser um químico de mão cheia para ter chegado a essa conclusão.

Sir Clinton não respondeu, mas advertiu Wendover para que guardasse o experimento na memória.

— Se isso é tudo, voltarei à Senhorita Hawkhurst — disse Ardsley, tão logo Sir Clinton parou de falar.

— Vamos voltar à granja agora — explicou Sir Clinton. — Se precisar de mim, basta telefonar.

— Pensei que estivesse com pressa — disse Wendover, surpreso quando percebeu que Sir Clinton não tinha nada planejado quando retornaram à granja. — Você usou essa desculpa para interromper a conversa com Stenness. Por que não concluiu a coisa naquele momento, em vez de ter que voltar lá mais tarde?

— Estou preocupado com a Senhorita Hawkhurst, Escudeiro; prefiro ser informado pessoalmente por Ardsley do que pelo telefone.

— Você não conseguiu extrair muita coisa dele hoje pela manhã — reclamou Wendover. — E, a rigor, não entendo por que colocou aquele homem nesse negócio. Isso me parece desafiar a Providência. Afinal, ele pode muito bem ser uma das fontes do curare original, até onde se sabe; ele é um dos suspeitos.

— Ele não está na minha lista de suspeitos, Escudeiro; e, se estiver na sua, pode riscá-lo imediatamente. Isso é definitivo. Quanto à ajuda dele, quem mais competente para a tarefa? Como um clínico-geral do interior poderia contribuir no caso da Senhorita Hawkhurst? Não poderia! Não

se pode esperar que um médico rural seja a última palavra no estudo de venenos remotos. Nem seria razoável fazê-lo.

Wendover se tranquilizou com aquelas palavras.

— Não consigo entender o seu procedimento nesse caso, Clinton. Você alega saber quem é o assassino. Por que não o prende imediatamente? Você já alegava sabê-lo há alguns dias e, no entanto, não fez nada. E agora parece que deixou as coisas à deriva, e o resultado foi o atentado contra a Senhorita Hawkhurst. Ora, você é o culpado por isso! O seu descuido com os dardos envenenados foi criminoso, deixando-os à vista para qualquer um se apossar deles.

Sir Clinton não se defendeu. Em vez disso, valeu-se da veemência de Wendover para outro propósito.

— É fácil dizer: “Prendam-no!”. Imagine por um instante que você estivesse no meu lugar, Escudeiro, e quisesse agir com absoluta certeza; quem você prenderia agora, neste momento?

Pressionado pela pergunta, Wendover subitamente parecia ter compreendido.

— Ernest Shandon — disse. — Andei pensando no assunto e passei a ver o caso sob uma nova perspectiva. Quem foi que abriu a janela na noite passada, tornando possível o disparo para dentro da sala? Ernest Shandon! Quem estava fora do cômodo quando o dardo foi disparado? Ernest Shandon! Onde ele estava? No jardim de inverno, cuja porta leva às proximidades do canteiro de rododendros, no qual o assassino se ocultou. Quem tinha acesso ao estoque de curare do museu? Ernest Shandon!

Nem com esforço Sir Clinton pôde conter um sorriso.

— E quem foi atacado no labirinto? Ernest Shandon! E quem estava sentado com um prego na bota à beira da estrada, na tarde em que seus irmãos foram assassinados? Ernest Shandon! É bom termos todas as informações, sabe, antes de começarmos com as prisões. A verdade é que você ficou incomodado com a covardia e o egoísmo dele; disso você conclui que ele deve ser enforcado. Você está começando a perder a cabeça novamente, como perdeu no caso de Ardsley.

Wendover admitiu, taciturno, o seu equívoco.

— Há, porém, outra pessoa suspeita que deveria estar sob observação: o jovem Hawkhurst — continuou. — Aquele garoto, por vezes, não me parece que está completamente são. Veja como se comportou nesta manhã! Aquela doença no cérebro o afetou mais do que eu supunha...

Subitamente, uma nova ideia interrompeu seu raciocínio.

— É nele que você está de olho, Clinton? Nunca tinha pensado nisso! Isso talvez explique uma coisa que vem me intrigando: a falta de propósito do caso Whistlefield. É coisa de lunático. E dizem que, em

casos de doença do sono, se a coisa evolui para uma mania homicida, o sujeito pode mirar até mesmo parentes próximos. E foi bem isso que aconteceu no caso Whistlefield. Era ele quem estava se ocupando da caixa de som ontem à noite, de modo a disfarçar o ruído que fizesse ao se aproximar da janela na noite passada. Não tinha pensado nisso. Ainda mais com a espingarda de ar comprimido dele que encontrei nos rododendros.

Desta vez, Sir Clinton não sorriu.

— Não me importo de admitir para você, Escudeiro, que o jovem Hawkhurst me causa dificuldades.

Wendover voltou à sua tarefa original.

— Bem, mas eu não entendo o que você pretende, Clinton. À primeira vista, parece-me que você arriscou a vida da pobre moça para ver se alguém se incriminava; agora, porém, você continua tão sem rumo quanto antes.

A expressão de Sir Clinton ficou, de repente, grave.

— Você tocou num ponto delicado aqui, Escudeiro. Mas por acaso não ocorreu a você que eu não contava com um atentado contra a Senhorita Hawkhurst? Eu esperava algo completamente diferente. Não lhe pareceu peculiar eu me convidar para o jogo de *bridge*, quando ninguém o esperava? Tive que me esforçar bastante para desempenhar aquele papel.

— Sim — confirmou Wendover —, foi algo de extremo mau gosto, e me surpreendeu o fato de você levar a coisa até o fim.

— De fato o foi. Não costumo proceder assim. Você ainda não percebeu qual era meu plano? Eu esperava que o próximo atentado fosse contra mim; para tanto, eu mesmo arranjei a oportunidade, me deslocando até o território do próprio assassino. Inventei toda aquela história do *bridge* para fazer, de mim mesmo, alvo do especialista em armas de ar comprimido.

— Meu Deus! — exclamou Wendover, espantado. — Eu não imaginava! Você é corajoso, Clinton; se oferecer dessa maneira para ser alvejado.

— Era melhor que ocorresse quando eu estivesse preparado do que ser pego desprevenido; daí o jogo de *bridge*. Pensei que dificilmente ele resistiria à tentação de me alvejar.

— Hum! Não sei se eu conseguiria fazer o mesmo.

— Claro que conseguiria! Você nem hesitou diante do risco de ir atrás do sujeito pela janela.

— Sim — admitiu Wendover —, mas foi no calor do momento, o que é bem diferente.

Sir Clinton ignorou o comentário.

— O problema é que as coisas não saíram como eu havia planejado.

A Senhorita Hawkhurst foi atingida. Mas talvez você se lembre que ela se inclinou de leve para a frente e estendeu a mão, enquanto eu, por acaso, me inclinei para trás, no exato momento em que o assassino puxou o gatilho. O dardo passou por você, atingindo-a no braço; no entanto, eu não saberia dizer se foi ou não acidental. Se eu soubesse a quem o tiro foi endereçado, se a mim ou a ela, as coisas ficariam bem mais claras, e eu estaria mais tranquilo, isso eu posso assegurar.

Uma nova perspectiva parecia lhe ocorrer.

— A propósito, Escudeiro, a sua hipótese a respeito do destino da arma de ar comprimido depois dos primeiros ataques estava correta. Meus homens estavam vasculhando o leito do rio, próximo à casa de barcos, e encontraram a arma de ar comprimido que matou os dois Shandon. O assassino deve tê-la jogado no rio, como você sugeriu.

Wendover ficou visivelmente satisfeito com aquele elogio à sua perspicácia.

— Há algo característico nela? — perguntou.

— Ao que parece, veio do arsenal de Whistlefield — respondeu Sir Clinton. — São uns endiabrados. Seria melhor se não fossem tão dados a colecionar armas de ar comprimido. Isso deixa tudo mais complicado.

CAPÍTULO XIV

O cheque falsificado

Sir Clinton tinha na manga ainda outra surpresa para seu anfitrião. Logo antes do jantar, decidiu ligar para Whistlefield; e, para o espanto de Wendover, pediu que o Escudeiro participasse da ligação.

— Você só vai ouvir um dos interlocutores — disse, com uma expressão um tanto sombria —, mas acho que você vai se interessar. Ao mesmo tempo, talvez seja bom ter o seu testemunho acerca da conversa. Se tivéssemos dois aparelhos, você poderia escutar os dois lados.

Não demorou para conseguir linha; Wendover ficou surpreso quando Sir Clinton chamou Ernest Shandon, e não Ardsley. Passados uns minutos, a conversa teve início.

— Aqui quem fala é Sir Clinton Driffield. Senhor Shandon, esta conversa é absolutamente confidencial... Ninguém pode saber nada, certo?... Eu gostaria que o senhor ficasse de olho no seu secretário, Stenness... Sim, Stenness. Quero que seja vigiado. Se você o vir deixando a casa, ligue-me imediatamente... Sim, imediatamente. É só por um tempinho. Falta pouco para eu resolver o caso... Não entendi... Ah, sim, as suas suspeitas não eram totalmente descabidas. Foi bom o senhor ter mencionado a questão do cheque... Mais alguma coisa? Você se refere ao assassino?... Ah, creio que até amanhã já o tenha sob custódia, é bem possível, se ele não fugir. Se ele não fugir, eu disse. Essa é a única coisa que temo... Sim, tenho certeza disso. Sei que isso o interessaria. Afinal de contas, a pele de cada um é seu bem mais precioso. Boa noite. Vamos aparecer depois do jantar.

Wendover conseguiu ter uma ideia da conversa.

— Você teme que Stenness se mande? E você acha que ele é o culpado?

— Falando sério, Escudeiro, você tem que ser mais comedido nas suas perguntas — disse Sir Clinton, em tom de reprovação. — Já fui além do que devia ao deixá-lo presenciar parte da conversa; e, certamente, não pretendia discuti-la com você. O senhor terá que tirar as suas próprias conclusões. A propósito, temo que você não poderá estar presente na minha conversa com o Mestre Stenness. Você terá de

esperar pelos seus desdobramentos mais tarde.

Wendover não ficou lá muito contente com a notícia. Ele, evidentemente, contava com presenciar a entrevista entre Sir Clinton e o secretário. Todavia, deu-se conta de que estava nas mãos do chefe de polícia e que deveria proceder conforme ele mandava; quando, portanto, chegaram a Whistlefield, perguntou por Ernest Shandon enquanto Sir Clinton foi até o gabinete inquirir Stenness.

O secretário chegou logo em seguida. Parecia ainda bastante ansioso, talvez até mais do que pela manhã. Sir Clinton não perdeu tempo e foi direto ao assunto.

— Bem, Senhor Stenness, tenho umas perguntas para lhe fazer. Devo lhe advertir que qualquer coisa que você disser poderá ser usado contra você, caso seja levado a julgamento.

Stenness demonstrou menos surpresa do que se poderia esperar.

— O senhor diz “em caso de julgamento”, mas talvez queira dizer “quando for a julgamento”?

— Escolho as minhas palavras cautelosamente — assegurou-lhe Sir Clinton. — Eu quis dizer “em caso de julgamento”. Ainda não bati o martelo; quero, no entanto, confrontá-lo de igual para igual, sem vantagens indevidas.

O rosto imperturbável do secretário não demonstrava alívio nem abatimento.

— Muito gentil de sua parte — disse ele, num tom de voz inexpressivo.

Sir Clinton refletiu por um momento. Stenness foi até uma cadeira e sentou-se.

— Acho que posso colocar as cartas na mesa, Stenness — disse finalmente o chefe de polícia. — O que eu tenho para lhe dizer não será novidade nenhuma para você; e não vejo por que não deveria fazê-lo.

Stenness levantou os olhos, indiferente. Parecia estar preocupado com algo completamente alheio ao assunto em questão.

— Prossiga — disse apaticamente.

— Eis os fatos — começou Sir Clinton. — Você trabalhava como secretário de Roger Shandon, tendo, nessa condição, acesso aos seus cheques. Parece-me algo incomum; mas tenho boas razões para pensar que, de fato, foi assim no seu caso.

Stenness concordou com um aceno de cabeça.

— Nunca neguei isso — admitiu.

— Você está de posse da chave do cofre, não? Você se importaria de procurar o último talão de cheques que Roger Shandon usou?

Stenness foi até o cofre, abriu-o, e, depois de procurar por alguns instantes, desenterrou o talão.

— Agora — prosseguiu Sir Clinton —, você se importaria de

procurar o canhoto numerado 60073?

Stenness levantou os olhos, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Não há um recibo com essa numeração no talão — admitiu.

— Mas há o 60072 e o 60074, não?

— Sim.

— Um pouco peculiar, não acha?

— De fato.

Sir Clinton mudou de assunto.

— Há um maço de cheques devolvidos no armário perto da escrivaninha, não?

— Sim. Você quer que eu o pegue?

Sir Clinton ignorou a pergunta.

— Você ficaria surpreso, Stenness, se eu dissesse que um desses cheques foi extraviado e não se pode encontrá-lo em lugar algum? O banco o devolveu, à época.

Stenness encarava seu interlocutor com um olhar pétreo.

— Não me surpreenderia nem um pouco.

Sir Clinton fez uma pausa antes de prosseguir. Quando voltou a falar, o fez num tom diferente.

— Tudo isso são fatos. Agora, vamos à hipótese; nesse caso, claro, não nos movemos em terra tão firme. Se você não se importa, vamos falar indiretamente, usando Fulano e Beltrano, para você não pensar que...

Não completou a frase.

— Agora — começou com vivacidade —, vamos supor que Fulano é um homem rico, que fez fortuna por meios peculiares; como o falecido Roger Shandon, por exemplo. Ele emprega um secretário. É razoável supor que, nesse caso, o secretário teria de fazer vistas grossas quando necessário; teria de ser alguém sem preconceitos. Com efeito, Stenness, teria de ser bastante inescrupuloso.

Stenness fez um aceno de cabeça, indiferente.

— Prossiga.

— Lembre-se de que estou falando hipoteticamente — advertiu Sir Clinton. — É o que se pode dizer; eu mesmo não necessariamente concordo com isso. Apenas quero demonstrar o rumo que as coisas podem tomar, entende? Bem, então, esse secretário, Beltrano, mais cedo ou mais tarde, agarra a oportunidade que a Providência lhe oferece. É que seu empregador tem o hábito de emitir cheques ao portador de alto valor, na casa dos milhares, de quando em quando. E, descuidado, acabou por incumbir seu secretário de descontá-los e lhe trazer o dinheiro. Ou seja, o banco está acostumado a pagar os cheques para o secretário, sem nada perguntar.

Stenness não demonstrou nenhum interesse. Seu modo reservado

bastava para ocultar seus pensamentos.

— Vamos partir do pressuposto de que o secretário é um sujeito perspicaz, capaz de perceber uma oportunidade quando ela se apresenta. A falsificação, porém, requer certo grau de habilidade manual; é de se presumir que o secretário, perspicaz que é, está ciente de que não poderia fazê-lo a contento. Sempre é possível, porém, copiar uma assinatura.

Sir Clinton sacou um cigarro e o acendeu antes de prosseguir. Ele parecia determinado a manter a conversa num tom informal.

— Sempre dá para copiar uma assinatura — continuou. — É necessário, porém, a assinatura original, que conste num cheque, por exemplo; sim, claro, porque pessoas razoáveis não usam o mesmo estilo de escrita comum para assinar cheques. Escolhem uma assinatura diferente, mais intrincada; um ponto numa posição inesperada, coisas assim. Espero não estar entediando você ao falar de coisas tão elementares.

— De maneira alguma — disse Stenness, mostrando interesse por educação.

— A assinatura modelo, no caso do secretário Beltrano — prosseguiu Sir Clinton — facilmente poderia ser obtida de um dos cheques antigos, devolvidos pelo banco. Ele tinha acesso a esses cheques. Mas aí ele, perspicaz como é, se dá conta de uma coisa: ninguém faz duas assinaturas absolutamente iguais; há sempre divergências mínimas. Portanto, se dois cheques aparecessem com assinaturas idênticas, um policial astuto poderia suspeitar de algo. Tudo certo até aqui?

Stenness fez um aceno silencioso de cabeça.

— O astuto secretário, Beltrano, portanto, decalca a assinatura de um dos cheques antigos. E, a fim de cobrir o rastro, para se assegurar de que ninguém perceberia se tratar de uma assinatura decalcada, destrói o cheque antigo. Assim, não haveria duas assinaturas idênticas a coexistirem; o único porém é o cheque faltante; nada que vá causar muita dor de cabeça, mesmo que a falta seja percebida. Faço-me entender?

— Completamente — disse Stenness, mantendo ainda a aparência de interesse formal.

— Até aí, então — prosseguiu Sir Clinton —, tudo vai às mil maravilhas. Agora, porém, vem o pulo do gato. De fato, o pulo do gato do caso inteiro. Todo cheque tem um canhoto; e o Senhor Fulano, o empregador, tinha o hábito esquisito de sempre preencher os recibos. Daí que, quando Beltrano decalca a assinatura de seu empregador, por exemplo, do cheque de número 60073, ele tem de dar um jeito no canhoto. Se deixa em branco, chamará a atenção do bondoso Fulano.

Se o astuto secretário falsificar uma entrada no canhoto de número 60073, o Senhor Fulano, que não é estúpido, pode perceber, e a coisa azedar. O que fazer, então? A solução mais óbvia é remover o canhoto de número 60073 do talão de cheques e torcer para que não deem pela falta. Eu mesmo procederia dessa maneira se estivesse metido nisso.

Pareceu, por um momento, que Sir Clinton havia perdido todo o interesse em sua narrativa. Ficou ali sentado, em silêncio, observando o secretário, como se esperasse conseguir pescar algo. Stenness, entretanto, não deu sinais nem de culpa nem de atrapalhação.

— Parabenizo-o pela sua calma, Stenness — retomou Sir Clinton. — Agora, há uma certa hipótese que eu não teria lá muita relutância em adotar como explicação desse caso dos cheques. Parece-me que explica a coisa a contento. De fato, estou convencido que se trata de uma hipótese bastante verossímil. Mas alguns, talvez, podem estar dispostos a ir até mais longe. Farei um esboço do que diriam.

Nesse ponto, Stenness parecia um tanto interessado na questão. Sentou-se e olhou para o chefe de polícia.

— Por favor, prossiga — pediu.

— Partimos do pressuposto de que esse Beltrano é perspicaz. Agora, uma mente astuta facilmente conceberia o passo seguinte, para se safar de vez. Pelo curso natural das coisas, a falsificação seria notada em pouco tempo. Não é possível sacar dinheiro aos milhares da conta de alguém sem que seja notado. Assim é que a coisa natural a fazer seria fugir e tentar sair do país munido do dinheiro. Isso é o que a maior parte das pessoas faria. Há, porém, outra maneira de se safar.

O tom de voz de Sir Clinton adquiriu uma coloração mais grave.

— Vamos supor que, tão logo o cheque tenha sido sacado, o empregador venha a morrer. Que provas da falsificação restarão? Nenhuma, se o decalcar da assinatura tenha sido executado a contento. O assinador está morto; e ninguém mais poderia contestar a assinatura. O cheque, como sugerimos, foi descontado antes da morte. Nesse caso, não haveria necessidade de fuga por parte do falsificador. Ele teria apenas que ficar calmo e se comportar normalmente.

Sir Clinton discerniu uma mudança no rosto de Stenness. Mudança passageira, mas inconfundível. O secretário, porém, obstinava-se em ficar mudo, esperando pelo restante da narrativa.

— Isso no caso de o empregador morrer de causas naturais. Coincidências assim, contudo, são coisa rara. Uma mente astuta não contaria com isso. Todavia, por mais raras que sejam tais coincidências, não são impossíveis se a intervenção humana der uma ajudinha. Vamos supor que o astuto Beltrano, percebendo isso, decidisse que valia a pena forçar essa coincidência ao assassinar o empregador...

Sir Clinton virou-se na cadeira, surpreendido que fora pelo abrir da

porta. Ardsley estava parado na moldura da porta, e sua expressão indicava que algo sério havia acontecido.

— Acabou, Sir Clinton. Podem fechar as cortinas.

— A Senhorita Hawkhurst? — foi tudo que Sir Clinton conseguiu dizer.

Ardsley fez um gesto desesperado.

— Algumas coisas estão fora de nosso alcance — disse, desencorajado.

CAPÍTULO XV

Os negócios do secretário

Sir Clinton já temia aquela notícia como inevitável. Sequer tentou expressar seus sentimentos.

— Acho melhor você dar a notícia aos demais — observou.

Ardsley concordou e deixou o cômodo.

Stenness ouvira a conversa entre os dois com a atitude de alguém que deseja se convencer de que vivia um pesadelo, do qual pudesse acordar com um esforço violento. Por fim, conseguiu dominar suas emoções.

— Acabou-se mesmo? — perguntou com a voz embargada, como se esperasse, até o último instante, por uma boa notícia.

— Sim — admitiu Sir Clinton, gravemente.

Stenness parecia ter-se recomposto completamente.

— Nesse caso — disse —, não vejo por que não esclarecer as coisas. Nada mais importa, agora; vou contar a verdadeira história. Já me é indiferente.

Sir Clinton fez um gesto vago de concordância, mas nada falou. Passados alguns instantes, Stenness começou.

— Eis como tudo se passou. Até pouco tempo atrás, eu era sozinho, sem amigos ou parentes próximos para me apoiar. Não me queixo; apenas contextualizo. Tinha comigo algum capital, que, naturalmente, foi se dissipando. Nesse processo, aprendi um pouco como o mundo funciona, de modo que não tive só prejuízo.

Sir Clinton percebeu que, mesmo nessa situação, Stenness conseguia ser conciso e se ater aos fatos. O secretário lhe poupava de detalhes inúteis. E, como ele mesmo disse, não lamentava suas perdas.

— Estando nessa situação há um ou dois anos, eu tinha economizado um pouco mais de cinco mil libras. Era um bom pé-de-meia; entretanto, eu não encarava a minha situação sob esse prisma. Eu queria viver com bem mais de trezentas ou quatrocentas libras por ano. Então, procurei modos de aumentar meu capital.

Desenhou-se, em seu rosto, uma sutil expressão de desprezo.

— Eu era muito inexperiente naquela época, e tinha uma confiança que já não tenho. Para encurtar a história, fui enganado e perdi aquelas

cinco mil libras. Eu era tão ingênuo à época que nem percebi quem estava por trás da fraude. Eu só havia me encontrado com os capangas do chefe. Depenaram-me quase completamente.

Moveu-se um pouco na cadeira, como se aquelas recordações lhe deixassem desconfortável.

— Eu tinha de ganhar a vida de alguma maneira; de algum modo, acabei no ramo do secretariado, onde é mais importante a boa aparência do que o domínio da profissão. Àquela época, eu já havia me conformado que teria de trabalhar para viver. Levei a coisa a sério e fiz o meu melhor. Tornei-me um secretário bastante decente, bem eficiente.

Sir Clinton fez um aceno de cabeça. A observação era justa.

— Fui pulando de emprego em emprego até que, coisa de dois anos atrás, acabei empregado por Roger Shandon. Aprendi muito com ele; foi um aprendizado sem igual, sob certos aspectos.

— Imagino — observou Sir Clinton.

— Era um canalha desgraçado — disse Stenness, sem comoção. — Mas, graças ao que vivi, evolui bastante na compreensão do aspecto sórdido das coisas. Foi interessante desde o início. E foi ficando ainda mais interessante.

Ajeitou-se novamente na cadeira, de modo a encarar Sir Clinton de frente.

— Administrando sua correspondência, deparei-me com o nome de um dos camaradas que ajudou a me roubar. Aquilo me deixou desconfiado. Comecei a investigar aqui e ali. Levei muito tempo nisso; e nada era escancarado, como você deve imaginar. Mas eu era capaz de somar dois e dois e tirar minhas conclusões. O meu então empregador era o homem que havia me roubado.

— Você não poderia ter adivinhado — disse Sir Clinton, como que a desculpá-lo. — Eu sabia que o buraco era mais embaixo, mas não como você narrou.

Stenness ignorou a interrupção.

— Creio que trabalhar para Roger Shandon serviu para acabar com qualquer resquício de honestidade que eu tinha. Ou preservei a honestidade, mas perdi meu respeito pelas convenções sociais, se você preferir. De qualquer modo, me parecia um caso bastante simples: Shandon havia roubado meu dinheiro; quer dizer, na prática foi isso que aconteceu, embora eu duvide que pudesse acusá-lo de fraude e provar que ele estava errado. Mas me recusei a deixá-lo escapar com meu dinheiro. Ele havia abusado da minha estupidez, ou da minha ingenuidade. Decidi pagar na mesma moeda. Eu poderia lhe ter depenado um tanto a mais, como multa; mas isso não era do meu feitio. Tenho um senso de certo e errado bastante peculiar. Assim, decidi que pegaria de volta apenas a quantia que me havia sido roubada. Você

deve ter estranhado o valor do cheque.

— Não — disse Sir Clinton. — Eu simplesmente concluí que Shandon não tinha o hábito de arredondar os valores na casa dos milhares, e que você o havia preenchido com um valor quebrado para que não parecesse incomum.

— Eu teria feito isso de qualquer modo — explicou Stenness. — Por coincidência, a soma exata da quantia que ele me roubou originalmente tinha um valor plausível, e me ative a ela. Nem sequer lhe apliquei uma multa pela sua vigarice; contentei-me em recuperar exatamente o que havia perdido. Mesmo agora, não vejo nada de errado no meu procedimento. Minha consciência não me acusa de nada. Legalmente, claro, é outra história.

— De fato — disse Sir Clinton. O tom em que pronunciou aquelas palavras, porém, não revelava sua opinião sobre o caso.

— Quanto aos fatos em si, nem preciso me estender, porque você os apontou com bastante precisão há coisa de dez minutos. Eu falsifiquei a assinatura dele, destruí o cheque devolvido, arranquei o canhoto do talão e saquei o cheque falsificado. Ninguém suspeitou de nada.

— Não havia razão para tanto, pelo menos à época.

— Não. Bem, quanto a um certo comentário que você fez. Você levantou a hipótese de que eu teria assassinado Shandon para cobrir meu rastro.

— Sugerir como hipótese, que algumas pessoas talvez formulassem — corrigiu-o Sir Clinton. — Lembre-se que eu me absteve de apoiá-la.

Stenness parou para refletir.

— É verdade. Mas nunca planejei assassiná-lo, de maneira alguma. Lembre-se de que não me considero criminoso nesse caso. Apenas peguei meu dinheiro de volta das mãos de um batedor de carteiras. Você mesmo iria atrás do seu dinheiro, se flagrasse um ladrão a roubá-lo; e tenho certeza de que não se consideraria, por isso, um ladrão. Assim que penso.

— Prossiga — disse Sir Clinton, inconscientemente.

— Sendo assim — continuou Stenness —, assassiná-lo estava totalmente fora de cogitação. Por que eu o faria? Estávamos quites; eu havia recuperado meu dinheiro. Por que razão arriscaria meu pescoço? Nenhuma! Eu só precisava me safar. É isso planejei com muito cuidado.

— Isso não me interessa — lembrou-lhe Sir Clinton. — Então por que você continua aqui, se não estava nos seus planos?

— É fácil explicá-lo. Eu planejava deixar Whistlefield na noite em que os Shandon foram assassinados. Eu estava me preparando para fugir... e, subitamente, deu-se o caso do labirinto. Poderia ainda fazê-lo? Entendi que não. Concluiriam que eu era o assassino, se desaparecesse. Daria muito na vista e confirmaria a sua hipótese. A

questão da falsificação seria alegada como motivo. E eu não poderia contestá-lo, porque não tinha um álibi. Ninguém poderia confirmar que eu estava no meu quarto fazendo as malas no momento dos assassinatos. Seria um caso fácil para o júri.

A expressão de Sir Clinton mostrava concordância.

— Há um ponto que não ficou esclarecido — disse. — Por que você cedeu, subitamente? Se você não se sente culpado, e não o duvido, por que dar-se por vencido dessa maneira? Para mim não está claro.

A expressão de Stenness denunciava que Sir Clinton havia tocado na ferida. Respondeu, não sem certa dificuldade.

— Bom, vou colocar todas as cartas na mesa. Você conhece bem a Senhorita Hawkhurst? É fácil se apaixonar por ela. Eu me apaixonei.

— Vocês estavam comprometidos?

— Não. Tenho lá meu orgulho, apesar de ser um falsificador. A Senhorita Hawkhurst tinha meios de se sustentar. E eu? Eu não tinha nada. Poderiam concluir que eu cobiçava o dinheiro dela.

— Certamente não só o dinheiro, já que não seria de se estranhar que alguém se sentisse atraído por ela.

— Em todo o caso, sou assim — disse Stenness, abruptamente. — Eu não poderia viver às custas de minha mulher. Não saberia explicar, mas é assim que sinto.

— Você é bastante peculiar — comentou Sir Clinton, sem grosseria.

— De qualquer modo, minha consciência está tranquila — retrucou Stenness. — Bem, ficou tudo esclarecido? Eu planejava recuperar meu dinheiro, fugir e trabalhar duro por alguns anos. Antes de fugir, porém, eu planejava dar o passo mais arriscado de todos: contar tudo para Sílvia e ver o que ela teria a dizer.

Sir Clinton não pôde disfarçar seu espanto.

— Você é uma figura rara, Stenness. Sorte sua que eu tenho bastante experiência e sou capaz de diferenciar um mentiroso de alguém que fala a verdade; uma pessoa em cem compraria essa história.

— Mas é tudo verdade — insistiu Stenness, teimosamente. — Já disse que não considero meu procedimento errado; não vejo nele nada de moralmente condenável. Ele me engana; tomo meu dinheiro de volta. O que há de mal nisso?

— Quisera eu ter essa sua simplicidade para ver as coisas.

Sir Clinton ficou ali sentado por alguns minutos, refletindo sobre o caso.

— Você me é um problema, Stenness — disse, por fim. — Não sei o que fazer com você.

— Oh, me prenda! — exclamou Stenness, amargurado. — Agora, nada mais me importa. Ela está morta. Para mim, acabou-se; já não me importa o que venha a acontecer comigo.

— Controle-se, homem — disse Sir Clinton, secamente. — Esse papo só funciona no palco. Se você passasse três anos numa prisão, mudaria de ideia e lamentaria a perda da liberdade e de outras coisas mais. Certas coisas são inevitáveis, outras não. Não seja infantil.

Stenness acolheu a reprimenda taciturnamente.

— Mas o que me importa? — perguntou. — Você pode me condenar, se assim o desejar; não me faria diferença. Proceda como bem entender. Posso escrever minha confissão, se for do seu agrado. Não é do meu feitio recuar no último momento.

Sir Clinton não lhe deu ouvidos. Parecia preocupado com alguma questão. Por fim, ergueu a cabeça.

— Não consigo lidar com a complexidade da sua consciência, Stenness. Ela me escapa. Compadeço-me, entretanto, com a sua analogia do batedor de carteiras pego com a mão na massa; muito bem pensado. Vou dar uma oportunidade. Sei bem que você fala a verdade. Além do mais, posso verificá-lo, se necessário. Em termos éticos, creio que você tinha o direito de reaver o dinheiro. Você o tem consigo, em espécie?

— Está lá em cima.

— Muito bem. Traga-o aqui. Coloque-o no cofre. Acondicione-o num envelope selado com seu nome antes de guardá-lo. Amanhã vejo o que fazer. Faça-o de imediato. Não discuta.

— Já não me importo com o dinheiro — disse Stenness, furioso.

— Então devolva-o a quem de direito pertence — disse Sir Clinton, de modo frio. — Se você não o quer, há quem faria bom uso dele. E você provaria toda essa eloquência que destilou há coisa de dois minutos atrás.

Stenness não respondeu; levantou-se e caminhou em direção à porta.

— Só mais uma coisinha, Stenness. Encontre-me em frente à casa às... Você tem aí os horários dos trens?

Stenness sacou a tabela da estante e Sir Clinton a consultou antes de prosseguir.

— O primeiro trem parte às sete e dez. Encontre-me em frente à casa às seis e meia, amanhã pela manhã. Sem falta!

Stenness estava manifestamente desorientado. Espantado, consentiu de má vontade.

— Isso é tudo, então — disse Sir Clinton. — Coloque agora o dinheiro no cofre e diga a Ardsley que quero lhe falar.

Stenness fez um aceno de cabeça sem nada dizer e caminhou em direção à porta. Agora que tinha confessado, voltou a pensar no que perdera, e sua atitude deixava transparecer extremo desespero. Sir Clinton o observou deixar o quarto.

“Coisa difícil de digerir para o pobre coitado”, pensou consigo

mesmo. “Bem, amanhã é um novo dia, como se diz. Talvez ele descubra isso”.

Acendeu outro cigarro e pareceu afastar Stenness de seus pensamentos.

“Pergunto-me se o desgraçado ainda vai tentar um último ataque”, refletiu, um tanto perplexo. “Creio que sim. De qualquer modo, estou pronto para me arriscar. Até agora, tudo saiu como ele planejou; isso talvez o encoraje”.

Ardsley entrou no cômodo e abriu um sorriso quando percebeu que Sir Clinton estava sozinho.

— Tenho pressa, Ardsley. Stenness me tomou um tempo precioso com suas queixas. Gostaria que você aparecesse, sem falta, em frente à casa, amanhã pela manhã, às seis e meia. Talvez eu precise de sua ajuda.

Deteve-se e, como acabasse de pensá-lo, disse:

— Não creio que seja possível emitir um atestado de óbito no caso de morte por acidente, certo?

Ardsley balançou a cabeça, negativamente.

— Eu precisaria conhecer o caso antes de me aventurar a assiná-lo. O legista certamente desejaria ter voto na matéria.

Sir Clinton concordou, relutante.

— Vamos encontrar Wendover no outro cômodo. Ninguém querará ver a Senhorita Hawkhurst nesta noite?

— Eu cuido disso — assegurou-lhe Ardsley. — Teremos de chamar outro médico, e tudo o mais. Até que ele apareça, penso que ninguém deve entrar naquele quarto.

CAPÍTULO XVI

O derradeiro atentado no labirinto

Quando Ardsley e o chefe de polícia entraram na outra sala, encontraram Wendover acompanhado de Ernest Shandon e Arthur. Com todo o estresse da situação, Ernest recorrera à sua costumeira consolação: tinha perto de si uma garrafa. Arthur dava o melhor de si para controlar suas emoções; era óbvio, todavia, que estava com os nervos à flor da pele.

— A Senhorita Forrest está aqui? — perguntou Sir Clinton, desnecessariamente.

— Não — Ernest apressou-se a explicar. — Ela não está aqui. Deve estar em algum outro lugar; lá em cima, no quarto dela, talvez, ou em outro cômodo da casa. Ou saiu com Torrance. Ele foi dar uma caminhada. É bem provável que ela o tenha acompanhado. Achei bem delicado da parte deles nos deixarem aqui, com o nosso luto. Não sei como vamos superar esse trauma; de fato, não sei. Sílvia era tão útil... Tudo corria às mil maravilhas com ela. Vamos sentir demais a sua falta.

Tomou um gole do seu uísque com refrigerante.

— Onde está Stenness? — perguntou Arthur, como se quisesse mostrar que tinha domínio de si.

— Ele está ocupado — explicou Sir Clinton.

— Sorte dele ter com o que se ocupar — comentou Arthur. — Quisera eu ter algo a me ocupar a mente.

Ernest tomou mais um gole de uísque com refrigerante; depois, meteu a mão no bolso e parecia tatear em busca de algo.

— Perdi minha charuteira — anunciou, desolado. — Que coisa! Parece que tudo só dá errado nesses últimos dias.

Wendover chegou a abrir a boca para falar, mas fechou-a tão logo percebeu que Sir Clinton franziu a testa, como que a lembrá-lo de que havia o aconselhado a ter cautela no caso.

— Perdeu a sua charuteira? — perguntou Sir Clinton. — Que maçada.

Ernest ainda tateava distraído os bolsos, como se esperasse desenterrar a charuteira de algum canto remoto.

— Não a vejo há um ou dois dias — queixou-se. — Procurei nas minhas coisas, e na casa inteira, e não a encontrei. Acho que terei de comprar outra. E isso é sim uma maçada. A gente se acostuma com essas coisinhas. Uma charuteira nova vai custar até me dar aquela sensação de familiaridade.

— Então você não se lembra da última vez que a viu? — perguntou Sir Clinton. — Sempre ajuda fazer um esforço para recordar a ocasião em que o objeto foi visto pela última vez. Se não me engano, você estava com ela quando foi atacado no labirinto. Você me contou que sacou um charuto na ocasião. Isso ajuda? Talvez você consiga refazer o fio da meada.

O rosto de Ernest Shandon se iluminou.

— Não. Agora me recordo muito bem. Você me fez recordar. Não é engraçado como nos esquecemos completamente de algo até alguém dar um empurrãozinho na nossa memória, e a coisa toda volta à mente? Isso frequentemente me acontece.

— Então você sabe onde ela está? É sempre um alívio.

A expressão de Ernest ficou novamente preocupada.

— Sim. Recordo-me de onde a deixei cair. Mas não poderia recuperá-la esta noite, isso é o pior de tudo. Eu a perdi no labirinto quando fui atacado. Eu estava sentado no Caramanchão de Helena e, quando pulei da cadeira, a charuteira caiu da minha perna. Ainda deve estar lá. Eu tinha me esquecido. Os charutos já não devem prestar — concluiu, lamentando-se.

— Por que não ir até lá apanhá-la? — perguntou Wendover, com um tantinho de malícia. Ele não havia perdoado Ernest por seu comportamento covarde na noite em que Sílvia foi atingida.

Ernest o olhou com espanto. Tirou os óculos, limpou-os e os ajeitou cuidadosamente no nariz, continuando a encarar Wendover.

— Bem — finalmente conseguiu articular alguma coisa —, esta é uma sugestão inesperada, Wendover; muito estranha mesmo. Por que eu iria, durante a noite, até o labirinto só para recuperar minha charuteira? Ora, seria tolice tentar a Providência assim. Ao que tudo indica, esse assassino pode estar por aí, espreitando. E você ainda sugere que eu saia de casa e vire um alvo fácil. Na verdade...

Virou-se para a garrafa que tinha ao lado e derramou mais uma dose no copo.

Arthur Hawkhurst presenciou a exibição de covardia do tio com um indisfarçado desprezo; e, agora, explodia com toda a brutalidade própria da juventude.

— Morrendo de medo, hein?

Ernest sentiu o golpe. Respondeu movido por certa hostilidade discreta.

— A mim, me parece apenas bom senso, Arthur. Por que me arriscar? Já fui atacado; e, como não conseguiram me atingir, certamente estão esperando outra oportunidade. Seria burrice lhes facilitar a vida, muita burrice, de fato. Creio que a maior parte das pessoas razoáveis há de concordar comigo. Se você discorda e está procurando o que fazer, pode descer até o labirinto e recuperar a minha charuteira. Seria melhor do que ficar aqui sentado, zombando dos mais velhos.

Assumiu um ar de quem acaba de dar uma merecida bronca; mas feriu-lhe um tanto a dignidade o fato de precisar ajeitar os óculos. Arthur tomou o protesto do tio como provocação.

— Pensa que sou medroso também? Vou descer até lá e recuperar a sua charuteira, se você quiser.

Ernest ficou horrorizado com a ideia.

— Isso jamais me passaria pela cabeça! — exclamou, quase animado. — Qualquer coisa pode acontecer lá na escuridão. Você não irá, Arthur, o proíbo.

Os lábios de Arthur se contraíram por alguns instantes enquanto encarava o tio.

— A mim não me importa se você proíbe ou não. Eu me ofereci para ir; não vou recuar agora e deixar as pessoas pensarem que eu estava blefando. Além do mais, como você sabe que tem alguém atrás de mim? Estão atrás de você, sim; que já foi atacado. Mas não há razão para se preocupar comigo, certo? Acho que você é o único alvo, tio.

— Ah, é? Você acha? — disse Ernest, desconfortável. — Isso não é coisa que se diga, Arthur, assim, em tom de brincadeira. Prefiro que você não diga essas coisas. E não quero você fora de casa nesta noite. E se algo acontecer com você?

Calou-se por um momento para, então, acrescentar um último argumento:

— Já temos problemas demais.

Sir Clinton observava Arthur atentamente; o garoto virou-se para ele a tempo de lhe flagrar a expressão.

— Você acha que eu estava apenas me gabando? Certo então, vocês vão ver. Vou de carro até o labirinto e retorno em dez minutos.

Girou nos calcanhares e saiu do cômodo. Para a surpresa de Wendover, Sir Clinton não tentou impedi-lo. Ernest estava contrariado; evidentemente, não gostava que sua extrema cautela viesse à tona novamente.

— Eu acho que é tolice — reclamou. — Para que correr riscos desnecessários? Posso me virar sem minha charuteira até amanhã. E lá vai ele, posando de super-herói, quando, a rigor, não passa de um jovem estúpido e imprudente. Mas ele sempre foi assim. Gostaria que

Sílvia estivesse aqui; ela conseguia lidar com ele. Eu nunca pude lhe influenciar, de qualquer modo.

Ardsley, notadamente entediado, levantou-se e deixou o cômodo. Sir Clinton aproveitou a oportunidade para mudar de assunto.

— Enquanto o seu sobrinho está ausente, Senhor Shandon, vou aproveitar a oportunidade para lhe dar novas informações. O senhor se lembra de ter mencionado algo a respeito de um cheque e de um canhoto faltantes?

— Sim — admitiu Ernest, que, aparentemente, não desgostou da mudança de assunto. — Pensei em lhe falar a respeito! Eu não tinha certeza se era de fato importante, mas achei prudente lhe fornecer todas as informações a respeito desse ponto, ainda que nem tudo parecesse assim tão vital, entende? Nunca dá para dizer quando uma coisinha tem influência sobre outra. O fato certamente me pareceu bem estranho.

— Eu investiguei a questão — prosseguiu Sir Clinton —, e creio que lhe resolvi o ponto mais delicado, pelo menos da sua perspectiva. Recuperei alguns milhares de libras com as quais o ladrão poderia ter se safado. A quantia estará no seu cofre hoje à noite. Em espécie. Seria prudente anotar a numeração das notas. Não tive tempo de fazê-lo, e pode vir a calhar.

Os olhos de Ernest acenderam-se ao ouvir o resultado das diligências de Sir Clinton. O entusiasmo, porém, logo se foi, dando lugar à tristeza.

— Mas vai haver processo e terei de prestar testemunho? Vai ser aborrecido.

Sir Clinton o tranquilizou com um gesto.

— Bem, não vamos colocar a carroça na frente dos bois. Por enquanto, deixemos a coisa de lado. Não cabe a mim aconselhá-lo a entrar ou não na justiça. Não vou sequer mencionar o nome do sujeito que pegou o dinheiro.

— Ah, mas eu tenho ideia de quem seja — protestou Ernest, com um ar de pouca astúcia que não combinava muito bem com suas feições inexpressivas. — Posso não ser lá muito inteligente, mas sei somar dois e dois.

— Então, paro por aqui — disse Sir Clinton, num tom que encerrava a discussão.

Ficaram em silêncio por um tempo. Wendover não conseguia compreender as manobras de Sir Clinton. Era óbvio que ele havia dado um empurrãozinho para que Arthur fosse ao labirinto; e Wendover inclinava-se a concordar com Ernest que a atitude era imprudente. Esperou, não sem certa ansiedade, o retorno do garoto.

Subitamente, ouviram passos apressados no corredor; a porta escancarou-se e Arthur entrou correndo no cômodo. Wendover notou que, embora agitado, ele não estava em pânico.

— Você estava certo, tio! — exclamou, de pé, ainda segurando a maçaneta da porta. — O sujeito tentou me atingir na entrada do labirinto.

Ernest meneou a cabeça, fingindo ares de sábio.

— Eu disse — comentou. — Eu disse! Mas claro que você não me ouviu. Não, você é mais esperto. Agora aprendeu...

— Venham todos! — gritou Arthur. — Vamos botar a mão nele desta vez. Ele não deve estar longe.

— Sente-se! — ordenou Sir Clinton, calmamente. — Ele teve bastante tempo para fugir. Nunca o pegaríamos no escuro. Primeiro conte-me o que se passou. Quero todos os detalhes.

Arthur foi trazido de volta à realidade pela sobriedade do chefe de polícia. Sentou-se e começou a contar o ocorrido, sem mais delongas.

— Tirei o veículo de dois lugares da garagem — explicou —, e fui até o labirinto o mais rápido que pude. Está uma noite escura lá fora, não se vê nem uma estrela. Quando estacionei o carro, deixei os faróis acesos e o motor ligado, porque chegaria rapidinho ao Caramanchão de Helena. Saí do carro e me dirigi à entrada do labirinto mais próxima da estrada. Estava muito escuro; mas consegui me achar.

— Você não ouviu nada? — perguntou Wendover.

— Nada, apenas o ruído do motor. Assim que eu cheguei na entrada e me dirigia para dentro, ouvi o disparo de uma arma de ar comprimido bem próximo de onde eu estava; praticamente à queima-roupa, eu diria. E senti que algo me atingiu no peito, na altura do bolso do paletó.

Sir Clinton inclinou-se para a frente.

— Não toque! — alertou, apontando para a lateral do paletó de Arthur. — Pelo que vejo, você não vestia um casaco.

Arthur olhou para baixo. A pluma de um dardo letal projetava-se para fora do paletó.

— Ah, ficou preso — disse. — Achei que o dardo não conseguira penetrar o tecido. Atingiu minha charuteira de couro.

Sir Clinton o examinou rapidamente e, com cautela, conseguiu extrair o dardo. Sua ponta havia penetrado um dos charutos.

— Você foi salvo de uma picadinha malvada — foi tudo o que comentou o chefe de polícia. — Vamos ouvir o restante.

— Eu me preparava para ir atrás do sujeito — continuou Arthur —, quando de repente ouvi um grito vindo da estrada. Quando olhei em volta, vi, sob as luzes do farol dianteiro do carro, a Senhora Thornton tendo um ataque histérico, ou algo assim.

— Quem é a Senhora Thornton? — perguntou Sir Clinton.

— É a esposa do porteiro do Portão Leste.

— Não há nada de errado com os Thornton — apressou-se a esclarecer Wendover. — Eu os conheço há vinte anos, e não há casal

mais decente.

Sir Clinton fez um gesto, como se dispensasse a interrupção.

— E então? — perguntou.

— Bom, lá estava ela, gritando a plenos pulmões — continuou Arthur. — Ela tinha ouvido o disparo da arma de ar comprimido; e, claro, agora já ninguém gosta de armas de ar comprimido por aqui. Por isso começou imediatamente a berrar. Pensou que ela era o alvo, ao que me parece. Meti-a no carro e a levei para casa a toda velocidade. Quando me livre dela, fechei a capota e as cortinas laterais do veículo e voltei para cá correndo. Imaginei que as cortinas laterais me protegeriam caso o sujeito tentasse outro disparo; e acelerei ao máximo ao passar pelo labirinto, de modo que não me tornasse um alvo fácil.

A partir de então, a opinião de Wendover sobre Arthur melhorou consideravelmente. O jovem teve bom senso o suficiente para tomar todas as precauções, uma vez convencido do perigo. E não havia dúvidas acerca do ataque. Wendover pôde notar a profundidade com que o dardo havia penetrado na charuteira e em seu conteúdo. Deve ter sido um disparo quase à queima-roupa, mesmo.

— Hum! — disse Sir Clinton. — Agora, acho que vamos seguir o seu conselho e descer ao labirinto.

Para a surpresa de todos, Ernest também se levantou para acompanhar o grupo. Ele, evidentemente, percebeu suas expressões, pois parecia bastante envergonhado.

— Acho que vou junto — disse, acanhadamente.

Em seguida, com a confiança aumentada, acrescentou:

— Sei que todos vocês me desprezam por eu ter me preocupado com a minha própria pele. Vou mostrar que foi por cautela, não por covardia. Posso me arriscar tanto quanto vocês!

Ao pensar a respeito, Wendover ficou pouco impressionado. Obviamente, o assassino, após o ataque, se preocuparia, imediatamente, em fugir do entorno do labirinto; a essa altura, provavelmente já estaria longe. Ernest, portanto, arriscava-se bem pouco ao se juntar ao grupo.

— Tire a limusine da garagem, Arthur — sugeriu. — Caberemos todos nós, e o vidro nos dará boa proteção.

Wendover sorriu ao ver que a cautela de Ernest reaparecia, embora admitisse que a ideia era boa. Correram até a garagem, e Arthur os conduziu até o labirinto. Uma vez lá, Ernest sentiu que talvez tenha sido corajoso além da medida.

— Alguém deve ficar vigiando o carro — sugeriu. — Se o deixarmos aqui, é possível que esse sujeito o furete e o utilize para fugir, considerando que pode estar aqui por perto. Aí ficaríamos de mãos amarradas. Acho que vou ficar no carro enquanto vocês investigam, vamos ver o que acontece...

Percebendo o desprezo estampado na expressão de Sir Clinton, não terminou a proposta e se arrastou, relutante, para fora do carro, junto dos demais. Chegou mesmo a fingir entusiasmo, liderando o caminho até a entrada do labirinto.

— Você está um pouco confuso quanto ao caminho, tio — observou Arthur.

— Não consigo enxergar muito bem no escuro — reclamou Ernest. — E a grama está toda molhada de orvalho. Tenho os pés úmidos. Que incômodo...

Ele tropeçou em algo e caiu pesadamente no chão. Um palavrão sincero chegou aos ouvidos de todos.

— Estou molhado da cabeça aos pés — lamentou-se Ernest. — Tropecei em alguma porcaria e machuquei meu dedão do pé. Espero não ter quebrado a unha. Mas o que é essa desgraça, afinal?

Parecia tatear na escuridão.

— Ora! É a espingarda de ar comprimido!

Sir Clinton rapidamente iluminou o local com sua lanterna; sob o clarão de luz, viram a figura grotesca de Ernest ajoelhado no chão, agarrado à espingarda de ar comprimido. Ele ficou de pé, com dificuldade.

— Estou ensopado de orvalho. Foi providencial ter tomado umas doses de uísque antes de sair; isso vai me manter aquecido. E vou tomar mais uma quando voltar.

Sir Clinton ignorou a tagarelice de Ernest. Pegou a arma de ar comprimido com cautela de suas mãos e a entregou a Arthur sob o facho da luz da lanterna.

— Do seu arsenal, suponho?

Arthur examinou-a por alguns instantes.

— Sim, é uma das nossas.

A honra da descoberta, entretanto, parecia destinada a recair sobre Ernest.

— Aqui — instruiu —, aponte a luz nesta direção, por favor. Tem algo em volta do meu pé.

Puderam ouvi-lo a dar chutes na escuridão. Sir Clinton direcionou o facho de luz para o local indicado e se abaixou.

— Você se enroscou num pedaço de fio preto. Só um minutinho.

Tendo desvencilhado Ernest, passou a seguir o fio com a luz da lanterna. Parecia apenas a ponta de um longo tentáculo que se estendia da entrada do labirinto.

— O fio de Ariadne! — exclamou Wendover, quando viu a direção em que o fio os levava.

Sir Clinton assentiu discretamente.

— É melhor que vocês voltem para o carro — disse. — Não quero

ver o chão pisoteado. Podemos averiguá-lo pela manhã. Quanto a mim, vou ver aonde o fio me conduz. Volto dentro de alguns minutos.

Mantendo a lanterna direcionada para o chão, ele desapareceu no intrincado labirinto, enquanto Wendover conduzia os demais de volta ao carro. Uma vez que havia saído do campo de visão do grupo, Sir Clinton deixou de se preocupar com o fio e se dirigiu diretamente a um dos centros do labirinto. Vasculhou o local por algum tempo, sem resultados; depois, dirigiu-se ao outro centro. Ali, sua busca foi mais proveitosa; entre alguns arbustos do recinto, conseguiu desenterrar uma mala.

“Que coincidência”, pensou consigo mesmo, com evidente satisfação. “Evidentemente, o sujeito não está seguro de que conseguiu me ludibriar com sua bajulação, e resolveu se precaver. Veremos”.

Abriu a mala e inspecionou uma ou outra peça de roupa que ela continha.

“Uma muda completa de roupas; e nada muito marcante, como um lenço. Muito bem!”.

Fechou novamente a mala e a recolocou no esconderijo em que a havia encontrado. Em seguida, refez seus passos no labirinto até encontrar o fio preto, que seguiu até o fim.

— Agora, voltemos para casa — propôs quando se juntou aos demais, que o esperavam no carro. — O fio me levou até a casa de barcos.

— Então o ataque foi feito do rio? — perguntou Wendover.

— É estranho que ele não tenha jogado a arma na água, não? — disse Sir Clinton. — Seria de esperar que se livrasse dela da maneira mais prática possível.

— Acho que ele ficou um tanto desorientado — sugeriu Arthur. — Deve ter percebido que, apesar de ter me atingido em cheio, nada aconteceu. Talvez tenha sido pego desprevenido e com isso se atrapalhado, não?

— Sorte sua que ele não fez um segundo disparo — foi o comentário de Sir Clinton. — Dificilmente você poderia contar com a charuteira novamente.

Quando chegaram a Whistlefield, encontraram Ardsley conversando com Torrance, que havia retornado de sua caminhada. Ao que parece, esteve fora, sozinho. Vera havia se recolhido em seu quarto quando recebera, de Ardsley, a notícia a respeito de Sílvia, e desde então não mais dera as caras.

Sir Clinton conversou a sós com Ardsley por alguns instantes.

— Há uma enfermeira no andar de cima?

Ardsley respondeu positivamente.

— Quero que uma delas fique de vigília junto ao corpo ao longo de

toda a noite. Alguns acreditam, supersticiosamente, que não se deve deixar um morto desacompanhado. Eu não me importo de ser supersticioso só desta vez, se for por uma boa causa. Ninguém deve, evidentemente, entrar no quarto.

— Ninguém entrará — disse Ardsley, com firmeza.

Sir Clinton pareceu satisfeito; e Ardsley deixou o cômodo. O chefe de polícia ainda tinha mais uma conversa particular para conduzir. Levou Ernest Shandon ao gabinete e fechou a porta.

— Eu posso botar minhas mãos no assassino agora mesmo, Senhor Shandon, então não precisa se preocupar com isso. Só tenho dúvida quanto a um ponto. Se eu o prender, vai haver escândalo. Isso o deixa nervoso?

Ernest parecia perplexo com a perspectiva de Sir Clinton.

— Bem, para falar a verdade, não compreendo. Está meio confuso, não? Devo confessar que não entendi o que você pretende, sabe?

— Vou colocar desta forma: eu poderia prender o sujeito nesta noite. Sei onde ele está. Quanto a isso, não há nenhum problema. Mas penso que seria mais seguro fazê-lo amanhã pela manhã. Claro, corro o risco de que ele fuja, sei disso; estou considerando essa possibilidade. Se, porém, ele escapar, você ficaria muito contrariado? Lembre-se de que isso pouparia o escândalo; e vai ser um escândalo dos grandes. O julgamento, também, seria um grande incômodo. O que você acha? Devo prendê-lo agora ou esperar até amanhã de manhã, correndo o risco de que ele escape?

Ernest ponderou sobre a questão, mas parecia incapaz de ajudar.

— De fato, não saberia dizê-lo — respondeu. — Você é misterioso demais para mim. Não sei aonde quer chegar.

Sir Clinton mostrou-se decepcionado.

— Há certas coisas que um oficial de polícia não pode falar às claras, sabe? Não posso admitir abertamente que eu ficaria satisfeito se o sujeito se evadissem. Entende o que quero dizer?

Ernest, porém, balançou a cabeça, apatetado; Sir Clinton desistiu.

— Muito bem, então — disse. — A responsabilidade, de qualquer modo, é minha. Vou esperar até amanhã e arriscar. Mas você não quis me ajudar, Senhor Shandon. Quando o escândalo estourar, não adianta me culpar.

Refletiu por alguns instantes e acrescentou:

— A propósito, o senhor se importaria de me hospedar esta noite? Assumo toda a responsabilidade; e creio que será conveniente poder dizer que passei a noite aqui.

Ernest pareceu ficar completamente atordoado com este último pedido, mas concordou de bom grado.

— E Wendover também, é claro — acrescentou Sir Clinton.

Fez uma pausa por alguns instantes, como se estivesse em dúvida, antes de falar novamente.

— Acho melhor ligar para a delegacia de polícia, se o senhor não se opuser, Senhor Shandon. Farei isso agora mesmo.

Ernest, com uma curiosidade descarada, seguiu-o até o aparelho e aguardou até que ele conseguisse completar a ligação.

— Sir Clinton Driffield falando. Sargento, você faria a gentileza de me comprar mais uma lata de fumo Navy Cut, a mesma da outra vez? Estou sem. Pode mandar um dos meus homens trazê-la amanhã pela manhã, sem falta. Sim, Navy Cut. Obrigado.

Sir Clinton desligou o aparelho e percebeu seu anfitrião rondando à sua volta.

— É prático ser chefe de polícia, hein? Fiquei sem tabaco e não terei tempo de ir até o vilarejo amanhã pela manhã, já que me ocuparei de prender o camarada logo no início do dia; e o cumprimento das formalidades sempre demanda tempo, sabe?

CAPÍTULO XVII

O cerco ao labirinto

Wendover acordou na manhã seguinte, encontrando Sir Clinton ao seu lado. O chefe de polícia tinha os olhos pesados, como se mal tivesse dormido; no mais, ele parecia alerta como sempre.

— Vamos lá, Escudeiro! — disse ele. — Vista-se o mais rápido que puder. Não precisa se preocupar em fazer barba desta vez. Já que você vem clamando há tempos pela prisão do assassino, achei que gostaria de estar presente na hora H. Tenho um encontro marcado com ele nesta manhã; portanto, é melhor se apressar se deseja assistir às cenas do último capítulo da novela de Whistlefield.

Wendover, logo que acordou, esfregou os olhos, sonolento; o discurso de Sir Clinton, todavia, o deixou bastante empolgado.

— Vista-se e não faça perguntas — respondeu Sir Clinton aos seus questionamentos. — Não dá tempo de explicar nada agora. Haverá muito o que explicar no detalhe, ao final — acrescentou, sombrio.

Wendover apressou-se para o banheiro e logo, logo ele e Sir Clinton desciam as escadas em direção à porta de entrada. A figura de Stenness se fazia nítida sob a luz da manhã.

— Então é Stenness? De algum modo, eu já desconfiava — sussurrou Wendover, quando ainda estavam a certa distância.

— Tenho encontros marcados com várias pessoas nesta manhã — respondeu Sir Clinton, secamente. — Ardsley é uma delas. Se você tiver que suspeitar de todos, Escudeiro, terá muito trabalho. Não! Nenhuma pergunta, por ora!

Deu um passo à frente e cumprimentou o secretário.

— Onde fica o quarto de armas, Stenness? Seria bom providenciar algumas!

O secretário os conduziu por alguns corredores; se estava surpreso com os métodos de Sir Clinton, disso não deu nenhum sinal. Quando chegaram à sala de armas, cada um deles, sob as ordens de Clinton, escolheu uma espingarda e munições. Wendover notou que o chefe de polícia apanhou duas delas.

— Uma é para Ardsley — explicou, ao perceber o espanto no olhar

de Wendover. — Vamos lá. Ele nos aguarda lá fora, assim espero.

Quando voltaram à porta da frente, Ardsley acabava de sair de seu carro. Sir Clinton fez sinal para que ele voltasse ao banco do motorista e pediu que os demais entrassem no veículo.

— Ao labirinto, por gentileza, Ardsley — disse, quando estavam todos acomodados.

Wendover estava completamente às cegas. Era óbvio que tanto Ardsley quanto Stenness não eram, aos olhos do chefe de polícia, os assassinos, ou não os teria levado até lá, ainda mais armados. Se, porém, estavam excluídos do rol de suspeitos, o leque de possibilidades diminuía consideravelmente. E, de repente, Wendover entendeu todas as complicações do caso Whistlefield.

“Claro! O jovem Torrance! É ele!”.

Tomou cuidado, porém, para não expressar suas opiniões em voz alta, temendo despertar a ira de Sir Clinton, que ia sentado ao seu lado com as sobrancelhas franzidas. Wendover pensou que seria mais prudente prosseguir raciocinando em silêncio.

“Como fui burro! O jovem Torrance estava no labirinto quando ambos os Shandon foram assassinados. Deveria estar perambulando por aí quando Ernest foi atacado. Clinton deve ter localizado o seu paradeiro sem dizer nada. Quando Sílvia foi atingida, ele não estava conosco na sala; disseram que estava jogando bilhar sozinho. É provável que tenha saído sorrateiramente da sala de jogos pela janela, rastejado, disparado e voltado disfarçadamente enquanto estávamos atordoados demais para perceber a situação ou fazer qualquer coisa. Se eu tivesse sido um pouco mais rápido naquela noite, eu o teria pego! Na noite passada, quando Arthur foi atacado, Torrance havia saído para dar uma caminhada sozinho. É tão óbvio! Fui um idiota de não ter percebido. Bastava ter feito a lista das pessoas presentes e ausentes em cada ocasião e, por eliminação, chegaria a ele imediatamente”.

Refletiu acerca da própria obtusidade por um tempo, enquanto o carro seguia a estrada em direção ao labirinto; sua linha de raciocínio, porém, foi interrompida quando Ardsley encostou o carro, a pedido de Sir Clinton. Um policial uniformizado apresentou-se, saindo de trás dos arbustos; Wendover percebeu, surpreso, que ele portava um revólver na cintura.

— Tudo certo? — perguntou Sir Clinton, enquanto o policial o saudava.

— Sim, senhor. As coisas aconteceram exatamente como o senhor ordenou. Há cerca de quinze minutos, o avistamos correndo apressado pela estrada.

— Exatamente — Sir Clinton o interrompeu. — Vi quando ele saiu de casa.

— Ele foi até o labirinto, senhor; tão logo entrou lá, seguimos suas ordens e fechamos os portões com cadeados. Ele tentou escapar; mas assim que nos viu, correu de volta para dentro do labirinto.

— Vocês não tentaram prendê-lo, certo?

— Não, senhor. Suas ordens foram bem específicas quanto a esse ponto; e nós as cumprimos.

— Ótimo. Está tudo preparado?

— Está ali, senhor.

— Bom. Traga-me o megafone. Teremos de conversar com ele antes de tomarmos qualquer atitude.

Enquanto o policial buscava o instrumento, o grupo saiu do carro. Wendover, ao chegar na estrada, olhou para o paredão verde do labirinto, atrás das quais o assassino estava à espreita. As táticas de Sir Clinton eram simples e diretas, embora Wendover não conseguisse entender como o chefe de polícia tinha direcionado o miserável exatamente para o local que escolhera. Virou-se ao ouvir as passadas do policial, que voltava com um megafone bem surrado, que provavelmente já servira à polícia em ocasiões passadas. Sir Clinton o tomou de seu subordinado e, então, chamou a atenção do grupo.

— Quero que vocês prestem bastante atenção no que vai acontecer daqui para frente. Talvez vocês sejam chamados a dar testemunho dos fatos, então, por favor, fiquem atentos ao que acontecerá.

Wendover notou que a voz de Sir Clinton havia perdido o habitual tom humorístico. Era evidente que considerava a situação grave; seu tom era o de um homem que sabe das dificuldades que terá pela frente, mas que está decidido a superá-las, se possível. Tendo se certificado de que todo o grupo estava a postos, o chefe de polícia levou o megafone à boca e o apontou na direção do labirinto.

— Ernest Shandon! Tenho comigo um mandado de prisão contra o senhor. Exijo que se renda. Dirija-se ao portão mais próximo da estrada em cinco minutos e entregue-se.

— Ele está armado com uma pistola, senhor — apressou-se a alertar um dos policiais —, e com uma espingarda de ar comprimido também. Ele as tinha em mãos quando entrou no labirinto.

Sir Clinton levou o megafone uma vez mais à boca.

— Antes de chegar ao portão, você deve jogar suas armas por cima da cerca-viva. Não há escapatória, Shandon, é preferível que você saia sem rebuliço.

O som de sua voz ecoou pelos gramados, mas dos recessos do labirinto não veio nenhuma resposta.

— Cinco minutos a contar de agora — disse Sir Clinton, finalmente, e abaixou o megafone, enquanto consultava o relógio de pulso.

— Ele não vai sair, é claro; mas preocupo-me em conduzir tudo da

melhor maneira — explicou. — Ele foi avisado.

Ficaram ali, inquietos, consultando o relógio até que os cinco minutos se esgotassem; mas nenhum sinal veio do labirinto. Wendover estava completamente perplexo com o rumo que as coisas tomavam. Como poderia Ernest Shandon ser o assassino? Quando o atentado contra Arthur ocorrera, ele estava sentado a menos de três metros do próprio Wendover, sob o olhar de Sir Clinton; e o ataque tivera lugar bem ali, à entrada do labirinto. Foi então que lhe veio à mente a recordação das palavras de Sir Clinton a respeito de um homem estar “nas duas metades do mapa simultaneamente”. Mas era impossível! Ninguém poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo. O caso parecia ter a inconsistência de um pesadelo. E, ainda assim, Sir Clinton, evidentemente, previra a tentativa de fuga e tomara precauções para evitá-la. E, sem dúvida, tratava-se de Ernest Shandon no labirinto, pois os policiais locais devem tê-lo reconhecido quando passou.

Transcorridos os cinco minutos, Sir Clinton virou-se; ao fazê-lo, porém, viu um vulto que avançava pelo gramado.

— Que desgraça! — exclamou, irritado. — Era exatamente o que eu mais queria evitar.

Wendover, seguindo o olhar de Sir Clinton, reconheceu Arthur Hawkhurst correndo em direção a eles; e, à medida que se aproximava, o Escudeiro percebeu que ele trazia consigo um rifle de caça.

— Você me despistou — disse Arthur em tom de acusação enquanto se aproximava do grupo. — Mas percebi qual era o plano. Vi que você se vestiu rapidamente e saiu apressado. Fiquei sem fôlego da corrida.

Sir Clinton lhe lançou um olhar severo.

— Se você quiser ficar aqui, Senhor Hawkhurst, estará sob as minhas ordens; caso contrário, terei de mandá-lo de volta para casa.

Arthur franziu profundamente a testa; então, passados alguns instantes, decidiu aceitar o inevitável.

— Muito bem, então. Se você coloca dessa forma, não há o que discutir. Mas se o sujeito tentar escapar, posso feri-lo?

E tocou no rifle enquanto falava.

— Você vai obedecer às minhas ordens.

Sir Clinton, evidentemente, não queria ser distraído de seu objetivo principal. Falou num tom que impressionou até mesmo Arthur.

— O que está havendo? — perguntou para Wendover, baixando o tom de voz.

— O seu tio é o assassino, e Sir Clinton conseguiu sitiá-lo no labirinto.

Arthur o encarou, espantado.

— Isso, Wendover, leva tempo para ser digerido, não é?

E nada mais disse; Wendover acreditava que Arthur, assim como ele

próprio, estivera enganado a respeito de todo o caso Whistlefield; agora ambos se viam confrontados com as aparentes impossibilidades da solução levada a cabo pelo chefe de polícia. Por fim, Arthur levantou novamente a cabeça.

— Bem, mas se ele não é o assassino, basta sair e dizer que é inocente. Se ainda não o fez...

Sua fala extinguiu-se, pouco a pouco. Então, acrescentou:

— Prometi a mim mesmo que me vingaria do assassino de Sílvia; e o farei, independentemente de quem seja.

Apoiou o rifle no chão e esperou pacientemente o desenrolar da situação, mantendo os olhos fixos nas impenetráveis cercas-vivas do labirinto.

Sir Clinton esperou por mais alguns minutos, até que decidiu agir.

— Vocês são testemunhas da situação — disse, virando-se para os demais. — Ele está lá dentro e se recusa a sair. Terei de capturá-lo.

— Por acaso você vai esperar que ele morra à míngua? — perguntou Wendover, quando Sir Clinton parou de repente.

— Seria muito arriscado. Pode ser que ele escape à noite, na escuridão. Não digo que conseguiria fazê-lo; mas prefiro não arriscar.

— Então, teremos de entrar no labirinto para desenterrá-lo — sugeriu Wendover, filosoficamente.

Sir Clinton discordou com um aceno de cabeça.

— Eu sou responsável pela segurança dos policiais — disse —, e assumo meu papel sem problemas; no entanto, não posso simplesmente enviar meus homens para o interior do labirinto atrás de um criminoso armado. Eles não estão familiarizados com os caminhos; ele, ao contrário, conhece-os como a palma de sua mão. Seria enviá-los para a morte. Não, há uma solução melhor. Mas lembrem-se de que eu lhe dei a oportunidade de se entregar.

Arthur impacientava-se.

— Conheço o labirinto tão bem quanto ele — destacou. — Eu poderia tirá-lo de lá bem rapidinho, se você me permitir.

Sir Clinton recusou secamente.

— Tenho uma ferramenta melhor que você, meu rapaz. Se ele acabar ao ar livre e estiver escapando, deixo que você o capture. Mas nada além disso.

Molhou o dedo e o ergueu no ar.

— Melhor impossível; há apenas uma fraca corrente de ar. Você preparou as coisas na casa de barcos? — acrescentou, virando-se para o policial. — Tudo certo. Iremos até lá. Mas vamos manter distância do labirinto; o animal pode se esconder atrás das cercas-vivas mais externas e tentar nos atingir.

Intrigado, Wendover seguiu Sir Clinton, que se encaminhava ao leito

do rio. Quando chegaram nas proximidades da casa de barcos, ficou ainda mais espantado ao se deparar com inúmeras sacas distribuídas pela grama, contendo, evidentemente, algum material. Três pás estavam agrupadas próximas a eles. Novamente, Sir Clinton ergueu no ar o dedo umedecido para sondar a direção do vento. Então, vendo a expressão de surpresa no rosto de seus companheiros, apontou para as sacas:

— As minhas ferramentas!

Ardsley aproximou-se e inspecionou o conteúdo dos sacos. Esfregou o dedo no exterior de um deles e examinou o resultado. Então, subitamente, gargalhou em tom sombrio:

— Enxofre! Que engenhoso!

Sir Clinton confirmou a descoberta com um sorriso sinistro.

— Simples, não?

— Com um toque do imperador do Japão — Ardsley comentou.

Sir Clinton nada mais disse; ocupou-se de dar instruções aos seus subordinados. Wendover havia compreendido o significado da conversa entre Ardsley e o chefe de polícia: Sir Clinton pretendia empregar, para os seus propósitos, o gás venenoso mais simples de todos: o vapor da combustão do enxofre. A leve corrente de ar o haveria de o levar até o labirinto; e Ernest Shandon logo perceberia seu esconderijo transformado numa armadilha mortal. Ele teria que sair ao ar livre; e, a essa altura, estaria num estado tal que sua captura seria bastante facilitada.

Sir Clinton havia dado suas instruções, posicionando cada um de seus homens em pontos estratégicos, de modo que pudessem alcançar as várias entradas do labirinto, se necessário.

— Não vamos correr riscos — acrescentou, finalmente. — Não quero surpresas hoje. O homem que conseguir capturá-lo e sair ileso terá o meu reconhecimento. Não quero ninguém ferido, entendido?

Mandou os policiais levarem suas ordens aos seus companheiros e, em seguida, se juntou ao restante do grupo.

— Você pode se acomodar lá, junto àquele canteiro de rododendros, Hawkhurst. Se ele cruzar a sua zona de tiro, está autorizado a atirar; mas não para matar. Conto com você.

Arthur assentiu e se dirigiu ao seu posto.

— Mais dois homens armados vão cobrir as áreas restantes, exceto esse lado do labirinto — prosseguiu Sir Clinton. — Wendover, você vai se posicionar na estrada. De lá — apontou —, poderá cobrir o ponto cego do jovem Hawkhurst. Farei o mesmo do outro lado. Mas, antes de tudo, teremos que dar uma espalhada nessa coisa.

Cortou os barbantes das sacas, derramou o enxofre e começou a espalhá-lo com a ajuda de uma pá. Os demais se apressaram em ajudá-lo, espalhando os torrões amarelos em todas as direções.

— Agora podemos acender — disse, finalmente, Sir Clinton, quando tudo estava a contento. — Será mais fácil atear fogo se esfregarmos as faíscas na superfície do material.

Colocou fogo num pedaço de papel e deu o exemplo aos seus companheiros. Em pouco tempo, o enxofre pegou fogo; Wendover, trabalhando imprudentemente contra o vento, começou a tossir violentamente.

— Posicione-se a favor do vento — aconselhou Sir Clinton. — Acenda aqui e ali. A chama logo se espalhará por toda a superfície. Agora, vou para o meu posto.

Apanhou a espingarda e contornou o labirinto a uma distância respeitosa enquanto se dirigia à sua posição. Por um ou dois minutos ainda, Wendover continuava a lutar com o enxofre; não podia deixar de pensar se aquele método de caçar criminosos estava dentro da lei. Inclina-se mais, por temperamento, a métodos diretos; e essa verdadeira “receita diabólica”, como a chamou em conversa com Ardsley, para ele, não fazia parte do jogo.

O toxicologista não concordava com seu ponto de vista.

— Driffild está certo. E se, ao fim do dia, ele tivesse de lidar com o cadáver de um de seus homens? E se tivesse de se explicar a uma viúva, ou a um órfão? Você gostaria de estar no lugar dele? “Parte do jogo”? Tolice! Jogar fora a vida de seus homens sem necessidade não é “parte do jogo”.

Pegou um tanto de enxofre em brasa com a pá e o colocou sobre a porção que ainda não queimava.

— Ufa! Que trabalho sufocante! Se agora já está assim, daqui a meia hora, a sotavento, vai estar mais do que asfixiante.

Stenness permanecia em silêncio. Wendover, que desconhecia os segredos amorosos do secretário, não conseguia entender por que suas feições eram tão sombrias quanto as de Clinton. Foi então que o Escudeiro se deu conta de que deveria se posicionar em outro local; e se dirigiu ao seu posto designado.

Lá chegando, ouviu o som do rifle de caça, que vinha do canteiro dos rododendros.

— Tranquilo! — era Arthur, se explicando. — Avistei-o perto do portão, tentando escalá-lo; então, dei um susto nele atirando-lhe por cima da cabeça. Foi-se para os recessos do labirinto. Ele está armado com uma pistola.

Quase ao mesmo tempo, ouviram o estampido da espingarda de Sir Clinton.

— Ele está testando, uma a uma, todas as entradas, para ver se consegue se safar — comentou Arthur, num tom malicioso.

Alguns minutos se passaram até que, para a surpresa de Wendover,

ele ouviu a pistola automática ser disparada, e o projétil passar zunindo por ele.

“Não me parece que vá se render”, admitiu, enquanto se escondia às pressas. “O sujeito deve ter marcado minha posição e arriscado um tiro de longa distância por entre as cercas-vivas”.

O tempo passava devagar. Ocasionalmente, devido a leves mudanças na direção do vento, parte do vapor de enxofre chegava até Wendover e lhe atacava os pulmões.

“Nem imagino como deve estar dentro do labirinto, se aqui já está desse jeito”, refletiu. “A essa altura, ele já deve estar praticamente morto por conta dos vapores, porque recebe a maior parte destes”.

Outro intervalo de tempo se passou sem nenhum acontecimento, dando a Wendover a oportunidade de refletir sobre a situação. Até então, ele sequer havia tentado confrontar a situação com a vida real. Todo o caso tinha, para ele, um caráter impessoal; desde o início, de certa forma, nunca havia posto os olhos no homem que procuravam. Essa peculiaridade, entretanto, havia adquirido agora um tom de irrealidade, beirando, ao seu ver, o fantástico; e os incríveis métodos empregados em todas aquelas diligências, de algum modo, intensificavam essa impressão. Tudo acontecera de maneira tão lógica quanto um pesadelo parece ser enquanto o vivenciamos.

Mais um tiro de espingarda, desta vez da estação de enxofre, mostrou que o assassino ainda tentava escapar. Depois disso, transcorreu-se outro período de tranquilidade. O vapor do enxofre era agora tão denso que Wendover, embora fora da corrente de ar, começava seriamente a se incomodar. Podia ouvir Arthur tossindo sem parar perto dos rododendros; o cano do rifle, porém, nunca se abaixava, mesmo durante os ataques de tosse mais severos. Era óbvio que Arthur se esforçava para não perder a menor chance de se vingar do assassino de Sílvia.

Enquanto pensava, Wendover passou a ver o caso Whistlefield sob uma nova perspectiva. Em vez de um misterioso assassino a espreitar por entre as paredes verdejantes do labirinto, sua imaginação projetou a imagem de um personagem real: Ernest Shandon. Podia vê-lo vagando pelos caminhos do labirinto, sufocando, desesperado, tentando a todo custo escapar e fracassando a cada nova tentativa por força do poder dissuasivo das armas de fogo. Minuto a minuto, a nuvem de gás se adensava, tomando conta de seu refúgio; aproximava-se, cada vez mais, o inevitável desfecho do drama.

À medida que essas imagens se impunham na mente de Wendover, ele sentia o pesadelo se intensificar. Era quase inacreditável para ele que Ernest Shandon, uma criatura desprezada por todos devido à sua indolência e futilidade, pudesse ter planejado e levado a cabo esses

assassinatos. Wendover, desde que tivera contato mais íntimo com Ernest, não sentira por ele nada além de tédio e desprezo. Sua insensibilidade, sua covardia e seu egoísmo marcaram profundamente o Escudeiro, produzindo nele um sentimento inegável de repulsa e desdém. Agora, precisava repensar suas ideias. Sua insensibilidade talvez tivesse sido exagerada; a covardia era um disfarce, uma vez que o próprio assassino não teria nada a temer; e o egoísmo... Ora, isso era tão somente a manifestação da indiferença, sem a qual um assassinato calculado não poderia ser levado a cabo. No lugar da figura insignificante que ele até então conhecia, Wendover passou a enxergar uma nova personalidade oculta por trás da máscara: alguém capaz de assassinar friamente, sem ser refreado por sentimentos comuns de humanidade e nem mesmo pelo parentesco; um Minotauro moderno na confusão do labirinto.

Quase horrorizado com a vivacidade do retrato que sua mente havia pintado, Wendover olhou na direção das folhagens das paredes verdejantes que bloqueavam sua visão da verdadeira figura do assassino. Então, enquanto mantinha seu olhar fixo, chegou-lhe aos ouvidos, uma vez mais, o estampido da pistola automática — um único disparo.

E mais uma vez a espera recomeçou, intocada pelo incidente.

Finalmente, Sir Clinton apareceu, a arma em punho, na esquina do labirinto. Fez sinal a Wendover e Arthur para que se juntassem a ele.

— Acho que chegamos ao desfecho — disse, com severa satisfação, enquanto eles se aproximavam. — Se não estou enganado, o último disparo foi contra si próprio. O jogo acabou; e ele, àquela altura, já devia estar quase morto por conta dos vapores.

Virou-se para Arthur.

— Entende agora por que eu não deixei que você tocasse nele? Se o tivesse feito, teríamos todos que enfrentar a chateação de um julgamento por assassinato; e eu não poderia garantir que as coisas se resolveriam da melhor maneira possível. Agora que ele cometeu suicídio, não há ninguém a culpar, exceto a ele próprio. E será que a sua vingança seria tão dura como foi o destino dele?

Apontou em direção ao enxofre.

Arthur entendeu o que ele queria dizer.

— Acho que você tem razão — admitiu, tossindo devido a uma nova nuvem de vapor que lhe chegava ao rosto. — Ele teve o que merecia antes de desistir. É certo que ele se matou?

A expressão de Sir Clinton demonstrava seus pensamentos.

— Bem, ouça o seguinte — propôs Arthur. — Há uma árvore às margens do rio que tem vista para o labirinto, bem lá do alto. Posso escalar e ver se enxergo algo. Creio que é seguro.

Sir Clinton aprovou a sugestão.

— É uma boa ideia. Afinal de contas, ele pode estar apenas fingindo; e não vou me arriscar, mandando meus homens entrarem no labirinto antes de me certificar. Se você se ocultar atrás das folhas, estará seguro. Se você conseguir verificar que ele está realmente morto, vai nos poupar uma longa espera.

Arthur largou o rifle e saiu para colocar seu plano em ação. Depois que ele saiu, Sir Clinton virou-se para Wendover.

— Foi-se praticamente todo o afeto familiar que um dia existiu no círculo de Whistlefield, Escudeiro. Em todo o caso, é de se pensar que nosso amigo Ernest não era o tipo de homem que atraía muita simpatia; e o garoto gostava muito da irmã, sem dúvida. Simpatizo, em certa medida, com os sentimentos dele. E confesso que passei por poucas e boas, um tempinho atrás, para me certificar de que o jovem Hawkhurst não descobrisse quem era o assassino e resolvesse fazer justiça com as próprias mãos. Ele não seria enforcado, claro; sua instabilidade mental o teria salvado. Mas seria caso de internação psiquiátrica, o que não é lá muito melhor do que morrer. É um alívio termos chegado a esse desfecho da melhor maneira possível.

Dentro de poucos minutos, Arthur voltou com seu relato.

— Está estirado no chão, no Caramanchão de Helena. Não pude discernir com clareza, mas pelo jeito como está estendido, acho que já era.

— Bem — disse Sir Clinton —, é melhor que eu vá ao labirinto verificar.

Refletiu por alguns instantes e então acrescentou:

— Acho que podemos irmos todos juntos. É bem seguro; tenho quase certeza. E talvez haja algo lá que eu gostaria que vocês testemunhassem.

Convocou Ardsley e Stenness, explicando-lhes a situação.

— Se apagarmos o enxofre, o vento carregará rapidamente para longe os vapores. Podemos usar a água do rio para isso. Deve haver algum objeto na casa de barcos que nos sirva para carregar água, um balde ou algo do gênero.

Quando pareceu seguro, adentraram o labirinto e logo chegaram ao Caramanchão de Helena. Já não havia perigo. O corpo de Ernest jazia estendido na grama, com o ferimento do projétil na cabeça e a pistola automática presa na mão. Sir Clinton foi até lá e se ajoelhou ao lado do cadáver.

— Vou revistar o corpo e encerrar o assunto — disse, começando a tarefa enquanto ainda falava. — Há algo volumoso no bolso da camisa — explicou, enquanto extraía o objeto. — Hum! Um envelope com o seu nome escrito nele, Stenness. Pertence a você, talvez?

Stenness olhou para o envelope, e ele e Sir Clinton trocaram um olhar de entendimento mútuo.

— É de fato meu — confirmou. — Deve conter dinheiro!

O chefe de polícia enfiou os dedos no envelope e, tirando parte do conteúdo, exibiu-o para o grupo.

— Está cheio de cédulas; deve ser uma quantia considerável. Por ora, vou conservá-lo comigo, Stenness. Você se opõe?

— Oh não, certamente — concordou Stenness, indiferente.

Sir Clinton prosseguiu com a revista; o único objeto que encontrou foi uma lata de estanho, que abriu cuidadosamente para inspecionar.

— Mais dardos, veem?

Fez rapidamente a contagem de quantos havia.

— Sim, faz sentido. É a quantidade que seria de se esperar, depois de subtrair os que foram usados no atentado contra a Senhorita Hawkhurst e na noite passada.

Fechou a lata e meteu o objeto no bolso.

— Já temos tudo do que precisamos. Seria bom você examinar o corpo, Ardsley. Vamos precisar do seu depoimento no inquérito. Vou mandar que um policial permaneça aqui até removermos o corpo.

Quando Ardsley terminou a inspeção, foram-se do labirinto.

— Podem voltar para a casa agora — Sir Clinton os instruiu, enquanto passavam pelo portão. — Terei que conduzir meus homens até o centro do labirinto. Depois, alguém poderia me buscar de carro.

Virou-se de costas e partiu com os policiais, enquanto o restante do grupo entrava no carro. Ninguém parecia disposto a conversar no caminho de volta; os eventos daquela manhã eram bizarros demais para serem misturados aos assuntos do dia a dia. Para Wendover, parecia que ele vivera as duas últimas horas num mundo para além dos limites de qualquer verossimilhança. O cerco do labirinto, em sua mente, já adentrara o reino do irreal; e ele não queria se lembrar de que isso custara a vida de um homem.

Enquanto refletia sobre essas coisas, um novo fato o pegou desprevenido. Quando o carro se aproximava da entrada principal de Whistlefield, ouviu Stenness suspirar profundamente e Arthur soltar uma contida exclamação.

Levantou os olhos e, por um breve momento, mal podia acreditar no que via. Lá, no alto da escadaria, estavam Torrance e Vera Forrest e, entre eles, Sílvia, sã e salva, exceto pela tipoia que lhe cobria o braço direito.

— Surpresos, suponho? — disse Ardsley, secamente, enquanto estacionava o carro em frente à porta.

CAPÍTULO XVIII

A verdade dos fatos

Wendover providenciou charutos e cigarros, esforçando-se em deixar seus convidados o mais à vontade possível. Já haviam se passado alguns dias desde o incidente no labirinto, que terminara com o suicídio de Ernest Shandon; e Sir Clinton pedira que seu anfitrião convidasse Stenness e Ardsley para jantar. O Escudeiro opôs-se, de início, à presença do toxicologista, porque seu preconceito persistia; Sir Clinton, entretanto, deixou claro que a presença de Ardsley era essencial, e Wendover cedeu sem muito discutir. O jantar transcorreu sem nenhum atrito, pois o Escudeiro não era do tipo que abusava de sua posição de anfitrião.

Sir Clinton escolheu um charuto e o preparou para fumar com bastante cuidado.

— Ouvi dizer que você está noivo, Stenness — disse. — Será que é cedo para perguntar a data do casamento?

Stenness olhou pelo cômodo, como se não estivesse certo da intenção por trás da pergunta.

— Preciso juntar algum dinheiro antes — respondeu. — Não se pode viver às custas dos outros.

Sir Clinton riu.

— Há quem não veja dificuldade nisso. Mas, se esse não é o seu caso, talvez eu possa ajudá-lo. Tenho alguma influência na África do Sul, e calhou de estarem com um posto de trabalho vago lá. O salário é bom o suficiente para sustentar um casamento. Vou a Whistlefield amanhã pela manhã conversar com você a respeito disso; tenho a impressão de que lhe serviria. Ademais, há nisso uma grande vantagem. Vocês dois poderiam sair da região e encerrar de vez esse caso; de outro modo, ficarão para sempre marcados por ele. As pessoas sempre hão de comentá-lo, não importa o que aconteça; e a coisa inevitavelmente acabaria chegando aos ouvidos da Senhorita Hawkhurst, se ela ficasse por aqui.

Fez uma pausa para acender o charuto e, então, continuou.

— E isso me leva ao motivo que me fez reuni-los aqui nesta noite. Sei que vocês dificilmente sairão por aí falando a respeito do caso Whistlefield; entretanto, creio que vocês desconheçam um ponto ou outro. Cheguei à conclusão de que seria melhor que vocês conhecessem tudo o que sei a respeito; acho que o esclarecimento do caso permitirá a vocês pôr uma pedra em cima disso. Uma vez que o mistério é resolvido, ninguém mais liga para ele; se, todavia, algo dele não fica resolvido, volta e meia a dúvida retorna para nos assombrar, e não se consegue colocar um ponto final na questão.

Olhando para os presentes, concluiu que a proposta tinha a concordância de todos.

— Muito bem, então. Entendam, em primeiro lugar, que o que tenho para lhes contar é uma mistura de fatos e de teorias. Não posso garantir que todos os detalhes são absolutamente exatos, pois parte deles consiste em suposições de minha parte.

— Prossiga — disse Wendover. — Compreendemos perfeitamente.

— Uma coisa de que as pessoas sempre se esquecem quando leem as páginas policiais — continuou Sir Clinton — é o conhecimento deficiente a respeito dos locais. À primeira vista, qualquer um de vocês teria mais chances de resolver o caso Whistlefield do que eu. É que todos vocês conheciam, pelo menos em parte, os envolvidos, e sabiam que papéis desempenhavam; cada um de vocês, pelo menos, sabia qual era seu papel no caso. Mas um detetive que vem de fora não se depara senão com um grupo de pessoas estranhas, com características totalmente imprevisíveis. Ele tem que conquistar esse terreno para chegar ao nível de vocês, e não dispõe de muito tempo para coletar as informações.

— Isso é verdade — disse Stenness, pensativo. — Nunca encarei as coisas por esse ângulo. O trabalho da polícia é mais difícil do que eu imaginava.

— Claro que há, nisso, também uma vantagem — apressou-se a admitir Sir Clinton. — O policial trata dos casos sem ideias preconcebidas. Os envolvidos são todos estranhos; ele, pois, depende apenas da sua inteligência e julgamento. Era essa a minha posição quando entrei no caso Whistlefield. Não conhecia ninguém pessoalmente, estando, portanto, livre de preconceitos em relação a vocês.

— Os fatos pesam mais do que opiniões em casos como este, de modo que a balança pende a seu favor — sugeriu Ardsley.

— Isso é bem verdade; mas é preciso, antes, chegar aos fatos — concordou Sir Clinton. — Agora, vamos reexaminar os fatos na ordem em que se apresentaram. As provas com que me deparei

quando fui chamado ao labirinto eram bastante simples. Uma espingarda de ar comprimido havia sido empregada para disparar dardos envenenados. Roger Shandon fora atingido nos ombros e no pescoço; Neville Shandon, numa parte inferior do corpo. Não foram subtraídos pertences, exceto pelo maço de documentos de Neville. Havia buracos nas cercas-vivas, evidentemente feitas com antecedência, porque ninguém começaria a cortar a vegetação tendo sua vítima a apenas alguns metros de distância. Uma lata de dardos foi encontrada perto da abertura pela qual Roger Shandon foi atingido. O assassino conseguiu despistar a Senhorita Forrest ou o jovem Torrance, ou ambos, enquanto fugia para fora do labirinto. Por fim, meu cachorro provou que o assassino havia seguido um caminho muito tortuoso ao deixar o labirinto, saindo perto das margens do rio. Atravessou um bosque de árvores, numa das quais deixou uma marca a cerca de um metro do chão. Em seguida, atravessou a grama em direção à estrada. Quando chegou à estrada, o rastro cessou abruptamente.

— Sim — observou Wendover —, você mencionou que o assassino embarcou no seu avião particular e voou para longe, bem me lembro.

Sir Clinton sorriu de leve.

— E eu estava bem perto da verdade, em termos práticos, como você verá, Escudeiro. Agora, vamos ao que considere ser razoável inferir dos fatos. Em primeiro lugar, a arma de ar comprimido pode ser disparada tanto por uma mulher quanto por um homem, de modo que arma do crime sequer sugeria o sexo do assassino. O veneno, obviamente, era uma pista relevante, porque tornava o crime fora do comum, por assim dizer; e, quanto mais incomum o método empregado num assassinato, mais limitado fica o leque de suspeitos. Em seguida, estava claro que Roger havia sido alvejado enquanto estava sentado na cadeira, de costas para o assassino. Nessa posição, só os seus ombros e pescoço estariam expostos, e foi bem nessa parte do corpo que ele foi atingido. Neville, por outro lado, foi atingido de frente, ou ligeiramente de lado. Isso me sugeriu a seguinte possibilidade: talvez Roger tenha sido morto por engano, ao passo que Neville não poderia ser confundido com seu irmão, dado que o assassino disparou de frente para ele ou, talvez, um pouco inclinado para o lado, podendo, pois, ver seu rosto.

— Você deu muita importância a esse ponto? — perguntou Stenness.

— Não de cara. Apenas indicava que talvez Roger pudesse ter sido assassinado antes, por engano, e que o alvo verdadeiro era Neville. Mas, por si só, a coisa não ajudava muito. Há, então, o fato

de que nada foi subtraído das vítimas, exceto os apontamentos de Neville, arrancados de sua mão. Claro que eu vinha acompanhando o caso Hackleton; e era bastante óbvio que Neville poderia ser eliminado para que não mais intervisse na questão. Isso já ocorrera em outras ocasiões; lembrem-se como Maître Labori foi alvejado pelas costas quando se encaminhava para o tribunal com o objetivo de interrogar o General Mercier, durante o caso Dreyfus. Apenas registrei na minha memória e me mantive aberto a todas as possibilidades quanto a esse ponto. Eu não dispunha de dados suficientes em que pudesse me basear para agir.

— O próximo ponto foi a descoberta dos buracos, o que indicava premeditação: o crime fora pensado e preparado de antemão. Isso significava, além do mais, que o assassino era alguém que sabia que um dos Shandon estaria no labirinto naquela tarde. Isso me indicou que se tratava, à primeira vista, de um criminoso local. Mas é preciso ser imparcial, e era evidente que um crime premeditado pode ser precedido de boas doses de espionagem por baixo dos panos; de modo que um estranho poderia se familiarizar com os hábitos dos Shandon. Esse ponto era essencial.

— Então, a essa altura, você não sabia dizer se havia ligação com o caso Hackleton ou não? — perguntou Stenness.

— Não. Apenas me abstive de tirar conclusões quanto a isso. Agora, a próxima prova era a lata de dardos que Skene encontrou. Essa foi fácil. O assassino provavelmente se atrapalhou enquanto atirava em Roger, porque a lata estava na abertura próxima dele. Ele estava muito apressado, ou teria recolhido os dardos. Era claro que ele deu prioridade para a fuga, e que planejava voltar para apanhá-los. Não estava claro para mim então se, quando ele alvejou Roger, viu-lhe o rosto depois do disparo, percebendo que atingira a pessoa errada; ele ainda precisava acertar as contas com Neville, e me pareceu que o assassino contava com o fato de que Neville estaria no labirinto bem naquele momento. Eu supunha que ele obtivera informações privilegiadas. Então, ele apanhou três dardos do chão e se apressou para acabar com Neville, e de fato o fez. Neville, talvez, tenha se alarmado com algo, o que explicaria o fato de estar de pé quando foi alvejado. Feito o serviço, o assassino pretendia retornar para apanhar os dardos espalhados pelo chão; é aí que percebe que havia mais gente no labirinto. Ouve vozes. Com muita probabilidade, viu o caminho de volta ao Caramanchão de Helena bloqueado por esses estranhos. É então que sai em disparada para se livrar da arma de ar comprimido, a prova mais contundente contra si. Ele encontra dificuldades em evitar aquelas pessoas no labirinto e demora um tempo para conseguir sair.

— A essa altura você suspeitava de alguém em particular? — interrompeu Wendover.

— Poderia ter sido, é claro, o jovem Torrance — admitiu Sir Clinton. — Ele poderia também ter desempenhado o papel do assassino. Mantive a coisa em aberto.

— E quanto à Senhorita Forrest? Se é para não deixar ninguém de fora... — comentou Ardsley.

— Eu não especulei muito àquela época — Sir Clinton respondeu. — O que me deixou com a pulga atrás da orelha foi a pista que meu cachorro descobriu. Ele nos conduziu, se vocês se recordam, por um traçado bem irregular no labirinto, devido, evidentemente, às idas e vindas do assassino tentando desviar dos demais pelos becos. Então chegamos ao rio, o que sugeria que ele tinha jogado a arma na água quando passou por ali. Então, o cachorro nos guiou a um bosque de árvores nas redondezas. Wendover percebeu uma marca no tronco de uma das árvores, a cerca de um metro do chão, e sugeriu que teria sido feita pela bota do assassino, enquanto ele tentava escalá-la. Mas, depois desse ponto, o rastro prosseguiu até a estrada, onde desaparecia. O cachorro simplesmente não conseguiu ir além.

Sir Clinton deteve-se por alguns instantes para que esse ponto ficasse bem compreendido.

— Um rastro só desaparece por duas razões. Primeiro, o sujeito pode parar e esperar. Como, porém, ele não estava lá, essa hipótese não se aplica ao caso. A outra maneira é o sujeito sair voando.

— *Ahá!* O jatinho privado, não? — disse Wendover, sarcástico.

A réplica de Sir Clinton esmagou o Escudeiro de leve.

— Ou o carro particular, ou mesmo uma simples bicicleta. Se você entra num carro ou sobe numa bicicleta, as pegadas param ali mesmo.

Wendover admitiu o golpe.

— Como fui estúpido de não perceber isso de imediato. Claro, a estrada estava sem poeira; de modo que nem os pneus deixaram marcas?

— Não saberia dizê-lo com certeza. Agora, a questão da bicicleta resolvia boa parte das dúvidas. Inocentava Torrance, a Senhorita Forrest e, talvez, mesmo Costock. Posso dizer, de pronto, que nunca levei Costock a sério. É um ser miserável, que não conseguiria se prejudicar com um assassinato nem se quisesse. Determinei que fosse vigiado; mas nunca suspeitei dele de nada além de uma tentativa frustrada de chantagear Roger Shandon. Ele não teria nem estrutura para isso. A pistola que trazia consigo era, de fato, para se proteger de Shandon, disso estou certo, como ele mesmo falou.

Wendover voltou à questão do rastro.

— Você parece convencido de que era uma bicicleta e não um carro.

— Mas não é óbvio? — Sir Clinton perguntou. — Se o assassino tivesse usado um carro, ele teria sido avistado pelo porteiro quando saísse de casa, ou no mínimo teria de correr esse risco. Uma bicicleta, porém, pode ser conduzida pela estrada e escondida numa moita sem dificuldade. Dado que o assassino, obviamente, não desejava ser visto, a bicicleta era a melhor escolha. O problema é que eu não podia provar em que direção a bicicleta havia partido: se em direção à casa ou ao Portão Leste. Deixei a questão em suspenso por um tempo, esperando algo novo aparecer. Claro que enviei meus homens para procurar qualquer bicicleta que tivesse sido escondida; mas eles não encontraram nada.

— Por que não procuraram em Whistlefield? — perguntou Wendover.

— Porque eu queria manter esse ponto sob estrito controle. Não queria que me achassem muito esperto; pelo menos, não o assassino. Era melhor deixar que pensasse que eu ignorava seu método de agir.

— A essa altura, então — interveio Stenness —, você não sabia se o assassino tinha voltado para a casa ou saído da propriedade?

— Não — admitiu Sir Clinton. — Não sabia. A próxima questão, se vocês se lembram, foi a minha ida à casa e as entrevistas com várias pessoas, entre elas você. Lembrem-se de que, àquela altura, eu não sabia se o assassino fazia parte do grupo de moradores da casa ou se havia caído ali de paraquedas. Eu precisava decidir isso o quanto antes; e a coisa era muito complexa.

— Quando fui entrevistar as pessoas da casa, foi, para mim, como conhecer vários estranhos pela primeira vez. Eu tinha que me virar como podia e não me deixar levar por primeiras impressões. Isso é mais difícil do que vocês imaginam; Torrance e a Senhorita Forrest já haviam saído da minha lista de suspeitos, então não prestei muita atenção neles. Você, Stenness, me deu um pouco de trabalho, admito. Eu não consegui decifrá-lo à época.

Stenness reconheceu com um leve sorriso. Sir Clinton apressou sua narrativa, sem dar a oportunidade de ser interrompido.

— Arthur Hawkhurst me deixou com a pulga atrás da orelha. Stenness me deu a dica da doença de sono. Quando o vi, ele trazia consigo uma arma de ar comprimido. Pareceu-me irresponsável; porém, não mais do que isso. Há uma grande diferença entre isso e uma mania homicida. Simplesmente registrei a coisa na minha memória e segui em frente.

Nesse ponto, Sir Clinton parecia achar sua narrativa mais interessante. Ajeitou-se na cadeira e olhou para sua plateia antes de

atacar o próximo assunto.

— Ernest Shandon era o último personagem, claro, porque a Senhorita Hawkhurst nem chegou a entrar na lista de suspeitos. Ora, à primeira vista, nosso amigo Ernest era um sujeito sem encantos. Primeiro, porque era insensível ao extremo. Não parecia lamentar a morte dos irmãos; ele estava mais preocupado com seu ferimento no dedo do pé. Aquilo me pareceu um tanto grotesco na ocasião. A coisa ficou na minha lembrança só por esse detalhe. Em segundo lugar, achei-o completamente egoísta; só se interessava por si mesmo. Ele queria tomar seu chá, de qualquer maneira. Isso me soou um pouco anormal, embora não se possa condenar um homem por querer tomar seu chá, é claro. Em terceiro lugar, ele me deu a impressão de ser a pessoa mais estúpida e monótona que poderia existir. Em resumo, não se poderia esperar muito de uma pessoa daquele tipo: bronca, egoísta, insensível e estúpida. E, se pararmos para pensar, a base de toda a tragédia envolvendo os Shandon residia naquelas qualidades. A coisa ficará bem clara quando chegarmos lá. Eu mencionei que a minha primeira tarefa era determinar, o quanto antes, se o crime fora cometido por alguém de “dentro” ou por um forasteiro. Também julgava que poderia haver novos atentados em Whistlefield. Eu tomei o cuidado de anotar que o assassino conhecia o labirinto de cabo a rabo. Foi assim que dei um tiro no escuro com a questão do fio de Ariadne, que guiaria o sujeito pelo labirinto no caso de ele não o conhecer muito bem. Lancei a hipótese casualmente, sem esperar muito; à época, eu não acreditava que haveria outros atentados. Como cogitar a hipótese não fizesse mal algum, a sugeri na frente de alguns dos suspeitos.

— Hum! Agora começo a entender — comentou Wendover.

— A próxima questão era a natureza do veneno — prosseguiu Sir Clinton. — O médico local indicou você, Ardsley, como especialista; então, fui de pronto à sua casa para colher a sua opinião. Uma vez que ficou estabelecido que era curare, pressenti que essa informação era de grande importância, porque não se tratava de algo corriqueiro. Claro, você mesmo tinha um estoque do veneno, e eu não pretendia interferir. Para mim, era bastante claro que, se você fosse o assassino, teria evitado empregar uma substância cuja posse seria fácil de ser atribuída a você. Por isso, perguntei a respeito de alguma fonte alternativa do veneno, e você me direcionou para o museu de Whistlefield. Isso mudou completamente o caso. Evidentemente, era absolutamente necessário apreender a substância imediatamente. Se o assassino tivesse separado para si uma porção do veneno, não haveria nada que pudéssemos fazer. Se, porém, ele tivesse usado apenas a quantidade encontrada nos dardos, então

nesse caso, o confisco do frasco traria resultados. Então enviei você e Wendover para apreendê-lo.

— Wendover foi para me vigiar, não foi? — comentou Ardsley, com um sorriso severo.

— Não negarei. Você teria feito o mesmo, no meu lugar — destacou Sir Clinton.

— Por que você mesmo não foi confiscar o veneno? — perguntou Wendover.

— Porque eu tinha pressa em resolver outra questão. Confesso que, então, eu não dispunha de uma linha de conduta bem clara. Era mera intuição, por assim dizer; ou pode-se dizer que eu tomava precauções. Foi como no caso do fio de Ariadne: um tiro no escuro que poderia ou não dar resultado. E eu pensei que tinha mais chance de dar frutos. Os dardos envenenados me davam uma pista, em certo sentido. Mas também podiam ser armas. De modo que, se o assassino tivesse a chance de se apossar deles, pensei que ele poderia ficar tentado a fazê-lo. Entretanto, eu não deixaria que ele se apossasse dos dardos verdadeiros. Dei-lhe outros no lugar, bem parecidos, mas inofensivos. De modo que, se ele continuasse a jogar seu jogo, havia a possibilidade de empregar os dardos que eu lhe dera, sem causar grandes prejuízos. Ainda que tivesse um ou outro dardo envenenado, ele certamente os misturaria e pegaria aleatoriamente um deles, que poderia ser envenenado ou não.

— Então, quando passamos pelo vilarejo, pedi que você me deixasse por lá, Wendover; comprei alguns dardos, perfurei-os como os dardos empregados no crime, usei uma solução de permanganato de sódio para os falsificar e adicionei um pouco de tornassol para diferenciar os dardos envenenados dos falsificados com um teste simples. Acho que acabei ganhando a reputação de ser totalmente maluco; eu precisava de uma lata para acondicionar os dardos envenenados; não poderia deixá-los soltos no bolso; e precisava deixar a lata original para que o assassino a pegasse, se quisesse. Então, providenciei um pouco de tabaco Navy Cut, usei as latinhas para acondicionar os dardos envenenados e confundi o sargento, o presenteando com o tabaco. Acho que ele ainda não entendeu o que houve. Você sabe o que aconteceu a seguir. Deixei os dardos falsos na lareira do museu de propósito; o assassino se apossou deles. Agora, como Ardsley nem sequer chegou perto deles, pois saiu do cômodo na minha presença, enquanto os dardos ainda estavam lá, e Wendover não era o assassino, restaram você, Stenness, a Senhorita Hawkhurst, o jovem Hawkhurst e Ernest Shandon como possíveis ladrões. Se a latinha desaparecesse, a lista de suspeitos encolheria bastante.

— Vejo que você me riscou da lista à época — disse Ardsley.

— Praticamente sim — concordou Sir Clinton. — Claro, minhas convicções não estavam completamente firmes, ainda; eu poderia reconsiderar as coisas a qualquer momento. O próximo passo era investigar o mais profundamente possível todos os álibis. Wendover me ajudou nisso. Uma vez enfiado na questão, ficava claro que os únicos suspeitos eram você, Stenness, o jovem Hawkhurst, você, Ardsley, porque eu não sabia o que você fizera naquele dia, e, finalmente, alguém que andava de bicicleta. Uma vez, porém, que a bicicleta foi mencionada, o álibi de Ernest Shandon caiu por terra. Vou explicar como a coisa se deu. Esta é a minha reconstrução dos assassinatos do labirinto: não digo que esteja correta em todos os detalhes, mas só as linhas gerais são, de fato, relevantes. Ernest Shandon saiu com a Senhorita Hawkhurst de carro. Suspeito que ele soubesse que os irmãos estariam no labirinto naquela tarde. Ele já havia ocultado a bicicleta numa plantação perto do Portão Leste; e também tinha escondido a arma de ar comprimido. Ele desceu do carro no Portão Leste, caminhou rapidamente pela estrada e entrou na plantação. Pegou a bicicleta e a espingarda de ar comprimido e pedalou o mais rápido que pôde em direção ao labirinto. O risco aí era encontrar alguém pela estrada. Se tivesse sido esse o caso, ele estaria obrigado a adiar os planos. Mas ele não encontrou ninguém; raramente alguém caminha por aquela estrada, creio. Chegando ao labirinto, posicionou-se no buraco na cerca-viva que dava para o Caramanchão de Helena. Ali, viu alguém que supôs ser Neville Shandon. Suspeito que, quando ele planejou o assassinato, tinha como pano de fundo o caso Hackleton; quer dizer, pretendia fazer parecer que Neville fora assassinado por causa disso. Vocês sabem como essa pista falsa foi problemática no início. Acredito que ele suava como um porco por ter corrido até o labirinto; lembrem-se de que todo o álibi dele dependia do fator tempo, não tendo, pois, nenhum instante a perder. Provavelmente, tinha o nariz oleoso, e os óculos escorregavam de seu rosto. Lembrem-se de que eles sempre caíam? De alguma maneira, ele não percebeu que se tratava de Roger, e atirou nele primeiro, no pescoço. Suponho que Roger não gritou, porque a dose generosa de curare paralisou seus músculos vocais quase imediatamente. Quando Roger caiu, Ernest viu que tinha se enganado: havia matado o homem errado; e a menção ao caso Hackleton não ajudaria para confundir as coisas. Deve ter ficado desorientado, e não é para menos. Talvez os dardos tenham caído por terra, os óculos escorregaram do rosto e, de maneira geral, estava totalmente atrapalhado. E ainda tinha que matar Neville. Até aquele momento, ele não sabia da presença de outras pessoas no

labirinto, exceto por Neville, no outro centro. Por isso, tendo pegado dois ou três dardos, deixou o restante no chão, e saiu para matar o outro irmão antes que algo inesperado acontecesse. Tenham em mente que levar a coisa a cabo o mais rápido possível era essencial para ele, aí vocês poderão ter uma ideia da situação em que ele se encontrava. Creio que ele esperava voltar para recolher os dardos espalhados pelo chão e a lata assim que tivesse resolvido a questão de Neville. Sabemos, pelo depoimento de Torrance e da Senhorita Forrest, que o primeiro assassinato não foi notado por ninguém. Nem sequer perceberam o disparo da arma de ar comprimido que matou Roger. Considerando a acústica esquisita do labirinto, não há aí nada de espantoso. Entretanto, é provável que Neville Shandon tenha escutado algo; e Ernest o pegou bem quando ele estava de pé, pensando se não deveria se mandar dali por conta do som estranho que ouvira. O que quer que tenha se passado, Ernest conseguiu pegá-lo; atirou, porém, no corpo, de modo que Neville teve tempo de soltar um grito antes de colapsar. Isso explica os gritos que a Senhorita Forrest ouviu e o ruído da arma de ar comprimido. Aí que os problemas do nosso amigo Ernest começaram a aumentar; é que ele ouvia as vozes daqueles dois, chamando-se mutuamente, e deve ter se dado conta de que teria dificuldades.

A voz de Sir Clinton adquiriu um tom grave.

— Foi muita sorte ele não ter se deparado com nenhum deles enquanto saía. Certamente os teria matado sem hesitar, se pudesse. Entendo que ele não pôde fazê-lo por dois motivos. Primeiro, ele havia usado todos os dardos, e não arriscaria ser descoberto voltando para pegar os que ficaram espalhados pelo chão. Em segundo lugar, ele estava perdendo tempo, e tempo era essencial para o seu alibi. Então, se viu obrigado a desviar deles, sem dúvida em pânico, até conseguir, finalmente, sair em segurança do labirinto, sem ser visto por ninguém. Jogou a arma na água e pegou a bicicleta. Ao levantá-la, arranhou a árvore com o manete do freio, acho. Ele não podia se dar ao luxo de agir com cautela. Essa foi a marca que Wendover descobriu. Carregou a bicicleta pela grama para não deixar marcas; quando chegou na estrada, subiu na bicicleta e seu rastro parou ali mesmo, pelo menos para o cachorro. Arrancou veloz pela estrada até perto do Portão Leste e levou a bicicleta até a plantação, ocultando-a. Mandeí meus homens procurarem por ela, mas não a encontraram. É pura especulação, mas creio que ele havia se munido de algum apetrecho que permitiu elevá-la até o topo de uma árvore e ali ocultá-la. Nenhum policial rural se preocuparia em procurar uma bicicleta em cima de uma árvore, e ela ficaria decentemente escondida entre as folhas. Mas isso é mera conjectura

de minha parte. Uma vez que se viu livre da bicicleta, voltou à estrada e percorreu-a o mais rápido que pôde, até que se sentou às margens dela esperando pelo carteiro, que ele sabia que haveria de passar por ali naquele horário. Quando o carteiro chegou, ele já tinha pronto o discurso do ferimento no pé e tudo mais.

— Está tudo muito bem concatenado — disse Ardsley. — Mas, no seu lugar, eu não apostaria que Ernest Shandon tivesse inteligência para planejar tudo isso.

— Lembre-se de que eu não sabia nada a respeito de sua inteligência — destacou Sir Clinton. — Eu só o havia encontrado em circunstâncias em que não se espera muita demonstração de inteligência. Não bati o martelo a esse respeito. Só tive que admitir que Ernest Shandon não tinha um álibi muito sólido, afinal de contas.

— Muito bem — comentou Ardsley. — Você deveria atuar no campo científico, Driffield. Alguns de nós não têm toda essa cautela.

— Então veio o roubo — prosseguiu Sir Clinton. — À primeira vista, parecia ter sido genuíno, ou não. Poderia estar relacionado com o caso Hackleton; ou poderia ter sido fruto de um equívoco comum entre criminosos, tentando incriminar outra pessoa. Na ocasião, não estava claro para mim; mas quando a Senhorita Hawkhurst me devolveu a lata de dardos naquela manhã, e quando descobri, por meio de testes, que não eram os dardos falsos, foi aí que pude ter uma noção mais firme do que se passava. É que o assassino tomou o cuidado de não furtar a lata de dardos diretamente. Ele me entregara alguns dardos, é verdade; e eles eram adulterados também, mas não por mim: a diferença é que não continham tornassol. Isso esclareceu duas coisas de imediato. O assassino estava presente no museu naquela noite; e, muito mais relevante do que isso, ele ainda agiria, tendo em vista que buscou se apossar daqueles dardos a qualquer preço. Admito que isso me deixou preocupado, pois eu não sabia dizer quem seria a vítima. Ademais, era possível que tivesse ainda consigo um ou dois dardos envenenados. Era uma situação complicada de enfrentar, e eu estava inquieto.

— Foi naquela época que você ficou completamente perplexo? — Wendover perguntou.

— Sim.

— Não me surpreende, agora.

Sir Clinton ignorou o comentário.

— Agora, vamos ao primeiro grande equívoco de Ernest Shandon. Ao me contar a história do roubo, ele falou a respeito de uma certa transação do seu falecido irmão.

Stenness não demonstrou perturbação, mas Sir Clinton percebeu que ele estava um pouco desconfortável quanto ao próximo passo da narrativa. Com um olhar, porém, Sir Clinton o tranquilizou. Stenness, percebendo que seu caso não seria trazido à baila, recostou-se na cadeira.

— Não preciso entrar em detalhes quanto ao assunto — continuou Sir Clinton. — Basta dizer que só um homem muito astuto perceberia o que Ernest percebeu. Assim, naturalmente, tive de reconsiderar minha opinião a respeito de nosso amigo Ernest. Ele, no fim das contas, não era estúpido, de maneira alguma. Isso me deu muito o que pensar, sobretudo porque ele se esforçou para lançar suspeitas sobre você, Stenness. Ele tentou me convencer, indiretamente, de que temia ser morto por você.

— Por mim? — perguntou Stenness, espantado.

— Estou relatando os fatos — comentou Sir Clinton. — Bem, a próxima questão foi a do atentado contra o próprio Ernest no labirinto. Nesse ponto, senti que me movia em terra firme. Era a providência mais óbvia que ele poderia ter tomado no sentido de afastar de si as suspeitas; e era o prelúdio de um terceiro assassinato, e foi esse ponto que mais preocupou. Se um terceiro ataque ocorresse, ele poderia se tornar suspeito, e não precisaria de muito para tanto. Assim foi que ele, ousadamente, forjou um ataque contra si mesmo. De modo que, se um quarto atentado ocorresse, quem haveria de suspeitar de uma pobre vítima que quase perdera a vida poucos dias antes?

— É preciso admitir que ele mostrou alguma astúcia — observou, secamente, Ardsley.

— Naquele momento, o caso começou a se esclarecer na minha mente. Partindo do pressuposto de que Ernest era o assassino, perguntei-me: afinal de contas, o que ele queria? Quanto mais eu pensava a respeito, mais me parecia que se tratava do dinheiro. Ele queria o dinheiro. Com efeito, ele nunca havia trabalhado na vida. Como poderia obter dinheiro? Se matasse os irmãos, herdaria parte dos bens; e isso concluí sem dificuldade do fato de que não havia parentes próximos, exceto ele, Arthur e a Senhorita Hawkhurst. Mas a ganância não se aplaca facilmente; obviamente, se ele pudesse eliminar seus sobrinhos, restaria para ele não apenas toda a fortuna dos irmãos, mas também o quinhão que cabia aos Hawkhurst. Quem estuda criminologia sabe que o assassino movido por ganância pertence a uma categoria de traços bem-definidos. Ele, em geral, é astuto o suficiente para conceber novas maneiras de matar, ou de se livrar dos corpos; à parte isso, não se trata de um tipo muito cerebral; ele tem uma péssima inclinação a reaplicar os mesmos

métodos em crimes subsequentes. Imaginem que vocês têm que atravessar uma enxurrada pisando numa pedra por vez. Vocês conseguem vencer o desafio da primeira vez em segurança. No caso de terem de atravessar novamente, vocês escolheriam pisar nas mesmas pedras de antes: já se sabe que são firmes. As demais podem estar soltas. É assim que pensa o assassino em série. Vale-se de um método novo para o primeiro assassinato. Safa-se. Quando, portanto, experimenta agir novamente, segue o procedimento consagrado servilmente, nos seus mínimos detalhes. São as pedras seguras. Vejam, por exemplo, como, no caso de Smith,^[11] ele repetiu todos os detalhes do negócio da banheira de novo e de novo. Deeming,^[12] estando acostumado a cobrir de cimento o cômodo para ocultar os corpos de suas vítimas, o fez mais de uma vez. É que considerou o procedimento seguro da primeira vez, entendem? Se vocês lerem a respeito dos feitos de Burke e Hare,^[13] verão ali a repetição constante do mesmo método, aplicado sem variações. É a marca do assassino em série. De modo que, naturalmente, eu esperava ainda outros atentados com dardos envenenados e armas de ar comprimido, isso se Ernest pretendesse levar adiante a sua missão. Decidi que eu escolheria sua próxima vítima. Na entrevista que teve conosco, Wendover, ele deu dois deslizes fatais; talvez você tenha percebido.

Wendover balançou a cabeça, negativamente.

— Você me disse, depois da conversa, que eu já deveria saber quem era o assassino; mas eu não sabia. Quais foram esses deslizes?

— O primeiro foi quando ele disse que tinha uma bicicleta e que a havia usado para chegar ao labirinto. Uma vez de posse da informação de que ele tinha uma bicicleta, o álibi dele, do dedo machucado, sumiu da minha mente de imediato. O segundo deslize foi ainda pior: ele nos disse que não havia estado no labirinto desde os assassinatos. Depois, deixou escapar que conhecia a posição da abertura pela qual Roger Shandon fora alvejado. Falando do seu suposto agressor, ele disse: “Ele estava posicionado em frente à mesma abertura que usou para matar Roger”. Se ele não estivera próximo do labirinto após os crimes, como poderia conhecer a localização da abertura? Talvez vocês pensem que ele pode ter coletado a informação com alguns dos que estiveram lá. Mas, nesse caso, duvido que ele teria formulado a coisa daquela maneira. Parece-me que ele havia escolhido aquele modo de descrever simplesmente porque foi o primeiro que lhe veio à mente, o que significa que já era algo definitivo para ele. Aquilo, para mim, foi o seu fim; entretanto, me dei o trabalho de descer até o labirinto,

apenas para me certificar. Eu havia estado lá naquela manhã; e encontrei teias de aranha por toda a cerca-viva em que estava a abertura, parte delas chegando mesmo a atravessar o buraco. Quando desci até lá, depois de entrevistar nosso amigo Ernest, as teias ainda estavam lá; donde se conclui que ninguém introduzira arma alguma na abertura. Meti a minha mão lá, só para me certificar; e, claro, ela ficou coberta de teias de aranha.

— Então foi por isso que você limpou a mão na cerca-viva e fez um escândalo por causa das aranhas! — Wendover exclamou. — Achei que você estivesse brincando...

— Certamente eu estava de bom humor — confessou suavemente Sir Clinton. — Acho que eu tinha todas as razões para isso: minhas suspeitas estavam completamente confirmadas, ainda que eu não precisasse de provas que as confirmassem. Prossigamos com a narrativa. Recolhemos a charuteira de Ernest lá, e fiquei com ela. Eu tinha a impressão de que ele a havia deixado lá por algum motivo. Além disso, pensei que suas digitais pudessem ser úteis em algum momento. Ao final, não precisamos delas; era mera precaução de minha parte. Vejam, não havia muito o que fazer com as digitais gravadas nas armas de ar comprimido. É que Ernest havia organizado cuidadosamente uma vasta competição de tiro ao alvo na manhã do dia em que matou os irmãos. Ele certificou-se de que as armas passassem de mão em mão, de modo que as digitais de praticamente todos ficassem gravadas, além das dele. Claro, eu tinha a lata de estanho que continha os dardos adulterados, e ele a havia manipulado. Mas eu mal me dei ao trabalho de examiná-la em busca das digitais; eu estava certo de que ele a havia manipulado com luvas. Foi então que me deparei com outra coisa que, de certa maneira, já esperava encontrar. Eu havia sugerido a pista do fio de Ariadne e a possibilidade de que um forasteiro tivesse recorrido a um método parecido. Bem, Wendover e eu encontramos alguns metros de fio preto cuidadosamente disposto num local que dificilmente nos escaparia à vista. Só que nenhum fio preto foi encontrado na ocasião dos assassinatos dos Shandon. Depois, porém, que eu dei a sugestão na presença de Ernest Shandon, vejam só, a pista que sugere a presença de um assassino forasteiro aparece do nada! Todos esses indícios por acaso não bastariam para levantar suspeitas em relação a ele? Wendover achou que eu tratara nosso amigo Ernest com bastante brutalidade durante nossa entrevista, depois do suposto ataque que ele sofrera. E, certamente, eu disse a Wendover, depois da entrevista, que Ernest havia passado, ali, maus bocados. Eu me referia ao suplício de contar suas mentiras para nós sem saber se eu acreditava. Foi uma experiência dura para ele. A rigor, não fiz

questão de esconder dele que eu achava tudo aquilo uma grande mentira. Queria que ele sentisse medo de mim, medo do que eu vinha descobrindo a respeito do caso Whistlefield. Então, e eu estava certo disso, ele faria um atentado contra mim antes que eu me tornasse de fato uma ameaça para ele. Foi para ajudá-lo nessa tarefa que arranjei a jogatina de *bridge* naquela noite em Whistlefield, para que ele pudesse agir em seu próprio território. Em caso de um incidente, eu havia combinado com Ardsley que ele viria tomar conta da vítima. Pensei em quase tudo, e tinha de fazê-lo; e, caso nosso amigo Ernest alvejasse qualquer outra pessoa, combinei com Ardsley que a vítima “morreria” de mentirinha, para que o nosso amigo Ernest, convencido da eficácia dos dardos que eu colocara em suas mãos, partisse para tentar novos crimes. Não me sinto obrigado a comentar esse caso em particular; não me orgulho de tê-lo concebido e executado. Nunca foi minha intenção colocar a vida da Senhorita Hawkhurst em perigo. Claro, eu percebi de pronto que ela não havia sido envenenada com o curare. Mas, embora eu tivesse feito o meu melhor para esterilizar os dardos que eu adulterara, havia o perigo de uma infecção. Passei por maus bocados naquela ocasião, posso garantir. Nunca se pode ter certeza absoluta nesses casos. Bom, então Ernest conseguiu voltar ao jardim de inverno antes que Wendover saísse atrás dele. Ele estava certo de que a Senhorita Hawkhurst morreria, e agora só Arthur se interpunha entre ele e o dinheiro. A essa altura, como todos os assassinos em série, Ernest começava a ignorar o risco de ser pego. Veja-se o caso de Burke e Hare. Então, o jovem Hawkhurst estava marcado para morrer. E, desta vez, nosso amigo Ernest teria o álibi perfeito. Provavelmente, ele adivinhou que eu suspeitava de seu outro álibi; e decidiu afastar de si toda e qualquer suspeita. Ele estaria na minha presença exatamente no momento em que outra tentativa de assassinato estava acontecendo no labirinto, a mais de um quilômetro de distância. Essa foi uma jogada de mestre, devo admitir. Ele usou a charuteira como isca, e foi astuto ao provocar a ira de Arthur com sua covardia. De antemão, ele havia preparado uma armadilha. Afixara a arma de ar comprimido na altura certa e prendera um cordão ao gatilho. Quando Arthur chegou à entrada do labirinto, tropeçou no cordão esticado ao longo da entrada; a arma disparou; e o dardo o atingiu perto do coração. Tão simples! Ernest, então, desceu conosco; tropeçou “acidentalmente” na arma de ar comprimido; e desvencilhou o cordão do gatilho antes de nos entregar a arma. Em seguida, “encontrou” o fio de Ariadne para nós, que era o cordão que ele havia metido ali para nos despistar, para que pensássemos que a coisa era obra de um forasteiro, alguém que

estivesse operando a partir do rio.

— Ele era mais esperto do que eu imaginava — confessou Stenness, com certa relutância. — Sempre pensei que fosse um animal estúpido.

— O conteúdo do testamento de Roger Shandon dissipou minhas derradeiras dúvidas — prosseguiu Sir Clinton. — Além disso, eu testei o dardo usado contra a Senhorita Hawkhurst e concluí que era um dos que eu havia adulterado e deixado no museu naquela noite. Então, restava apenas responder à seguinte questão: “O que fazer com nosso amigo Ernest?”.

Sir Clinton fez uma pausa e acendeu um novo charuto antes de concluir a narrativa. Quando retomou o fio da meada, seus ouvintes surpreenderam-se com o assunto.

— De tempos em tempos, os jornais falam de “mistérios inexplicáveis”, “crimes não solucionados”, “ineficiência da polícia” e assim por diante. Vou contar um caso. Imaginem que vocês são um policial envolvido em algum desses casos monstruosos, como o de Jack, o Estripador, por exemplo. Imaginem, ainda, que vocês descobriram, ao final da investigação, que o criminoso é um lunático, como era, obviamente, o caso de Jack, o Estripador. Finalmente, imaginem que, se fosse constatada a loucura dele, teriam de trancafiá-lo num hospício. O que vocês fariam? Trariam essa informação a público? Mesmo que ele não estivesse internado, o que poderia ser feito? Julgá-lo e mandá-lo a um presídio psiquiátrico? Não seria possível enforcá-lo, dado que é louco. Vocês o fariam? Caso fizessem, estariam jogando todos os seus parentes inocentes no lamaçal daqueles crimes; e isso não seria bom para ninguém. Há monstros adormecidos que é melhor não despertar. Vejam bem, dou apenas minha opinião. Não acho que isso possa ser representativo do procedimento da polícia em geral. Simplesmente estou contando como me senti a respeito do caso.

Ardsley concordou com um aceno de cabeça.

— Desde que o animal tivesse o que merecia, não me importaria com o “como”. E concordo com você quanto a fazer uma família inocente sofrer.

Sir Clinton reconheceu o apoio de Ardsley.

— Era assim que eu encarava o caso Shandon — disse. — Eu poderia ter prendido o monstro. Aí teríamos um julgamento. Os Hawkhurst ficariam com a pecha de parentes de um assassino. Achei que era mais eficiente fazer Ernest Shandon se tornar seu próprio executor. Com efeito, meu método foi mais duro que a força, como vocês puderam ver. E, se falhasse... bem, nesse caso a lei seguiria seu curso normal. Eu encontrei uma mala com uma muda de roupas no

labirinto na noite em que o jovem Hawkhurst foi atacado. Eu já esperava algo assim, por isso saí a procurar. Eu imaginava que ele não fugiria de casa com uma mala nas mãos nos derradeiros instantes, se decidisse se mandar. Ele teria que pegá-la em algum outro lugar, de modo a poder sair de mãos vazias, insuspeito, entendem? Eu estava ciente de que ele precisaria trocar a roupa por inteiro, de modo a alterar sua aparência e despistar a polícia. Ele vinha se mostrando inclinado a usar o labirinto como sua base de operações desde o início; chegou até mesmo a forjar o ataque contra si mesmo lá, de modo que me pareceu claro que ele havia escolhido aquele lugar. Eu contava com isso quando fui até lá procurar a mala. O lugar foi bem escolhido. Ernest conseguiria escapar da casa, pegar a mala, atravessar em direção à casa de barcos e descer remando até o vilarejo, sem ser visto carregando uma mala pela estrada pública; um plano muito bom, para falar a verdade.

— Eu não havia entendido por que ele fora ao labirinto, admito — disse Stenness. — Pareceu-me mágica da sua parte ter previsto aquilo.

— Uma vez que encontrei a mala — continuou Sir Clinton —, só faltava arranjar-lhe a oportunidade de fugir, de modo que eu pudesse pegá-lo. Não seria nada útil esperar que ele resolvesse decidir o momento da fuga. Eu dei a entender que queria vê-lo longe daqui, como se pretendesse evitar o escândalo do julgamento. E nisso eu não mentia: certamente queria evitar colocá-lo no banco dos réus. Acontece que Stenness vinha acumulando algum capital ao longo do tempo; então, pedi que ele pusesse o dinheiro no cofre do gabinete naquela noite. E disse ao nosso amigo Ernest que o dinheiro estava lá; uma boa quantia. Isso lhe deu o empurrão que faltava para decidir-se pela fuga, e ainda lucrar, percebem? Ele só teria de apanhar o dinheiro. Quando senti que ele havia mordido a isca, me comuniquei com a polícia através de uma mensagem cifrada: algo a respeito de tabaco Navy Cut. Com essa mensagem, que fora combinada com antecedência, eles sabiam que tinham apenas que abrir o envelope e cumprir as ordens que havia deixado por escrito. Vieram ao labirinto durante a noite; vigiaram Ernest entrar por volta das seis da manhã. Eu estivera de olho no quarto dele durante toda a noite, de modo que ele não conseguiria nos despistar. Então, assim que ele foi ao labirinto, meus homens fecharam os portões, e o jogo acabou! Vocês conhecem o resto da história. Tivemos de prestar esclarecimentos, claro; mas fornecemos o mínimo legal de provas; apenas o suficiente para que ficasse provado o suicídio. Claro, sempre haverá rumores; não é possível evitá-los. Mas abafamos o caso o máximo possível, e tão pouco vazou para os repórteres que a

coisa mal apareceu nos jornais.

Sir Clinton sorriu, entre o deleite e a ironia.

— Pergunto-me o que teriam feito se conhecessem no detalhe nossos métodos! Talvez eu não tenha sido lá muito ortodoxo. Talvez eu devesse ter trabalhado para que fosse enforcado, e cobrado do público a fatura do processo. Só posso dizer que minha consciência está tranquila; não tenho nenhum remorso. A consciência é uma coisa esquisita.

Ele lançou um olhar a Stenness; seus olhos reluziam um brilho de humor que não fora captado pelos demais.

— E agora, que tal uma partida de *bridge*?

[11.](#) Refere-se a George Joseph Smith, criminoso inglês conhecido como o “assassino das noivas na banheira”, condenado em 1915 pelo homicídio de três mulheres com quem se casara e que morreram em circunstâncias muito semelhantes, afogadas na banheira, num caso que se tornou notório pela repetição do mesmo método — NE.

[12.](#) Refere-se a Frederick Bailey Deeming, criminoso inglês do fim do século XIX que assassinou a esposa e os filhos e ocultou os corpos sob o piso cimentado de uma casa; depois repetiu procedimento semelhante ao matar outra mulher na Austrália, tornando-se notório pela recorrência desse método — NE.

[13.](#) Refere-se aos assassinatos de Burke e Hare, cometidos em Edimburgo, em 1828: os dois atraíam as vítimas, em geral pessoas vulneráveis, embriagavam-nas e as sufocavam sem deixar marcas evidentes de violência, para depois vender os cadáveres à dissecação anatômica, método que ficou conhecido como *burking* — NE.



Editor:
Sarah Grimes

Tradução:
Carlos Guilherme Silveira e Silva

Revisão:
Roberta Martins Gomes

Preparação de texto:
Beatriz Mancilha

Diagramação:
Renan Franciscon Marques

Capa:
Patrícia Tavares Gonçalves

Leitura de provas:
Tomás Giacopini
Helder Henrique V. S. Batista

Bibliotecário:
Cibele Maria Dias - CRB-8/9427

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

Versão digital:
Érico Dorea

Assassinato no labirinto

J. J. Connington

1ª edição — julho de 2026 — CEDET

Título original: *Murder in the Maze*

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,

Condomínio GR2 — galpão 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas (SP)

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Connington, J. J.

Assassinato no labirinto; J. J. Connington; tradução de Carlos Guilherme Silveira e Silva – 1. ed. — Campinas, SP: Editora Mori, 2026.

Dados eletrônicos (1 ePub).

ISBN 978-65-62080-00-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa).

I. Título.

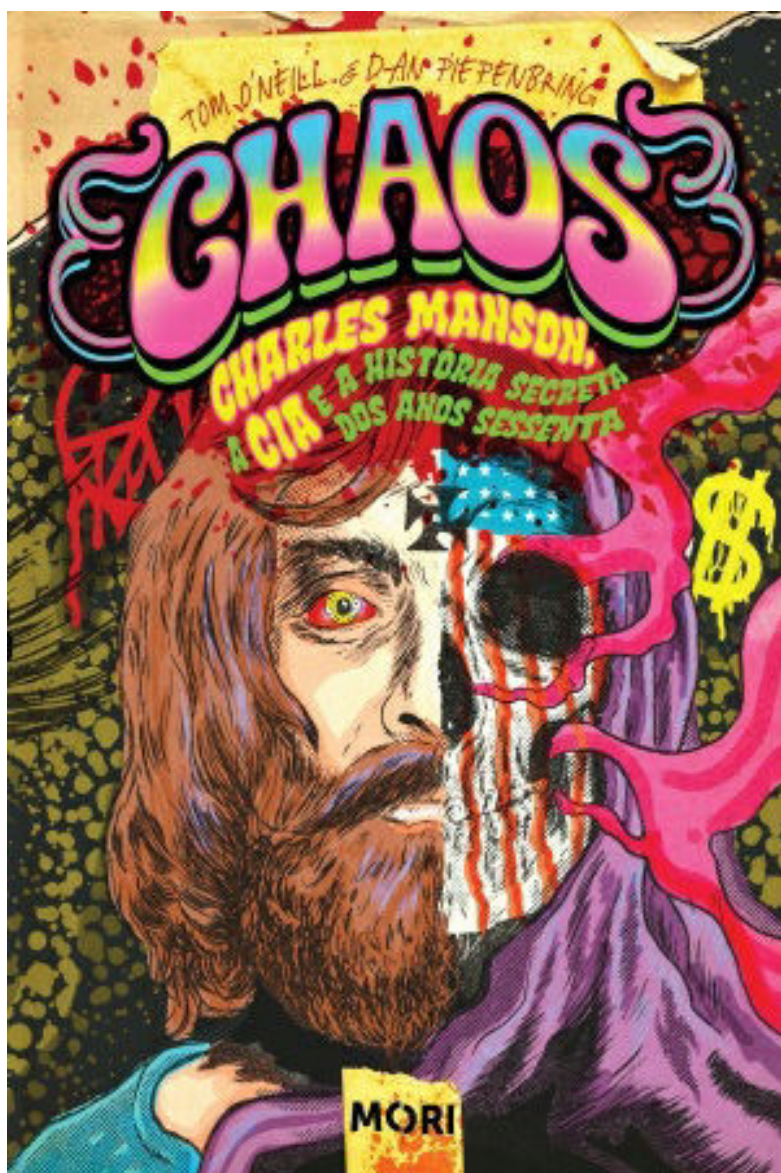
CDD 823.0872

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura inglesa – 823.0872

EDITORA MORI — www.morieditora.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.



Chaos: Charles Manson, a CIA e a história secreta dos anos 1960

Piepenbring, Dan

9786583952400

516

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Chaos revisita os assassinatos Tate-LaBianca sob uma nova e perturbadora perspectiva. O jornalista Tom O'Neill questiona a narrativa consagrada de Helter Skelter e expõe conexões obscuras entre Charles Manson, a CIA, o FBI e figuras influentes de Hollywood. Com base em décadas de investigação e documentos inéditos, O'Neill revela indícios de manipulação, encobrimentos e falhas deliberadas por parte do promotor Vincent Bugliosi e do Departamento do Xerife. Um mergulho profundo em um dos capítulos mais sombrios da história americana — onde verdade e conspiração se confundem.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



O ladrão de arte

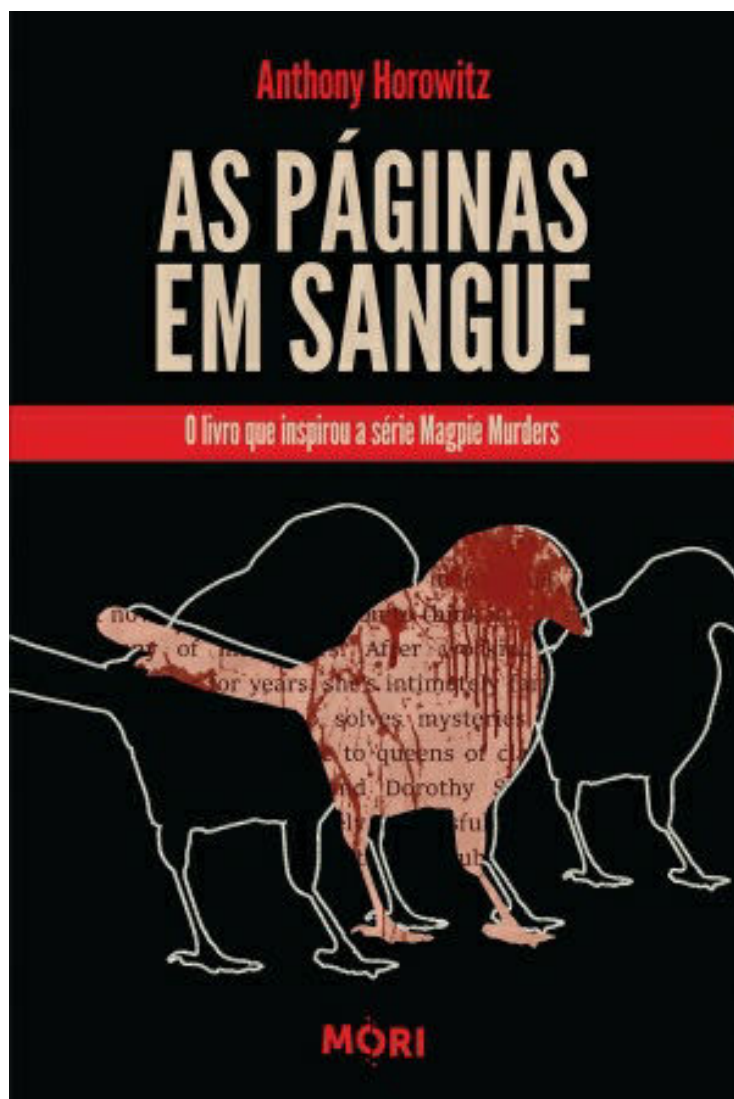
Finkel, Michael
9786583952394
228

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Stéphane Bréitwieser é considerado o ladrão de arte mais prolífico da história. Em plena luz do dia, no meio de museus lotados, ele realizou

mais de 200 furtos — sempre ao lado da namorada, sua cúmplice fiel. Ao longo dos anos, reuniu uma coleção avaliada em cerca de 2 bilhões de dólares. Mas jamais vendeu uma única peça: preferia exibir os tesouros roubados no sótão onde dormia, reinando sobre um império secreto de beleza e obsessão. Até que tudo chegou a um fim chocante. Neste retrato fascinante de obsessão e genialidade falha, Michael Finkel revela uma das mais extraordinárias histórias de true crime do nosso tempo — um relato envolvente sobre arte, amor, roubo e o desejo insaciável de possuir o belo, custe o que custar.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



As páginas em sangue

Horowitz, Anthony

9786583952639

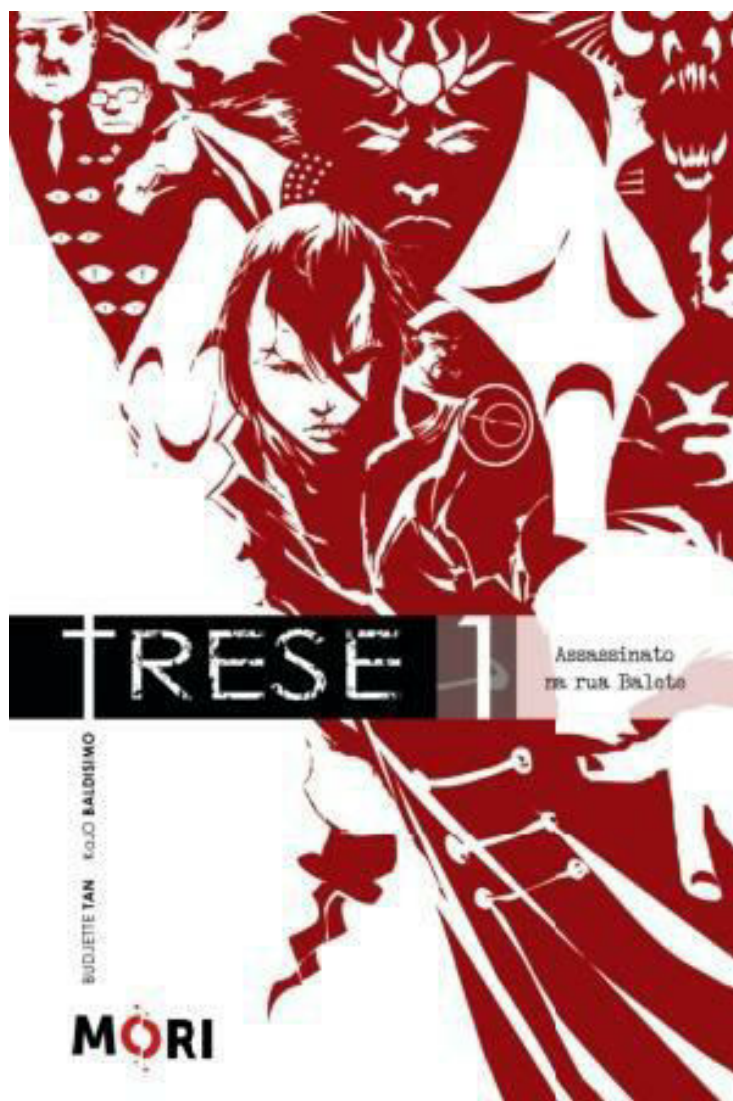
512

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Susan Ryeland é editora e trabalha há anos com o consagrado escritor de romances policiais Alan Conway. Seu personagem mais

famoso, o detetive Atticus Pünd, conquistou leitores ao desvendar crimes em pacatas vilas inglesas da década de 1950. No entanto, o novo manuscrito de Conway, ambientado em Pye Hall, revela que nem tudo é o que parece. Entre assassinatos e uma série de suspeitos intrigantes, esconde-se uma segunda narrativa, sutilmente entrelaçada ao texto principal. É uma história sombria de ciúme, ambição desmedida, ganância e morte, que ultrapassa os limites da ficção. Um mistério engenhoso e envolvente, ideal para leitores que apreciam enigmas clássicos no estilo de Agatha Christie.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Trese - Volume I

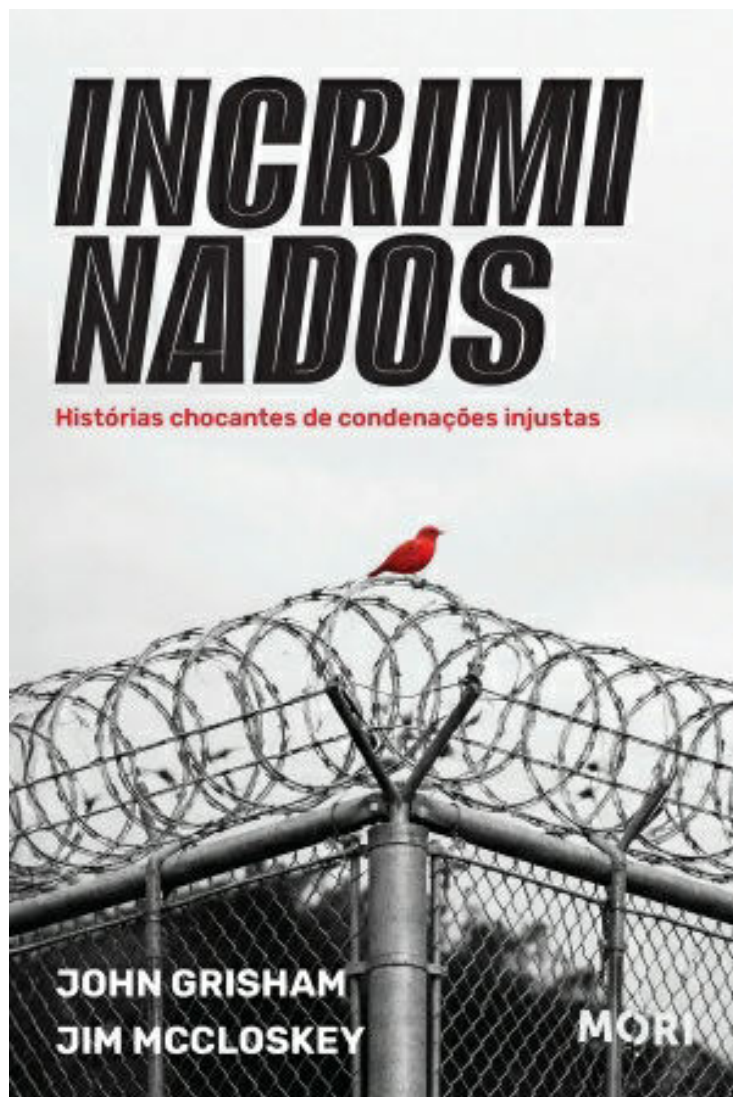
Baldesimo, Kajo
9786583952479
116

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Quando o sol desaparece no horizonte e a escuridão começa a engolir as ruas de Manila, cuidado com onde pisa. À noite, a cidade

muda. Um passo em falso pode te arrastar direto para as sombras — onde os aswang espreitam, kapres aguardam, e engkantos sussurram promessas perigosas. É quando os gritos se perdem no silêncio dos becos, quando sequestros, assassinatos e desaparecimentos se tornam inexplicáveis, que a polícia sabe que armas e distintivos não são o suficiente. É hora de chamar Alexandra Trese.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Incriminados - Histórias chocantes de condenações injustas

McCloskey, Jim; Grisham, John

9786583952875

332

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Incriminados apresenta casos reais de pessoas condenadas por crimes que não cometeram. Ao longo dos relatos, John Grisham e Jim McCloskey acompanham trajetórias marcadas por acusações injustas, julgamentos problemáticos e anos perdidos na prisão, revelando como erros institucionais podem se acumular até produzir consequências irreversíveis. Mais do que reunir histórias de condenações equivocadas, Incriminados chama atenção para um problema recorrente e inquietante: o de inocentes punidos enquanto a verdade continua sem resposta. Ao expor investigações falhas, provas frágeis e decisões apressadas, o livro mostra como o sistema de justiça pode transformar suspeitas em sentenças e comprometer de forma permanente a vida dos acusados e de suas famílias.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)
